



SEQUINTE

**RAINBOW
ROWELL**
**VENHA
O QUE
VIER**

ANY WAY THE
WIND BLOWS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SEVENTE

RAINBOW
ROWELL
VENHA
O QUE
VIER

ANYA STEWART
ANY WAY THE
WIND BLOWS

RAINBOW
ROWELL

VENHA
O QUE
VIER

SIXON SHOW
VOL. 3

Três dias
de um momento

RESCUE

Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Sumário	
Dedicatória	
Venha o que vier	

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

*Laddie e Rosey, este livro é para vocês.
Nunca deixe que digam que vocês não são mágicos.*



1

lady ruth

Tem uma vela na minha janela. Crepitando. Chiando. Ameaçando apagar.

Não vai apagar. Nunca apagou. Faz vinte anos.

Deixo uma segunda vela ao lado dela, aponto a varinha para o pavio e prendo o fôlego, esperando pelo fogo.

A chama cresce, aquecendo minha mão. As lágrimas finalmente caem.

Então ele está vivo. Jamie está vivo. Sim. Que bom. Muito bem.

A chama se mantém longa e firme.

Meu filho está vivo.

Pego a garrafa com vinho madeira ao lado da cama. É de vidro lapidado. Uma antiguidade. Andrew, meu marido, não aprovaria. Ter bebida sempre à mão. Mas Andrew *me* mantinha sempre à mão. Até o dia de sua morte. Para ter com quem dividir o peso de sua tristeza. Nunca achei que eu seguiria sozinha por tanto tempo.

Não sou uma mulher melancólica.

Não sou maldosa e não guardo rancor. Não tenho tempo para isso — o rancor pode consumir nossa vida toda e nos deixar no leito de morte, com a constatação de que nunca paramos para apreciar o sol batendo no rosto ou para comer um segundo pedaço de bolo.

Deixo a luz entrar. Como o bolo.

Nasci no sabá, entende? Jovem e bela, boa e alegre. Ah, eu era uma menina reluzente, cheia de vida — cheia de *magia*. Vim ao mundo para encontrar a felicidade. E encontrei! No meu marido e nos meus filhos. Principalmente em Lucy.

Lucy, minha filha...

Todo mundo dizia que Lucy era idêntica a mim — mas, na minha opinião, ela era melhor. Tinha o decoro do pai e o meu vigor. Era forte, determinada e absolutamente radiante.

Até conhecê-lo.

No dia em que o Mago morreu — já faz um ano? Quase dois? — escolhi o melhor vinho madeira. Ergui a taça.

— Um brinde a você, Davy. Um brinde à sua morte, seu cretino impiedoso.

Aquele homem acabou com a vida da minha Lucy. Mexeu com sua cabeça até que ela repetisse aquelas paranoias e profecias como um papagaio.

Quando ela fugiu, eu disse a mim mesma que era melhor assim, que era uma bênção que tivesse desaparecido sem deixar rastro. Davy era o homem mais poderoso do Mundo dos Magos. Para onde Lucy precisaria ir para fugir dele?

Eu a imaginei no sol da Califórnia. Ou na Sibéria, aquecida por uma fogueira. Eu a imaginei caminhando por uma estrada de terra, sem deixar nenhuma pegada.

Imaginei a criança.

Acho que havia uma criança. *Espero...*

Eu torcia para que Lucy entrasse em contato comigo um dia. Mandasse uma carta. Um sinal. (Fiquei de olho no céu, à espera de corvos. Verifiquei o fundo de cada xícara de chá.)

Mas quando seria seguro? Davy também estava atrás dela, tenho certeza — sua magia era muito mais intensa que a minha e muito mais implacável. Nem mesmo o poder do amor de mãe era páreo para o ímpeto violento e vingativo daquele homem.

Só de pensar em Davy encontrando Lucy...

Só de pensar em Davy encontrando Lucy e a criança...

Passei inúmeras noites nesta janela, lançando feitiços no ar.

— *Hey, you've got to hide your love away!*

— *Mantenha em segredo, mantenha a salvo!*

— *Fecha a matraca!*

Eu imaginava minhas palavras encontrando minha filha e cobrindo

os ombros dela e da criança como uma manta protetora.

Mas agora...

Agora Davy não está mais aqui. O Mago morreu.

Você pode voltar para casa, Lucy.

Fico diante das duas velas, a mais antiga bruxuleando, a nova queimando forte. Sirvo uma taça de vinho.

Venha para casa, minha filha, preciso de sua ajuda.

Volte para mim.

Me ajude a encontrar seu irmão.

2

simon

— Mas... isso não pode estar certo. Eu *matei* o Mago.

Estou sentado no escritório do dr. Wellbelove. Quando Agatha contou aos pais que ia voltar para casa, eles insistiram que eu viesse junto e ficasse para o jantar — e, até agora, está sendo bastante desconfortável.

Agatha e eu nos sentamos nos lugares de sempre — um ao lado do outro, do mesmo lado da mesa. A mãe dela ficava olhando para nós como se dividida entre a decepção e o alívio por não estarmos mais juntos.

Todo mundo achava que nossa relação era sólida. A mãe dela já devia até ter planejado o casamento.

Mas nossa relação era sólida quando *eu* era sólido, quando eu ainda tinha magia — quando tinha *toda* a magia — e um propósito.

Antes de arrumar essas merdas de asas de dragão gigantes nas costas.

A sra. Wellbelove ficou chocada quando pegou meu casaco para guardar e viu o que havia embaixo. Pelo menos não viu o rabo também — eu tinha me dado ao trabalho de escondê-lo na perna da calça. (O que é muito desconfortável. Minha perna coça e meu rabo formiga, fora que tenho que usar jeans folgado de tiozão.)

O jantar durou uma eternidade. Agatha se recusou a bater papo, e os pais dela nem sabiam por onde começar. Ninguém nunca quer falar sobre nada que me diga respeito. É difícil ignorar o elefante na sala quando se está conversando com o próprio elefante.

Devorei a sobremesa — merengue — em três colheradas, então o dr.

Wellbelove me convidou a passar no escritório dele, que é onde gosta de ter conversas sérias. Desde que me juntei ao Mundo dos Magos, os Wellbelove foram uma família postiça para mim (ou talvez um pouco menos: uma família postiça postiça). Mesmo antes que eu e Agatha começássemos a namorar, me convidavam para passar as férias e os feriados com eles. O dr. Wellbelove sempre tentava ter conversas de pai para filho comigo. Quando eu tinha doze anos, me levou para o escritório dele para me contar de onde vinham os bebês. (Embora me pareça que ele tenha deixado informações cruciais de fora.)

O dr. Wellbelove sentou do outro lado da escrivaninha grande com tampo de vidro e tirou uma pilha de papéis da gaveta.

— Simon, esperei até que todos os aspectos legais relacionados ao patrimônio do Mago fossem resolvidos antes de falar com você...

Aspectos legais.

— Senhor, eu... vou ser preso?

Tirando os olhos da papelada, o dr. Wellbelove me encarou.

— Preso?

— Pela morte do Mago.

Ele tirou os óculos de leitura.

— Não, Simon. Ninguém vai ser preso. A morte do Mago foi acidental.

— Mais ou menos...

— Foi legítima defesa.

Assenti, cabisbaixo.

O dr. Wellbelove pôs os óculos de volta e olhou para os papéis.

— O Mago... Davy... *David*...

— David?

— O inventário do patrimônio dele foi feito.

Balancei a cabeça.

— O nome do Mago era David?

O dr. Wellbelove olhou para mim e pigarreou.

— David Cadwallader.

— Ah.

— Ele tem parentes, óbvio. Mas seu testamento é bastante claro. A maior parte do patrimônio foi reservada para você.

— *Para mim?*

O dr. Wellbelove voltou a pigarrear.

— Isso.

— Mas... não pode ser — falei. — Eu *matei* o Mago.

— Bom — o dr. Wellbelove disse, batendo a papelada na mesa para alinhá-la —, pode até ser verdade, mas é irrelevante do ponto de vista legal. Você continua sendo o herdeiro do Mago.

O patrimônio do Mago...

O que um homem como o Mago deixa para trás? Ele já me deu uma espada, mas não tenho mais magia suficiente para invocá-la. Também me deu a varinha do pai dele, que eu deixei em Watford. Acho.

O Mago me tornou seu herdeiro para que eu pudesse entrar em Watford — só feiticeiros podiam estudar lá, e eu não era um feiticeiro. Foi tudo um golpe de sorte. Matar o Mago foi meu último truque de mágica.

Se Penny estivesse aqui, ela diria que *tive* que matar o Mago, que *tivemos* que matá-lo. Que era a única maneira de impedir que ele me matasse e sabe-se lá o que mais. Já era tarde demais para impedi-lo de matar Ebb.

Se Penny estivesse aqui, ela diria que não foi culpa minha.

Mas quem pronunciou o feitiço fui eu.

Eu o matei.

Matei meu... mentor, acho que posso chamar assim. Meu guardião. Ele nunca tinha conversas de pai para filho comigo, mas eu estava sob seus cuidados. Era sua espada, sua arma não tão secreta. Era seu braço direito.

E eu nem sabia o nome dele...

— Há alguns itens pessoais — o dr. Wellbelove diz. — Móveis. A varinha e a espada, uma coleção de adagas...

— Não quero isso.

— São muito raras.

— Pode ficar com a família dele. O senhor não disse que ele tinha família?

— Primos. Em Gwynedd.

— Eles podem ficar com tudo.
— Tem mais. As economias dele.
— O Mago tinha dinheiro?
— Ele recebia salário como diretor da escola e tinha pouquíssimos gastos.

— O dinheiro pode ficar com os primos dele também.
— Não — o dr. Wellbelove diz, com firmeza. — Não pode. Meu filho...

Às vezes ele me chama de “meu filho”, mas não como um pai chamaria. (Bom, talvez como *um* pai, mas não como se fosse *meu* pai.)

— Preste atenção — insiste. — Sei que é pouco ortodoxo, mas...
— Não é pouco ortodoxo, é uma maluquice! Não posso receber dinheiro por ter matado o Mago!

— Você vai receber o dinheiro porque é seu, Simon. Em termos legais. E...

O rosto do dr. Wellbelove está ficando vermelho.

— E porque é *justo*. Ele abusou de você. Todos sabemos disso.
— Ele nunca *abusou* de mim, senhor. Estão dizendo isso?
— Não, digo... O que quero dizer, Simon, é que ainda não conhecemos todo o escopo da corrupção do Mago, mas sabemos que ele estava tentando roubar seu poder. E talvez tenha conseguido.

— Não roubou, eu que abri mão!

— O resumo da história é: ele *deve* a você, Simon. E deve mais do que isso. Não há como o Mago, ou qualquer outra pessoa, compensar a manipulação que você sofreu, os anos que passou servindo aos interesses dele.

— Ele não precisou me manipular. Eu queria ajudar.

— Você era uma criança...

— Não, eu era o Escolhido!

O dr. Wellbelove olha para baixo. Eu viro o rosto. Estamos ambos constrangidos e envergonhados. Nunca fui o Escolhido. Essa foi uma das mentiras do Mago. E o dr. Wellbelove e eu fomos tolos por termos acreditado.

— Foi decidido pelo conciliábulo — o dr. Wellbelove conclui. — O patrimônio é seu, Simon.

Ergo o queixo.

— O conciliábulo não tem mais nada a ver comigo. Não sou um feiticeiro.

O dr. Wellbelove solta um suspiro pesado.

— Pelo amor de Merlim, rapaz. Aceite logo o dinheiro.

3

shepard

Conheço Penelope Bunce há mais ou menos uma semana.

Nesta semana, me meti em confusão com um gambasomem, incitei uma guerra entre gangues de vampiros e fui alvo de pelo menos dois feitiços de esquecimento.

Nunca me diverti tanto.

Estamos em Londres. Penelope insistiu que eu fosse para casa com ela, com todos eles, na verdade, assim que descobriu que eu era amaldiçoado.

Que tipo de garota me levaria pra casa *porque* sou amaldiçoado? Tipo, é algo que *eu* faria, mas sou bem besta quando se trata dessas coisas — e justamente por isso fui amaldiçoado, pra começo de conversa.

Penelope falsificou meu passaporte. Falsificou minha passagem. Ela e Baz lançam feitiços diante de mim como se não fosse nada de mais. Nunca achei que estaria tão íntimo de um grupo de feiticeiros. Ninguém fica íntimo de feiticeiros!

Tipo, acho que meu coração vai explodir se eu os trair, literalmente. Rolou um aperto de mãos mágico e eu jurei pela minha vida. Mas fiquei feliz em fazer isso. Estou vendo coisas que nenhum falante vê — nenhum “normal”, como os feiticeiros nos chamam aqui. Na metade do tempo, é assim que Penelope me chama. “O normal.” Como se tivesse acabado de me conhecer.

— Bom — ela diz, abrindo a porta do apartamento. — Chegamos.

Estamos só nós dois. Saímos todos de San Diego na pressa. Acho que a tia de Baz foi presa, ou coisa do tipo. Algo com a antiga escola deles.

Baz se mandou assim que aterrissamos. Simon e Agatha foram direto para a casa dela. Agatha parecia bem abalada.

Estamos todos bem abalados. Tenho a sensação de que a semana passada foi intensa, mesmo para os padrões de feiticeiros, vampiros e homens-dragões.

— Eu poderia dormir por um mês — digo, e sento no sofá de Penelope.

— Amanhã você dorme. Vou tomar um banho e depois vamos nos meus pais.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Shepard. Você perdeu sua alma para um demônio.

Dou de ombros.

— Ah, tá. Mas isso não é... *urgente*.

— Como passar a eternidade a serviço de um demônio não é urgente?

— É a eternidade. Não amanhã.

— A menos que você seja atropelado por um ônibus amanhã.

— Você vai me jogar na frente de um ônibus?

— Não, mas falando nisso: lembre-se de olhar para a *direita* antes de atravessar a rua. Os americanos sempre se atrapalham...

— Penelope. Faz dois anos que eu vivo assim.

— Por isso mesmo vamos direto para a casa dos meus pais. Pra você recuperar sua alma e poder morrer quando quiser.

— Seus pais vão me livrar de um demônio durante o jantar?

— Bom... — Ela olha para a pilha de correspondência enquanto enrola nos dedos o cabelo castanho e comprido, preso num rabo de cavalo. — Provavelmente não vai ter nada pra comer, a menos que a gente leve. Minha família não gosta de cozinhar. Mas, fora isso, sim. Minha mãe é a maga mais brilhante e talvez a mais poderosa do Mundo dos Magos.

— Ela é tipo uma rainha?

— Quê? Não.

Penelope olha para mim, revoltada.

— Magos não têm rainhas — diz.

— Ah, tá, desculpa por ter presumido isso em um país que é de fato

uma monarquia...

— Minha mãe é historiadora mágica, diretora da escola e representante eleita.

— E ela é mesmo a feiticeira mais poderosa do mundo?

— Do Mundo dos Magos.

— Que é... o mundo?

— Que é o Reino Unido. E a Irlanda do Sul. E várias ilhas menores.

Penelope larga a correspondência na mesa. Eu meio que esperava que a casa dela e de Simon fosse cheia de artefatos mágicos. Tipo bolas de cristal e caixinhas misteriosas. Mas até agora parece o apartamento de qualquer universitário. Eles têm até um sofá igual ao da minha irmã.

— Vou ligar só pra confirmar se minha mãe está em casa...

Penelope tira os sapatos pretos, tipo boneca, mas de sola grossa. São da Doc Martens. Eu gosto. Ela usa meias até o joelho, com estampa de losangos. Também gosto. Gosto desse estilo todo *Velma do Scooby Doo só que sussa*. A saia xadrez e a camiseta roxa larga. Os óculos de armação tartaruga.

— Tem certeza de que sua mãe vai querer me ajudar? — pergunto.

— Claro que ela vai querer te ajudar.

— Por experiência própria, fluentes não costumam ajudar falantes a escapar de armadilhas...

Penelope cruza os braços e faz cara feia para mim.

— Sua experiência com feiticeiros é extremamente limitada e não inclui minha mãe. Mal *me* inclui.

Minha resposta à sua testa franzida é o sorriso mais caloroso que sou capaz de dar. (Ou seja, *bem* caloroso.)

— Então vamos nessa — digo. — Eu topo tudo.

Ela franze a testa ainda mais para mim.

— Esse é o problema, você sabe, né?

— Eu sei. Sim. Claro.

4

baz

— Você vai me ajudar a fugir, Basil?

Minha tia está sentada em uma poltrona estofada de veludo, no canto de uma cela de pedra. O conciliábulo a trancou numa torre. O guarda do lado de fora teve que esperar a noite cair para lançar o feitiço que abria a porta.

— Estou aqui para pagar sua fiança — digo. — Pelo amor das cobras, Fiona, o que passou pela sua cabeça?

— Fiança? Os Pitch não pagam fiança. Nem resgate.

— Tudo certo. Foi meu pai que pagou, na verdade, e o sobrenome dele é Grimm.

Ela se recosta na poltrona e apoia as botas em uma escrivaninha.

— Volte quando tiver um plano para me tirar daqui da maneira adequada.

— Isso não é brincadeira. Só vão te deixar sair porque o dr. Wellbelove e a diretora Bunce intercederam a seu favor.

Só descobri que Fiona havia sido presa porque Penelope decidira ligar para a mãe antes de sairmos de San Diego. Quando Penny veio correndo pela praia, ontem à tarde, achei que alguém tivesse morrido.

— Wellbelove? — Fiona desdenha. — E *Bunce*? Por que demônios eles intercederiam por mim?

— Por minha causa. Prometi que você não fugiria.

Ela bufa.

— Isso foi bem tolo da sua parte.

— Fiona. Podemos ir, *por favor*?

Ela suspira e demora todo o tempo do mundo para levantar. Então

derruba a cadeira com um chute.

— Tá.

A varinha e o carro de Fiona tinham sido apreendidos. Ambos só foram liberados sob minha responsabilidade. Se minha tia fizer alguma cagada antes do julgamento, vão me trancar numa torre com ela. Ofereço a varinha e a chave a Fiona.

— Pro banco de trás — ela diz, pegando ambas.

— Não vou no banco de trás.

Ela abre a porta.

— Vai, sim. Porque o banco da frente não é para pessoas que foram sequestradas por...

— Rá — solto.

— Rá — ela solta, jogando a bolsa no banco do carona.

Entro no banco de trás quase inexistente do MG dela (um Grampian Grey clássico, 1967), que Fiona trata com tanto desleixo quanto tudo na vida. (O apartamento dela é inacreditável. Tem ratos dentro do sofá. É o caos.) Tenho que sentar de lado para caber. Encaixo os joelhos entre os bancos da frente.

— Vai me contar o que estava fazendo em Watford?

Fiona dá a partida.

— Eu precisava pegar um negócio lá.

— Nos aposentos da diretora?

Ela olha feio para mim, pelo espelho retrovisor.

— São os aposentos da sua mãe, Basil.

— Não. Não são mais.

— Sempre vão ser.

— *Fiona*. O Mago morreu. A guerra acabou.

— É o que eles querem que você pense.

— É o que eu penso mesmo.

— A guerra não vai acabar até conseguirmos recuperar o que é nosso!

— E o que é nosso, Fiona?

— O poder, Baz! Watford! O conciliábulo!

— O conciliábulo já voltou atrás na maior parte das reformas do

Mago. O que mais você quer?

— Não foram reformas! — Ela aponta para mim pelo espelho. — Foram parte de uma campanha contra as famílias antigas!

— Bom, mas o que eu quis dizer é que o conciliábulo voltou atrás em quase todas.

— Isso é pouco. E demorou demais.

— Então talvez você devesse se candidatar ao conciliábulo e mudar as coisas — sugiro.

(É uma péssima ideia. Eu mesmo nunca votaria em Fiona. E agora posso votar, porque a proibição de que minha família o fizesse foi retirada. Todas as leis do Mago direcionadas a famílias específicas foram revogadas. Temos que agradecer à mãe de Bunce por isso.)

— Nos velhos tempos — Fiona resmunga —, os Pitch não precisavam *se candidatar* ao conciliábulo. Tínhamos três cadeiras garantidas.

Como posso responder? Fiona está sendo ridícula. Reviro os olhos e tento mudar de assunto.

— O que você queria em Watford? — volto a perguntar, com mais delicadeza.

Ela balança a cabeça.

— Algo da sua mãe.

— A diretora Bunce disse que não resta mais nada da minha mãe em Watford. Já me deu todos os livros que eram dela.

— Então por que os livros continuam no escritório de Bunce?

— Porque eu quis. Acho que minha mãe gostaria que ficassem em Watford.

— Como você sabe? — Fiona escarnece. — Você mal a conheceu.

Eu me recosto no banco de trás, me afastando da minha tia.

Seu olhar dispara para o espelho.

— Merda. Basil. Desculpa. Não quis dizer isso. É só que... faz três dias que não fumo um cigarro.

E nem vai fumar por enquanto. Não pode acender um cigarro comigo no carro. Não confio nela com fogo em ambientes fechados. Olho para a janela, ignorando-a.

— Basil. Sem bico.

— O que você estava procurando? — insisto, desta vez sem tanta delicadeza.

— Nada.

Ela segura o volante com força demais.

— Algo de que preciso. Algo que sei que Natasha me daria.

— Você precisa deixar pra lá. Se te pegarem em Watford de novo, vão te trancafiar sem julgamento.

— Posso voltar a Watford quando eu quiser. Sou uma ex-aluna! O observatório leva meu nome!

— O observatório leva o nome do seu avô.

— Assim como você, garoto. Nós dois temos sangue Pitch nas veias.

Tenho sangue de rato nas veias. No momento, pelo menos. Fui para um beco me reabastecer assim que pisei na cidade.

— Não se mete em encrenca, Fiona. Você vai me levar junto. E é a última coisa que minha mãe ia querer. Disso eu sei.

5

penelope

Minha mãe não pareceu muito brava quando liguei dos Estados Unidos. Ela ficou tão feliz em saber que eu havia terminado com Micah — e estava tão ansiosa para me contar sobre Fiona Pitch — que nem tive tempo de contar a história toda...

Bom, eu juro que vou comentar sobre os vampiros, Las Vegas e *definitivamente* sobre o Novo Futuro. Só preciso arranjar um jeito de fazer isso sem arrastar todo mundo para o conciliábulo.

Não consigo nem expressar quantos crimes cometemos na semana passada.

Furto, mais furto, falsificação. Uso indevido e flagrante da magia. Indiscrição criminosa. Manipulação de normais, exploração de normais, exposição de normais a segredos mágicos.

Exposição de um normal em *particular* a tudo o que foi mencionado anteriormente.

Talvez eu não devesse ter trazido Shepard para a Inglaterra. Não haveria melhor testemunha em um caso contra nós.

Mas eu não podia deixá-lo nos Estados Unidos naquela situação. Ele arriscou a vida para nos ajudar, sabendo que iria direto para o inferno se as coisas não dessem certo. Eu não abandonaria *ninguém* que foi enganado por um demônio.

E, por mais que eu preferisse nunca o ter conhecido, Shepard não é um *ninguém*. Ele salvou minha vida no deserto. A de Agatha também. Estávamos a dez segundos de fazer a Joana d'Arc quando ele interveio.

Pegamos o metrô até a casa de meus pais. Shepard fala alto demais

e aponta para tudo.

— Londrinos não falam no metrô — digo.

— Não sou londrino — ele retruca.

Ainda não perguntei muito sobre o que aconteceu com o demônio. Quero que meus pais ouçam a história toda. Sei que minha mãe estudou demonologia, e meu pai é um bom conhecedor da lei mágica, por causa de sua formação em linguística.

Só recebi o treinamento básico contra demônios. Sei que não devo falar com eles. Não devo aceitar doce deles. Não devo nunca entrar na van deles.

Não é um perigo comum. Demônios não surgem do nada: são invocados.

— Certo — digo, quando saímos do metrô e descemos minha rua. — Estamos quase chegando. Lembra que você prometeu não fazer perguntas impertinentes?

— Pode deixar.

— Talvez seja melhor não fazer pergunta *nenhuma*. Não confio no que você considera pertinente.

— Você tem que fazer um feitiço de revelação pra achar?

— Achar o quê, sua noção?

— Não, sua casa. Está escondida por mágica?

Sinto o desdém na minha expressão.

— Como a gente receberia correspondência se minha casa estivesse escondida por mágica?

— Então você só... passa pela porta?

— Bom — digo, virando na entrada de casa —, antes tenho que virar a chave.

Shepard franze a testa para a casa de dois andares com fachada azul-clara e as hortênsias que meu pai plantou na frente.

— Nem todos os feiticeiros moram em cavernas e castelos — digo. — Desculpa se te decepcionei.

— Então quer dizer que alguns feiticeiros moram em cavernas e castelos?

— É esse o tipo de pergunta impertinente que eu mencionei antes.

Abro a porta e deixo Shepard entrar. A casa está uma bagunça —

como sempre. Tem gente demais morando aqui, gente demais com coisas demais, sem se importar muito com arrumação. Meus pais trabalham muitas horas por dia — ainda que isso tenha mudado um pouco desde o ano passado. Com a partida do Mago, minha mãe assumiu o posto de diretora de Watford. Com a partida do Oco, o trabalho do meu pai, com pontos mortos mágicos, se tornou menos urgente. Ele tem passado menos tempo no laboratório e mais tempo cuidando dos meus irmãos.

Tenho três irmãos e uma irmã, e nas férias ficam todos em casa. Premal, o mais velho, voltou a morar com meus pais há um ano e meio, quando os Homens do Mago se dispersaram. Ainda não arranjou um emprego, tampouco voltou a estudar, mas minha mãe não deixa ninguém tocar no assunto.

Depois que foi revelado que o Mago era um assassino louco por poder, um dos Homens do Mago, um garoto do mesmo ano de Premal, tentou se matar. Ninguém pode mencionar isso em casa também.

Dou uma olhada rápida em Shepard antes de entrarmos na sala, como se um ajuste de última hora pudesse torná-lo menos normal. Shepard está exatamente igual desde que nos conhecemos: alto e magro, rosto comprido e olhos brilhantes. É negro, e no alto da cabeça seu cabelo chega a cinco centímetros de altura, raspado bem rente perto das orelhas. Usa óculos estilo John Lennon e calça de veludo cotelê. (Arranjamos umas roupas para Shepard no aeroporto, mas sabe-se lá como ele conseguiu encontrar *mais* calças de veludo cotelê.)

Só vi Shepard sem a jaqueta jeans uma vez, no dia em que me mostrou suas tatuagens amaldiçoadas. A jaqueta é inacreditavelmente brega, cheia de aplicações com dizeres COMO A VERDADE ESTÁ LÁ FORA E EM ALGUM LUGAR, ALGO INCRÍVEL ESTÁ ESPERANDO PARA SER DESCOBERTO. Sinceramente, ele é muito nerd, mas pelo menos isso não é problema aqui em casa.

— O que foi? — ele sussurra.

— O que foi? — sussurro em resposta.

— Parece que você está tentando encontrar algo de errado em mim.

— Estou mesmo.

— Pais sempre gostam de mim.

(Convencido.)

— Minha mãe não vai gostar.

— Ela é racista?

— Quê? Não! Eu sou birracial!

Shepard dá de ombros.

— Ela não é racista — insisto. — Só não gosta de gente. Sorte sua ser interessante.

Ele sorri.

— Bom, eu já desconfiava, mas legal ouvir isso de você.

Reviro os olhos e viro de costas.

— Mãe! — grito. — Pai!

— Aqui! — minha mãe responde.

Parece estar na cozinha.

Conduzo Shepard pela sala. Pacey e Priya estão jogando Nintendo.

— Oi — digo apenas. — Esse é o Shepard.

Shepard está pronto para colocar seu charme em ação, mas meus irmãos só assentem e dizem “oi” sem nem tirar os olhos da tela.

Minha mãe está mesmo na cozinha, bem embaixo do lustre, segurando a mão de Pip. Pip é o mais novo, tem doze anos. Vai entrar em Watford no próximo ano letivo.

— Penelope — minha mãe diz —, como está o feitiço de reversão em que você andava trabalhando?

— Promissor.

— Entrou uma farpa no dedo do Pip. Pensei em reverter um dentro-de-mim.

— Você não vai testar um feitiço na minha mão — Pip diz.

— Sou bom com farpas — Shepard diz. — Posso ajudar?

— Que feitiço você usaria? — minha mãe pergunta.

— Em geral só uso uma pinça.

Ela olha para Shepard pela primeira vez.

— Você é o amigo da Penny com o problema urgente.

— Este é o Shepard, mãe — digo.

Shepard estende a mão, mas ela já se voltou para Pip de novo e segura a varinha sobre a palma dele.

— Não quero experimentos — Pip protesta. — Eu toco piano!

— Você nunca treina — ela diz.

— Vou treinar mais!

Ela levanta a varinha bruscamente.

— *Proibida a entrada!*

Pip grita. Uma coisinha sai voando da mão dele.

— Nem acredito que funcionou — minha mãe diz.

Pip recolhe a mão na hora.

— Mãe, você é péssima. — Ele sai batendo o pé.

Ela finalmente dedica toda a atenção a Shepard.

Simon diz que minha mãe e eu somos idênticas. “Ela é você daqui a vinte e cinco anos, quando estiver cagando ainda mais para tudo.” Não concordo. Minha mãe é muito mais durona que eu. Muito mais inteligente. *Muito* mais segura com o próprio cabelo.

— Acho que ainda não nos conhecemos — ela diz a Shepard. — Você é de que turma de Watford?

— Shepard é... americano — digo, antes que ele possa falar alguma coisa.

Os lábios da minha mãe se curvam para baixo. Ela adorou saber que meu lance com Micah tinha ficado no passado. “Martin!”, gritou para meu pai na ocasião. “Penelope finalmente esqueceu o americano!” Agora deve estar pensando que já o substituí.

— Cadê o papai? Quero ouvir a opinião dele também.

— Teve que sair. Sou sua única opção. Estão com fome? — Ela abre a geladeira. — Tem peixe empanado, acho. Simon está com fome? Porque acho que não tem *tanto* peixe empanado assim.

— Simon não veio.

Minha mãe se vira para mim.

— Ah, é? Fizeram uma cirurgia pra separar vocês?

Shepard ri.

Faço cara feia para ele, mas minha mãe finalmente sorri.

— Quando você falou em um problema urgente e interessante, presumi na hora que envolvesse Simon.

— Não é urgente — Shepard diz, como se não quisesse um escarcéu. Bufo.

— Vou ter que discordar!

— Manda — minha mãe diz, se recostando na bancada.

Ela esfrega a testa, como se já tivesse ouvido o problema e já estivesse exausta. É assim que minha mãe administra Watford: como se estivesse sempre perdendo a paciência.

— Bom — digo —, Shepard é amaldiçoado.

— Amaldiçoado como?

— Ele fez um acordo...

— A maldição o impede de falar por si mesmo?

Quase respondo por ele de novo.

— Não — Shepard diz, olhando nos olhos da minha mãe e se empertigando. Dá para ver que quer manter o clima leve, como sempre faz, mas não tem jeito leve de explicar a situação. O sorriso de repente desaparece de seu rosto. — Perdi minha alma pra um demônio.

— Ah, Shepard — minha mãe diz, já decepcionada. — Você aceitou doce dele?

— Ah, não — Shepard diz, voltando a sorrir. — Mas só porque ele não ofereceu.

— Quem invocou o demônio? Nos Estados Unidos as pessoas simplesmente deixam os portais abertos? Vocês encontraram um jeito de acabar com o Submundo?

— Eu...

Nunca vi Shepard ficar sem palavras. Ele abaixa a cabeça e admite, por fim:

— *Eu invoquei o demônio.*

Minha mãe fica horrorizada.

— *Por quê?*

Shepard contorce o rosto.

— Pra ver se eu conseguia?

— Ah, *Shepard*. Penelope, onde é que você encontra esses idiotas irrecuperáveis?

— Mãe!

— Estou falando sério! — Ela aponta para Shepard. — Ande, tire a jaqueta. Vamos ver. Queria que seu pai estivesse aqui. Só *lemos* a respeito de logros demoníacos. Não há nenhum caso documentado desde o século XIX. Um mínimo de prevenção já faz toda a diferença. É

como cólera.

Shepard tira a jaqueta, ficando só de camiseta, e olha para o chão. As tatuagens começam nos pulsos e sobem pelos braços. São incrivelmente elaboradas, e é difícil focar em uma só. Às vezes parecem vinhas, às vezes parecem um escrito — um alfabeto que usa todas as letras conhecidas e uma dezena de desconhecidas.

— Pelos meus feitiços... — minha mãe diz, e assovia. — Você está totalmente fodido, meu jovem.

— Mãe! Que grosseria! Até pra você.

— Desculpe, Shepard. Não quero ser grosseira. Mas você... se meteu num buraco *inacreditável*. Seus pais sabem?

— Não. Não sabem.

— Cadê meu telefone? Vamos precisar de fotos. E de uma equipe de ocultistas e uma Pedra de Roseta demoníaca. Por Morgana, que confusão.

Ela está se envolvendo com o problema, o que me deixa aliviada. Por um momento, achei que fosse deixar Shepard ir para o inferno só porque estava de mau humor.

— Não há estudos recentes — ela diz, puxando a manga de Shepard para cima —, mas há precedentes. O último caso foi em Watford. Uma sociedade secreta... Nunca entrem numa sociedade secreta, me ouviram? É preciso estar mesmo muito entediado para fazer coisas terríveis em troca de um segredo! Gente rica não consegue nem manter um segredo sem perder a integridade.

Por mais incrível — e sábio — que pareça, Shepard permanece em silêncio.

Minha mãe está com o celular na mão, focando a câmera no cotovelo dele.

— Lembra quando aconteceu? Quantos anos tinha?

— Lembro. Tinha vinte. Foi dois anos atrás.

— Já estava bem grandinho pra cair nesse tipo de coisa.

— É.

— Alguém convenceu você? Ou te enganou?

— Não. Foi só... curiosidade.

— Curiosidade sobre *demônios*, Shepard?

— Tudo me deixa curioso, sra. Bunce.

— Dra. Bunce. Eu que estou curiosa pra saber como você acha que vai se livrar disso.

— Não acho que vou.

— Quê?

Minha mãe se afasta e olha feio para ele.

— Acho que estou totalmente fodido. Como a senhora disse.

Ela o encara.

— Eu só estava *ofendendo* você, Shepard. Tentando deixá-lo culpado por suas próprias ações para que não faça mais. Mães sempre fazem isso. Você está mesmo totalmente fodido, mas não pretendo que continue assim.

Ela dá um sorriso bem discreto para ele.

Shepard fica tão grato que volta a abrir um sorriso.

— Obrigado, dra. Bunce.

Minha mãe guarda o celular no bolso.

— Agora vamos ver sua varinha. Foi comprometida também?

— Não tenho varinha. Não sou feiticeiro.

Ela olha para ele na hora e depois para mim.

— Você não é feiticeiro? Então o que é? Não me cheira a pixie. Sem querer ofender.

Shepard ri.

— Sou um falante. Quer dizer, um normal. Achei que estivesse óbvio.

Antes mesmo de ficar de queixo caído, minha mãe já está com a varinha apontada para ele.

— *O que passou passou!*

Shepard é jogado para trás, como se tivesse sido empurrado.

— *Nana, nenê!* — minha mãe grita.

Shepard cai para a frente. Minha mãe e eu o pegamos.

— Mãe! O que você...

— Penelope Leigh Bunce, você perdeu o juízo?

— Quem perdeu foi você.

— Por que trouxe um normal para nossa casa?!

— Mãe, ele precisa de ajuda!

- Todos os normais precisam de ajuda!
- Mãe...
- Você contou a ele sobre *magia*? Sobre nossa *família*?
- Me ouve! Shepard é meu amigo. Ele me ajudou a... Bom, eu me peguei em uma situação bastante complicada...
- Quem poderia imaginar?
- Mãe, isso não é justo.
- Penelope, você é tão viciada em perigo que dá um jeito de correr risco mesmo quando as coisas estão tranquilas!
- Não dou um jeito coisa nenhuma! Não tenho nada a ver com o Mago!
- Não, mas de quinhentas crianças, era uma das três que não conseguiam ficar longe dele. Tem uma determinação imprudente a se meter em encrenca.
- É um jeito exagerado e injusto de ver as coisas.
- É mesmo? Então *não* tem um normal americano com uma maldição demoníaca na minha cozinha?
- Shepard está escorregando dos nossos braços. Tentamos colocá-lo no chão.
- Mãe, ele é meu amigo.
- É claro! Tenho certeza de que você fez amizade no instante em que se deu conta do desastre incorrigível que ele era!
- Eu não sabia, na verdade.
- Tento não deixar a cabeça de Shepard bater no chão.
- É um sexto sentido, então.
- Você não aprova, já entendi, mãe. Me sinto mal pelo que fiz e não vou fazer de novo. Agora pode me ajudar? Ele está ferrado.
- Penelope... *não*. — Ela está de pé, olhando para Shepard com as mãos na cintura. — Não temos como ajudar o garoto sem nos comprometer.
- Ele não vai contar pra ninguém sobre nós.
- *Agora*, não. Porque não vai se lembrar de você, de mim ou de nada disso. Vai passar o resto da vida se perguntando quão bêbado devia estar para não lembrar de tatuagens tão elaboradas. Coloca o garoto no próximo avião de volta pra casa.

— Quer que eu abandone Shepard?

— Sim!

— Ele é meu amigo.

— Não, Penelope. Ele é um *normal*. Quanto tempo faz que o conhece? Alguns dias? Uma semana?

Não respondo.

Ouvimos a porta de casa se abrir. Meu pai chegou, chamando por Premal.

Minha mãe fica ainda mais irritada, como se tivessem jogado mais um problema nas suas costas.

— Espera aqui. Vou resolver isso primeiro, depois te ajudo a mandar Shepard para casa. — E sai da cozinha.

Apoio a mão direita na testa de Shepard e sussurro:

— *Bom dia, flor do dia!*

Ele abre os olhos e pisca para mim.

— Penelope?

Impressionante. Shepard é mesmo resistente a feitiços de memória.

— Vem — digo, baixo. — Consegue andar?

— Sim, estou bem.

Eu o ajudo a levantar e o levo até a porta da cozinha. Passamos correndo pelo quintal, e na calçada paro o primeiro táxi que passa e coloco Shepard dentro.

Ele não sorri quando diz:

— Você tinha razão. Sua mãe não gostou *mesmo* de mim.

6

baz

Simon Snow é péssimo por mensagem, o que não surpreende ninguém.

Escrevo para ele da estação de trem. *Pedi todos os favores que podia pra tirar minha tia da prisão. Ela nem me agradeceu, e ainda não sei o que queria. Como está no lar dos Wellbelove?*

ok, ele responde. a mãe da agatha fez frango. vc se deu mal?

Por causa da minha tia?

por causa dos eua.

Ah, não. Acho que ninguém nem notou que eu não estava por aqui. Fiona foi uma excelente distração.

Espero que ele responda, mas Simon nunca se sente na obrigação de manter a conversa fluindo.

Estou indo pra Oxford, escrevo. Quero falar com meu pai sobre Fiona. blz.

Vou dizer que você mandou beijo.

sério?

Não, eu estava brincando. Ele continua fingindo que você não existe. ah, tá.

Não foi uma piada muito boa, envio.

you já fez piores, Simon manda de volta.

Dou risada, desesperado por qualquer coisa que deixe o clima leve, então escrevo depressa: *Você não iria comigo, né?*

Simon demora um pouco para responder: *é outra piada?*

Suspiro. É.

A última e única vez que Simon foi à minha casa, dois Natais atrás, ele sugou toda a magia da região sem querer — e por causa disso

minha família teve que ir morar em Oxford. Em uma cabana de caça. Minha irmã mudou de escola.

Muito antes de destruir a casa de nossos ancestrais, Simon Snow já não agradava muito ao meu pai. Era o protegido do Mago, e o Mago passou os últimos quinze anos atacando famílias como a minha. Famílias antigas. Poderosas. Ricas.

(Seria de imaginar que *todas* as famílias mágicas fossem ricas, mas não. Olha só pros Bunce. E os Petty. Meu pai diz que a magia é uma ferramenta como qualquer outra e que algumas pessoas não gostam de trabalhar. Bunce não concordaria com essa afirmação, mas Bunce não está aqui agora, então não preciso aguentar as reclamações dela.)

Ou seja, Simon já era *persona non grata* na nossa casa. Então ele apareceu no Natal e tornou nossa terra inabitável. Só então meu pai descobriu — não sei bem quem contou, porque não pode ter sido Fiona — que Simon e eu estávamos sendo homossexuais ao extremo juntos.

Só mencionar o nome de Simon na frente do meu pai faz a temperatura cair dez graus.

Não costumo fazer isso. Meu pai e eu continuamos fingindo que vou acabar conhecendo uma mulher e me casando com ela um dia. Quando fui para casa no aniversário da minha madrastra, eles convidaram uma pobre garota da cidade vizinha para sentar ao meu lado no jantar. Ela tinha se formado em Watford alguns anos antes de mim e aparentemente não ficou sabendo que Simon Snow apareceu no meu baile de formatura e me beijou até não poder mais.

Eu queria que ele aparecesse e me beijasse até não poder mais agora mesmo...

O que não é muito provável. Faz só vinte e quatro horas que Snow tentou me convencer a terminar com ele para ficar com um vampiro de trezentos anos. (Imagine só levar Lamb, o rei dos vampiros, para jantar em casa...) Espero que nunca mais tenhamos aquela conversa — que Simon tenha recobrado a razão só de voltar para Londres. Ou pelo menos tenha voltado a ser ele mesmo.

Volto amanhã, escrevo para Simon.

Ele não responde.

Assim que abro a porta, ouço a televisão. Meu primeiro instinto é achar que estou na casa errada. Então ouço meu pai gritando e tenho certeza de que estou na casa errada — nunca o ouvi levantar a voz.

— Não vou pedir de novo, Sophronia! Solta isso agora mesmo! *Sophronia!*

Uma das gêmeas passa por mim segurando uma boneca no alto. Pego da mão dela.

— Basil! — ela grita, agarrando minha cintura.

Sophie e Petra têm cinco anos. Acho que esta é Sophie, mas, pra ser sincero, é difícil distinguir as duas, a menos que estejam sorrindo. Eu a pego no colo.

— Minha nossa, como você cresceu! É como se eu estivesse segurando um rinoceronte bebê.

— Me esconde, Basil — ela diz, sorrindo, então tenho certeza de que é Sophie.

— Você ultrapassou todos os limites, Sophronia! — meu pai grita. (*Grita de verdade.*)

Levo Sophie até a sala, onde Petra chora no sofá. Entrego a boneca a ela. Eu achava que irmãos gêmeos fossem melhores amigos, mas as duas são como cão e gato. O bebê também está chorando. Meu pai — ou seria um sósia desvairado? — anda de um lado para o outro com ele no colo. Para quando me vê.

— Basilton?

— Pai?

Malcolm Grimm tem dois estilos: cavalheiro no campo e cavalheiro-cavalheiro. Mas no momento está longe de qualquer um dos dois. O cabelo branco está arrepiado, e a camisa, para fora da calça. Ele parece que acabou de levar uma surra num beco — não, já vi meu pai levar uma surra num beco, e ele se manteve muito mais composto do que agora.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo — ele diz, automaticamente. — Basil, pode me fazer um favor? — Ele me passa o bebê e pega Sophie, então pega Petra também. — Vocês duas vão para a cama. E se não ficarem lá, eu... bom, eu vou ficar muito decepcionado.

O bebê — na verdade, Swithin tem quase dois anos, então eu deveria parar de chamá-lo assim — grita no meu ouvido.

Acaricio suas costas e o embalo.

— O que foi, pequeno? Está numa noite ruim? — Dou uma olhada na fralda, depois levo a mão à testa dele. — Tudo bem ter uma noite ruim de vez em quando. Vamos cantar uma música? Suas irmãs sempre gostavam quando eu cantava... Até a Mordelia.

Passeio com ele pela sala, cantando músicas do White Album. O cômodo todo está uma bagunça, cheio de brinquedos e roupas espalhadas. Pelo visto meu pai deixou as meninas jantarem aqui — pizza congelada? Tem dois guardanapos sujos debaixo da mesa de centro. É isso que acontece quando minha madrastra sai à noite? Pobre Daphne.

Swithin para de chorar quando chego a “Martha My Dear” e finalmente pega no sono na segunda vez que canto “I Will”. Sento no sofá com cuidado, para não o acordar.

— Ah, Basilton. Graças à magia.

Meu pai está de pé à porta, parecendo ter cem anos de idade. Ele senta numa poltrona de couro soltando um gemido.

Se ele tivesse me perguntado antes, eu diria que, aos quarenta e seis, estava era velho demais para começar uma segunda família. Ele já havia passado um pouco da idade quando eu nasci! Mas Daphne era jovem e estava louca para ter filhos, e ele estava apaixonado.

Isso foi oito anos e quatro crianças atrás. Só a magia sabe se Daphne quer ter mais. Ela ainda está na casa dos trinta, e não parece ter outros interesses.

— Daphne está no clube do livro?

Swithin faz um barulhinho agitado, mas volta a se acomodar no meu peito quando faço carinho nele. Olho para meu pai, conferindo se me ouviu.

Ele está chorando.

— Ei. Penelope. Está tudo bem.

Faz uma hora que ela está andando de um lado para o outro.

— Sei que está tudo bem — Penelope diz, sem paciência

— Então tá. Que bom. Por que não senta um pouco?

— Não estou a fim de sentar agora. Estou a fim de ficar andando de um lado para o outro. Me ajuda a pensar. Preciso de uma lousa. Por que este apartamento não tem uma lousa?

O celular apita. Mensagens chegam a cada dez minutos desde que deixamos a casa dos pais dela.

— É a sua mãe de novo?

— É.

Penelope parou de andar para digitar uma resposta furiosa.

— O que está dizendo a ela?

— Mentiras.

— Não precisa mentir pra sua mãe por minha causa.

— Acho que preciso, sim, Shepard, a menos que você queira que eu te nocauteie magicamente e te abandone no meio da rua.

— Já falei... posso ir pra casa.

— Você nem tem um passaporte de verdade!

— É só você lançar uns feitiços e me botar num avião. Vai ficar tudo bem.

Ela para de brigar ao celular para brigar comigo.

— *Você não vai ficar bem!* Não dá pra alguém ficar *bem* depois de ser amaldiçoado por um demônio!

— Todo mundo vai morrer um dia, né?

— É, só que a maior parte de nós não vai ser obrigada a seguir pro inferno.

— Não acho que eu vá pro inferno. Andei pesquisando e...

— Pelo amor das cobras, Shepard...

— A questão é... — começo a dizer.

Ela respira fundo, como se estivesse prestes a gritar comigo.

Volto a falar, erguendo as mãos como se pedisse calma.

— A questão, Penelope, é que isso não é problema seu.

— Claro que é!

— Por quê?

— Porque... — Ela hesita. — Porque é um problema que... que existe.

— Você é responsável por todos os problemas que existem?

Ela enfia as mãos no cabelo.

— Não! E *sim*. Que tipo de pessoa eu seria se não te ajudasse?

Tento parecer tranquilo.

— Uma pessoa normal.

— Não sou *nor*...

— Você sabe o que eu quis dizer. Se eu tivesse câncer, você acharia que tem a obrigação de me curar?

— Talvez.

— Penelope, olha...

— Não, Shepard, olha *você*! Sei que não consigo resolver tudo. Mas, tipo, não dá pra recolher todo o lixo do chão, né? Não dá pra parar e pegar cada guardanapo ou pedacinho de papel que se vê na rua. Mas minha mãe costumava dizer que quando a gente toca uma coisa se torna responsável por ela. Então, se a gente tocasse uma lata ou uma embalagem de doce, tinha que dar um jeito nelas. Jogar no lixo, separar para reciclar, o que fosse. Porque aquilo virava responsabilidade nossa.

— Tá. — Assinto. — Acho que entendo o que está dizendo... sou tipo um lixo que você catou do chão.

— Exatamente! E agora não posso te largar na rua. A culpa viraria minha.

— E se eu te desse permissão pra me largar na rua?

— Não funciona assim. Agora você já entrou na esfera da minha prestação de contas.

— *Penelope*... — Sorrio. — Isso quer dizer que somos amigos?

Ela revira os olhos — como se achasse válido tentar me ajudar, mas falar comigo nem tanto — e volta a andar de um lado para o outro.

— Não consigo acreditar que minha mãe está se eximindo assim. Foi ela que me ensinou sobre a esfera de prestação de contas.

— Talvez não se aplique a normais.

— Normais também são gente, Shepard!

— Fico surpreso em te ouvir dizer isso.

Ela não olha para mim.

— Acima de tudo, devo minha vida a você. Talvez todos nós devamos a vida a você. Não posso só...

A porta se abre com um golpe. Simon entra e tira a capa de chuva. Suas asas despontam.

— Simon, graças a Morgana! — *Penelope* diz. — Você não vai acreditar no que minha mãe fez...

Simon passa direto por ela.

— Amanhã a gente conversa sobre isso, tá?

— Simon, é urgente, eu...

Ele entra no quarto e fecha a porta.

8

simon

O sr. Wellbelove me mandou deixar para decidir depois de uma boa noite de sono. Eu deixei.

Acordei pensando que ele estava certo. Vou aceitar o dinheiro.

Não que eu mereça. Ninguém me deve nada. Mas vai ser útil... vai ser bem útil no momento.

Eu me mantive agarrado ao Mundo dos Magos porque não via opção. Porque não sabia para onde ir. Achei que poderia encontrar uma saída no fundo de uma lata de sidra. Achei que poderia encontrar um caminho, ou algo do tipo, atravessando os Estados Unidos de carro. Por algumas horas — algumas horas na caçamba de uma picape, em algum lugar de Utah —, me permiti achar que tinha mesmo encontrado.

Mas o único caminho é para longe daqui.

Esse dinheiro é a minha saída.

Banca um apartamento. Não vou ter que me preocupar com aluguel por pelo menos um ano. E até lá já vou ter um emprego. Marquei um horário com o dr. Wellbelove para dar um jeito nas minhas asas, finalmente. Ele disse que vai ser necessário fazer uma cirurgia, que é impossível resolver com mágica. Por mim tudo bem. Estou pronto.

Estou pronto para abrir mão — para voltar a ser eu mesmo. Quem eu era antes que o Mago aparecesse.

9

baz

Tentei te ligar. Vou ficar mais um dia. As coisas estão meio confusas. Acho que meu pai e Daphne brigaram. Me manda uma mensagem quando acordar.

Está aí?

Está dormindo? É melhor não dormir durante o dia, pra acertar o fuso.

Não tenho quarto aqui, dormi no sofá. Acordei hoje cedo com o barulho de Mordelia jogando video game.

Daphne ainda não voltou. Não responde a minhas mensagens. Aparentemente ninguém me responde...

Vou ficar mais um dia, talvez dois, não sei. Ainda não consegui falar com meu pai.

Não sei como fazer meu pai falar.

Bom...

Ainda não posso ir embora.

Vou fingir que você respondeu com um sinal de positivo.

Boa noite, Snow.

Bom dia.

Daphne largou meu pai.

Pelo que entendi.

Não que ele tenha me dito isso. Nem por mágica ele me diz algo além de “O chá está pronto” ou “Os presadelos estão quase prontos para procriar”.

(Ele está criando raças raras agora. Os estábulos estão cheios de criaturas mágicas. Testas-de-ferro e bodes-expiatórios. “A únicas lhalhamas que há fora da América do Sul.”)

Mas minha madrasta não está aqui. Já faz dias, talvez semanas. Uma normal vem cuidar das crianças durante a semana na parte da manhã, mas elas ficam o dia inteiro no celular ou no iPad. Até o Swithin! Ele vê os mesmos vídeos do YouTube sem parar e chora se tiramos a tela dele. Estão todos sendo criados por algoritmos.

Bunce disse que você está acordado, resolvendo um monte de coisa. Eu saio da cidade por três dias e de repente você tem o que fazer.

Desculpa.

Não foi legal.

Ainda estou acampando na sala. Acho que você ia gostar mais daqui do que da casa em Hampshire. Pra começar, esta não é assombrada. E é mais iluminada.

Você podia vir dormir no sofá comigo, se quisesse. Considerando o estado do meu pai, acho que ele nem notaria.

Na verdade, você não caberia no sofá, mas eu também não caibo. E acho que você ia gostar das gêmeas. Elas só comem sanduíches de geleia com manteiga e atiram coisas uma na outra. Me faz lembrar do nosso primeiro ano em Watford.

Queria ter trazido uma muda de roupa, mas não achei que fosse ficar tanto tempo. Ainda não sei quando vou embora. Tinha pensado em esperar até Daphne voltar, mas e se isso nunca acontecer?

Não vou criar os filhos do segundo e inconsequente casamento do meu pai.

(Mas, se fosse, íamos ter uma conversa séria sobre uso excessivo de eletrônicos.)

Estou quase dormindo, dá pra perceber?

Você poderia vir, se quisesse. Não precisa nem responder às minhas

mensagens. É só aparecer na porta, sujo de lama. Com o casaco aberto. Neve no cabelo.

É junho, não é?

Boa noite, Snow.

Mordelia vai de cômodo em cômodo, conversando por vídeo com normais. Ela diz que a mãe está em Londres, estudando, o que não parece muito provável. Nunca vi nenhum indício de que Daphne fosse estudiosa. Ou tivesse qualquer interesse em uma carreira.

Talvez seja uma crise de meia-idade. (Eu ficaria permanentemente em crise se casasse com alguém como meu pai. Ele se recusa a conversar sobre o que está acontecendo!)

Bom, não posso interrogar Mordelia. Ela tem só oito anos.

É por causa do que aconteceu nos Estados Unidos, Snow?

Vai ficar tudo bem.

Agora troco fraldas. Não estou dizendo que aprendi a trocar fraldas, porque eu já sabia. Mas agora só faço isso. Daphne poderia pelo menos ter ensinado o bebê a usar a privada antes de ir embora.

Daphne jamais faria isso.

Bom, interroguei Mordelia.

Acho que preciso da sua ajuda, Simon.

Bom dia.

Boa noite.

Bom dia.

Estou com saudades.

Se é pra falar sozinho, não preciso de telefone.

Falamos quando eu voltar.

10

penelope

Eu achava que estava sempre certa.

Mas estava errada...

Quanto a isso.

Mas então me pergunto no que mais eu poderia estar errada. Quer dizer, se você está errada de achar que está quase sempre certa, tudo é possível. Vai ver está quase sempre *errada*. Talvez eu esteja.

Eu me sinto uma detetive descobrindo que vem resolvendo casos há dezenove anos com uma metodologia falha e que agora precisa reabrir cada um deles.

Como posso trabalhar assim? Como fazem as pessoas que erram? (Porque agora sou uma delas. Sou uma pessoa que erra!) Como vou tomar decisões básicas agora que sei quão pouco sei?

Sabe, eu achava que estava num relacionamento saudável com alguém que na verdade já tinha terminado comigo. Foi um erro crasso.

Que outros cometi?

Estou pirando? Estou ouvindo vozes?

— Você não vai receber seu depósito de caução de volta.

— Quietos, Shepard, estou tentando pensar.

Outro erro gigantesco: o normal sentado na minha sala. Ainda totalmente amaldiçoado. E agora também imigrante ilegal. Outra péssima decisão para colocar mais lenha na fogueira. Eu deveria começar a listá-las...

Precisei de dezesseis feitiços, mas finalmente transformei a parede da sala em uma lousa gigante.

- Tem uma tinta que transforma qualquer parede em lousa, sabia?
 - Shepard comenta, ignorando meu pedido de silêncio.
 - Desculpa se não sei onde comprar tinta mágica.
- Ah, aqui está o giz. Excelente.
- Não, é uma tinta normal...

Escrevo *O que sabemos* em letras grandes de um lado da parede e *O que não sabemos* do outro.

- Penelope, talvez não caiba a mim dizer, mas...
 - Então não diz.
- Mas ele diz, claro.
- Por que não dorme um pouco?
- Faço que não com a cabeça.
- Sempre que pego no sono, Simon foge de mim.
 - Ele disse que tinha um compromisso.
 - Você não entende... Simon nunca tem compromissos! Ele nunca sai do apartamento!

- Bom, ele estava nos *Estados Unidos* quando a gente se conheceu... Esfrego os olhos, que não param de lacrimejar.
- Você não sabe de nada, Shepard.
- É melhor colocar isso na sua lista então.
- Ah, eu já ia colocar mesmo.

Ele tira o giz da minha mão e escreve *O corpo humano precisa de sono* no lado esquerdo da parede.

- Eu estou bem — insisto. — Lancei todos os feitiços necessários.
- Eu disse a minha mãe que tinha lançado um feitiço de esquecimento em Shepard e o deixado na embaixada americana. Acho que ela acreditou.

É mais plausível que a verdade: que contrabandeei um normal para o país e ele vem dormindo no meu sofá há dias. Nada saiu como planejado. Eu achava mesmo que em poucas horas Shepard estaria a salvo e eu poderia mandá-lo de volta para casa. Mas minha mãe me mandou embora, e não tenho coragem de falar com meu pai — ele vai contar tudo para minha mãe.

Olho para a lousa vazia e solto um gemido.

- Cadê o Simon? Não consigo fazer isso sem ele.

- Você precisa de Simon porque ele sabe tudo sobre demônios?
- Por Morgana, não. Preciso que ele me ouça pensar.
- Baz não sabe aonde Simon foi?
- Baz está no meio de uma “crise familiar”, aparentemente.
- Ah... Ele precisa da nossa ajuda?
- Não sei. Ele está todo misterioso.

Shepard continua com o meu giz. Escreve *Cadê o Simon?* e *Baz precisa da nossa ajuda?* do lado direito da lousa.

Viro para ele.

- Você é muito irritante, sabia disso?

Shepard sorri. Como se tivesse toda a paciência do mundo. Ele me dá nos nervos.

- Você é a primeira pessoa a dizer isso, Penelope, de verdade.
- Esfrego os olhos de novo e solto outro gemido.

Está escuro quando acordo. Devo ter pegado no sono. Mas, se estou dormindo no sofá, cadê o Shepard? Tem alguém sentado perto dos meus pés. Alguém com chifres e asas. É um demônio, é o demônio...

— Ei — Simon diz, me segurando pelos ombros. — Ei. Penny. Sou só eu. Sou eu.

Estou sentada. O coração acelerado.

- Por Stevie Nicks e Grace Slick, Simon!

— Desculpa.

— Achei que fosse...

— Shepard estava dormindo no chão — Simon diz. — Eu disse que ele podia ficar na minha cama.

Procuro meus óculos.

— Por que *you* não está na sua cama? Por onde *andou*, Simon? — Encontro os óculos no chão. — Você não vai acreditar no que aconteceu com minha mãe. E precisa mandar uma mensagem pro Baz. Acho que ele está preocupado com você. Ficou a semana toda preso em Oxford...

- Penny, preciso falar com você.

Simon está sentado de lado na outra ponta. As asas abertas estão para fora do sofá, o que lhe permite encostar sem ter que ficar em

cima delas. Eu odiaria ter que ficar com essas asas o tempo todo. Não sei como ele consegue dormir.

Pego minha pedra, enfiada no meu sutiã, e entrego para Simon.

— Quero testar um feitiço novo, para dar um jeito nas suas asas quando estamos em casa. Acho que só vão diminuir de tamanho, mas exige menos magia que os outros...

Simon fecha a mão sobre a minha.

— Penelope, não. Preciso que você me escute.

Penelope Bunce não está falando nada com nada.

Voltei a Londres, finalmente troquei de roupa e fui direto para a casa de Penny e Simon. Decidi não punir Snow por ter ignorado minhas mensagens. (Bom, vou avaliar a situação. Se ele estiver um pouco arrependido, vou punir um pouco. Mas se ele estiver muito arrependido, vou fingir que nada aconteceu. Ter um péssimo namorado não é o maior dos meus problemas.) (Ou, pelo menos, não o mais urgente.)

Mas agora estou aqui, e Bunce está me dizendo que Simon não está — que foi embora — e que não podemos ir atrás dele.

— Você foi enfeitiçada? — Eu me viro para Shepard, que está à porta da cozinha. — Ela foi enfeitiçada?

Shepard faz que não. Está desconfortável. E deveria mesmo: o que ainda está fazendo aqui? Snow me disse que Shepard só ia ficar por alguns dias. Penelope deve algum tipo de favor a ele. Imaginei que a esta altura ele já teria ido embora e estaria confraternizando com dragões.

— Não tenho tempo para isso, Bunce. Só me diz onde Simon está.

— Ele te deixou este bilhete — ela diz, me dando um envelope amarelo.

Eu o abro e tiro de dentro um cartão também amarelo. Onde foi que Simon arranjou isso? Ele passou na papelaria só para me escrever este bilhete absurdo que só diz “Sinto muito, Baz”?

— Ele sente muito? — Mostro o cartão para Penelope. — Do que está falando?

Ela nem olha para mim.

— Simon não quer ver a gente no momento.

Penelope não está falando nada com nada. Não faz sentido.

— *Quê?*

Acho que andou chorando. Está abatida e com os olhos vermelhos.

— Ele disse que precisa de tempo.

— As pessoas não precisam de tempo, Penelope. Tempo é uma constante.

— Você entendeu...

— Não. Não entendi. Não estou entendendo nada! Você está me dizendo que Simon se mudou daqui?

O queixo dela treme.

— Acho que ele está perdido, Baz.

— Porque você o perdeu, Bunce! — Disparo para o quarto dele. — Deixo Simon com você por uma semana e você o perde!

É verdade, não tem mais nada no quarto. Ele não tinha muita coisa, mas levou tudo. A mala, os livros, as camisetas vagabundas com buracos nas costas para as asas.

Penelope me seguiu até a porta do quarto.

— Eu não o perdi: Simon decidiu ir embora. Ele é adulto.

— Ah, pelo amor das cobras. É nada. Simon é uma catástrofe ambulante! — Eu me viro para ela, com as mãos espalmadas em frustração. — Você sabe disso! Você me *ensinou* isso! Não se pode perder Simon de vista. Anda. — Aponto para ela. — Calça os sapatos. Vamos encontrar Snow.

— Não.

Bunce está de braços cruzados. Chorando.

Eu não estou chorando. Isso tudo é ridículo demais para me levar às lágrimas.

— Como assim, não? Você não está falando nada com nada!

Bunce parece não ter dormido nem penteado o cabelo desde a última vez que nos vimos. Ela balança a cabeça, jogando o rabo de cavalo desgrehado de um lado para o outro.

— Não vou atrás de Simon. Não vou trazê-lo de volta. Não vou obrigá-lo a fazer nada. Se Simon quer espaço, é o que vai ter.

— Espaço? Ele disse que precisa de espaço?

— É.

— As pessoas não precisam de espaço, Penelope! — grito. — As pessoas precisam de *pessoas*! Simon precisa de nós!

— É o que eu sempre digo, Baz! — O rabo de cavalo balança de novo. Ela também está gritando. — “Simon precisa de mim.” Essa sempre foi minha desculpa!

— Desculpa pra quê?

— Pra fazer o que eu quisesse! Pra conseguir com que ele fizesse o que eu achava melhor. Fui mais uma comandante que uma amiga.

— Você manteve Simon vivo.

— Mais ou menos! Eu o mantive vivo, mas antes o coloquei em perigo.

— Eu não diria que *você* o colocou em perigo — resmungo. — Snow nunca precisou que ninguém o colocasse em perigo.

Odeio ouvir Bunce não falando nada com nada. Odeio o bilhete de Simon. Odeio a caligrafia infantil dele. Odeio seu guarda-roupa vazio.

— Baz, eu não vou atrás dele. Prometi que não iria.

— Bunce...

Odeio isso tudo.

— Não.

Odeio isso tudo.

— Bunce, por favor.

— Sei que pra você é diferente — ela diz. — Talvez pior.

Odeio...

Eu não...

Quando chegamos ao aeroporto, fui direto atrás de Fiona. Simon se ofereceu para ajudar, mas eu disse que não precisava. Me despedi com um beijo. Pareceu arriscado me despedir, porque eu não sabia direito em que pé estávamos, mas parecia tudo bem. Eu disse que mandava mensagem. Ele disse... O que foi que ele disse? *Até mais*, acho. Nada parecia diferente. Nada parecia melhor, tampouco *pior*.

Ele tinha dito aquelas coisas horríveis nos Estados Unidos. Na praia. Mas aquilo tinha sido nos Estados Unidos. E tinha sido em relação a mim, não a ele; a questão era se *eu* estava ou não feliz. (Não estou

feliz, mas sou esperto o bastante para saber que perder Simon só pioraria as coisas.)

Houve outros momentos nos Estados Unidos. Momentos melhores. Antes da praia. No deserto. Na caçamba da picape de Shepard.

Não acredito que Snow simplesmente iria embora sem nem me falar. Que me deixaria sem nem me falar.

— Ele deixou um bilhete, Penelope. Depois de tudo o que a gente... A gente... Ele é meu... Como que eu vou... *Sinto muito?* O que eu deveria fazer com isso?

Penelope está chorando. Lágrimas gordas escorrem por suas bochechas vermelhas.

— Não sei, Basil. Talvez seja como diz o ditado: se ama uma pessoa, deixe-a ir.

— Isso é só um feitiço, não é vida real! Quando eu tinha seis anos, meu cadarço ficou preso na escada rolante e Fiona o soltou dizendo algo assim. Simon precisa de nós, Penelope. — Seguro os ombros dela.

— Temos que ir atrás dele. Anda.

Penelope se afasta de mim e balança a cabeça.

— Não. Ele precisa que eu o deixe tomar suas próprias decisões.

Abaixo as mãos.

Assinto.

Olho para Bunce como costumava olhar antigamente, quando ela era a melhor amiga do meu pior inimigo.

— Então tá. Talvez ele só precise *de mim*.

12

simon

Tem um goblin debaixo da escada. Não está nem tentando se esconder. Só fica ali, palitando os dentes com uma adaga. Espero que não tenha comido a proprietária.

Faz só um dia que estou aqui. É uma casa dividida em duas. A proprietária fica no térreo, e eu fico no andar de cima. Eu a convenci de que sou muito silencioso, não uso drogas e não dou festas. (Goblins são piores que festas.)

— Olá, príncipe mago — o goblin diz.

Tem lábios vermelhos e pele verde. É gatíssimo, como todo goblin.

— Já falei a vocês que não sou um príncipe...

— Dizem por aí que perdeu sua espada.

Dou de ombros. Minha cabeça está a prêmio. O goblin que a levar ao conselho ou sei lá o que for deles vira rei.

Esse aqui acha que tem chance. Ele se levanta, de maneira quase preguiçosa, e aponta a adaga para mim.

Pego uma vassoura apoiada ao meu lado na parede.

— Você perdeu mesmo a espada! — o goblin grita, achando maravilhoso.

Ele corre para cima de mim, mas dou uma pancada tão forte em sua barriga que o cabo da vassoura quebra. O goblin se dobra ao meio — mas logo levanta, agitando a adaga na minha direção.

Minhas asas estão presas sob a camiseta, e meu rabo está recolhido. (Acabei de passar na clínica do dr. Wellbelove.) A sensação é de que estou lutando com uma das mãos presa às costas.

Ainda estou segurando a ponta do cabo da vassoura e bato na mão

do goblin para afastá-la.

Ele continua vindo na minha direção.

Decido deixar que ele venha. O Mago me ensinou que às vezes o melhor jeito de fazer alguém baixar a guarda é deixar que se aproxime.

O goblin vem correndo. Imobilizo a mão que está com a adaga e aperto a cara dele na parede, pressionando meu peito contra suas costas. Com a outra mão, seguro a extremidade quebrada do cabo de vassoura a dois centímetros de seu olho. Quando o goblin tenta virar o rosto, aperto minha cabeça contra a dele na parede e bato em seu pulso até ele soltar a adaga, então piso nela.

O goblin mantém os olhos abertos, focados no cabo de vassoura pontiagudo.

— Se for embora agora — digo no ouvido dele —, deixo seu olho intacto.

Ele arreganha os dentes.

— Outro goblin vai vir. Todo mundo em Londres sabe que você perdeu a espada.

Aproximo o cabo ainda mais.

— Pode ser, mas você vai dizer aos outros que não *preciso* da minha espada. Porque agora tenho sua adaga.

Ele fecha os olhos, mas ainda tenta se soltar. Por sorte, goblins não são mais fortes que humanos. Só é preciso tomar cuidado com os dentes deles.

— Entendeu bem? — pergunto, esmagando o corpo dele mais um pouco.

O goblin começa a assentir — o que é uma péssima ideia.

Afasto o cabo de vassoura.

— *Cuidado*. Agora *diz* que entendeu.

— Tá... — Ele arfa. — Eu entendi.

— Se eu vir você de novo, vou te matar.

— Por que não me mata agora? — o goblin pergunta, com bastante atrevimento para alguém em sua posição. — Não passaria o mesmo recado?

Bufo na orelha dele.

Porque estou cansado, penso. E porque, até onde sei, você tem esposa e filhos, ou um namorado goblin, e eu gostaria de controlar um pouco minha cota de corpos — por uma semana que seja.

— Porque estou cansado de limpar sangue de goblin do meu jeans.

Eu o seguro pelo colarinho e o empurro na direção da porta.

Ele olha por cima do ombro pra mim, como se ainda não conseguisse acreditar que o estou deixando escapar.

— É sério — digo. — Se eu te vir de novo, te mato. Mesmo se a gente só se esbarrar sem querer no supermercado.

O goblin vai embora.

Eu me inclino para pegar a adaga. (Pena que não posso ficar com ela. Artefatos goblins são sempre amaldiçoados.)

Isso significa que já tenho que me mudar?

Tranco a porta da frente à chave e passo o trinco. Não tenho móveis para fazer uma barricada, então uso o cabo de vassoura como trava. Isso deve pelo menos retardar quem vier. Peço comida no restaurante tailandês da rua.

Tiro o casaco. Não tenho onde pendurá-lo, por isso jogo no chão. A camiseta também. Entro no banheiro e solto minhas asas. Tenho usado dois cintos. O couro esfola minha pele, a fivela machuca meu peito e se eu apertar demais não consigo respirar. Mas se não deixar bem apertado, minhas asas se soltam e despontam sob o casaco — que é quente pra cacete pra usar no meio do verão. Sinceramente, sair de casa não vale o esforço.

Só tenho que lidar com isso de novo amanhã.

Tiro os cintos e deixo no chão, então viro o pescoço para tentar ver de onde minhas asas saem nos ombros. Não consigo, mas sinto as juntas, os dois nós onde minha pele deixa de ser macia e vira um couro.

Tampouco vejo meu rabo, mas consigo tocar o começo dele nas minhas costas. Tiro o rabo da calça e seguro sua base, sentindo o movimento dos ossos. O dr. Wellbelove diz que está ligado à minha coluna. Ele não quer removê-lo por completo, porque tem medo de dano neurológico, então vai deixar alguns centímetros. Vou ficar

parecendo um terrier depois da cirurgia, mas pelo menos vou poder voltar a usar calça jeans normal.

As asas vão sair completamente. (A estagiária dele quer dissecá-las, e eu disse que por mim tudo bem.) Vou ficar com cicatrizes longas nas costas. O dr. Wellbelove ficou com pena de mim, mas eu não ligo — já tenho um monte de cicatrizes. Fui magicamente remendado tantas vezes que perdi a conta, e a maioria dos feitiços curativos não tem muita preocupação estética.

Amanhã.

Minhas asas serão retiradas amanhã.

Olho para o espelho e tento me imaginar sem elas. Não é o mesmo que me imaginar antes delas. Antes que eu as criasse.

Endireito os ombros. Meus braços estão bronzeados — por causa do sol nos Estados Unidos —, mas meu peito continua branco. Flácido. Pareço flácido. Tenho o aspecto de alguém que passou o último ano sentado no sofá, e sou exatamente essa pessoa.

Ou era. Não sei quem sou agora. Caralho. No momento, não sou nada. Estou entre Simons. Nem tenho um sofá.

Não tenho nada. Queimei tudo, e amanhã vou continuar queimando.

Alguém bate à porta. Foi rápido.

Vou para a sala e grito:

— Pode deixar aí fora, obrigado!

Voltam a bater.

— Afe — resmungo. — Ninguém vai roubar minha comida. — Pego a camiseta a caminho da porta, mas não vou nem tentar colocar por cima das asas a menos que realmente precise. — Deixa aí! — grito, chutando o cabo de vassoura pra longe. — Obrigado!

Mais batidas. Se for aquele goblin de novo, vou acabar com ele.

Pego a adaga no bolso de trás da calça e entreabro a porta.

— Pode deixar...

Não é comida.

Nem goblin.

É Baz.



13

baz

Levei uma hora para encontrá-lo, sendo que a maior parte desse tempo passei no táxi. Simon está morando no bairro de Hackney Wick.

Ele não soltou o trinco para abrir a porta nem saiu. Está sem camisa, com os olhos frios e o queixo tenso.

— Como me encontrou?

Como se não soubesse que tem uns cem feitiços só para isso. É difícil se esconder de quem te ama.

— Magia — digo.

— Pedi pra você não fazer isso.

— Não, você pediu pra *Penelope* não fazer isso. Pra mim, você só deixou um bilhete.

Simon solta o trinco, mas não abre a porta toda. Fica olhando para o chão.

— Não posso fazer isso com você — ele sussurra.

— Foda-se, Snow. Me deixa entrar.

Ele vira de costas para mim e abre a porta com o rabo. Tento segui-lo, mas não consigo passar pelo batente.

— Você sabe que precisa me convidar a entrar — sibilo.

Snow olha para trás, como se considerando fazer uso desse artifício. Finalmente, sinaliza com o rabo para que eu o siga.

Isso basta para dissipar a pressão no batente. Eu entro depressa e bato a porta. Prometi que ficaria calmo quando o encontrasse. Que seria amoroso. Compreensivo. Mas estou bravo — *furioso* — com ele, com Bunce, comigo mesmo.

Dou as costas por *cinco minutos* e tudo literalmente desmorona. Foi

por isso que fiquei um ano grudado nele! Era por isso que corria para sentar ao lado dele no sofá assim que a aula acabava. Porque não podia *confiar* nele. Nunca pude confiar nele...

O cômodo está vazio. Snow está de pé à janela, olhando para a cortina fechada. Está com o jeans arriado e o rabo enfiado entre as pernas. As asas estão erguidas, perto das orelhas. Por algum motivo, tem uma adaga no bolso de trás da calça.

— Tá bom — ele diz. — Você me encontrou. Não posso me esconder de você.

— Não pode mesmo.

— O que quer que eu diga?

Eu me aproximo dele.

— Quero que explique o que está acontecendo!

Snow não se vira para mim. Nem mesmo ergue a voz.

— Você sabe o que está acontecendo, Baz. Já te falei.

— Você não respondeu às minhas mensagens, Simon!

— Eu te disse, um monte de vezes...

Seu tom é monocórdio, como se nada o afetasse. Como se *eu* não o afetasse.

Não. Inaceitável. Insustentável. *Sempre* vou afetá-lo.

Seguro o ombro dele.

— Você nunca me fala nada!

Snow se vira, quase me acertando com a asa.

— Eu falei “chega”!

— O que chega?

Chega de mim, é o que ele quer dizer. Sei que é isso.

— Chega! — ele grita, e suas asas se abrem em toda a extensão. — Já te falei. Meu Deus, eu... eu tentei te contar! Chega de... *fingir*!

— Fingir o quê? — eu grito também.

Como se não soubesse. Como se isso não estivesse me matando.

— De fingir... *isso*, Baz. *A gente*. De fingir que eu posso...

Estou morrendo.

Estou morrendo, isso é a morte.

Simon está no meu estômago, está no meu coração, e está distribuindo socos.

— Fala logo, Snow. Puta que o pariu.

Não posso fazer isso com ele.

Não posso dizer isso. As palavras cortariam minha garganta, abririam caminho à força, e ele faria picadinho de mim. Eu não sobreviveria. (Eu jamais sobreviveria. Já perdi quase tudo o que sou. Acaba comigo de uma vez, Baz.)

— Fala logo — ele rosna. (Muito bem, esse é o meu garoto.)

Ele está de calça jeans e camisa azul-marinho. Acho que é sua cor preferida, um azul quase roxo. Faz sua pele brilhar como pérola. Os dois primeiros botões estão abertos. Ele não os abotoa mais. Seu pescoço brilha. Seu pescoço é meu. Há cicatrizes na nuca. Já cravei meus dentes ali.

— Você sabe — digo. — Já falei.

Baz chega mais perto. É mais alto que eu. Ergue as mãos, e acho que agarraria minha camiseta se eu não estivesse sem. Já me pegou assim antes. Já me imprensou na parede. Já assomou sobre mim, já senti seu hálito frio no rosto.

— O que você falou? — Ele franze o lábio. — O que no fundo você já me falou, Snow?

— Que isso não está dando certo! Que não sou um feiticeiro!

— E eu te falei que não ligo!

— Bom, mas eu, sim. Eu ligo! Acha que gosto que tenham pena de mim?

Baz revira os olhos.

— Ninguém tem pena de você.

— Não consigo nem sair de casa sem sua ajuda. Sem ajuda de Penny.

— A gente não liga de ajudar!

Jogo as mãos para o alto.

— Você não está ouvindo. Você nunca ouve!

— Eu *sempre* ouço! — Ele aponta para mim. — Você é que nunca fala!

— Estou falando agora, tá? Estou te dizendo. Estou cansado de magia! Estou cansado de magos! Não posso... Vocês dois... Não posso morar com vocês!

— Não precisamos morar juntos, Simon. Aliás, não moramos.

— Não consigo nem ficar com você! Eu odeio.

— Você odeia *ficar* comigo?

— Odeio, tá? — Estou gritando. — Está feliz agora? Odeio ficar com você! Odeio sua maldita varinha! Odeio que seja tão fácil pra você! Odeio *olhar* pra você!

— Você odeia olhar pra mim.

Sim, odeio. Odeio botar os olhos nele.

Só vejo o que perdi. Quem eu era. Seu par. Alguém que um dia poderia vir a merecê-lo.

Minhas mãos estão nos meus cabelos, puxando. Estou balançando a cabeça.

— O que estamos fazendo, Baz? Aonde você achou que isso ia parar?

Ele recua um passo.

— Achei...

Achei que estava sendo paciente.

Achei que ele estava melhorando.

Achei que estávamos apaixonados...

... embora ele nunca tenha me dito isso.

Gosto de você, Snow disse uma vez. *Gosto disso*. Mas foi antes. Quando ele ainda era feiticeiro.

Depois Snow me disse que eu era tudo o que ele ainda tinha a perder. Achei que isso significava que não ia abrir mão de mim. Mas talvez ele estivesse tentando me dizer qual era o plano: *Você é tudo o que ainda tenho a perder, então uma hora perderei*.

Dou mais um passo para longe de Snow. Meus braços estavam estendidos para ele. Seus ombros largos, seu peito cheio de sardas. Não é justo da parte dele dizer essas coisas com o coração tão exposto. Faz com que soem verdadeiras.

Pensei que tivéssemos o tipo de amor que não é possível abandonar, do qual não conseguimos nos afastar. Uma chama eterna. O tipo de amor narrado nas histórias antigas.

Ninguém contou as histórias antigas a Simon Snow.

(Porra, ele já salvou a princesa e depois a deixou para trás. Talvez eu seja só mais um prêmio indesejado.)

Recuo outro passo. E outro. As asas de Snow abaixam um pouco. Ele está olhando para o chão, coçando a nuca. Seu peito continua branco — creme, dourado, rosa —, mas seus braços estão levemente bronzeados daqueles dias que passamos na caçamba da picape de Shepard. Só uma semana atrás.

Não.

Dou um passo à frente. Ele levanta a cabeça na hora.

— Você não pode simplesmente decidir que já chega de mim — digo. — Não somos assim.

Snow parece ainda mais confuso e mais bravo que antes.

— Não posso decidir que já chega? Tenho que fingir que estou feliz assim? Sentado em casa, esperando que você faça um feitiço para minhas asas desaparecerem?

— Para de falar das suas asas! Você nem tem que ficar com elas!

— Não tenho mesmo. Vou tirar amanhã!

— Espera, *amanhã*?

As asas dele...

Snow vem na minha direção e aponta para meu rosto.

— Chega, Baz. Chega de brincar de *Dungeons & Dragons* com vocês. Chega desses feitiços de merda. E de profecias. De lobisomens e vampiros. Sou só humano. Um cara qualquer.

— Como pode dizer isso? Você era o mais poderoso feiti...

Suas asas se abrem.

— Era! Eu *era* isso tudo. Não sou mais. É como viver num museu. “Aqui temos Simon Snow. Por alguns anos, achamos que era o Escolhido. Ele acabou com um rabo. Olha só o estado em que se encontra.” Tenho que deixar tudo isso pra trás, tenho que descobrir o que vem a seguir!

— É o que estamos tentando fazer! Descobrir isso juntos.

Ele revira os olhos e bate as asas, tudo junto.

— Sei o que vem a seguir pra você e pra Penny: magia! É sempre mais magia.

— Você insiste em falar de magia — digo. — Estou falando da gente.

— É tudo a mesma coisa!

— Não ligo pra magia!

Eu ligo, ligo muito. Mas daria toda a minha magia ao Oco para resolver isso.

— É mentira — Simon disse.

Tiro a varinha da manga e seguro as duas pontas.

— Vou quebrar essa varinha, Snow. Não estou nem aí. Não preciso disso. Não como preciso...

— Você *não vai* quebrar sua varinha.

Ele tenta arrancá-la das minhas mãos, mas só acaba me puxando

para perto.

Meu rosto paira sobre o dele. Eu estava gritando. Estava furioso. Mas agora estou só...

— Por favor — digo, baixinho. — Por favor, Simon. Não faz isso.

O cabelo de Baz encosta na minha testa. Nós dois seguramos a varinha de mármore. Ele não está mais brigando, o que não é bom, porque no momento não consigo nada além de brigar.

— Baz... — sussurro.

Ele pressiona a testa na minha.

— Não faz isso. Não faz isso comigo, amor.

— Tenho que fazer.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, ainda encostada na minha.

— Não, Simon. Não. Não podemos nos separar assim. Não somos feitos de peças separáveis.

— Baz...

— Você não pode simplesmente *desistir* disso. De mim. Não sabe o que temos? É o tipo de coisa que as pessoas sonham em ter. Fazem poções pra conseguir isso.

Ele puxa a varinha para o peito, e acabo indo junto.

— Eu sei — digo.

É verdade. *Eu sei*.

Sei que nunca vou amar ninguém como amo Baz. Sei que ele é o amor da minha vida. De todas as minhas vidas. O Mago acreditava em reencarnação. Em mil vidas se somando. *Algumas vidas, desperdiçamos*, ele dizia. *Outras, aproveitamos*.

Era nesta vida que eu encontrava o amor. O amor verdadeiro. O maior de todos.

Mas não posso tê-lo.

Sou... errado demais. Não sei como me aproximar das pessoas. Não sei ficar quieto. Quando Baz fica assim comigo... quando me oferece seu coração, não sei como recebê-lo. Quero gritar. Quero correr. Talvez seja resultado do que o Mago fez comigo. Ele disse que tinha se

enganado comigo, falou como se eu fosse um receptáculo rachado. E agora não consigo manter nada de bom.

— Baz... — sussurro. — Não posso ficar com você.

— Por causa da magia?

Na última palavra, a voz dele falha.

— Por minha causa. Não tenho como fazer isso funcionar.

— *Cacete*. — Ele estremece. — Você está acabando comigo, Snow.

Comigo mesmo também. Não vai sobrar nada depois que tirarem minhas asas.

— Sinto muito.

— Sinto muito — Snow diz. Como se fosse uma possibilidade... como se importasse.

Uso a varinha para empurrá-lo, depois a puxo de volta, arrancando-a de suas mãos. Ele a solta.

Suas bochechas estão coradas, seu peito, vermelho e manchado. A ponta de seu rabo toca o chão. Suas asas estão baixas.

Não me resta nada a dizer. Como posso convencê-lo de que o que temos é bom se ele não acredita em nada de bom?

Isso me deixa puto. Muito puto. Nunca o odiei tanto. Quero socar o queixo dele até minha mão quebrar, quero arrancar sua língua, quero empurrá-lo de mil lances de escada — e depois quero pegá-lo.

— Eu te amo — digo. (E sei que não é uma possibilidade. Sei que não importa.)

Então lhe dou as costas e enfio a varinha no bolso. É a raiva que faz minhas pernas se moverem. Não consigo acreditar que ele está fazendo isso, não consigo acreditar que está me deixando. Não consigo acreditar que é o fim — que foi *assim* que terminamos.

Não por causa do Mago. Não por causa da guerra. Não por causa do Oco.

Paro à porta. Olho para Simon uma última vez.

— Nunca poderia imaginar que *eu* seria a primeira coisa de que você desistiria.

Nos primeiros dias depois que voltei, meus pais me deixaram ficar no quarto sem me incomodar.

Não contei a eles sobre Braden e o Novo Futuro. Não vou contar a ninguém. Penelope que preencha todos os devidos formulários se quiser. A mãe dela praticamente governa o Mundo dos Magos agora.

Ainda estou esperando receber uma intimação. Ou alguém aparecer para ouvir meu depoimento oficial sobre o incidente. O Incidente Americano. Não *acho* que vou ser presa. Não quebrei nenhuma regra intencionalmente — é permitido matar vampiros —, e foi Penelope quem falsificou nossas passagens de volta. Se alguém merece ser presa, é ela. Como sempre.

Só que meus pais estão começando a se preocupar comigo... Meu pai fica vindo ao meu quarto me contar sobre seu dia ou verificar se não quero descer para o jantar. Minha mãe fica me perguntando se quero fazer compras.

Não quero.

Quero fazer exatamente o que estou fazendo: ficar deitada na cama, assistindo vídeos de gatos e ignorando as mensagens de Ginger enquanto giro minha varinha de uma mão à outra.

Eu a tirei da primeira gaveta assim que cheguei em casa e não voltei a guardá-la. É de teca, com baquelite vermelha no punho. Pertenceu ao meu avô materno. Ele morreu antes que eu nascesse, e por isso sua varinha estava disponível. Não era um grande feiticeiro. Tampouco eu sou.

Tudo bem. Não preciso ser. Só preciso ter essa varinha à mão e um

feitiço na ponta da língua.

Não vou deixar que aquilo aconteça de novo.

Com “aquilo” quero dizer “ser sequestrada por vampiros megalomaníacos”. E “me esconder no fundo de um poço porque alguém estava bravo com meu namorado”. E “ser perseguida por lobisomens”. E “ser encurralada por um porco gigante”.

Nem pensar. De novo, não. Nem mais uma vez.

A próxima pessoa que me tocar vai virar cinzas. A próxima coisa que me olhar estranho...

Tem um urso de pelúcia na cômoda, com um dos olhos pendurado por um fio. Foi Simon quem me deu. Ele ganhou em um parque de diversões para mim.

Aponto a varinha para ele.

— *Das cinzas às cinzas, do pó ao pó!*

O urso de pelúcia se dissolve em uma nuvenzinha muito satisfatória, cobrindo minha cômoda de fuligem. Ótimo. Agora combina com o edredom e o tapete. Talvez eu tenha que sair do quarto logo mais. Estão acabando os objetos que podem servir de alvo para minha varinha.

— Agatha, querida... — Meu pai abre a porta e fica parado ali, de braços cruzados. Não reclamo. Imagino que tenha batido. — Por que não se veste? — sugere, animado.

— Estou vestida.

— Então por que não se troca? Preciso da sua ajuda.

Bom.

É um cenário sombrio. Meus pais aparentemente têm limites. Tomaram as rédeas da situação.

Agora tenho um emprego.

Devo ir com meu pai toda manhã até a clínica e ficar por lá, recebendo ordens de absolutamente qualquer um. Até o momento, passei aspirador na recepção, fiquei de olho em duas crianças cuja mãe talvez estivesse com herpes-zóster e aprendi a esvaziar os lixos. Estou atendendo o telefone enquanto a recepcionista me observa, conferindo se estou fazendo tudo certo. Mal vi meu pai. A recepção

passou o dia cheia.

Ele é o único médico mágico nesta região da Inglaterra. Como estudou medicina com os normais, os feiticeiros o procuram para tratar qualquer coisa.

Não há nenhum veterinário mágico no Mundo dos Magos (o único que tinha morreu há alguns anos), então meu pai também atende muitos animais, de estimação ou não. Ele tem uma estagiária que está estudando veterinária mágica. Uma menina irlandesa corpulenta com um rosto que parece um navio de batalha. Ela me fez limpar a sala quatro *três vezes* antes de se dar por satisfeita.

— Srta. Wellbelove.

Por Crowley, lá está ela de novo, *Niamh*, na porta, pronta para me incumbir de alguma tarefa tenebrosa.

— Não posso agora. Estou responsável pelos telefones.

— Ela está responsável pelos telefones — a recepcionista concorda, como se fosse minha nova supervisora.

Niamh franze a testa para mim.

— Rápido, srta. Wellbelove. Agora.

Relutante, levanto e vou atrás dela. Niamh deve ser quase dez centímetros mais alta que eu e duas vezes mais larga. Seu cabelo preto está preso em um coque volumoso na nuca. Ela está indo para uma das salas de exame. A luz acima da porta indica que tem um paciente lá dentro.

— Não tenho treinamento médico — digo.

— Estou sabendo.

Ela abre a porta.

Simon Snow está de pé na sala. Sem camisa. Tremendo. Com as asas recolhidas às costas. Segurando um bisturi.

— *Simon?*

— *Agatha?*

Há mais bisturis no chão. Vidro quebrado. Cotonetes. Parece que a sala foi saqueada. Os olhos de Simon estão desvairados.

— Desculpa!

— Não tem problema — Niamh disse. — Vamos tentar de novo. Lave as mãos, srta. Wellbelove.

— Eu...

Ela olha feio para mim, por isso fecho a boca e vou lavar as mãos na pia.

Simon entrega o bisturi a Niamh e se agacha para pegar algo no chão — uma serra.

— Eu fico com isso — ela diz, tirando-a dele. — Agora sente, sr. Snow.

Ela murmura um feitiço. A sala se arruma sozinha, com os instrumentos afiados voando de volta para a bandeja.

Simon senta na beirada da mesa de exame, estarrecido e cansado. Normalmente, ele ficava com essa cara quando havia acabado de usar toda a sua magia de uma vez, logo depois de voltar a si, parecendo uma carcaça queimada. Quase posso sentir o cheiro de ozônio. (Por Merlim, Simon costumava feder a magia. Fazia meu estômago se revirar.)

Niamh se junta a mim na pia, faz cara feia de novo e indica Simon com a cabeça. Ainda não tenho ideia de qual é meu papel aqui, mas, quando ela acena pela segunda vez, vou até Simon.

Ele levanta a cabeça e olha para mim, depois cruza os braços — como se eu nunca o tivesse visto assim. Bom, na verdade, não vi mesmo. Não com as asas. E Simon engordou um pouco. Não consigo mais ver suas costelas.

Mas conheço essa pele dourada... já contei essas sardas.

É uma sensação estranha olhar para uma pessoa sem blusa e saber que não tem mais nada a ver com ela, mas ainda assim lembrar de ter beijado cada centímetro daquele peito.

— Não achei que fosse te ver aqui — Simon diz.

— Desculpa. Posso ir embora.

— Não — ele diz. — Por favor.

— Não — Niamh diz ao mesmo tempo. — Preciso de ajuda.

— Desculpa — Simon diz para Niamh.

Vejo seu pomo de adão subir e descer quando ele engole em seco.

— Imagine — ela diz. — Assustei você. Agora vamos recomeçar...

Ele assente. Eu só fico ali, inútil. Nem sei o que vamos recomeçar.

— Vou abrir só o lado esquerdo — Niamh diz, tocando com cuidado

a asa de Simon.

Ele se encolhe — e quase crava no pescoço dela uma das garras afiadas do topo de cada asa. Niamh franze a testa para mim. Seu rosto é perfeito para isso: comprido e largo, o nariz parece uma prótese usada por uma atriz em um papel indicado ao Oscar.

— Srta. Wellbelove — ela diz.

O rosto de Simon está pálido. Os músculos de seu rosto estremecem, as mãos estão fechadas sobre as coxas. Niamh volta a puxar a asa, e ele fecha os olhos.

Toco a mão de Simon.

— Posso...

Ele olha para mim na hora e assente, pegando minha mão. Seguro com a outra também, e Simon aperta.

— Dói? — pergunto.

Simon balança a cabeça.

— Não. É só que... — Ele volta a balançar a cabeça. — É esquisito quando tocam minha asa.

Niamh conseguiu estender a esquerda, ocupando grande parte da salinha de exame. Ela pega um frasco de iodo e um pano. Simon se machucou? Tipo, recentemente? Penelope e Baz curaram todos os tiros que ele tomou no deserto. Simon e eu não nos falamos muito desde que...

Bom, Simon e eu nunca nos falamos muito. Não nos falamos depois que o Mago morreu. Não nos falamos muito em San Diego. Não nos falamos nada desde que voltamos para casa. Nem perguntei a ele o que meu pai queria na outra noite.

Niamh esfrega o pano na asa de Simon, que contrai o corpo todo.

— Tudo bem? — ela pergunta.

— Tudo bem — Simon diz, apertando minhas mãos mais ainda. — Niamh é estudante de veterinária.

— Eu sei.

— Sorte a minha.

Ele tenta sorrir. Seu rosto está tão pálido, com olheiras tão roxas, que o resto do corpo parece amarelado.

— Sorte a minha — Niamh diz, sem emoção. — Eu nunca teria a

chance de dissecar asas de dragão de verdade.

Dissecar?

Simon continua tentando sorrir para mim.

— Não se preocupe. Ela vai tirar as asas das minhas costas primeiro.

Ah. Ele vai remover as asas. Finalmente. Faz sentido. Se eu acordasse com asas — e rabo — de dragão, mandaria tirar antes do café da manhã. Faz mais de um ano que Simon tem asas, e sem sua magia não pode escondê-las. Mesmo assim...

Lembro dele vindo na minha direção, sobrevoando a areia. Lembro da expressão em seu rosto, de quem não iria embora sem mim. De como carregou Baz para longe do fogo. Mesmo sem magia.

— Cadê o Baz? — pergunto a ele. — E a Penelope?

Simon balança a cabeça, com a mandíbula tensionada, depois se vira para falar com Niamh.

— Imagino que eu seja uma oportunidade rara. Não é como se um dragão com a asa machucada fosse aparecer num pronto-socorro...

— Um dragão com a asa prejudicada — ela disse, esfregando iodo — é morto por outro dragão.

Simon se encolhe.

— Por misericórdia — ela diz, voltando a esticar a asa dele.

— Sei — Simon diz.

— Que barbaridade — acrescento.

Ela revira os olhos.

— Bom, estamos falando de dragões.

Simon engole em seco.

— Conheci uma dragoa uma vez.

— Não me surpreende — Niamh diz. — Bom, já terminei as costas desta. Não falei que seria rápido? Agora vou passar pra frente.

Ela dá a volta na asa e começa a trabalhar no couro mais claro.

Simon pula de novo, puxando minhas mãos para o peito. Por Circe, ele está gelado. Não me lembro de Simon ter a pele assim tão fria. Ele era uma fornalha. Quando nos sentávamos juntos para ver um filme, Simon não só suava como me fazia suar também, e seu braço ficava grudado no meu pescoço.

Talvez ele não esteja com dor, mas está sofrendo.

Ergo o queixo para Niamh.

— Por que você precisa desinfetar as asas se vai cortar fora?

— É o procedimento cirúrgico.

— Mas você não conseguiria desinfetar um animal assim. Fora da clínica.

Ela estreita ainda mais os olhos já estreitos.

— Eu tentaria.

Simon aperta minhas mãos.

— Não tem problema, Agatha.

Tem problema, sim. Ele está tremendo. Simon não treme.

— Ele está claramente desconfortável.

— Bom, é uma amputação — ela diz. — Desconforto é o mínimo que ele deve sentir.

Ergo o queixo ainda mais.

— E você não é das melhores no trato, senhorita... Niamh.

— Ninguém nunca reclamou, srta. Wellbelove.

— Já atendeu algum animal que falava?

— Não estou reclamando! — Simon diz.

— Olha... — Niamh solta a asa, que se recolhe tanto que fica praticamente achatada contra as costas dele. Ela franze a testa para a asa, depois para mim. — Olha — repete, com mais calma. — Vou cuidar bem do seu namorado, eu prometo. Seu pai nunca me pediria para fazer isso se não confiasse em mim.

Solto as mãos de Simon, ao mesmo tempo que ele solta as minhas.

Me afasto.

— Eu...

— Não tem problema. — Simon se endireitou na mesa de exame. Ainda parece bastante abalado, mas abre a asa esquerda e a mantém mais ou menos firme. — Confio em você, Niamh. Eu aguento. — Ele olha para mim. — Está tudo bem, Agatha.

— Claro — eu digo a ele, com a voz suave de novo. — Desculpa.

— Não... — Simon balança a cabeça, um pouco cabisbaixo. — Não precisa pedir desculpa. Quer dizer... Agatha. *Eu* é que peço. Entende?

Ah.

Não.

Agora não. Não...

Balanço a cabeça. Estou chorando. Pelo amor das cobras e das profundezas. Jurei pra mim mesma que não ia mais chorar por causa de Simon Snow.

Ele me oferece a mão. O que eu deveria fazer? Pegá-la?

— Desculpa — Simon diz.

— Para.

Ainda estou chorando.

— Agatha, eu...

— Simon, eu imploro, não vai escolher justo agora pra começar a falar sobre seus sentimentos.

A porta da sala se abre. Nós olhamos. É Niamh saindo.

— Niamh! — Simon chama. — Não vai embora. Por favor.

— É melhor eu dar um momento a vocês.

Ela franze a testa. (Talvez seu rosto só seja assim mesmo. Ela está tentando ser legal, acho.)

— Não — ele diz. — Não quero perder a coragem.

— Isso não vai acontecer — Niamh diz. — Já te vi em ação.

— Ah, é?

Simon parece tentar se lembrar dela.

— Eu estava alguns anos à sua frente em Watford. — Ela lança um olhar para mim, como se dissesse: “à sua frente também”. — Você salvou minha vida uma vez.

— Ele salvou a vida de Watford inteira — digo. — E de todo o Mundo dos Magos.

— Verdade. — Ela abre um sorrisinho tenso para Simon.

— Por favor — ele diz. — Eu estou bem.

Niamh franze a testa para nós com mais vontade, então volta para a sala e aponta para a asa de Simon.

— Posso?

— Pode. Só ignora quando eu me sobressaltar, não consigo evitar.

Ela pega o iodo e volta a trabalhar na parte de dentro da asa. Simon estremece, mas não puxa a asa. Fico segurando a mão dele.

— Fascinante — Niamh diz, para si mesma, acho. — É como o interior da orelha de um carneiro. Cheio de pelos finos.

— Você está com uma cara péssima — sussurro para Simon.

Ele sorri.

— Obrigado.

— Quando foi a última vez que dormiu?

— Não sei. Em Utah?

— Você se meteu em encrenca de novo?

— Não — ele diz. — Quer dizer, de novo não.

— Simon...

— Estou quase acabando — Niamh diz.

Ela deve estar correndo com o procedimento. (O que não importa, já que as asas vão ser cortadas. Não consigo acreditar que não haja um feitiço para desinfecção.) Ela se aproxima do ponto em que a asa sai das costas de Simon.

Ele está totalmente desconfortável.

— Tem certeza de que não dói? — pergunto.

— É mais como se alguém enfiasse o dedo na minha garganta. Ou algo molhado no meu ouvido. Todos os meus instintos parecem gritar: *não!*

— Será que você vai ficar com dor fantasma depois que as asas forem removidas? — Niamh comenta.

Ela não estava ajudando em nada.

— Do que Simon te salvou? — pergunto, torcendo para que fosse um assunto melhor.

— De um ranchifre — Niamh diz.

Simon assente, ainda recuando.

— Ah, sei... no gramado?

— Não, mas eu estava lá dessa vez também. Foi no campo de lacrosse. Durante o treino.

Eu me lembro dos dois ataques. O Oco raramente se repetia, mas adorava ranchifres.

— Eles nos encurralaram contra a cerca — Niamh conta. — Algumas meninas lançaram feitiços, mas estávamos assustadas demais para que fizessem efeito...

Simon está se inclinando para a frente, na direção dos joelhos. Niamh tira o pano da asa dele.

— Você prefere um toque leve ou firme? — ela pergunta.

Ele pigarreia.

— Firme, acho.

Ela volta a trabalhar, esfregando com mais força. A sala toda cheira a iodo.

— Você surgiu do nada — Niamh continua. — Acho que nem usou magia. Tinha aquela espada...

Simon assente.

— Eu me lembro desse dia. Agatha estava jogando.

Estava mesmo. Era meu primeiro ano no time. Então eu tinha jogado lacrosse com Niamh?

— O bando todo foi pra cima de você — ela diz para Simon. — Achamos que fosse o seu fim. Todas gritamos para que corresse.

— Não lembro dessa parte — ele diz.

Por que lembraria? Por que uma experiência de proximidade com a morte se destacaria em meio a tantas outras?

— Nunca vi ninguém lutar daquele jeito — Niamh prossegue. — Você não parou a espada até acabar com todos. — Ela se endireita, segurando a asa dele aberta para conferir seu trabalho. — Foi a coisa mais imprudente que já testemunhei.

Simon fica olhando para baixo, para além de nossas mãos unidas. Talvez esteja tentando lembrar.

— Bom — Niamh diz —, agora a outra asa. Vou ser rápida.

Simon recolhe a esquerda e Niamh o ajuda a abrir totalmente a direita. Ela franze a testa — talvez só esteja refletindo — e passa a mão pelos ossos saltados.

— Mas você salvou nossa vida. Obrigada por isso.

15

baz

— Olá, Basil. Você está horrível.

Minha tia passa depressa por mim e entra na cozinha.

Ela não voltou para casa ontem à noite. E, portanto, não havia ninguém para me mandar levantar, lavar o rosto e parar de ouvir a mesma música do James Blake inúmeras vezes seguidas. (Acho que os vizinhos tentaram fazer isso, porque ouvi batidas no teto lá pelas duas da manhã, mas ignorei.)

Estou deitado no sofá sem fazer nada, em um pequeno tributo a Simon Snow. Parece que é isso que as pessoas fazem quando se sentem péssimas e não querem melhorar nunca.

Eu poderia dizer que fiquei repassando mentalmente tudo o que Snow me disse ontem à noite — mas não foi muita coisa, né? Não demora muito para repassar: *Já chega, a gente acabou, odeio olhar na sua cara.*

Por isso, fiquei repassando mentalmente toda a nossa história. Todas as noites que fiquei acordado para ver quando Snow pegava no sono, todas as vezes que dei um soco nele só para tocar seu rosto...

Eu sempre soube que Snow seria minha ruína, mas achei que ele usaria as mãos. Que ia me atravessar com aquela maldita espada. (Haha. Como se Simon Snow fosse se contentar com um ferimento físico.) Ele queria que eu me aproximasse para acabar comigo. Nosso *relacionamento* foi o golpe fatal.

Será que Simon me amou um dia? Não tenho certeza.

Seria pior se ele nunca tivesse me amado ou se não quisesse ficar comigo mesmo me amando?

Assim que eu concluir o que é pior, vou saber qual é o caso.

Merda, é tudo horrível! Completamente horrível. Não estou aguentando nem respirar.

Achei que estava pronto para isso, para perdê-lo. Achei que estivesse me preparando, esses meses todos, mas não tinha como saber que ia ser tão horrível assim. Ainda tenho a sensação de que está só começando, de que estou na parte em câmera lenta, como alguém que leva um tiro num filme: demora uns dez segundos para a expressão mudar e uma eternidade para levar a mão ao peito. Estou nessa cena, e minha mão nem chegou ao meu coração. Ainda estou abrindo a boca para gritar.

— Desliga essa música! — Fiona grita do outro cômodo. — Não quero essa porcaria emo na minha casa.

Eu sou uma porcaria emo.

— Isso é electro-soul — resmungo.

— É uma merda!

Sento e passo a camiseta no rosto. Deveria aproveitar a oportunidade para encurralar Fiona. Deveria me certificar de que ela não possa ser presa de novo. Deveria falar com ela sobre Daphne. O mundo não parou de girar só porque estou morto e morrendo lentamente. As coisas ainda podem piorar.

Levanto, e o sangue desce da minha cabeça. Espero um segundo para me acostumar, depois vou para a cozinha. A chaleira está ligada, e Fiona está pegando algo na geladeira.

— Onde você estava? — pergunto.

— No trabalho. Eu tenho um emprego, lembra?

Minha tia agora é caçadora de vampiros. Tem até autorização do conciliábulo. Em algum momento, eu deveria falar com ela — deveria falar com *alguém* — sobre o que descobri a respeito de vampiros. (Que nem todos são assassinos. Que alguns são mais como percevejos sedutores.) Se eu achasse que Fiona era uma boa caçadora de vampiros, estaria mais preocupado.

Apoio os cotovelos na porta aberta da geladeira.

— Foi por isso que você ignorou minhas mensagens a semana inteira? Estava ocupada demais trabalhando?

Fiona se endireita, com o leite numa das mãos, presunto na outra e uma ameixa na boca. Dá de ombros.

Pego o leite dela.

— Fiona.

Ela cospe a ameixa.

— Isso é por causa da sua madrasta? Pelo amor, foi isso que te deixou assim?

— O que você sabe sobre a Daphne? Falou com ela?

Fiona deixa o presunto na bancada e começa a fazer um sanduíche.

— O que eu sei é que o casamento do seu pai não é da sua conta.

— Andei falando com Mordelia...

— Que não é minha parente de sangue...

— Bom, mas é minha, e faz semanas que ela não vê a mãe. Estou achando que Daphne entrou pra uma seita ou foi embora com outro homem.

— Eu não ficaria surpresa com nenhuma dessas hipóteses. — Fiona pega duas xícaras e depois a chaleira. — Pelas leis antigas, seu pai continua casado com sua mãe, sabia? As crianças não seriam consideradas filhos legítimos...

Sento numa cadeira, esfregando a testa.

— Você é impossível. Daphne é um doce.

Fiona bufa e senta à minha frente na mesa, com um sanduíche. Empurra uma caneca de chá na minha direção.

— Nem por isso é da sua conta. Não se deve interferir em casamentos, Baz, sejam legítimos ou não. Se Daphne e seu pai estão tendo problemas, eles é que precisam resolver.

Aperto os olhos com os dedos.

— Você realmente está com uma aparência sofrível — ela diz, ainda mastigando. — Não está precisando... sabe?

Estou precisando substituir cada pessoa na minha vida por alguém mais funcional, isso, sim.

— Precisando de quê?

— Você *sabe*... — ela insiste.

Minha tia está me perguntando se preciso de *sexo*?

Ela finca os caninos no lábio inferior.

— *Você sabe.*

— Ah, pelo amor das cobras.

Fiona ergue as mãos, se rendendo; uma delas ainda segurando o sanduíche de presunto.

— Só estou preocupada. Não precisa ficar na defensiva.

— Não, não estou precisando de *você sabe*. — Na verdade, estou, mas não se sai falando disso por aí. — Preciso que você se concentre. E se Daphne se meteu em alguma confusão?

Fiona revira os olhos e dá outra mordida no sanduíche.

— Sua madrasta está bem. Ela não é a primeira pessoa a perder a cabeça pelo Escolhido da vez. Você sabe bem disso.

Eu me empertigo na cadeira.

— Espera. O que você quer dizer com isso?

Fiona para de mastigar.

— Nada. É só modo de falar.

— Modo de falar coisa nenhuma. O que você sabe, Fiona?

Ela se recosta na cadeira, suspirando, passando a língua pelos dentes como se tivesse algo preso ali.

— Não é da sua conta, Basil.

— Me conta mesmo assim.

Ela volta a suspirar.

— Então tá... Bom... — Outro suspiro. — Estão dizendo que sua madrasta se envolveu com um daqueles grupos de Escolhidos.

— Que grupos de Escolhidos?

— Você realmente não está sabendo?

— Não faço a menor ideia do que você está falando!

Fiona se debruça na mesa.

— Todo o Mundo dos Magos achava que seu namorado tinha vindo nos salvar do terrível fim, que era a realização de milhares de anos de profecias...

Ele não é meu namorado, penso.

— Ele não é o Escolhido — digo, embora ainda meio que acredite que era, sim.

Ela balança a mão, desdenhando do que eu disse.

— Bom, agora todo mundo sabe disso, né? Mas milhares de anos de

profecias não desaparecem do nada. É um momento excelente para entrar no negócio do Escolhido. Todo mundo tem sua teoria preferida e seu candidato preferido.

— Então... o que Daphne fez? Fugiu com o novo menino de ouro?

Fiona dá de ombros.

— Ouvi boatos. Anda acontecendo bastante. O conciliábulo me mandou conversar com Lady Salisbury na semana passada. O filho dela desapareceu. Parecia coisa de vampiro, mas a velha Ruth tem certeza de que ele entrou para uma das seitas. Elas se aproveitam dos insensatos e desprovidos de inteligência...

— Daphne não é nem um pouco desprovida de inteligência.

Fiona ergue as sobrancelhas, como se estivesse se recusando a comentar aquilo.

— E você não se importa mesmo? — pergunto. — Que ela tenha deixado o casamento pra trás pra se juntar a um charlatão?

— Quem disse que ele, ou talvez *ela*, é um charlatão, ou uma charlatã? Alguém tem que ser o Escolhido. Vai ver que sua madrastra está certa. — Fiona enfia o restante do sanduíche na boca. — O que estou dizendo é: quando alguém foge assim, em geral está fugindo *de* ou *para* alguma coisa. Não vou dizer a Daphne Grimm como viver, ainda que ela seja tola e de baixa estirpe. — Fiona toma o último gole de chá e levanta, limpando as mãos no jeans. — Bom, já vou.

— Mas você acabou de chegar.

— Só vim dar uma olhada em você, e já dei. Você está péssimo.

— Aonde vai?

Ela já está indo embora.

— Trabalhar.

— Caçar vampiros? Numa tarde de segunda-feira?

— Tipo isso. Agora toma seu chá e cuida da sua vida. — Ela vira para mim. — E...

— Não começa.

— Se alimenta — Fiona diz, com uma piscadela.

16

baz

A melhor coisa no apartamento horrível da minha tia é que posso caçar um pouco sem nem sair do prédio. Só preciso descartar os roedores depois de drená-los.

Fiona me deixou vir para cá quando saí de Watford. Simon e eu não queríamos morar juntos, porque achamos cedo demais — ainda que tivéssemos dividido um quarto por oito anos. Talvez justamente por isso parecesse uma má ideia. Julgamos que um pouco de distância seria prudente.

Ainda assim... eu não esperava passar *todas* as noites no apartamento da minha tia. Não esperava ficar tão acostumado a pegar o ônibus de volta a Chelsea tarde da noite.

Simon precisava de tempo, demandava cuidados. Ainda se assustava com luzes fortes, ruídos repentinos e contato visual prolongado. Entrava em modo alerta quando ficávamos sozinhos. Se arrepiava ao mais ligeiro toque — e não no bom sentido. (Meu reino por arrepios no bom sentido.)

Nos piores dias, ou mesmo nas piores noites, eu pensava em todas as coisas ruins que haviam acontecido com ele... as que eu sabia. Depois, pensava em todas as coisas terríveis que tinham acontecido com ele e que eu não sabia. Vinte anos de coisas ruins. Quanto tempo levaria para que as lembranças dolorosas fossem esquecidas? Ou, pelo menos, perdessem força?

Eu teria que esperar.

Eu ia esperar.

Os vizinhos estão cansados da minha música. Vieram bater na porta

para reclamar. Bom, que derrubem a porta — James Blake venceu o Mercury Prize, e a composição é de Joni Mitchell, a melhor coisa que já saiu do Canadá. Eles acham que estão cansados da música? Assim que eu descobrir o feitiço certo, vou fazer os mesmos dois versos que dizem “você está no meu sangue, é o meu vinho sagrado. Seu gosto é tão amargo e tão doce” ficarem se repetindo sem parar. *You’re in my blood, you’re my holy wine. You taste so bitter and so sweet.*

É a parte que mais machuca, e concluí que isso *ajuda*. Leva minhas terminações nervosas ao limite.

Batem na porta. *Vão embora, porra.*

Continuam batendo. *Sério, vão embora.*

Aumento o volume. Tenho que usar um feitiço, porque já está no máximo.

— *Som na caixa!*

Os vizinhos batem na porta com vontade. Eu deveria encantar as mãos deles. Não vou atender de jeito nenhum. Vou encantar as mãos deles daqui mesmo.

Espera aí... pararam.

Por que pararam?

Não estão mais batendo...

Nem um pouco...

Acho que desistiram. Que bom. É melhor voltarem para casa e se acostumarem. Essa é a nossa trilha sonora agora. Ah, minha parte preferida está chegando. Manda ver, James!

You’re in my blood, you’re my holy...

As batidas voltam. Tem alguém *martelando* a maldita porta!

Dou um pulo do sofá. Minha cabeça gira. Espero um segundo. Mais batidas. Vou até a porta e a escancaro. Talvez meus caninos tenham saltado, não tenho culpa.

Dou de cara com Simon Snow.

Prestes a bater de novo.

Ele baixa a mão.

— Baz — diz e olha para mim. — Você não se trocou?

Baz está com a mesma roupa de ontem. Todo amarrotado e com o cabelo bagunçado.

Acho que ele grita “Quê?”. A música está tão alta que não dá para ouvir direito.

— Quê? — grito.

Não entendo o que ele diz a seguir.

— *Quê?* — repito. — Por que a música está tão alta?

Baz se afasta de mim e vai para a sala. Abaixa o volume. Então volta de braços cruzados e com um sorriso de escárnio.

— Ah, Snow. Você continua aqui. Achei que fosse fugir assim que eu virasse as costas.

Ergo o queixo.

— Eu mereço isso.

— Merece coisa pior. Por que está aqui?

Tento passar uma firmeza que não condiz com a realidade.

— Vim te dizer uma coisa.

Ele bufa.

— Você já me disse tudo.

— Baz...

— A menos que tenha pensado em outra maneira de dizer que não quer ficar comigo.

— Baz, eu...

Ele continua falando, o lábio superior tão franzido que parece preso num anzol.

— Mas não tem necessidade, Snow, porque já entendi o recado.

— Desculpa!

— Também não tem necessidade disso.

— Baz!

Ele grita:

— Não estou nem aí pras suas desculpas! Entendeu, Simon? Não faz diferença pra mim se você está arrependido ou não. O que isso me importa? O que posso fazer com isso? Foi pra isso que veio, pra pedir desculpa?

— Não! — Não mesmo. — Me escuta...

— “Me escuta”? Eu tenho te escutado. Passei o último ano inteiro escutando, mas você não tinha nada a dizer pra mim. Você nem conseguiu completar uma frase antes de me deixar. E agora aparece pra pedir desculpa? Quer saber? Você já se desculpava no bilhete. Não fez diferença naquela hora também!

— *Não!* — rosno. Sei que rosno porque é como Baz descreve quando falo assim. Eu o pego pela camisa. — Não vim pedir desculpa. Vim pra dizer que você estava certo!

Baz nem hesitou quando o agarrei pela camisa. Continua me olhando com desprezo, como se eu estivesse quilômetros abaixo dele.

— Claro que estava — Baz diz.

Ele me empurra para fora e bate a porta na minha cara.

Apoio a testa na porta. Estou arfando. Talvez esteja até hiperventilando. Não comi e não bebi água ou sangue o suficiente para aguentar isso. Não consigo respirar.

Simon veio me ver.

Depois de dizer que não aguentava olhar para mim.

Simon veio pedir desculpa.

(O que é mesmo inútil. Está fazendo isso mais para se sentir bem consigo mesmo do que por mim. Ele que se foda se acha que...)

Simon veio me dizer que eu estava certo...

Abro a porta de novo. Ele continua ali.

— Sobre o que eu estava certo? E, uma vez na vida, é melhor ser claro e direto.

Ele estufa o peito e aponta o queixo quadrado na minha direção.

— Você estava certo, Baz. Eu nunca tentei.

Baz não diz nada.

Olho em seus olhos cinza. Por mais duro que seja. Por mais duros que estejam. Por mais que eu sinta que não tenho direito.

— Só fiquei esperando que você se cansasse de mim — digo. — Desde o dia que perdi minha magia. Antes até. Nunca achei... — Balanço a cabeça. — Nunca achei de verdade que isso ia dar certo.

Baz está balançando a cabeça também, bem pouco, como se rejeitasse silenciosamente cada palavra minha.

— Achei que você lutasse com unhas e dentes pelo que acredita...

Ele está certo, como sempre. Olho em seus olhos.

— Nunca acreditei em nós.

Não achei que ainda restasse algo que Simon pudesse dizer para me magoar...

Mas estava errado.

Dou risada e enxugo os olhos.

— Pelas sete cobras — digo. — Eu podia ter ficado sem essa. Que merda, Snow...

Escondendo o rosto no braço, dou risada e choro ao mesmo tempo.

Simon está literalmente de queixo caído.

— Não — ele diz. — O que eu quis dizer... — Estica a mão, mas não me toca. — O que quero dizer é que, assim que me voltei contra o Mago, sumi do mapa. Foi como se eu saísse da história que todo mundo vinha contando a meu respeito. Comecei a perder tudo e não parei mais. Você parecia algo que eu tinha agarrado em meio à queda. Nunca acreditei que pudesse ficar com você. Não fiquei com nada que... Com o que foi que eu fiquei, Baz?

Simon também está chorando, mas não enxuga as lágrimas. Só lambe as que chegam aos lábios.

— Eu nem tentei — ele prossegue —, porque achei que seria pior se tentasse. Disse a mim mesmo pra curtir, curtir *você*, enquanto dava. Mas não funcionou. Senti como se estivesse no último ano de Watford de novo, esperando o Oco atacar. A espera... Não sou bom em esperar.

Limpo o nariz na manga. Assinto. Eu sei.

— Eu só queria, tipo, *fazer acontecer* — Simon diz. — Tipo, ir com tudo e acabar de uma vez. Sempre que estávamos juntos, eu só queria acabar com tudo de uma vez.

Dou outra risada. Os golpes continuam vindo.

Simon enfia a mão no cabelo e puxa.

— *Para* — ele diz. — Sei como soa, mas não é isso!

— Não. — Balanço a cabeça. — Eu sei. Sei o que quer dizer. Mas

ainda assim dói.

Ele olha nos meus olhos. Na verdade, mal desvia o olhar.

— Baz — Simon fala, com a voz bem baixa —, você acha que teria sido diferente se eu tivesse tentado?

Ele não responde. Eu não deveria ter vindo. O que eu disse não muda nada, fui tolo de achar que mudaria...

Mas não consegui parar de pensar no que Baz disse. Que ele tinha sido a primeira coisa de que eu desisti na vida. É verdade. Não desisti de Agatha: esperei até que ela desistisse. Lutei contra tudo o que o Oco mandou atrás de mim. Fiz tudo o que o Mago me pediu. Eu me dei asas porque não podia parar de lutar.

Por que nunca lutei por Baz?

O que aconteceria se eu lutasse?

Baz recua um passo para dentro da sala. Sua mão continua na porta. Ele me olha do mesmo jeito de ontem à noite, no meu apartamento: como se eu tivesse cravado uma faca em seu coração e me recusasse a tirá-la.

Então ele leva a cabeça um pouco para a frente e depois vira para dentro do apartamento.

— Anda — Baz diz, baixinho. — Entra.

Snow não se move.

Saio da frente dele.

— Anda. Não vamos fazer isso no corredor.

Ele começa a entrar, mas parece esperar que eu mude de ideia. Fecho a porta, obrigando-o a passar de vez. (Talvez eu ainda mude de ideia, não sei.) Então sento em uma ponta do sofá e sinalizo para que ele sente na outra.

Snow hesita um pouco. Ainda está de pé, o peito estufado e as pernas separadas. Pronto para a batalha.

Só quando pigarreio ele finalmente se mexe, se acomodando no lugar que indiquei e se inclinando para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. (Seus movimentos são rígidos. Será que está dolorido? Será que o dr. Wellbelove tirou o rabo dele também?) Simon bagunça os cachos cor de caramelo no topo da cabeça. Já estavam perfeitamente bagunçados antes.

— Posso fazer um chá — digo.

— Não. — Ele volta a agarrar os cabelos. — Só... fala logo.

— Falar o quê?

— Que não teria feito diferença. Que não importa.

Viro para ele. Minha voz volta a sair altiva, não consigo evitar.

— O que você quer saber é se faria diferença, pro nosso relacionamento, se você tivesse *tentado*?

Ele olha para mim, com aquele queixo infernal erguido.

— Isso.

— Claro que teria feito diferença, cacete! Que pergunta é essa?

Simon assente, rápido demais, o olhar fixo no tapete da minha tia.

— Claro. Claro. Óbvio. — Ele passa os dedos pelo cabelo, da parte de baixo da cabeça até o topo. — Claro.

Quero agarrar seus pulsos. Quero sacudi-lo. (Quero lançar feitiços

que façam toda a dor em seu corpo desaparecer.)

— *Eu tentei* — digo. — O tempo todo.

Simon assente.

— Eu sei. Desculpa.

— Para com isso.

— Verdade. Desculpa. Quer dizer... eu...

Fala direito, Snow.

Ele se vira para mim, levando uma perna para cima do sofá. Suas mãos agora estão sobre as coxas.

— Como?

— Como o quê?

Simon olha nos meus olhos. Parece um cachorro preso me implorando para libertá-lo.

— O que teria sido diferente se eu tivesse tentado?

Bufo.

— Não consigo responder a isso. Como eu saberia?

— Baz...

— O que você quer de mim, Snow?

Ele solta o ar pela boca.

— Eu só...

— Você só.

— Tipo...

— Tipo.

Será que estou sendo cruel? Será que estou querendo ser?

— *Eu quero tentar!*

Saiu errado. Pareceu mais uma ameaça. Um assalto à mão armada.

Baz olha para as próprias pernas. Prende uma mecha de cabelo preto atrás da orelha.

— Não tem problema — solto, tentando voltar atrás. — Não espero que... Você não me deve...

— Cala a boca, Snow.

Eu calo.

Acho que Baz ainda está chorando.

Sou péssimo com isso. Com pessoas. Com ele. Não deveria ter vindo. Me levanto.

Ele agarra meu pulso.

— Nem pensar.

Volto a sentar.

— Tá. Desculpa.

Baz não me solta. Sua mão está fria. Ele continua olhando para baixo.

— O que isso significa? — Baz pergunta, com cautela. — Você quer tentar?

— O que eu disse. Que quero... que queria poder... que gostaria de... — Cerro a mandíbula por um segundo. — *Tentar*. Com você. Para ver... se seria diferente.

— Por quê?

— Porque não quero desistir.

Baz olha feio para mim.

— Sou um jogo de video game que você está querendo zerar?

— Não!

Ele puxa meu braço, sem chegar a me mover.

— Então por quê?

— Porque você estava certo! Eu nem tentei. Desisti da gente. E não

posso... não vou aguentar se...

— Eu não ligo!

Pego o outro pulso de Baz. Ele me segura, e eu me seguro nele.

— Não posso seguir em frente sabendo que as coisas poderiam ter sido diferentes, Baz!

— Isso parece outro pedido de desculpa.

Olho em seus olhos frios e cinza. Imploro que compreenda. Volto a rosnar, sei disso.

— Quero... *tentar*. Porque... porque *eu te amo, Baz*. Eu te amo, mas não achava que pudesse ficar com você. Mas se há uma chance... se há uma chance mínima... Não *posso*... eu *quero*... eu *preciso*...

Baz amolece a mão no meu braço.

Eu o solto.

Levo as mãos aos olhos. Estão úmidos — quanto tempo faz que estou chorando? Baz não diz nada, e não estou muito certo do que devo fazer. Abaixo as mãos e olho para ele, desesperado por uma dica.

A boca de Baz está ligeiramente aberta, as sobrancelhas, erguidas.

— Você... *me ama*?

Simon assente.

— É — ele diz. — Claro.

Como se fosse óbvio.

Não é óbvio. Não tem ficado óbvio.

— Você nunca falou.

— Não?

— Não.

Ele franze a testa.

— Achei... Tipo, matei *um monte* de coisas por você.

Dou risada. Talvez seja outro soluço de choro, mas talvez seja só uma risada.

— Você é um gato por acaso? Que demonstra seus sentimentos me trazendo um rato?

Snow ergue o canto do lábio.

— Eu te trouxe uma vaca uma vez, lembra? E matei aquela quimera pra você no quinto ano.

— Eu estava perto quando você matou a quimera. É diferente.

Ele faz menção de levar a mão ao meu rosto, mas hesita.

Também hesito. Me sinto puxado em todas as direções. Devagar, me aproximo.

Snow encosta o dedão no meu queixo e passa os nós dos dedos embaixo do meu rosto. Engole em seco, fazendo um pouco de drama.

— É verdade — ele diz. — Eu te amo.

Fecho os olhos por um momento. É como se eu tentasse gravar as palavras na mente. Então volto a abri-los.

— E quanto a... todo o resto?

— Que resto?

— Tudo o que você disse ontem à noite. Sobre magia.

— Ah. Bom, eu estava falando sério. Ainda acho tudo aquilo.

Balanço a cabeça.

— Puta merda, Snow.

Ele continua segurando meu queixo.

— Não quero viver no Mundo dos Magos, Baz. Quero uma vida normal. Mas talvez a gente pudesse, tipo, chegar a um meio-termo.

— Um meio-termo.

— Tipo, você faz seu lance. Magia. E eu faço o meu. Não temos que falar disso o tempo todo.

— Você disse que magia te faz infeliz e que eu te lembro de tudo o que você perdeu.

— Bom, eu dou um jeito.

— Dá mesmo?

— Claro... — Ele passa os dedos na minha bochecha e morde o lábio. (É basicamente uma música da Joni Mitchell. Vale um Mercury Prize.) — *Claro* — diz, soltando o lábio. — Quando eu me sentir assim, vou tentar me lembrar de ficar feliz por não ter perdido você também.

Ergo a sobancelha para ele.

— Isso é você tentando?

— Acho que sim.

Há uma leveza na expressão dele que não vejo há muito tempo. Quero mais disso. Mesmo que não seja confiável.

— Se é pra fazer isso — meu queixo toca a palma da mão dele a cada palavra —, quero o pacote Simon Snow completo.

— O que isso significa?

— Quero a mandíbula travada. Os olhos estreitos. Os ombros.

Ele franze a testa.

— Os ombros?

— Quero que você mate um dragão antes de desistir de mim, entendeu?

— Achei que você não gostava que eu matasse dragões...

Levo as mãos ao peito de Snow e agarro seu moletom.

— Quero que você faça *de tudo* antes de desistir da gente de novo.

Ele passa o dedão debaixo do meu lábio.

— Não vou desistir, Baz. A menos que você mande. A menos que,

tipo, você diga muito claramente que quer que eu faça isso. E nem assim vou desistir. Vou persistir de longe.

— Você não pode me fazer passar por isso de novo, Simon. Não quero passar a vida toda perdendo você. Te vendo escapar. Não quero chegar em casa e encontrar um bilhete seu nunca mais.

— Não vai. — Ele balança a cabeça. — Prometo. Não vou fazer isso.

Eu queria acreditar nele. O que seria preciso para acreditar nele? E, nesse meio-tempo, o que precisarei fazer? O que estou disposto a suportar? (Como alguém com *algum orgulho* responderia a essas perguntas?)

Fecho os olhos. Minha voz sai baixa.

— Não estou dizendo que você tem que ficar comigo pra sempre. Só que não pode desistir sem lutar.

— Sinto muito mesmo, Baz.

Eu o empurro e o puxo pelo moletom. Sua testa bate na minha. Eu assinto.

— Tá — sussurro.

— Tá? — ele sussurra de volta.

— Tá, Snow. Vamos tentar. Vamos tentar com você tentando.

— Sério?

Faço que sim de novo, com a testa na dele.

— Sério.

— Tá. — Ele solta o ar nos meus lábios, então inspira, trêmulo. — Cara, estou morrendo de medo.

— Já? Não vamos passar nem um dia agarradinhos antes que os problemas recomecem?

Simon ri na minha boca. Ele bebeu suco de laranja. Precisa de um banho. Cheira a vestiário, beco e alvejante.

— Eu não... — ele começa a dizer, olhando para baixo. — Eu...

Seu cabelo entra nos meus olhos. Esfrego o nariz no dele.

Simon volta a falar:

— Não sei como não ter medo de que você me deixe.

— *Eu* não vou te deixar — debocho. — Quando foi que te deixei?

— Você não sabe como vai ser — Simon diz, a cabeça caída. — Depois de um tempo. Você pode não me querer agora que não precisa

ter medo de que eu vá embora.

Quem poderia imaginar que Simon era capaz de tamanha ginástica mental?

— Você é realmente catastrófico, Snow.

— Está dizendo que levo jeito pra catástrofe? Porque isso é óbvio.

Quantas vezes a mãe da Penny não me disse o mesmo?

Eu me afasto, para que ele possa me ver.

— Não vou me cansar de você.

— Não dá pra saber — ele diz, batendo a testa no meu nariz.

— Dá, sim. Olha pra mim. — Pego o queixo dele. Espero que seus olhos azuis encontrem os meus. — O que a gente tem não começou com o namoro. Não começou nem mesmo quando você me beijou. Você está tão dentro de mim que eu nem saberia como te tirar. Talvez eu fique puto com você... Mas, Simon, nunca vou me *cansar* de você.

A mão dele continua no meu rosto. Ele passa o dedão por baixo do meu olho.

— Penelope sempre diz que o melhor indicativo do comportamento futuro é o comportamento passado.

— Não é a Penelope que diz isso. É todo mundo.

— Eu *literalmente* destruo *literalmente* tudo o que toco.

— Isso é um pouco exagerado.

— Eu faço merda, Baz, com todo mundo. Olha o que arrumei com Agatha. E o Mago. Por Merlim, quem sabe o que aconteceu com meus pais?

— Tenho tantos comentários a fazer sobre essa frase...

Ele ri, mas parece triste de novo.

Puxo seu moletom.

— Para de sentir pena de si mesmo, Snow. Enquanto estiver comigo, não tem permissão para sentir pena de si mesmo.

É sério. Estou pensando em beijá-lo, para confirmar meu argumento, mas tenho medo, porque não sei muito bem o que posso fazer. Talvez a gente tenha que voltar a naturalizar o beijo. Talvez Snow precise de uma perseguição em alta velocidade para entrar no clima.

Estou pensando nisso. No que posso ou não fazer. No que mereço.

No que aguento...

Até que Simon me beija.

E eu retribuo.

Muito.

Muito mesmo.

Eu estava com medo de Baz não querer me beijar — mas, no fim das contas, não teve nada disso.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos, eu segurei o dele e nos beijamos tão intensamente que meu queixo chegou a doer. Baz provavelmente não sentiria nada nem se passasse dias aos beijos, considerando seu queixo sobre-humano de vampiro. Seus lábios nem incham.

Paramos de nos beijar, mas continuamos agarrados. Acho que estamos com medo de nos afastar.

Baz está fedendo. Com cheiro de suor amanhecido, mas também de carne crua amanhecida. Tento me lembrar se ele já fedeu tanto assim. Não que eu me importe. Só confirma que não está morto.

Ele esfrega o canto da minha boca.

— Você está sangrando — diz, preocupado. — Cortei você?

Balanço a cabeça.

— Acho que o sangue é seu. Tem um pouquinho aqui...

Esfrego o sangue perto do queixo dele.

— Ah, merda! — Baz diz, me dando as costas e cobrindo a boca. — É sangue de rato. Passei *sangue de rato* pra sua boca.

Puxo seu ombro, tentando virá-lo para mim.

— Ei, não me incomode.

— Você não se incomoda com *sangue de rato*?

Dou de ombros.

— É só escovar os dentes.

— Isso não protege contra peste bubônica.

Ele continua se afastando.

— Volta aqui — digo. — Por favor.

Baz cede, relaxando os ombros e se virando para mim. Deixa que eu toque seu queixo, suas bochechas, mas não tira a mão da boca. Então eu beijo a mão dele. A sensação de alívio por ainda estar aqui percorre meu corpo em ondas tão fortes que me surpreende que não sejam visíveis.

— Preciso de um banho — Baz diz. — Não tomo desde que voltei de Oxford.

— Estou meio que curtindo. — Sorrio. — Eu nem sabia que você podia ficar fedido.

Ele revira os olhos e me afasta.

— Você também precisa. Está cheirando a... na verdade, não sei a quê. Algo corrosivo.

— São minhas asas.

Baz fica chocado. Baixa as mãos. Lambo meu dedão e esfrego o rosto dele para limpar a mancha de sangue de rato.

— Está doendo? — Baz pergunta, olhando meu ombro.

Balanço a cabeça.

— Ah, hum, *não*. Ainda não rolou. Amarelei.

Não foi exatamente assim. Não amarelei. Só senti que era coisa demais acontecendo. Não conseguia parar de pensar no que Baz tinha me dito e em como precisava falar com ele. Imediatamente. Parecia que a janela estava se fechando. Talvez já estivesse fechada e eu precisasse reabri-la. E se eu precisasse das minhas asas para isso? Para alcançá-lo?

Pedi desculpas a Niamh, me despedi de Agatha e fui embora.

Baz se endireita no sofá e leva o braço ao meu ombro, no ponto em que uma asa está imprensada. Ele não me tocou ali desde que entrei.

— Achei que fosse o curativo — Baz diz, apalpando.

— Não. São as asas mesmo. Elas meio que se recolheram absurdamente quando estavam limpando na clínica. Acho que foi como responderam ao pânico.

— Você consegue fazer isso de propósito? — Ele cutuca minhas costas com os dedos, a sobrancelha erguida. — Se conseguisse, nem

precisaria de feitiços pra esconder. Quase não dá pra notar assim.

— Pfff... Eu pareço com aquele personagem da Disney que tem o olho caído.

Baz me olha por um segundo.

— O Quasímodo?

— Isso.

Ele revira os olhos.

— Tá, pode ser, mas pelo menos não parece um dragão.

— Elas estão tão contraídas que tenho até medo de mexer. Dói um pouco.

Tirando o moletom e a camiseta, eu me viro, para que Baz veja minhas costas.

— Por Circe... — ele diz.

Quando toca minhas asas, eu me retraio.

— Elas estão parecendo um origami, Snow. Como isso é possível?

— Como tudo isso é possível? Dragões são mágicos.

Baz passa a mão pela minha asa até a garra preta e dura que se curva na direção do meu ombro.

— É aqui que dói?

— Não, é tipo uma câibra, ao longo das asas mesmo.

— Talvez por estarem tão contraídas?

— Pode ser.

— Você está meio grudento. Tem um troço laranja...

— É Betadine. Pra desinfetar.

— Então você foi mesmo fazer a cirurgia?

Olho para ele por cima do ombro.

— É. Eu fui. Mas aí... Bom, eu precisava vir aqui. Ainda vou remover as asas, mas... mas precisava falar com você.

Sinto algo nas asas e me viro para olhar. Baz está me beijando. Bom, está beijando as asas. Descendo por um lado. Devagar. E... subindo... pelo outro.

É como se estivesse enfiando a língua na minha orelha. Ou no fundo da minha garganta.

Estremeço.

Baz enlaça minha cintura e me segura ali.

— Sua boca vai ficar cheia de Betadine — digo.

Ele fala baixo:

— Devo mesmo estar precisando.

É demais. Minha pele está arrepiada, minhas asas estremecem. Fico com medo de que de repente se abram, como um guarda-chuva, na cara dele. Solto as mãos de Baz e me viro para ele. Seus lábios estão laranja. Dou risada.

— É melhor a gente ir pro chuveiro — digo.

Baz ergue a sobrancelha.

Minhas bochechas queimam.

— Digo, eu tenho que tomar banho, e você também. Como você disse. Posso... Digo, é a casa da sua tia, né? Tem chuveiro aqui? Acha que ela se importaria?



Snow nunca esteve na minha casa nesse tempo todo em que estamos juntos. Fica longe demais de seu amado sofá, imagino. Fora que há sempre o risco de minha tia tentar matá-lo se o encontrar aqui. (Fiona ainda não perdoou Simon por ter sido seguidor fiel do Mago e por ter ajudado a prender alguns primos.) (Acho que é um direito dela.)

Ele está à porta do meu quarto, provavelmente pensando em como há pouca coisa: duas araras de roupas; meu violino; o edredom e os travesseiros do meu quarto em Hampshire.

Desde que saí de Watford e me mudei para Londres, passei a maior parte do meu tempo livre na casa de Simon e Penny. Até estudava lá. Aqui eu só precisava de uma cama.

Pego umas roupas para emprestar a Simon e aponto para o banheiro que liga meu quarto ao de Fiona. Ele pode ir primeiro.

Enquanto está lá, faço sanduíches de presunto para ele. Eu deveria comer também — e provavelmente deveria caçar de novo, algo mais substancioso. Mas não quero deixar Simon sozinho. E se ele não estiver aqui quando eu voltar?

Ainda na cozinha ouço o chuveiro desligar. Isso me leva de volta a Watford. Quando eu ficava deitado na cama sabendo que Snow havia acabado o banho. Me preparando para quando ele saísse molhado e carrancudo. Dizendo a mim mesmo que não ia *olhar*. Que não ia deixar aquilo me *abalar*. E sempre acabava fazendo as duas coisas.

Quando volto ao quarto, Simon já está vestido e sentado na beira da cama, hesitante. Ainda molhado. Nervoso. Feito um cachorro que sabe que não pode estar ali.

Está usando uma camisa antiga de futebol. (Fiz de propósito só para ver Snow usando minha camisa de Watford? Talvez. Me processa.) Ele deve ter novamente recolhido bem as asas, que estão quase esgarçando a camisa e despontando por baixo. Não parece confortável.

Vou até ele, apontando para as costas.

— Posso ajeitar a camisa pra você...

— Não quero estragar.

— Não tem problema.

Não tem mesmo. Porque aí a camisa seria *dele*, e ele teria que usá-la de novo. Com meu nome e meu número nas costas. Já peguei a varinha e apontei para Simon.

Ele ergue as mãos, incomodado.

— Baz, *não*.

— Ah — digo, baixando os olhos para a varinha. — Fiz mal? Você não quer que eu... use magia? Na sua frente?

Ele baixa as mãos.

— Não, digo... é claro que você pode, tipo, usar magia. Mas... — Balança a cabeça, como se esvaziando a mente. — Quer saber? Vai em frente. Pode fazer. Quero abrir um pouco as asas.

— Se você tem certeza...

Simon pega meu pulso e aponta minha varinha para o próprio peito, então lanço o feitiço.

— *Como uma luva!*

A camisa se reajusta em torno das asas. Fica bom. O feitiço pode ser revertido, mas mesmo quando Penelope e eu tentamos fazer isso para ajudar Simon, ele acaba estragando as roupas de qualquer jeito ao tirá-las, porque não quer nos chamar. (Eu deveria ter simplesmente aberto duas fendas para as asas na camisa, ficaria mais fácil para Simon. Posso fazer isso com magia também.)

Ele arqueia as costas e suspira de leve. As asas se abrem.

A princípio, eu achava uma pena que Simon tivesse se dado asas de *dragão*. Ele poderia ter pensado em algo mais elegante. Asas de Pégaso — com penas brancas e macias, com ponta azul-celeste. Ou asas esverdeadas de fada, cintilantes ao luar.

Mas, no momento em que precisava voar, Simon invocou força

bruta e extremidades afiadas. Couro vermelho e garras pretas. É ridículo pensar nele com qualquer outra coisa agora. Simon Snow com penas brancas... seria absurdo. Ele pareceria um anjo de desenho animado. Ou uma modelo da Victoria's Secret...

— Tudo bem eu sentar aqui?

Balanço a cabeça, depois assinto.

— Claro. Sinta-se em casa. Tem sanduíches na cozinha. A chaleira está ligada.

— Tá. Valeu.

Assinto de novo, já me dirigindo ao banheiro.

— Já volto.

O vapor ainda não se dissipou do banheiro, e eu me perco pensando em Simon ali, muito embora o cheiro indique que usou o xampu da minha tia. (Pelo amor, como foi que sobrevivi dividindo quarto com Simon Snow a adolescência inteira?) (Ah, sim: batendo punheta furiosamente. Fazendo tudo furiosamente, na verdade.) Tomo um banho mais demorado que de costume. Estou paranoico com o lance do sangue de rato e com o comentário de Simon sobre meu fedor. Só ao meu cabelo que dedico menos cuidados que o normal: apenas seco com a toalha e tiro do rosto. Por Chomsky, eu gastava tanto tempo com meu cabelo todas as manhãs quando Simon e eu dividíamos quarto... Repartindo-o cuidadosamente e depois penteando para trás. Achava que dava um toque dramático.

Quando saio do banheiro, Simon já está de volta à cama, com o prato de sanduíches na mão e um bule de chá na mesa de cabeceira (em cima de uma pilha de livros, afe). Pigarreio.

— Não precisava ter trazido...

— Ah. — Ele levanta. — Achei que a ideia... — Ele aponta com o prato para a porta. — Quer que eu...?

— Não, tudo bem. Não tem problema. É melhor a gente não ficar no caminho da Fiona mesmo. Não está com fome?

— Eu estava esperando você.

— Ah. — Por que está tudo tão estranho? Por que estou tão estranho? — Obrigado.

Pego o prato e sento de pernas cruzadas, me recostando nos

travesseiros e deixando os sanduíches ao lado.

Simon senta perto de mim, tomando cuidado para não virar o prato. Ele deixou a cintura da calça lá embaixo, para o rabo ficar livre, e puxou a camisa para baixo para esconder a cueca. Deve ser cansativo viver ajustando, manobrando, recolhendo. Ele mantém as asas próximas ao corpo, para não derrubar tudo da mesa de cabeceira enquanto me serve o chá.

Nossos dedos se encostam quando ele me passa a caneca. Eu ficaria vermelho se tivesse sangue o bastante dentro de mim. Por que estou tão esquisito? É só alívio? É a novidade de ter Simon aqui? No meu quarto? Ou é porque estamos recomeçando, então tudo parece novo?

Pego meio sanduíche de presunto e controlo meus caninos antes de morder. (Estou ficando melhor nisso.) Simon pega outro sanduíche na mesma hora e enfia quase inteiro na boca. Quando mastiga, seu rosto se ilumina. Ele beija minha bochecha, segurando o chá de lado, para não derramar.

— Por que isso? — pergunto.

Ele roça o nariz na minha orelha e diz, baixinho:

— Você passou manteiga nos sanduíches.

— Não é como você gosta?

Ele me dá uma mordidinha.

— É.

Então se afasta, ainda sorrindo. Que criatura ridícula. Feliz porque passei manteiga no sanduíche dele. Como se eu não fosse capaz de fazer o mundo girar ao contrário se achasse que ele preferia assim.

— Não como desde ontem à noite — Simon diz, pegando outro sanduíche.

— Não como desde ontem no trem.

— Não é verdade. E os ratos?

— Eu não *como* ratos — digo.

— Talvez devesse. Pra não desperdiçar.

— Coma você, então. Poderia ser algo que fazemos juntos.

Snow ri. Ele se curva na minha direção enquanto come. Suas pernas estão encolhidas, e ele se apoia em mim. Sua asa esquerda empurra meu ombro por trás. Vou um pouco para a frente, e ele a abre,

envolvendo minhas costas. O interior das asas é mais macio que o exterior. Parece de camurça.

Sinto que estou ficando tenso. Momentos assim com Simon são raros e espaçados, e nunca sei o que vai assustá-lo. Ou quando ele vai entrar em colapso. É como tentar namorar um daqueles campos para os quais a princesa Diana estava sempre tentando atrair a devida atenção — a guerra acabou, os exércitos voltaram para casa, mas ninguém sabe onde as minas estão enterradas.

O que é que *significa* Simon tentar agora? Como um campo minado *tenta*?

Ele pega o último sanduíche e me oferece metade. Eu aceito, e ele afasta o prato, aproximando suas pernas. Então diz:

— É isso que as pessoas querem dizer com aquele papo de sexo de reconciliação, né?

Engasgo com o chá.

— Não exatamente.

Ele ri.

— Não, digo... É tipo achar que vai morrer. Você tem *certeza* de que vai ser decapitado, e então, no último minuto, não é. O outro cara só dá uma dentada. E, de alguma maneira, parece que você roubou...

— Conhecendo você, imagino que tenha mesmo roubado.

—... mas você continua *vivo*, e tudo parece tão maravilhoso e, tipo, *urgente*. É como se você não conseguisse acreditar na sorte de ainda estar respirando e precisasse puxar todo o ar de uma vez só.

— Acho que sexo de reconciliação é uma experiência mais comum do que quase perder a cabeça — digo.

Ele ri.

— Bom, agora eu entendi. O conceito.

Ele segura a caneca com as duas mãos. Eu também.

Eu me recosto em seu ombro, olhando para o chá, tentando transmitir naturalidade.

— Poderia ser sempre assim.

— Acho que não — Snow diz. — É uma euforia do tipo “quase perdi a cabeça, mas não perdi”.

— Não é nada. — Passo os nós dos dedos nos dele. — Posso te

prometer isto aqui regularmente. Um banho quente e um chá? Sanduíches de presunto na cama? Isso é fácil, Snow.

Ele pega meus dedos.

— Baz... — Sua voz diminui, se tornando quase um sussurro. — Não sei o que vem depois.

Balanço a cabeça.

— Nem eu.

Ele puxa meus dedos. Suas sobrancelhas estão franzidas. Como se ele estivesse refletindo profundamente, ou tentasse não o fazer. Depois de um momento, diz:

— Acho que a gente vai tocando até eu ter vontade de fugir. Aí, em vez disso, eu fico e luto.

— Com quem você luta nesse cenário?

— Comigo mesmo, acho.

Concordo, em parte para esconder como me sinto desanimado de repente. Botar isso para fora não vai ajudar.

— Baz? — Simon acaba dizendo.

— Oi?

— Podemos tirar uma soneca?

— Ah. — Eu me empertigo, me afastando dele. — Digo, claro.

— É só que... não durmo desde... não sei, na verdade.

Ele parece estar se desculpando.

— Eu também não. — Pego a xícara dele e o prato vazio. — Fica com a cama. Fiona não vai estranhar se me vir no sofá...

— Não. *Baz*. — Ele pega meu braço. — Fica.

— Mas suas asas...

Simon quase nunca me deixa dormir ao lado dele. Diz que é porque se vira muito.

— Achei que você tivesse medo de me empalar — digo.

Ele se esforça para sorrir.

— Não vou me virar muito numa soneca. E é bem difícil te matar.

Respiro fundo, pensando, mas não consigo nem respirar nem pensar direito.

— Tudo bem — digo.

Então repito algumas vezes mentalmente. *Tudo bem. Tudo bem.*

Deixo a louça de lado e olho em volta. Nem preciso fechar a cortina, que já fica fechada o dia todo, mas desligo o abajur do lado da cama, me levanto e pego o edredom. Simon o estende e o prende com os pés. Entro ao lado dele, depois cubro nós dois. É estranho ficar assim, debaixo das cobertas com ele. Ele de moletom, eu de jeans. É estranho porque não fazemos isso. Nunca chegamos a este estágio: um casal sendo um casal. A tirar sonecas juntos, ficar abraçadinhos, usar as roupas um do outro. Simon deita de lado, com as asas para fora, puxando o cobertor até onde é possível.

— Você precisa de um cobertor especial, com saída para as asas.

— Tipo um daqueles cobertores com braços, só que pra demônios.

— E pra anjos. Está com frio nos ombros?

Ele balança a cabeça e estica a asa direita, envolvendo nós dois com ela. Isso me lembra de Utah, da caçamba da picape de Shepard.

— São só mais alguns dias — ele diz. — Aí vou poder puxar a coberta até em cima. Vou poder usar roupas normais de novo. Vou até comprar uma jaqueta de couro pra comemorar.

— Que malandro. Vai ficar parecendo o Danny Zuko, de *Grease*. Ou um chef famoso estilo bad boy.

— Sei que você está tirando sarro de mim, mas vai mesmo ficar legal...

Ele recolhe a asa e passa o braço por cima de mim. Consigo abraçar o pescoço dele. Respiramos o ar um do outro. É um pouco claustrofóbico.

— Você está confortável? — Simon pergunta, baixinho.

— Não — sussurro.

— Eu também não.

— Mas não se mexe — digo. — Ainda não.

Ele balança a cabeça.

— Ainda não.

Acordo com o braço direito embaixo de Simon formigando. Sem uma gota de sangue. Eu o puxo e me viro, sacudindo-o. Minha garganta está queimando, mas ignoro.

Acordo e o quarto está vermelho.

O sol brilha, e a asa de Simon está aberta sobre minha cabeça.

Acordo e o quarto está cor-de-rosa. O sol está se pondo. As asas de Simon estão atrás dele, e seu braço, sobre mim. Ele me puxou para perto, e minhas costas estão contra seu peito, nossos quadris, encaixados. Simon respira pesado no meu pescoço. Não consigo me lembrar de ter ficado tão quente.

Sou puxado pelos dedos do sono de novo.

Quando acordo, está escuro. Simon ainda me abraça. Minhas costas continuam contra seu peito, mas sua respiração no meu pescoço agora é desarmônica e irregular. Ele está acordado.

— Simon?

— Oi?

Sua voz sai rouca.

— Que horas são?

— Não sei — ele diz no meu cabelo. — Não quis me mexer.

— Talvez a gente não devesse ter dormido no meio do dia.

— Talvez não. — Simon enfia a mão sob minhas costelas e me puxa para ainda mais perto, então esfrega o rosto na minha nuca. — Seu cheiro é tão bom, Baz.

Fecho os olhos. Deixo que me toque.

— Tão bom — Simon insiste, empurrando minha cabeça para a frente. — Não me canso dele. Não consigo engolir. E... e não adianta prender a respiração.

Ele inspira de novo. De forma trêmula. Então morde meu escalpo, e eu sinto sua boca larga e úmida na minha nuca.

— É tão bom... — é o que acho que ele diz. — Tão bom.

Ele morde bem no limite do cabelo. Já viu a cicatriz antes, hoje já fraca.

— Se fosse eu... — Simon diz. — Se eu fosse você...

Ele morde mais.

— Eu ia te drenar até o talo, Baz, e ainda não seria o bastante.

Meus caninos despontam — isso acontece, não tem problema. Tento

puxá-los de volta. Depois tento virar, mas Simon me mantém preso.

E eu deixo.

Ponho meu braço sobre o dele em volta da minha barriga. Simon está concentrado chupando meu pescoço agora. Sabe que pode chupar com vontade, porque não tenho sangue suficiente dentro de mim para deixar marca.

— Não é o bastante — ele diz, seu hálito quente atrás da minha orelha. — Me ajuda, Baz. *Me ajuda*. Não é o bastante.

— Estou bem aqui — digo.

— Eu sei. — Ele morde minha orelha com força e puxa. — Não é o bastante.

— Simon. — Pressiono a cabeça no rosto dele. Simon roça o nariz no meu cabelo. — Está me dizendo que eu não sou o bastante?

— *Não* — ele praticamente grita dentro do meu crânio.

Afasto o braço dele, forçando-o a deixar que eu me vire. Então o deito de costas, em cima das asas. Com o queixo, prendo a cabeça dele. Seguro seus punhos acima dos ombros. Ele ainda tenta me morder.

— Estou bem aqui — digo.

— Eu sei — Simon rosna.

— Me diz o que você quer.

— Eu não sei.

Seu rabo se enrola na minha perna, como um cabo de aço.

Sou cuidadoso com os quadris. Ainda que ele esteja me provocando. (Campos minados. Permissões. Um casal sendo um casal etc.)

— Seu cheiro é tão bom — ele diz, enterrando o rosto na gola da minha camiseta. — Não sei como me saciar, Baz. Não sei como se espera que eu me sacie.

Em cima dele, seguro seus pulsos e prendo seus quadris com os joelhos. Simon nos fecha em suas asas, deixando nossos corpos colados um no outro. Então ele ataca minha clavícula, ainda que eu esteja de camiseta.

— *Seu cheiro é tão bom* — Simon repete, com a boca cheia de mim.

Simon Snow cheira ao xampu da minha tia. E ainda um pouco a iodo. A presunto. A manteiga. A chá.

Ele cheira a sono — hálito azedo e pele quente demais.

Cheira a sangue, sempre. O sangue dele. Sal, leite e algo queimado.
(Antes fogo, agora cinzas.)

Cheira a sexo.

Não tenho como não saber disso. De tudo isso. Está no ar que de alguma forma continuo respirando. Mas não sei o que fazer com isso. Não sei o que ele quer que eu faça, o que tenho permissão de fazer, o que vai ajudar... E o que vai causar algo forte o bastante para se sustentar entre nós dois.

Deixo que Simon me morda. Me permito sentir seus dentes. Esfrego o rosto no caos de cachos em sua cabeça.

— Estou aqui, amor. Sou seu.

Ele rosna, insatisfeito, soltando minha clavícula, voltando a pressionar o rosto no meu peito.

— Não sei como, Baz.

— O quê, Simon?

— Me satisfazer.

— Você não precisa se satisfazer. — Pressiono os pulsos dele para baixo. Seguro seus braços com os cotovelos. — Não vou a lugar nenhum.

A cabeça de Simon cai no travesseiro. Acho que ele está chorando de novo. Talvez não estivesse acordado. Talvez tudo não tenha passado de um pesadelo para ele.

Meu cabelo cai em seus olhos.

— Não vou a lugar nenhum, Snow.

— Vem aqui — ele diz.

Suas asas se fecham ao meu redor. Vejo as garras se curvando sobre meus ombros. Meus joelhos cedem, e desabo com os quadris sobre ele.

— Você está acordado? — pergunto.

— Acho que sim.

— Está chorando?

— Estou. Baz... vem aqui.

— Estou aqui.

— Mais perto.

— Tá.

Meus cotovelos cedem também. Solto seus pulsos, e ele enlaça minha cintura. Braços. Asas. Pernas. Rabo.

— Mais perto — Simon diz.

— Não dá.

— Dá, sim.

Ele beija minha boca com os dentes agora, os lábios e a língua quase deixados de lado. Tento retraindo os caninos, mas não adianta, então viro o rosto e deixo que ele o morda.

— Baz.

Simon morde meus caninos através da bochecha.

— Baz...

Estou acordado. Com sede. Tonto. Todo o sangue que me resta vai para o pau, e chego ao limite. O que me segura são boas maneiras e lembranças ruins.

— *Simon* — digo, com o que me resta de cautela.

Ele está no meu corpo todo agora. Seus calcanhares estão nas minhas panturrilhas. Seu rabo envolve meu tornozelo. Sinto os ossos de suas asas, como dedos compridos ao longo da minha coluna.

Não é o bastante.

— *Simon* — digo, pegando sua cabeça com as duas mãos.

Sua pele está quente. A minha também. Sob as cobertas, com ele, depois de horas, poderiam me confundir com algo vivo.

— *Simon, Simon.*

Ele morde meu pescoço, e não mordo o dele — mas o beijo. Beijo seu cabelo, sua orelha. Subo sua camisa.

— Eu te amo — digo. — Estou aqui.

— Baz, preciso...

— Sim.

— Não posso...

Ele faz força demais ao beijar. Faz força demais ao tocar.

Jogo a cabeça pra trás.

— Simon, me deixa...

Ele não deixa que eu me afaste. Continua com a cabeça no meu pescoço. Arfa.

— Baz, não consigo... preciso de você.

Beijo sua bochecha. Meus caninos estão saltados, mas não me importo.

— Simon — balbucio —, meu querido, meu amor...

— Não consigo... *respirar*. Não é o bastante. É demais. Não consigo...

Simon está chorando. E se agarrando a mim. Braços. Pernas. Asas. Rabo. O corpo inteiro treme.

Estou sem ar também, mas do jeito errado — o vento mudou. Com sorte, acabou de acontecer. Com sorte, não interpretei mal cada momento até agora.

— Simon — digo, com minhas mãos voltando ao cabelo dele. — Meu querido. Meu amor. Está tudo bem.

— Não consigo — ele soluça.

— Eu sei — digo, fazendo carinho nele. — Tudo bem. Estou aqui.

— Não consigo.

— Estou aqui.

— Baz...

— Estou aqui, amor.

Faz um tempo que nenhum de nós dois diz nada.

Faz um tempo que parei de me desfazer em lágrimas.

Assim que o pânico passou e eu relaxei, Baz se afastou um pouco, mas continua aqui. Deitado em silêncio em uma das minhas asas. É provável que esteja pensando em quanto sexo estaria fazendo se estivesse literalmente com qualquer outra pessoa.

Tipo, olha só pra ele. Baz é o cara mais gostoso que vive na face da Terra. Ou que não vive.

Eu sou o problema. Como acontece em literalmente qualquer situação. Sou eu.

Já me vi assim antes. Querendo morrer depois de uma tentativa fracassada de ir além dos beijos. Esse seria o momento em que eu me levantaria e sairia do quarto. Então Baz iria embora, para me poupar de ainda mais constrangimento, para não ter que pensar que estava preso comigo.

Mas Baz nem pode ir embora, porque estamos na casa dele. E, se eu for embora, seria uma violação direta da promessa que acabei de fazer de *não* ir embora. Ou de não desistir. Tanto faz.

Baz suspira. Conheço todos os seus suspiros. Vivi com eles por oito anos. Esse significa: *Simon Snow é um pé no saco constante.*

— Quer que eu vá embora? — pergunto.

Estou deitado de costas, com os braços dobrados sobre o rosto.

— Não. — Baz fala baixo. — Você pretende ir?

— Não. Acho que não.

— Já é alguma coisa.

Solto o ar, pesadamente.

— Mas tenho vontade. Quero morrer um pouco quando penso que vou ter que te encarar de novo.

Baz afasta meus braços do meu rosto.

— Pronto. — Ele se debruça em mim. — Vamos tirar isso da frente.

Meus olhos fogem dele.

— Desculpa.

— Para — ele diz.

— Porque desculpa não adianta nada?

— Não. Porque você não precisa se desculpar. Anda, Snow. Olha pra mim.

Eu tento. Ele está com aspecto cansado. E triste. E constrangido.

— Não me importo com isso — Baz diz. — Com nada disso.

— Meu Deus, Baz. Não mente pra mim! Não se mente pra ninguém na cama.

Tento cobrir o rosto de novo, mas suas mãos estão nas minhas bochechas. Ele está perto demais.

— Não estou mentindo! Não me importo de *reconfortar* você, Simon. Ou de te abraçar. Não me importo de te dar o que você precisa, o que quer que seja. Isso é bem melhor que ver você tentando me afastar. Ou me ignorando.

Olho para ele.

— Mas você poderia ficar com quem quisesse. Poderia ficar com *todo mundo* que quisesse. Ninguém começaria a chorar assim que a pegação começasse.

Baz dá de ombros.

— Nem sempre você chora... às vezes você só fica parado, com o olhar perdido.

Puxo os cabelos.

— Porra, não acredito que você está fazendo brincadeira com isso.

Tento virar de costas para ele, mas Baz é firme quando quer. Ele me segura pelos ombros e diz:

— Espera. Me ouve. Você está ouvindo?

Fecho os olhos, mas paro de tentar afastá-lo.

— Quero ficar com você — Baz diz. — E a situação é essa agora. De

verdade, eu não me importo, Simon.

Abro os olhos. Baz olha bem na minha cara.

— Você não quer mais do que isso? — pergunto.

Ele empurra meus ombros.

— Claro que quero. Mas não com qualquer pessoa. Quero mais com você, seu tonto.

Tento sentar longe, e dessa vez Baz deixa.

— E se eu não puder dar mais? — pergunto. — E se esse for o máximo?

Baz desdenha das minhas perguntas.

— Não acredito nisso. — Ele fica imóvel por um momento, depois vira para mim com a sobancelha erguida. — Está me dizendo que você não quer mais?

— Está louco? É claro que quero!

Ele volta a relaxar.

— Então tenho certeza de que vamos chegar lá... algum dia, sei lá, *alguma hora*. Sinceramente, Simon, esse não é o maior dos nossos problemas.

Isso arranca uma risada de mim.

— E qual é então?

— Eu ser vampiro, pra começar.

Baz parece tão perturbado e irritado, além de nada impressionado comigo. Isso me deixa com vontade de voltar a respirar o dióxido de carbono dele.

Sinto que abro um sorriso.

— Isso não é um problema de verdade...

— Está prestes a virar. — Ele coça a mandíbula. Suspira. — Se eu sair pra caçar, você vai estar aqui quando eu voltar?

Continuo sorrindo.

— Melhor ainda: vou junto com você.

Baz franze a testa, com a cabeça baixa, mexendo no joelho do jeans. Seu cabelo secou um pouco mais armado que o normal, e cai sobre os olhos.

— Simon... — ele diz, como se eu tivesse sido grosseiro e incômodo.

Pego a mão dele.

— Baz, se você não quer que eu tenha vergonha do caos completo que eu sou, não pode ter vergonha de quem você é também. Já falei que não ligo. Sei que você é um vampiro desde que a gente tinha quinze anos!

Ele ergue o queixo.

— É, e você tentou dar uma de Van Helsing pra cima de mim, Snow!

— Nunca tentei de verdade...

Ele franze a testa.

— Então você *nunca* se esforçou por mim?

Puxo a mão dele.

— A questão é: não me importo que você seja um vampiro, nem um pouco.

— Bom, eu me importo. É humilhante.

— Baz, odeio dizer isso, mas...

Estou sorrindo para ele, e mal posso acreditar nisso. Tipo, eu realmente achava que ia passar dias triste porque tínhamos terminado de vez. Mas, de alguma maneira, continuo aqui, e ele continua aqui, e embora eu ainda sinta que sou um caso perdido, o que há entre nós não parece nem um pouco perdido.

Fora que, quando Baz está triste, não consigo pensar em mais nada. Sua carinha de preocupação me deixa louco, e quero ser o responsável por fazê-la sumir. Acho que eu seria capaz de deixá-lo mal só pela alegria de tornar as coisas melhores. Isso é bem problemático, né?

Inclino a cabeça para encontrar seus olhos.

— Só quero ficar com você — digo. — E a situação é essa agora. Sou um caos completo, e você é um monstro que chupa sangue de rato.

Descemos pelo beco próximo ao apartamento de Baz. Não temos que ir muito longe, ele diz. Há ratos por toda parte em Londres, alguns do tamanho dos gatos.

— Tem que ser ratos? — pergunto. — Ratos são tão nojentos.

Baz está vestindo um par de luvas de couro caramelo.

— O que mais esta cidade tem a oferecer? Animais de estimação?

Pombos?

— Você poderia criar os ratos. Ratos limpinhos, tipo de laboratório.

— Boa ideia, Snow. Vou encher meu apartamento de ratinhos de olhos vermelhos em gaiolas. Porque isso não seria nem um pouco esquisito.

Baz se inclina, pega um rato pelo rabo e esmaga a cabeça dele na parede.

— Eita — digo. — Já é bem esquisito.

Baz olha feio para mim.

— Foi você quem quis vir. Eu falei que era nojento.

Sorrio para ele.

— Fico feliz que tenha deixado. A gente podia fazer isso juntos. Sempre. Posso te ajudar a caçar.

— Não preciso da sua ajuda.

Ele volta a andar.

— Não vai chupar o sangue desse aí?

— Prefiro esperar e chupar tudo de uma vez. Faço menos sujeira. — Baz franze a testa para mim. — Você não vai me ver chupando.

— Você já disse isso.

Em casa, quando concordou que eu viesse junto.

— Dá pra ver que já está tendo ideias...

Baz se agacha e enfia a mão no bueiro para pegar outro.

— Por Merlim, você é bom nisso!

Enquanto eu falo, ele pega o bicho.

— É treino — Baz diz.

— Deve ter sido bom no interior. Caçar de verdade. Cervos e tal.

Conforme mata os ratos, ele segue em frente.

— Parecia mais saudável mesmo — diz.

Vou atrás.

— Você pretende morar no interior depois da faculdade? — pergunto.

— Você pretende?

— Não sei por que você ainda não desistiu de vez dos animais.

— Como assim?

— Bom, os vampiros americanos chupam o sangue das pessoas...

Ele se vira para mim e franze a testa.

— Não sou assassino, Snow.

— Lamb disse que não é preciso matar ninguém. É só chupar um pouco.

— Também não sou parasita. — Baz para e se agacha. — Nem ladrão.

— Você não teria que roubar nada.

— Boa ideia, posso encontrar um banco de sangue e abrir uma conta.

— Ah, vai. Não seja bobo. Você sabe que eu te daria o meu.

Ele se levanta na hora e fica cara a cara comigo.

— Não fala isso, Simon.

Dou de ombros.

— Mas eu daria mesmo.

É verdade.

Baz assume uma postura ameaçadora.

— Não seja idiota! Nem sabemos como funciona! Eu poderia exagerar.

— Você não faria isso.

Ele não faria isso.

— Eu poderia te transformar sem querer.

— A gente pesquisa — digo. — Vou falar com a Penny.

— Nem pensa em mencionar isso pra Bunce. Para com essa história, tá? Não quero mais saber disso.

— Você prefere beber sangue de rato ao meu?

Os olhos de Baz estão arregalados. Ele balança a cabeça.

— Vai se foder, Snow.

— Um dia, quem sabe? Me disseram que há esperança. — Noto algo passando correndo por mim e dou um pisão. — Ei, olha! Peguei um!

Simon Snow sorri para mim, oferecendo um rato vivo como se fosse uma rosa.

Só fico olhando.

Ele sacode o rato, que guincha.

— Acaba com ele — Simon diz —, antes que eu comece a me apegar.

Pego o rato e acabo com seu sofrimento.

Mas quem vai acabar com o meu? Antigamente eu achava que seria esse trouxa diante de mim.

— Você nem está de luva — digo, ainda perplexo.

— É só lançar um limpo-como-meu-nome em mim.

— Isso só vai...

— Me deixar limpo como meu nome, eu sei. Mas, no momento, estou limpo como um rato.

Agito a varinha sobre suas mãos para lançar o feitiço e volto a andar.

Ele é inacreditável! Quer que eu chupe *seu sangue*? Como se *não chupar seu sangue* não fosse minha maior preocupação desde que meus caninos despontaram!

Ia deixar mesmo que eu *bebesse*...

Sem ligar para a dor. Para as cicatrizes. Para a perda de sangue.

Ou para o risco de se tornar um monstro.

Eu achava que Snow talvez não quisesse dividir a cama comigo por medo de que eu o mordesse durante o sono. Mas aparentemente isso não é problema! Sangria não é problema! O verdadeiro tabu é a intimidade!

— As pessoas nunca reparam? — ele pergunta, ainda sem parecer se incomodar. — Em você passeando com um monte de ratos mortos na mão?

— Em geral, não. Se notam, lanço um feitiço.

— De quantos ratos você precisa pra ficar satisfeito?

— Depende do tamanho. De quatro a seis.

Simon ri.

— De quatro a seis.

Balanço a cabeça.

— Ainda não consigo acreditar que você está fazendo isso comigo.

— Na verdade, meio que já fiz isso com você. Eu te seguia até as catacumbas todas as noites.

Dou risada.

— Mas não podíamos chamar aquilo de encontro, Snow.

Ele sorri.

— E isso aqui, podemos?

Procuro mais ratos no beco.

— Você era mesmo obcecado por mim, né? Não dá pra acreditar que não sabia que era gay.

— Não sou gay — Simon diz. Imediatamente.

Paro e viro para ele.

— Ah. Desculpa. Acho que, tipo... — Nunca falamos sobre isso. Só imaginei... Não sei o que imaginei. — Você é bi?

— Quê? — Ele parece não gostar. — *Não*.

— Bom... — Olho em volta, como se pudesse encontrar no beco algum tipo de ajuda. Levanto as mãos. Esqueço que estou carregando os ratos. — O que sobra então? Você ainda acha que é hétero?

— Nossa, Baz, nunca pensei que fosse hétero. Nunca pensei sobre essas coisas.

Simon segue pelo beco, se afastando de mim.

Vou atrás dele.

— Não pensou nem um pouco? Desde *a gente*?

— O que tem pra pensar? Estou com você. E você é um...

Ele deixa a frase morrer no ar.

— Homem — digo apenas.

Simon dá de ombros.

— Eu ia dizer “menino”.

— Tenho vinte anos. Poderia ir pra guerra.

— Prefiro que não vá.

— Então você sabe que está saindo com um homem. É um começo. Ele vira para me dar uma piscadela.

— Ahá! Então isso é mesmo um encontro.

— Simon, estou falando sério.

Paro de andar.

Ele também.

— É, mas *por que* você está falando sério? Isso é importante? É, tipo, nosso *segundo* maior problema? Eu não saber que bandeira erguer na Parada do Orgulho LGBTQ + ?

— Eu não achava que *fosse* um problema — digo. — Mas você está sendo bem esquisito em relação a isso. Então imagino que seja.

Simon suspira e esfrega a testa. Ainda bem que limpei as mãos dele com um feitiço.

— É que... eu não sei, tá bom? Sei que não sou hétero. E está claro que eu já era o que quer que seja agora quando ia aos seus jogos e ficava escondido do lado de fora das suas aulas de violino.

— Achei que você só estava tentando descobrir se eu era mesmo um vampiro — digo.

E é verdade.

Ele fica exasperado.

— Eu já sabia que você era um vampiro!

Quero levar as mãos à cintura, mas ainda estou segurando quatro ratos mortos.

— Você está dizendo que já gostava de mim? No quinto ano?

— Baz, eu era obcecado por você.

— Isso eu sabia. Mas você *gostava* de mim?

Simon volta a suspirar. Parece bem incomodado.

— Eu não *gostava* de você. Ainda não gosto muito...

É mentira, e ele sabe.

— Mas queria me beijar?

— Queria ir pra cima de você. Não pensava no que aconteceria depois.

— *Plus ça change...*

— Vai se fodaaaa — ele diz, de maneira extravagante. — Sei que

acabou de ser presunçoso em francês.

Dou risada. Snow sempre me faz rir. Me faz esquecer por que estou irritado com ele. De canto de olho, noto um rato passando por nós e me agacho para pegá-lo pelo pescoço. É pequeno o bastante para que eu consiga matá-lo com uma única mão.

— Eu gostava de você — digo.

— Você me odiava — Snow diz, acima de mim.

Eu me levanto.

— Também.

Estou quase acabando de caçar. É melhor pegar mais um, para não ter que repetir a dose mais tarde. Snow caminha ao meu lado. Pigarreio.

— Mas você gostava da Agatha, né? No quinto ano.

— É. Acho que sim.

Passo à frente dele.

— Você sentia *atração* pela Agatha — digo, de costas, como se não fosse nada. — Não é?

— Você conhece a Agatha. Objetos inanimados sentem atração por ela. Árvores se curvam quando ela passa.

— É, mas você... — pergunto. Ou tento perguntar. — Quer dizer, você...

Simon acelera o passo para me acompanhar.

— Eu o quê?

— Vocês, na verdade. Você e Agatha. Vocês, hã...

— Você quer saber se a gente namorava? Sim. Embora ela nunca tenha me levado para caçar ratos à noite. Ela nem topava ir ao cinema comigo. Dizia que...

Eu o interrompo.

— Vocês transaram?

Simon para.

— Nossa, Baz, que pergunta.

Ele está certo. Nem consigo acreditar que perguntei.

— É uma pergunta normal — digo.

— É mesmo?

Ele está surpreso de verdade.

— É. As pessoas sempre conversam sobre os parceiros anteriores.

— Você nunca mencionou nenhum.

Explodo.

— Porque não tive nenhum, seu idiota! Você não acha que já saberia de algum, se passou três anos me perseguindo?

— Não sei como você passava as férias!

— Lendo! Tocando violino! Jogando *Mario Kart* com minha irmã!

Paramos de andar. Simon franze o nariz.

— Então você não passava o tempo todo tramando contra mim?

— Só um pouco. No sexto ano já tinha cansado. — Pareço exaltado.

Porque estou mesmo. Com um mínimo de comunicação que seja, as comportas já se abrem. Daqui a pouco vou acabar perguntando se ele quer ter filhos. — Olha, vou chupar esses ratos agora.

Simon fica confuso.

— Tá. O que quer que eu faça?

— Vire de costas.

Ele vira.

Só quero parar um segundo e deixar a irritação vir. Em vez disso, pego minha faca.

— Você crava os caninos neles? — Simon pergunta, de frente para a parede, as asas recolhidas sob a blusa.

— Só se precisar. Eu corto a garganta deles.

— Quero ver.

— Você é um perverso.

— É que gosto de ver um trabalho bem-feito.

Separo um dos ratos.

— A Wellbelove também é?

— Ei...

Simon vira para mim. Está bravo. Finalmente.

Decido ficar bravo também.

— Eu sabia que você não ia fazer o que falou!

— *Como assim?*

— Você prometeu que não ia olhar.

— Eu...

O rosto de Simon está vermelho. Ele vira de volta para a parede.

— Eu não deveria ter feito isso — digo, tenso. — Desculpa. Não vou mencionar Agatha de novo.

— Tudo bem — ele diz, coçando a nuca, inesperadamente tranquilo.

— Não vira. Agora é sério. Não posso deixar os ratos esfriarem.

Corto a garganta do primeiro rato e o levo à boca. É muito nojento. Que tipo de doença eu não teria se fosse um ser humano?

Solto o rato drenado na rua e abro o próximo.

Simon chuta a parede.

— Rolou sexo — ele diz. — A gente namorou por muito tempo.

Eu me assusto e derramo sangue na minha blusa branca. Jogo o rato no chão.

— Bom — respondo, tenso.

— É? — Simon diz, frustrado.

— Não foi?

— Foi normal, sexo. Você acabou?

— Não. Faltam três.

— Tá — ele diz, voltando a chutar a parede.

Começo a chupar o sangue de outro rato.

— Não sei se eu sentia atração por ela... — Simon diz.

— Vocês transaram — murmuro.

— É, mas o que isso quer dizer?

Minha garganta produz um ruído de descrença. Estou tentando engolir.

— Meio que me deixei levar — ele diz.

Solto o rato. Não bebi nem a metade do sangue.

— Mas isso só pode ser um indício de que você se sentia atraído por ela.

— Eu achava que sim! — Ele está com a mão enfiada no cabelo no alto da cabeça. — Achava que ia *casar* com ela. Mas meio que me deixei levar com tudo em relação a Agatha, não foi? Eu nem tinha que pensar. Nem tinha que entender meus sentimentos, ou, como minha terapeuta dizia, “processar”. — Ele chuta a parede com força. — Eu não precisava *processar* nada com Agatha. Era o que eu mais gostava nela! Era o oposto de ter que lidar com minhas questões. Eu nunca olhava para Agatha e pensava: *Como vou fazer para meus sentimentos*

por essa pessoa caberem dentro de mim? Eu sentia que era o bastante! Meus sentimentos eram perfeitamente administráveis. Nem sei se eu sentia alguma coisa, aliás!

Limpo as mãos no jeans.

— Vira pra mim, Snow.

— Terminou?

— Não — digo, baixinho. — Vira.

Ele vira. Solta o cabelo.

— Pelos círculos do inferno, você está parecendo um açougueiro. Sempre faz essa sujeirada?

— Só com você.

— Eu transei com Agatha — ele diz, como se pedisse desculpa. — Achei que você soubesse.

— Eu sabia. Imaginava.

Ele balança a cabeça.

— Ainda não sei se sou bi por causa disso.

— Não importa.

A mão de Simon volta ao cabelo.

— Bom, agora me sinto um completo idiota! Tipo, passei três anos com uma menina, e ainda não sei se gosto de meninas! Como pode?

— Você não precisa saber.

— Mas parece que deveria, não? Essa experiência deveria ter sido suficiente. Você não precisou experimentar nada pra se resolver!

— Por favor, Simon, esquece que toquei nesse assunto.

A mão dele volta a cair.

— Tudo o que sei é que nenhuma experiência que tive até agora se compara a você. Talvez isso signifique que sou gay, então. — Ele engole em seco. — Ou talvez só signifique que sou seu.

Estamos a um passo um do outro. Estou coberto de sangue, segurando dois ratos mortos de tamanho médio e uma faca bem afiada.

— Quero beijar você — digo.

— Sempre quero beijar você, Baz. — Ele se aproxima. — Sempre quis.

— Não.

— Não estou nem aí se vou pegar peste bubônica. Você pode me transformar em vampiro pra me curar.

— Não provoca, Snow.

Ele dá mais um passo na minha direção. Eu recuo.

— Vou terminar com os ratos. Depois voltamos para casa e eu escovo os dentes.

Simon olha para os ratos, depois para minha boca.

— Posso ficar vendo?

Fecho os olhos.

— Tá.

— Eba! Eu sabia que você ia acabar deixando.

Como se eu fosse capaz de negar qualquer coisa a ele.

Não consigo acreditar que estou sentado na cama de Baz.

Não consigo acreditar que Baz me deixou ir caçar com ele.

Não consigo acreditar que ainda estou aqui.

Eu achava que preferiria morrer a tentar expressar em palavras pelo menos uma dezena de coisas que disse nas últimas dez horas. No entanto, aqui estou. E aqui está Baz. Bom, no momento ele está no chuveiro, de novo, mas já vai sair. Ele me emprestou outra muda de roupa para dormir. Disse que eu podia fazer mais sanduíches.

Encontrei bolacha recheada de chocolate na cozinha. Mergulho direto na garrafa de leite e como.

— Minha tia vai mesmo te matar, sabia? — Baz diz.

Levanto os olhos. Ele está à porta do banheiro, usando calça de pijama e uma camiseta limpa. O cabelo está úmido, ele deve ter lavado de novo. Eu nunca o tinha visto tão ensanguentado quanto hoje. Suas luvas continuaram grudentas mesmo depois que ele lançou um feitiço para limpá-las. Baz disse que não vai mais me levar nas caças, mas acho que não era para valer. Quero ir com ele toda noite. Acho que gosto de caçar. Sempre quis ter um arco.

— É melhor eu parar de comer? — pergunto, com duas bolachas na boca.

— Agora é tarde. Amanhã eu compro mais. — Ele arqueia a sobrancelha para mim. — Precisa de ajuda com a camiseta?

Baz me deu uma camiseta limpa, mas eu a deixei sobre a cômoda.

— Se você não se importar — ergo um ombro, e minha asa se retorce —, pra mim é mais fácil dormir sem.

Baz assente e passa a língua pelo lábio inferior.

— Claro, eu... não me importo.

Ele fecha a porta do banheiro e vem deitar ao meu lado na cama. Abro espaço para ele. Sua pele está mais rosada; continua pálida e cinza, só que um cinza mais rosado. Sangue de rato lhe cai bem.

— Você está derrubando migalhas na cama, Snow?

— Sou péssimo. Eu nem tinha notado. Você não se importa de dormir um pouco mais?

— Não — Baz diz, pegando a garrafa de leite. — Estou exausto.

Eu o observo dar um gole e engolir. Gosto disso. Gosto dele. De tudo nele.

Pego a última bolacha e a ofereço a Baz. Com um sorrisinho, ele aceita.

Eu o abraço.

— Tudo bem fazer isso?

— Claro — ele diz. — Meio que sempre.

— É?

— É, Snow. Pra que negar?

— Isso... — Eu o abraço com mais firmeza e o envolvo com minha asa. Gosto de ter quatro braços para segurá-lo. — É bom. Já está melhor, não acha?

— Melhor que o quê? — Baz pergunta. (Acho que ele sabe a resposta de metade das perguntas que faz. Só que gosta de me obrigar a falar.)

— Que ontem — digo.

— Tudo está melhor que ontem. Ontem foi o fundo do poço.

— Parece que faz tanto tempo.

Baz deixa o leite de lado e limpa algumas migalhas do edredom. Eu me ajeito na cama, deixando asa e braço abertos. Os travesseiros são muito macios, devem ter custado uma fortuna. Ele olha para mim, depois vira o rosto. Abro a outra asa para trazê-lo para perto, e ele deixa. Deita a cabeça no meu ombro. Gosto disso. Faz com que Baz pareça mais baixo que eu.

Ele apoia a mão no meu peito. Acho que nunca me tocou ali, sem camisa, quando não estamos nos pegando, ou tentando nos pegar.

Talvez ele esteja tentando...

— Gosto do seu peito — Baz diz.

— Isso porque você lembra como eu era antes de ficar gordo.

— Para com isso, Snow. Você não está gordo.

Estou, sim. Mas, como Baz diria, esse não é o maior dos meus problemas.

— Você ficava tão magro nas férias...

Seu dedo traça o caminho até meu coração.

Estremeço e cubro sua mão com a minha, para impedi-lo.

— Eu não conseguia compensar a magia.

Ele olha para mim.

Tento explicar:

— Acho que a magia exigia muito de mim. Estava sempre ali, mesmo que eu não usasse. Eu não passava necessidade nos lares, mas não me serviam ensopado e todos os doces que eu aguentasse comer o tempo todo. Eu voltava para Watford morto de fome, mal conseguia pensar. Um ano, fui direto para o refeitório e fiquei comendo do almoço até o jantar.

Baz vira o rosto para beijar meu peito.

— Você não está gordo. Gosto de você assim.

— E de que jeito você não gosta de mim? — pergunto, meio brincando, mas mordo o lábio.

Baz me olha com o rosto abaixado e balança a cabeça. Ele me dá um quentinho por dentro. É tão gostoso que não aguento. Fico com vontade de bater a cabeça na parede só para me distrair. Talvez Baz perceba, porque não volta a me beijar e não mexe mais a mão.

— Sua tia continua presa? — pergunto.

— Não, paguei a fiança dela. Você não recebeu minhas mensagens?

— Ah, é, desculpa, eu...

— Estava me ignorando, torcendo para que eu entendesse o recado e sumisse sem dizer nada, mesmo depois de um ano e meio juntos.

Suspiro.

— É como se não quisesse que eu esquecesse nem por um segundo como você é impiedoso.

Baz belisca meu mamilo.

— Não quero que você pense que é tudo um sonho.

— Ei! — Eu me encolho e aperto sua mão. — *Ei...* Desculpa. Por não responder as mensagens, digo.

— Paguei a fiança de Fiona. Ela estava tentando roubar alguma coisa em Watford, mas ainda não sei o quê.

— Então sua tia pode aparecer aqui a qualquer minuto?

— É improvável. Acho que ela está namorando.

— Eu li as mensagens sobre sua madrasta. Sinto muito. Como seu pai está?

Baz vira o rosto no meu ombro.

Solto a mão dele, para fazer cafuné. O cabelo dele é escuro e grosso, e passa dos ombros quando está molhado.

— Tão mal assim? Ela tem outro?

Ele se apoia no cotovelo. Tiro minha asa do caminho.

— Você não vai gostar disso — Baz diz.

— Por que gostaria?

Baz aperta a ponte do nariz.

Então me conta tudo.

21

penelope

Recebi um monte de mensagens de Simon durante a noite.

me liga, pen.

tem algo estranho rolando, e tem a ver com magia. vc vai achar interessante, e precisamos da sua ajuda. e da sua varinha.

me liga.

ou liga pro baz.

Vi as mensagens às nove, quando acordei.

Simon, escrevi. Isso é exatamente o que você disse que não queria mais. E desconfio que você estava certo. Quem somos nós para investigar questões mágicas “interessantes”? Se realmente acha que tem alguma coisa acontecendo, é melhor contar pra minha mãe.

Então deixei o celular de lado e voltei a dormir.

Quando acordo de novo, meu quarto está com cheiro de comida. Shepard está sentado perto da cama. Trouxe uma cadeira da cozinha.

— Comprei café — ele diz —, embora tecnicamente seja hora do almoço. E embora eu tenha quase certeza de que você não jantou ontem. Você sabe que tem um lugar na esquina que vende todo tipo de sanduíche que dá pra imaginar? Eu literalmente não consegui escolher. É uma parede inteira de sanduíches.

— Você está falando do Pret?

— Então, te trouxe isto. Não é bonito, eu sei. Mas é delicioso, pode acreditar, e vegano. Já comi três.

Sento para ver o que ele colocou no meu colo.

— É um enroladinho de salsicha.

— É um enroladinho de salsicha vegana e bem molenga.

Olho feio para ele.

— Eu sei, já comi antes.

— Ah, que bom, então você já sabe o que esperar. Eu trouxe suco de laranja também. Se vou te trazer todas as refeições, acho que é melhor você me falar das suas alergias, preferências e crenças religiosas.

Esfrego os olhos. Ainda estou me sentindo tão mal quanto me sentia quando fui para a cama. E igualmente sem ideia do que fazer da vida. Só que significativamente mais faminta... Não consigo acreditar que vou dar a Shepard a satisfação de comer o enroladinho de salsicha vegana que ele me trouxe. Dou uma mordida.

— Você ficou passeando por Londres de novo?

— Pensei em passar outro dia sentado sozinho na sala, mas...

— Você não pode ficar passeando. É um imigrante ilegal.

— Não pretendo ficar por aqui, na verdade...

— Você não falou com ninguém, né?

Ele inclina a cabeça para mim.

Tá, é uma pergunta idiota. Preciso tirá-lo daqui. Não paro de me lamentar desde que Simon foi embora, e ignorei Shepard por completo. Só consigo encarar um número limitado de erros cometidos por vez, e no momento já extrapolei essa cota. Mas esse está fora de controle.

— Obrigada pelo café, Shepard.

— Não precisa agradecer, peguei o dinheiro que estava na mesa da cozinha. Não era o dinheiro do aluguel, era? Fiquei entre isso ou pegar sua pedra, fazer bibidi-bobidi-bu e ver se o café da manhã aparecia. Depois te pago. A não ser que fosse dinheiro falso.

— Não tem problema.

— Esse é um bairro ótimo. Tem uma família de e/ougros morando no andar de baixo, você sabia?

— Neste prédio?

— É, um casal jovem. Com um schnauzer. Depois apresento vocês.

— Você falou com os *vizinhos*?

Ele inclina a cabeça.

Pois é. Totalmente fora de controle.

Eu nem estou mais *tentando* ajudar Shepard. Apaguei a lousa. Fiquei

vendo novelas norueguesas, lendo fanfic e comendo miojo de vez em quando. Enquanto isso, Shepard anda fazendo só a magia sabe o quê, com só a magia sabe quem.

Não posso deixar que ele se instale de vez na minha sala. Imagina o que traria para casa.

— Shepard, andei pensando.

— Eu também.

— Quando eu te trouxe pra cá...

— Tenho sido tão ingrato.

— Quê? Não é verdade.

Ele assente, com vontade.

— É, sim. Pra ser sincero, nunca achei que você pudesse resolver meu problema demoníaco.

Estou atônita.

— Shepard, você foi sincero. Disse que achava que eu não conseguiria resolver.

— Mas ainda assim vim com você. Só pra ver o que aconteceria. Você e seus amigos são as pessoas mais interessantes que já conheci. E isso não é pouco... Vim junto porque queria ver o que aconteceria a seguir.

— Shepard...

— Mas, no outro dia, quando Simon foi embora e você quebrou todos os gizes, fiquei pensando... — Ele empurra os óculos de armação metálica para trás. — Conheci *muitas* criaturas mágicas, e nenhuma delas nunca me ofereceu ajuda.

— Não sou uma *criatura*...

— Uma vez mostrei minhas tatuagens pra um gênio...

Quê?

— Onde você encontrou um gênio?

Shepard sorri.

— Numa lâmpada.

— Você encontrou um gênio preso numa lâmpada?

— Encontrei um gênio que *morava* numa lâmpada. Em South Sioux City. Enfim, ele não me ofereceu ajuda, só disse “tenho duas regras: você não pode desejar mais desejos e não me meto com demônios”.

— Por Morgana...

O sorriso de Shepard fica mais caloroso.

— Mas *você* não disse isso, Penelope.

— É verdade. — Solto um gemido.

Levo as mãos ao rosto. Meus dedos estão engordurados do enroladinho de salsicha vegana.

— Você se ofereceu para ajudar na mesma hora.

— Ofereci.

— Você *insistiu* que eu aceitasse sua ajuda.

— Pois é...

— Porque você é uma boa pessoa. Uma pessoa heroica. O tipo de pessoa que estou tentando ser.

— *Quê?*

Levanto a cabeça na hora. Como ele pode dizer isso e continuar sério? E parecer *sincero* ?

— Aceito sua ajuda, Penelope.

Solto outro gemido, mais alto.

— Shepard, nããããã. Você estava certo o tempo todo.

— Não. *Você* estava certa. Eu deveria confiar em você. Eu confio em você! — Ele faz gestos amplos com a garrafa de suco de laranja. — Você é uma bruxa sábia e poderosa, e sou grato pela sua ajuda.

— Não! Não, não, não. Não sou nada disso. Sou uma idiota!

— Está brincando comigo? Nessas duas semanas desde que te conheci, vi você fazer uma fuga ousada depois da outra. Vi você matar *três* vampiros, Penelope. Sozinha!

— Shepard, você só me viu saindo de situações terríveis porque me coloquei em situações terríveis, e arrastei meus amigos junto. Só tomo decisões ruins. E é ainda pior do que você imagina! Um dia antes de nos conhecermos, levei um fora de alguém que aparentemente já tinha me dado um fora inúmeras vezes. Só que eu tinha sido burra demais pra perceber! *Eu* fui o motivo daquela viagem de carro desastrosa. E matar aqueles vampiros não foi exatamente inteligente. Deve ter ido parar no YouTube!

— Foi parar no YouTube, sim. Eu vi.

— Provavelmente vou perder meu anel por causa disso.

— Penelope... — ele diz, como se só agora eu estivesse saindo do controle.

— E o que aconteceu depois? — insisto. — Fui pega por um gambá! E um dragão! E mais vampiros! E não fiz nada para salvar a mim mesma ou qualquer outra pessoa. Nada!

— Você salvou a Agatha.

— A *Agatha* salvou a Agatha! Eu só estava junto!

— Penelope, eu vi você...

— Esse é outro problema, Shepard. Magos não deveriam fazer magia diante de normais. Nossa cultura toda depende da discrição. Eu deveria ter apagado sua memória uma dezena de vezes.

Ele volta a sorrir.

— Na verdade, você tentou.

— Argghhhhhhhh!

Desabo contra a cabeceira da cama.

Shepard se inclina para mais perto.

— Sei que você é uma boa bruxa — ele diz, gentil. — Seus amigos te tratam como se você fosse uma mestre jedi.

— Meus *amigos*? — Sei que Shepard não está tentando ser cruel, mas é um golpe baixo. Minha voz nem parece mais estar saindo de mim. — De quem está falando? Simon? Ele também me deu um fora. Porque vive se metendo em encrenca por minha causa. Você ouviu minha mãe, eu *crio* problemas. — Balanço a cabeça. — Não resolvo. Crio.

Shepard finalmente para de discutir.

Não consigo encará-lo. Meu olhar se mantém fixo nas minhas pernas.

Depois de alguns minutos, ouço um suspiro.

— Então é isso? Você vai me mandar pra casa?

Volto a olhar para Shepard. Seus lábios estão retorcidos para o lado, como se ele não conseguisse acreditar que seus poderes persuasivos falharam.

— Vou — digo. — Posso te mandar pra Las Vegas, se você quiser. E te dar dinheiro para recuperar a picape.

— Dinheiro falso?

— Isso.

— Pode me mandar direto pra Omaha.

— Tá bom.

Seus ombros estão caídos, e ele está triste (finalmente). Talvez não esteja pensando que seu charme falhou, e sim que *eu* falhei com ele.

— Desculpa por ter te arrastado até aqui — digo.

Ele ergue o queixo.

— Não tem problema, Penelope. Foi divertido. Vi um pouco de Londres. E um pouco de magia. — Ele sorri. — Conheci uma família de e/ougros.

— Vou só me arrumar e já te arranjo uma passagem — digo.

Shepard me passa o suco de laranja que estava segurando.

— Sinto muito pelo fora que você levou — ele diz. — Eu não sabia.

— Nem eu, pelo visto.

Shepard recolhe o embrulho do rolinho de salsicha e levanta.

— Qualquer pessoa que termina com você inúmeras vezes tem um parafuso a menos.

— Não é verdade, mas obrigada.

Ele sai. Seu cabelo quase encosta no alto da moldura da porta.

— Eu queria poder te ajudar — digo.

Shepard para e dá de ombros.

— Tudo bem. — Ele passa pela porta, então se vira para mim. — Você foi mesmo a primeira pessoa a me dar alguma esperança de que eu pudesse recuperar minha alma. Ainda sou grato por isso.

Alguém vomitou na sala três. Meu pai diz que não preciso limpar, mas tento ser discreta mesmo assim, enquanto reponho o papel-toalha de todas as outras salas de exame e limpo as bancadas. Estou terminando a sala cinco quando Niamh aparece.

— Ah. Aí está você.

Continuo limpando a bancada.

— Meu pai disse para deixar com ele. Meus feitiços de limpeza são uma tragédia.

— Como?

— A sala três.

Niamh franze a testa para mim por um momento.

— Eu queria falar sobre ontem.

— Ontem?

— Com seu... amigo.

— Ah. — Jogo o papel-toalha sujo no lixo e estalo a língua. — Claro. Você quer falar sobre Simon.

— É, eu... Bom, eu queria pedir desculpa. Você estava... Bom, você *está* certa. Não sou muito boa no trato mesmo. Me saio melhor com coisas que não conseguem falar ou... ir embora. Acho que foi culpa minha o sr. Snow ter se assustado.

Ela fica ali, com a cabeça baixa, surpreendentemente digna de pena. Parte de mim gosta muito disso. Niamh é péssima e deveria mesmo se sentir assim. Mas outra parte...

— Niamh. Não foi culpa sua.

— Foi, sim — ela diz para o chão. — Se fosse seu pai, e não eu, as

asas teriam sido retiradas e todo mundo estaria feliz agora.

— Rá!

Ela olha para mim e franze a testa.

— Sinceramente, Niamh. Você não pode se sentir culpada por nada que Simon Snow faça. Ninguém consegue influenciar o cara. É tipo tentar influenciar um cachorro com raiva.

E a testa continua franzida — acho que no momento significa que está confusa. Niamh tem um largo espectro de franzidos na testa. Cinquenta tons de franzidos na testa.

— Não se sinta mal por causa disso — digo. — Simon vai retirar as asas quando quiser. Ou vai serrar sozinho usando uma lâmina cega. Ou perder numa briga com uma harpia.

Niamh fica verdadeiramente horrorizada comigo. Por mim, tudo bem. Ela que passe oito anos com Simon Snow antes de vir me julgar.

— A questão é: a culpa não é sua — insisto. — Nem minha. Somos só espectadoras.

A porta da sala três volta a se abrir. É meu pai. Niamh franze a testa para ele, que diz:

— Ah, Niamh. E Agatha. Niamh, você ainda vai a Watford hoje à tarde?

— Vou, doutor. Mas posso ficar, se precisar.

— Não, não, pode ir. É um belo dia para isso. — Meu pai olha para mim. — Por que não leva Agatha junto? Uma varinha extra pode vir a ser útil.

— Não — digo, antes de pensar melhor. Niamh e meu pai viram para mim, esperando que eu me explique. — Eu... disse a Janice que ficaria atendendo os telefones enquanto ela faz um intervalo.

— *Pff* — meu pai faz. — Ela se vira sem você. Niamh, Agatha também pretendia estudar veterinária.

Quase consigo ouvi-lo pensar: *Mas vai saber o que ela pretende agora?*

Niamh também está me olhando, se esforçando muito para sorrir feito uma pessoa normal. (Ela chega perto, mas não muito.)

— Claro — Niamh diz. — Fico feliz em ajudar.

— Ótimo — meu pai diz. — Divirta-se, Agatha. Mande um oi para Mitali se a vir.

Ele fecha a porta.

Niamh continua tentando sorrir para mim.

— Venho te buscar quando estiver pronta.

— Legal — digo, assentindo.

Ótimo.

Tento me recompor durante o banho. Ter um plano ajuda. Próximo passo: mandar Shepard para casa.

Compro uma passagem para hoje à noite. Não conto para minha mãe, mas consigo pagar quase tudo na internet com algum feitiço. Não vou nem me preocupar com a possibilidade de me pegarem. Se alguém tiver que descobrir que estou usando magia para conseguir passagens de avião, não é essa última tentativa que vai selar meu destino.

O único risco real é que de alguma maneira a magia fraqueje antes de Shepard chegar em casa. Não quero metê-lo em ainda mais encrenca. (Embora eu nunca tenha conhecido alguém que leva tanto jeito para a coisa, nem mesmo Simon.) (Estou tentando não me perguntar o que é a coisa “interessante” que Simon comentou na mensagem. *Não* vou cair na mesma dinâmica com ele. Porque depois ele fica me odiando por isso.) (É claro que Baz não foi tão facilmente dispensado quanto eu. Mas tudo bem. Ele que leve os infinitos foras agora.)

Quando chego na sala, Shepard está vestindo uma camiseta limpa. A jaqueta jeans está pendurada no encosto do sofá. É raro ver os braços de Shepard — ele fica de jaqueta mesmo dentro de casa, mesmo no verão. As tatuagens vão dos pulsos para debaixo das mangas. Tão intrincadas que quase parecem se mover.

Não. Estão mesmo se movendo.

Acho que estão mesmo se movendo!

Vou até Shepard e pego seu braço para olhar os símbolos.

— Às vezes elas fazem isso — ele diz, tranquilo.

— O que significa? — pergunto.

— Sei lá. Não sei demonês.

— Dói?

— Não. Às vezes é como se soltassem faíscas, como se formigassem, antes de começarem a mudar.

Observo os símbolos se movendo e girando ao redor do braço. Deve ter algum sentido, algum motivo...

— Até que é legal, né?

Olho para ele.

— Não, Shepard. Não é legal. É horrível. Me preocupa que você não consiga perceber a diferença.

Ele sorri para mim, puxa o braço de volta e veste a jaqueta.

— Vou sentir falta das suas broncas, Penelope Bunce. E do seu escárnio. E de suas ameaças constantes de me transformar em sapo. Pode continuar me ameaçando por mensagem de vez em quando? Só pra eu saber que está tudo bem.

Cruzo os braços e ele enfia na mochila a camiseta que estava usando antes. Seu relógio tem três mostradores, e ele usa pulseirinhas de contas. Não sei ao certo se posso deixá-lo ir embora sabendo tudo o que sabe.

Shepard ajeita o colarinho da jaqueta e ergue a sobrancelha para mim.

— Você não está pensando em apagar minha memória, está?

— Estou pensando, mas não vou fazer isso.

— Jurei que vou guardar seus segredos. — Ele sorriu para mim. — E já guardaria de qualquer jeito.

Olha, não sou cega. Shepard tem um sorriso lindo — caloroso, grande, com lábios negros carnudos e leves covinhas —, mas ele o usa com absolutamente *tudo mundo* em absolutamente todas as ocasiões. Eu me recuso a me deixar levar.

Continuo firme.

— Achei que nossos segredos tivessem valor inestimável na dark web mágica, ou por onde quer que você ande.

— Eu não teria tantos amigos incomuns se não guardasse segredos

— Shepard diz.

— E desde quando está guardando os segredos de *qualquer* criatura mágica se está sempre falando sobre elas?

— Só falo o que não é segredo, Penelope!

— Você me contou que conheceu uma lady gárgula. É, tipo, a coisa mais rara do mundo. Isso por acaso não era segredo?

— Não te contei nenhum detalhe sobre ela!

Reviro os olhos. Deveria ficar olhando para o teto até Shepard ir embora, para preservar minhas energias.

— Não vou apagar sua memória — digo.

Quando volto a olhar para Shepard, ele está sorrindo mais do que nunca.

— Obrigado, Penelope... Não quero te esquecer.

Pego meu celular e o entrego a ele.

— Aqui, salva seu número. Vou mandar seu cartão de embarque. Você está com o passaporte, né?

— Estou, mas não vai se transformar, sei lá, numa folha seca ou coisa do tipo assim que eu sair do seu alcance, vai?

— Por que seu passaporte se transformaria numa folha?

— Não sei. Motivos mágicos.

— Não. Vai ficar tudo bem. Sabe, pode me ligar se tiver algum problema, mas vai ficar tudo bem.

Ele ri.

— Qual é a graça? — pergunto.

— A ideia de te importunar com meus problemas.

Shepard coloca a mochila nas costas.

— Você não precisa ir ainda. Faltam horas pro seu voo.

— Acho que quero dar uma voltinha por Londres. Quem sabe quando vou voltar?

Ele está sorrindo de novo. Com os olhos também. Decido me deixar levar um pouco. De certa forma, é uma ocasião especial.

— Shepard — digo —, desculpa ter trazido você aqui...

— Ei. Para. Já falamos disso. Foi uma aventura, e você sabe o que acho de aventuras. — Ele enfia as mãos nos bolsos da jaqueta. — Ah, quase esqueci. — Ele tira dois pedaços de giz amarelo do bolso e me

entrega. — Consegui guardar esses do Grande Massacre. Achei que pudesse precisar depois.

Olho para os pedaços de giz.

Depois para Shepard.

Agarro a mão dele.

— Nossa — ele diz. — Você não quer que sobre nada mesmo.

— Shepard... *espera*.

Ele olha para mim, com a língua no lábio inferior, como se tentasse entender o que tem de errado comigo. Eu poderia tentar explicar, mas levaria um tempo.

— Você não precisa ir ainda — digo. — Então a gente, hã... bom, a gente pode ver se não consegue fazer algum progresso.

— Progresso — ele repete.

— Na nossa... situação.

— Penelope — Shepard diz, gentil —, você já tentou.

— Não — insisto. — Não tentei. Eu pedi pra minha mãe. Depois fiquei esperando por Simon e Baz. Olha, não consigo resolver isso sozinha, mas talvez possa te ajudar a entender algumas coisas... talvez algo que possa vir a ser útil mais para a frente.

Shepard assente. Com cuidado.

— Bom, aceito qualquer ajuda que me ofereçam.

— Tá. — Fecho os dedos em torno do giz que ele ainda segura, depois recolho a mão. — Vamos. Senta. E tira a jaqueta, está quente aqui dentro. — Olho para a lousa vazia. — Tá — repito. — Vamos começar do começo. Você ainda não me contou o que aconteceu.

Shepard já está sentado no sofá, tirando a jaqueta.

— Eu contei que fui amaldiçoado por um demônio.

Viro para ele.

— Você não contou a história em detalhes.

Ele empurra os óculos no nariz.

— Isso porque acho que você vai ser crítica e me julgar.

— Shepard, é impossível *pensar* sem ser crítica e julgar. É literalmente parte do processo.

— Pra você, é mesmo.

— Anda — digo, revirando os olhos. — Sei que está morrendo de

vontade de contar. Onde foi que aconteceu? Dubuque, Iowa? Topeka, Kansas? Na margem do rio Colorado?

Ele sorri. De um jeito mais triste que o normal.

— Foi em Omaha, na verdade.

— Ótimo — digo, virando para a lousa. — Vou colocar na coluna do que sabemos. Omaha, Nebraska.

O Ford Fiesta vagabundo de Niamh não tem ar-condicionado, então temos que ir até Watford com os vidros abertos. Meu cabelo fica todo emaranhado, e é tanto barulho que não dá para conversar; isso não seria problema, se no momento eu não tivesse que gritar: *Faz o retorno agora!*

Na clínica, eu só conseguia pensar que não queria passar a tarde com Niamh de jeito nenhum. Mas agora estou pensando que não quero voltar a Watford de jeito nenhum. Ainda não voltei a Watford. Talvez não possa voltar. Talvez não consiga.

Londres ficou para trás, assim como a maior parte das cidadezinhas em volta, e estamos mesmo no interior. Logo vamos avistar os portões de Watford.

— Niamh.

Ela não me ouve.

— Niamh!

Ela vira a cabeça para mim com tudo.

— Pode encostar o carro?!

— Por quê?

— Acho que vou vomitar!

Deu certo, e nem precisei mentir. Niamh para no acostamento. Eu me inclino para a frente, tentando colocar a cabeça entre os joelhos. Minha porta se abre. Niamh se estica para soltar meu cinto.

— Está tudo bem — ela diz.

— Não está, mas obrigada.

— Desculpa. Aqui. Bebe uma água.

Eu a ignoro. As ondas de ansiedade batem forte dentro de mim. Tento entender se começam no meu estômago ou na minha cabeça.

— Agatha... toma água.

Levanto a cabeça para Niamh e pego a garrafa de água que ela oferece. Bebo um pouco.

— Que tal um pouco de ar fresco? — ela sugere.

Como se tivesse faltado *ar fresco* no carro. Ainda assim, saio. Talvez Niamh possa me deixar aqui e me pegar na volta.

— Olha, tem sombra ali — ela diz.

Eu a sigo até uma árvore um pouco afastada da estrada. Niamh mantém as mãos esticadas, como se eu pudesse desmaiar e ela fosse ter que me segurar. Tenho certeza de que poderia me carregar se precisasse. Ela tem porte de lenhador.

Apoio as costas no tronco da árvore e escorrego até o chão.

— Você está bem?

— Ainda não.

Niamh fica ali por um minuto, as mãos na cintura, só me observando.

— Isso já aconteceu antes?

— Não. Não sei. — (Desmaiei uma vez, quando fui sequestrada por um troll. Conta?)

— Quer que eu ligue pro seu pai?

— *Não.* Não, foi o carro. Só preciso de um minuto.

Niamh senta perto de mim.

— Toma um pouco mais de água.

— Estou enjoada, não desidratada.

— Você parece meio aturdida.

Tomo outro gole.

— Já vou melhorar.

Ela fica me olhando, insatisfeita, o rosto vermelho.

— Que horas você tem que estar em Watford? — pergunto.

Posso ficar debaixo desta árvore. Tenho meu celular e a água de Niamh. E minha varinha, até.

— Não tenho hora. Só vou dar uma olhada nas cabras.

Penho a garrafa no chão.

— Nas cabras?

Niamh faz que sim.

— Nas cabras de *Ebb*?

— Ebb Petty morreu — ela diz.

Nossa, é exatamente disso que eu estava falando quando mencionei que ela não tinha muito trato com as pessoas. E se eu fosse próxima de Ebb? Ou uma amiga que ainda não soubesse? E se fosse um assunto ainda delicado para mim?

— Eu sei — solto. — E você vai dar uma olhada nas cabras dela?

— As cabras são de Watford. Estão entre os animais da escola.

— Esquece — resmungo, voltando a olhar para baixo.

— Vou uma vez por semana dar uma olhada nelas. Tem uma grávida, e tenho que ficar de olho. Ou pelo menos tentar.

— Ah.

Eu me sinto mal por ter perdido a paciência.

Volto a olhar para Niamh. Ela está sentada na grama, com as pernas dobradas à frente, os braços apoiados nos joelhos. Deixou o avental branco no carro, e está só com uma calça marrom e uma camiseta verde-escura, além dos óculos escuros verdes de armação de tartaruga, que são quase estilosos. Ela olha na direção de Watford. Talvez consiga ver a escola daqui.

— É sempre estranho ir lá — Niamh diz. — Parece que estou voltando pra escola.

— É...

— Você deve sentir saudade.

Dou uma risada seca.

— *Não*. Você sente?

— Não. Mas eu não era...

Niamh me dá uma olhada.

— Não era o quê? — pergunto, franzindo a testa.

— Você sabe...

— Não sei, não.

Niamh dá de ombros e vira o rosto.

— Não era Agatha Wellbelove.

— O que isso significa?

— Ah, por favor. — Ela apoia os óculos escuros na cabeça. — Você sabe.

— Me explica.

— Significa que a escola inteira girava em torno de você e dos seus amigos — ela fala, desdenhando.

Eu me inclino para ela.

— Não girava, não. E como você saberia disso? Não estudamos juntas.

— Sou só três anos mais velha que você, Agatha.

Isso é verdade? Será que a pele de Niamh ficou detonada rápido assim? Eu me recosto na árvore, cruzo os braços e a encaro.

— A gente jogava lacrosse juntas mesmo?

— Você não lembra?

— Lembro de jogar lacrosse... — digo, cortante.

— Bom, minha equipe era três anos à frente da sua. — Ela franze a testa para mim. — Por que está toda ofendida? É *you* que não se lembra de *me*.

— Eu não reparava muito no pessoal mais velho.

Niamh ergue o queixo e dá uma risada desagradável.

— E reparava em alguém, por acaso?

Então eu me ligo.

— Por Stevie Nicks e Grace Slick, eu te conheço!

Ela volta a pôr os óculos.

— É o que estou dizendo.

— Cobras me piquem. O que aconteceu com você?

— Como assim?

Ela fica surpresa e ofendida. Não posso culpá-la.

Tento consertar.

— Tipo...

Niamh... Niamh é *Brody*. Eu nem sabia que Brody tinha nome. (Bom, é claro que eu sabia que Brody tinha nome.) As meninas da minha idade tinham medo de falar com ela. Era a melhor atacante da escola. Tinha um metro e oitenta e cinco e parecia uma parede. Por Crowley, suas coxas eram imensas — pareciam uma mesa de chá. Ela tinha cabelo curto e platinado, espetado que nem o do Niall Horan.

— Tipo... — repito. — Seu cabelo.

Niamh leva a mão ao coque castanho-escuro.

— Ah. Bom. Cansei de descolorir e de acertar o corte a cada três semanas. A faculdade de veterinária não é fácil.

Brody. Niamh é *Brody*. Ela era absolutamente implacável no campo. Trombou comigo uma vez. Até daria tempo de sair da frente, mas quando a vi vindo na minha direção fiquei paralisada de medo. Seu rosto estava sempre vermelho. Seu cabelo era branco, mas suas sobrancelhas eram escuras. Aquele nariz monstruoso... Eu deveria ter reconhecido o nariz!

— Você me empurrou uma vez — digo.

Niamh dá de ombros.

— Eu empurrava todo mundo.

— Tipo, me empurrou *com tudo*.

Ela limpa um pouco de grama das botas.

— Lacrosse é assim.

— Lacrosse não é um esporte de contato.

— Do jeito que você jogava, não.

— Ei! — resmungo. — Eu era boa!

Niamh volta a olhar para mim. Mesmo de óculos escuros, seu olhar é penetrante.

— Era mesmo?

— Não no quinto ano, mas depois, sim.

— Hum.

Niamh não parece estar acreditando em mim. Sua expressão agora é bem Brody.

— A gente se classificou para o campeonato nacional no meu último ano! — insisto.

— Legal. O mais perto que cheguei do nacional foi no sétimo ano. Nosso jogo foi cancelado porque seu namorado levou um lobisomem pra casa e a escola toda ficou de quarentena.

— Ele não levou um lobisomem pra casa, ele lutou com um lobisomem no refeitório. — A cada argumento, eu me inclino mais para cima dela, mas não surte qualquer efeito. — Na verdade, lutou com quatro!

Niamh dá de ombros.

— De qualquer jeito, o jogo foi cancelado.

— Você tem sorte de não ter pegado um vírus lupino.

— Eu já era vacinada. O time inteiro era!

— Bom, não desconta em mim — digo. — Não fui eu que cancelei seu joguinho precioso.

— Você estava no rolo.

Meu queixo cai.

— Porque fui sequestrada!

Niamh revira os olhos, de uma maneira *muito* significativa, como se o que eu tivesse dito fosse ao mesmo tempo irrelevante e ridículo.

Eu me inclino para ela de novo.

— Como assim? Você não acredita que fui sequestrada?

— Todos acreditamos... da primeira vez.

— Da primeira... Está falando sério?

Niamh ergue as mãos espalmadas.

— Não importa, Agatha. Faz um século.

— Como a parte que foi sequestrada inúmeras vezes, não me parece tanto tempo assim.

— Olha, desculpa por ter tocado no assunto. Tenho certeza de que foi todo um drama pra sua... turminha.

— Não tinha *turminha* nenhuma — digo, com a voz aguda, mas Niamh nem me escuta. Já está de pé.

— Meus feitiços — ela resmunga, trotando para longe de mim.

Eu me levanto para ver o que Niamh viu...

Tem um bode pastando no campo, a uns trinta metros de distância.

Niamh corre até lá, com a varinha estendida.

— Vem aqui, vem...

Vou correndo atrás de Niamh. O animal a observa. É grande e branco, com chifres compridos e barba. Niamh chega a uns seis metros de distância dele. Então para de correr, como se tivesse medo de assustá-lo. Levanta a varinha devagar e diz:

— *Bode amarrado!*

O bode só fica olhando pra ela. Ruminando.

Ao que parece, Niamh está considerando correr. O animal também.

Ele sai primeiro, entrando no mato. Niamh vai atrás dele. Eu vou atrás dela.

— Você nunca vai conseguir pegar o bicho! — grito.

— Tenho que conseguir! — ela grita de volta.

Depois de alguns minutos, já estou cansada demais para acompanhá-la, mas Niamh não para. (Aparentemente suas coxas continuam em forma.)

— Niamh! — grito. — Você não vai conseguir!

— Tenho que conseguir!

O bode para e olha para ela. Niamh avança. O bode volta a correr. Há uma cerca mais adiante, e acho que Niamh vai conseguir encurralá-lo. É uma boa, mas e depois? Os chifres do bode têm uns trinta centímetros. Saco a varinha e tento pensar em feitiços de primeiros socorros. (Também sou uma tragédia nisso.)

O bode vê a cerca e vira com tudo. De repente, está vindo na minha direção. Por Circe, ele está mesmo vindo na minha direção! E Niamh também.

— Agatha! — ela grita. — Pega o bicho!

— Pegar? — escarneço. — Como? Com minha rede gigante?

O animal gigantesco e chifrudo vem a toda para cima de mim. Faço menção de sair do seu caminho, mas Niamh grita comigo:

— Agatha! Não deixa o bode escapar!

— Ah, puta merda — digo, apontando a varinha para o animal.

Sinceramente, o único feitiço que tenho na ponta da língua é das cinzas-às-cinzas. O bode para de correr quando estou prestes a lançá-lo.

Ele inclina a cabeça para mim.

Minha varinha já está a postos, então decido tentar alguma coisa. Não vai funcionar. Sou uma feiticeira fraca, mesmo num dia bom. (E suplementos nunca me ajudaram.) Sigo em frente mesmo assim.

— *Maria tinha um carneirinho!* — canto suavemente para o bode.

Ele me vê voltear a varinha, depois me olha como quem diz: *Não sou um carneirinho, minha filha.*

Sigo em frente.

— *Carneirinho, carneirinho!*

O bode fica só olhando. Ouço Niamh se aproximando.

— *Maria tinha um carneirinho, branco como a neve!*

Niamh para atrás do bode. Fico esperando que o derrube, mas ela só olha para mim e faz sinal para que eu continue.

— *Pra onde a Maria ia, Maria ia, Maria ia!*

O animal dá alguns passos ligeiros na minha direção. Olho para Niamh e aponto com urgência para ele. Ela aponta para mim e, sem produzir som, diz: *Continua!* Lanço-lhe o que espero que seja um olhar furioso, mas movimento a varinha.

— *Pra onde a Maria ia, ele ia também!*

O bode cheira minha calça, e sinto seus chifres roçando minhas canelas. Recuo um passo. Ele olha para mim e se aproxima.

— Ele foi pra escola um dia — Niamh sussurra.

Engulo em seco.

— *Ele foi pra escola um dia!*

Niamh segura meu braço, tentando fazer com que eu recue.

— *Pra escola um dia, pra escola um dia!* — continuo cantando. Então sussurro para Niamh: — O que estamos fazendo?

— Levando o bode de volta a Watford.

— Assume aí.

— Por que eu faria isso, Agatha? Foi você quem o enfeitiçou.

Continuo andando de costas. O bode me segue, aparentemente sem nenhuma preocupação no mundo, como se eu o segurasse pela coleira.

— *Ele foi pra escola um dia, e isso não podia!*

Quando chegamos aos portões de Watford, não tem ninguém de guarda. Niamh abre a tranca e segura um lado para que eu possa entrar, e é o que eu faço. O bode olha em volta, olha para mim e depois trota escola adentro, direto para o gramado.

Niamh franze a testa para mim, satisfeita.

— Muito bem, Agatha.

— Ele não vai sair de novo?

A propriedade é cercada, mas isso não ajuda muito. Feitiços impedem normais e intrusos de pulá-lo, mas não animais selvagens. (Provavelmente foi por isso que o Oco mandou tantas criaturas atrás

de Simon.) Se o bode conseguiu sair uma vez, pode conseguir de novo.

— Minha preocupação não é escaparem — Niamh diz. — E sim irem embora.

— Não é a mesma coisa?

— Não podemos manter os animais de Watford cercados. Eles deveriam *saber* que este é o lugar deles. Não ficar vagando por aí.

— Não é exatamente por isso que se mantém animais cercados?

Niamh está olhando para minha varinha.

— Você fez um belo trabalho. Eu nunca tinha visto alguém usando uma canção infantil antes.

Eu nunca nem *pensei* em lançar um feitiço daqueles antes.

— É só ser confiante — digo, guardando a varinha no bolso.

— Bom, eu nunca teria tentado. E a música ainda fala de um carneirinho, e não de um bode. Seu pai sempre diz que sou literal demais...

Olho para o gramado, para a ponte levadiça e para as muralhas. Olho para o alto da Capela Branca.

— Te espero aqui — digo. — Ainda não estou cem por cento.

— Ah — Niamh diz. — Bom, caso se sinta melhor e possa me ajudar a encontrar o restante das cabras... Às vezes leva horas.

— *Horas?*

— Elas são espertas.

O bode que pegamos já está indo para o terreno atrás da escola, para onde Ebb levava os animais para pastar.

— Acho que consigo ajudar, sim — digo. — Temos que atravessar o fosso?

— Não. As cabras ficam nas colinas. Odeiam lobisreios.

— Eu também odeio.

— São criaturas horríveis — Niamh diz. — Mataram todos os peixes do fosso e agora precisam de carne de cavalo para comer. Falei com a diretora sobre acabar com eles, mas houve protesto de alunos.

— Ebb não deixava que dormissem fora — digo.

— Os lobisreios?

— Não. As cabras. Ficavam com ela no capril.

Niamh franze a testa para mim.

— Ebb Petty morreu.

25

penelope

Bom, um jeito de olhar para a situação é: agora tem muito mais coisa escrita na lousa.

O QUE SABEMOS

- Omaha, Nebraska
- Dois anos atrás (normal, 20 anos)
- Ritual à meia-noite
- Vítima sozinha
- Vítima não quer ser chamada de “vítima”
- Que ritual a vítima (ou V.) seguiu?
- “De um cara que eu conheci” (!)
- V. tem uma cópia do ritual no bolso (!!)
- Disseram pra V. que o ritual ajudaria a “conhecer demônio” (!!!)
- V. achou que era uma *ótima* ideia
- V. já estava amaldiçoado? Já não estava “batendo muito bem da cabeça”, como minha avó dizia? Vale investigar.
- *MEU NOME É SHEPARD*
- Invocação do demônio bem-sucedida

O QUE NÃO SABEMOS

- Nome do demônio
- Tipo de demônio
- O que o ritual diz
- O que o ritual faz
- Como revertê-lo
- O que Shepard tinha na cabeça
- Se Shepard *tem* alguma coisa na cabeça

— O que tenho na cabeça no momento é: você daria uma excelente promotora.

Shepard está estirado no sofá, as pernas compridas vestidas em veludo cotelê laranja.

— Isso parece um elogio — digo, dando uma olhada nas listas. — Obrigada.

Viro para ele, e para o ritual demoníaco que tirou do bolso e *deixou na mesa de centro*.

Pelo menos não é o ritual de verdade. É só uma transcrição fonética em tinta roxa num pedaço de folha de caderno. Começo a ler em voz alta. Shepard pula do sofá e tapa minha boca.

— Não faz isso. — Ele fala baixo, ainda com a mão nos meus lábios. Assinto. Ele tem razão.

Shepard tira a mão devagar, e ambos expiramos.

— Foi assim que aconteceu? — pergunto. — Você só leu em voz alta?

Ele volta a se sentar.

— Não. Também desenhei uma porta no chão.

— Não um pentagrama?

— Não, uma porta mesmo. Tinha um diagrama ensinando a desenhar. Acho que a porta era tipo uma metáfora. A *ideia* de uma porta, que se transformou em porta de verdade.

Eu me jogo no sofá, limpando o giz na saia.

— Então foi só uma invocação *metafórica*.

— Por que não? — Ele continua sorrindo. (O bom de Shepard é que nem tenho que fingir que não estou sendo condescendente. Ele nem liga.) — Afinal, sua magia é baseada em clichês...

Faço uma careta.

— Acho que o que está querendo dizer é que usamos o poder da linguagem para dominar a magia do mundo de uma maneira que você mal consegue imaginar. Mas continua. Você desenhou uma porta. Onde?

— No meu quarto.

Shepard abre outra embalagem de sanduíche. Dessa vez com patê de frango.

Depois de uma hora concentrados nas listas, deixei que ele fizesse um intervalo para jantar. Com todos os sanduíches na mesa de centro agora, sinto como se Simon nunca tivesse ido embora. (Só que não. Consigo ouvir Simon — e Baz — não falando nada, consigo sentir muito claramente que não estão aqui e não querem estar. O silêncio que eles deixaram ressoa como um gongo na minha cabeça, e nem a falação constante de Shepard ajuda a abafar.)

Passo a unha no que resta do giz.

— Então você criou uma porta para o *inferno* no quarto em que dormia...

Shepard mastiga.

— Ah — ele diz. — Tem curry. Não esperava por essa. Sempre temperam frango com curry aqui na Inglaterra?

— Foco, Shepard.

Ele inclina a cabeça.

— Estou focado, estou focado... Hum, tem uva-passa... gostei.

Com um gemido, começo a limpar o giz da calça dele. Shepard puxa a perna, rindo.

— Qual é seu sobrenome? — pergunto.

— Shepard não é o suficiente pra você?

— É intimidade demais — resmungo.

Ele ri de novo. Shepard se sai muito bem sorrindo e rindo enquanto come. Não fica uma coisa nojenta.

— É Love.

Franzo a testa e me afasto dele.

— Não é...

— Meu sobrenome é Love.

— Você está brincando.

Ele morde o sanduíche, ainda sorrindo.

— Não estou. Pode me chamar de Love, se quiser menos intimidade.

— Afe, você é inerentemente impossível.

— Que nada, sou *normal*. Sou totalmente possível.

— Me conta da porta — digo. — Por que você fez isso no quarto?

O sorriso de Shepard fraqueja um pouco. Ele olha para as próprias pernas.

— Bom, eu não queria fazer onde outras pessoas passavam... E não acho que os demônios vivam no inferno, aliás. Acho que estão mais para seres de outras dimensões.

— O que você usou para desenhar a porta?

Ele deixa o sanduíche de lado e limpa a boca com um guardanapo.

— Sangue, terra, água, cinzas e leite.

— Sangue seu?

Ele passa a língua no lábio inferior.

— Tinha que ser meu. O cara que me vendeu o ritual deixou isso bem claro.

— Quanto custou o ritual?

Ele ergue a sobancelha.

— Nada?

— Isso é uma resposta ou uma pergunta?

Shepard dá de ombros e volta a olhar para as próprias pernas, espanando as migalhas de comida.

— Foi uma daquelas situações meio “você paga só depois de receber”...

Tenho um mau pressentimento. Quase não insisto na pergunta.

— Como você pagou?

— Ainda não paguei. — Ele fecha os olhos, como se estivesse se preparando. — Mas vou pagar com meu terceiro filho.

Bato no ombro dele.

— *Shepard.*

Ele dá uma olhadinha para mim.

— Como pôde fazer isso?

— Convenci o cara a não pegar o primeiro. Eles sempre exigem o primeiro! Foi uma pechincha!

— Então tem um sujeito sinistro em algum lugar esperando você começar uma família?

— Ei. Ken não é sinistro. É um cara bacana e de coração mole. — Ele sorri. — Brincadeira. O cara é um gigante.

Bato nele de novo.

— Shepard! — Balanço a cabeça, sem conseguir acreditar. — Você sabe que gigantes *comem* bebês...

— Não tem problema, Penelope. Não vou ter *três* filhos. Talvez não tenha nem um. Meus pais são divorciados.

Eu me levanto, ainda balançando a cabeça, e acrescento *GIGANTE!* na lista do que sabemos.

— Então, *não sei como*, você conheceu esse gigante...

— Conheci o cara como sempre.

— Você o perseguiu na estrada?

— Não. Eu o vi e dei oi. Já somos amigos há um tempo.

Eu me recosto a uma parede em branco da lousa.

— Fico impressionada que ele ainda não tenha comido você.

— Acho que ele só come bebês.

— Por Merlim, Morgana e Ana Bolena — digo. — Então esse seu amigo gigante e devorador de bebês coleciona rituais demoníacos?

— Ele tinha um livro.

— Ele coleciona livros antigos?

Shepard ergue o dedo, como se fosse falar algo interessante, e não absurdo.

— Ele coleciona *miniaturas*.

— Ah, claro.

— Miniaturas mágicas — Shepard acrescenta.

— Óbvio.

— Eu estava ajudando o cara a organizar a coleção. Ele tende a quebrar as coisas...

— Imagino — digo, assentindo, como se aquilo fizesse todo o sentido.

— Ele gostava de ver que alguém realmente valorizava sua coleção.

— Coleção que incluía um livro de rituais para invocar demônios.

— Era um livro de cultura demoníaca! Ou pelo menos foi o que Ken me disse. Ele conseguia ler um pouco, usando uma lupa, quase como eu ou você leríamos algo em espanhol em voz alta, reproduzindo fonemas, mas sem entender. Ken sabia que conhecer um demônio era um sonho antigo meu.

— Por que conhecer um demônio era um sonho antigo seu?

— Por que não seria? Você não tem, tipo, umas mil perguntas que gostaria de fazer a um demônio?

— Eu gostaria de perguntar: “O senhor poderia libertar a alma dele?”. E só. Depois fecharia a porta.

Shepard voltou a comer o sanduíche.

— Você fala como se fosse um homem, mas nem todos são. Na verdade, talvez nenhum seja. O que são gêneros para um demônio...

— Você perguntou isso pra ele?

Shepard fica sem graça.

— Não.

— Então tá...

Olho para a lousa. Escrevo *Ken*.

— Se Ken é assim tão seu amigo, por que cobrou pelo ritual?

— O cara tem que comer. Além do mais, deu o maior trabalho. Ele teve que transcrever o negócio foneticamente.

— E ele não te disse o que significava?

— Ele não sabia! Como falei, Ken conhecia o alfabeto, mas só entendia uma ou outra palavra.

— O que ele disse depois, quando você contou o que aconteceu com o demônio?

Shepard fica chateado — como se, nessa situação toda, tivesse *pena* de Ken.

— Ele se sentiu péssimo.

— E vai se sentir bem pior quando eu tiver uma conversinha com ele sobre essa história de terceiro filho. Ken pelo menos tentou te ajudar?

— Ele disse que tinha medo de piorar as coisas.

— O que pode ser *pior* que perder sua alma pra um demônio?

— Morrer, acho. Ou ele poderia acabar amaldiçoado também.

— Vamos ligar pra esse Ken. Agora mesmo.

— Não podemos ligar pro cara. Ele está dormindo.

— Como assim? São dez da manhã em Chicago.

Estou acostumada a fazer essa conta.

— Não, digo, ele está hibernando. Vai dormir por anos.

— Gigantes *hibernam*?

Shepard balança a cabeça.

— Se você me desse uma chance, tem tanta coisa sobre magia que

eu poderia te ensinar...

— Pelo amor, Shepard, *para*. Tenho medo de revirar os olhos com tanta vontade que eles nunca voltem ao normal. — Sento no braço do sofá, batendo o dedo nos lábios. — Vamos deixar Ken de lado por um momento. Era meia-noite, você desenhou a porta, leu as palavras...

— E funcionou. O demônio apareceu. Surgiram essas marcas nos meus braços. E o demônio foi embora.

Shepard fica olhando para as pernas e coçando a nuca. Sem sorrir.

— Fala mais sobre o demônio.

Ele suspira.

— Era um demônio.

— Parecia o quê?

— Isso importa?

— Acho que não. O que ele disse?

— Nada de mais. Só bateu papo. “Quem me chamou?” “Você me chamou por livre e espontânea vontade?” E coisa e tal.

— E coisa e tal?

— Não foi nada de mais, Penelope, sério. Achei que a gente estava se divertindo.

— E aí?

— Aí as tatuagens apareceram.

— E ele não explicou?

— Só disse... Não lembro bem o que o demônio disse.

— Quem me chamou? — o demônio perguntou, abrindo a porta no chão.

— Oi — falei. — Meu nome é Shepard Love. Sou de Omaha, Nebraska. Faço faculdade de jornalismo.

Eu ainda estava estudando na época.

O demônio passou para o quarto, como se estivesse subindo uma escada. Eu não esperava aquilo. Sentei na cama. Ofereci uma latinha de coca, e ele aceitou. *Está indo bem*, lembro de ter pensado.

O demônio falava inglês sem sotaque. Ou talvez eu que estivesse acostumado com seu sotaque. (Quando eu era pequeno, achava que meu sotaque era o sotaque neutro, porque todo mundo na tv americana parece vindo de Omaha, Nebraska.)

A princípio, o demônio pareceu um pouco incomodado, como se eu tivesse interrompido alguma coisa. Mas foi educado. Conte bastante sobre mim. Aprendi isso na faculdade. Dá pra deixar a fonte à vontade compartilhando coisas sobre si mesmo, como se estivesse dizendo: *Este é um lugar seguro para confidências*. Sempre foi uma coisa natural para mim. Gosto de ouvir os outros. Gosto de ser um ouvinte tão bom que os outros meio que esquecem que estou ali. A maioria das pessoas adora falar sobre si. Nem precisa de muito encorajamento.

Já o demônio não se mostrou tão receptivo. Não se deixou levar pela conversa.

Sentou na minha cama (Penelope ficaria horrorizada), bebeu a coca e foi direto ao ponto:

— Você me chamou por vontade própria?

— Chamei. Claro. Estava animado pra te conhecer.

A criatura assentiu para mim. Àquela altura, meu quarto já estava tomado por uma fumaça sulfurosa.

— Muito bem, Shepard Love, de Omaha, Nebraska. Então temos um

acordo.

Não resta muito espaço na lousa. Lanço um feitiço na parede ao lado e tiro a TV do caminho. Simon reclamaria se estivesse aqui, mas não está.

PRÓXIMOS PASSOS, escrevo em maiúsculas, o mais alto que consigo.

— Acho que a gente tem que acordar o gigante. Vou colocar isso na lista. E se o gigante consegue ler essa língua demoníaca, alguém mais deve conseguir. Talvez não esteja morta e não seja totalmente obscura. Talvez haja outro exemplar do livro. Era manuscrito?

Língua!, escrevo.

Livro. Outros exemplares? Procurar em Watford. Na biblioteca dos Pitch?

— O Mago apreendeu um monte de livros mágicos... Onde será que foram parar? — digo, batendo o dedo no queixo.

Perguntar a Premal onde o Mago guardou os livros.

— O livro era manuscrito? — volto a perguntar.

Quando Shepard não responde, dou as costas para a lousa.

Ele está com a cabeça baixa, subindo e descendo os dedos pelo veludo cotelê da calça.

— O livro era manuscrito? — insisto. — Acha que pode haver outros exemplares?

Shepard se vira para mim com um olho fechado, como se estivesse pensando.

— Penelope. Tenho que ir ou vou perder o voo.

— Quê? Não. Ainda temos tempo.

Ele balança a cabeça.

— Acho que não.

Pego o celular. Ah. Não temos mesmo. Já vai ser corrido se ele sair agora. Olho para a lousa.

— Mas...

Shepard levanta e põe a mochila nas costas.

— Isso ajudou muito.

— Ajudou nada — digo. — Estávamos só começando...

Ele segura meu rosto, e por um momento completamente absurdo acho que vai se despedir com um beijo — mas só limpa uma mancha de giz no meu queixo.

— Ajudou, sim — Shepard diz. — Você sempre faz parecer que tudo tem jeito. Gosto disso.

— Mas não demos jeito em nada.

Ele engancha os dedões nas alças da mochila.

— Você tem meu telefone. Não esquece de me mandar as mensagens me dando bronca.

Volto a olhar para a lousa, como se ainda pudesse mandá-lo para casa com algo de útil.

— Bronca por quê?

— Ah, é só imaginar que estou fazendo *alguma coisa* que você não aprova.

Olho para ele.

— Não preciso nem imaginar.

Ele me dá uma piscadela.

— Pois é.

Shepard vai para a porta, e eu o sigo. Ele vai voltar para os Estados Unidos. Onde não tem mais uma picape. Bom, ele vai ficar bem. Vai se recuperar. É um cara alto-astral. Não se deixa abater. Se deixa amaldiçoar, abater, não. Foi amaldiçoado mesmo. E é um tonto. Confia em todo mundo. Será que vai conseguir chegar ao aeroporto com os dois rins intactos?

Eu ajudaria, se pudesse.

Se fosse minha responsabilidade...

Não, se eu fosse capaz. Eu ajudaria Shepard se fosse uma maga melhor.

Mas uma maga melhor não ajudaria Shepard...

Tem um broche na mochila dele dizendo: SEJA GENTIL.

— Shepard!

Ele para à porta.

— Fica.

Ele sorri, mas com tristeza.

— Penelope...

— Fica — repito. — A gente acabou de começar.

— Já passamos por isso. Duas vezes.

— Eu sei, desculpa! — Estendo as mãos para ele. — Desculpa ficar mudando de ideia. As últimas semanas foram *bem* difíceis, e perdi um pouco o chão. Ainda não sei se consigo te ajudar sozinha, de verdade. Sinceramente, eu não apostaria meu terceiro filho nisso. Mas... — Agarro a manga da jaqueta dele. — *Fica*. Me deixa tentar. O que você tem a perder?

— Você sabe que não precisa fazer isso sozinha.

— Não, tudo bem. Quero fazer o que posso. Não sou *completamente* inútil. Em *qualquer* situação. Em geral, não. Acho.

— Não. Digo... Estou aqui também, Penelope. Podemos trabalhar nisso juntos.

Ah...

Tá.

Acho que sim.

A reação de Simon não foi das melhores.

— Tem um *novo* Escolhido?

Isso aconteceu ontem à noite, depois que saímos para caçar. (Ainda não acredito que ele foi caçar comigo. Que me viu chupando sangue de rato e me beijou depois. *Várias vezes.*) Já tínhamos acabado com as bolachas recheadas da minha tia e estávamos pegando no sono. Minha cabeça estava apoiada no peito dele. Estava tudo ótimo.

Então Simon sentou, me empurrando.

Eu sentei também, suspirando.

— Aparentemente, mais de um.

— Mas *eu* era o Escolhido! — Ele virou para me encarar, e suas asas se abriram. — Bom, não deu certo, mas...

— Discordo.

— *Baz...*

Ele grunhiu e escondeu o rosto.

— Simon, você sabe minha opinião. Você concretizou todas as profecias.

— O Grande Mago deveria *derrotar* a maior ameaça ao Mundo dos Magos. Eu *era* a maior ameaça ao Mundo dos Magos.

Dou de ombros.

— Por que não podia ser ambas as coisas?

Simon balançou a cabeça, ainda tentando entender aquilo tudo.

— Então, tipo, um monte de gente está se declarando o Grande Mago agora?

Eu me recostei na cabeceira da cama, com a nuca apoiada nas mãos

cruzadas.

— Parece que sim. Fiona não deu muitos detalhes. Só falou que tem uns charlatões se aproveitando agora que você e o Mago estão fora do jogo.

Ele ainda parecia confuso.

— Então sua madrasta virou seguidora de um novo *Escolhido*?

— Não tenho certeza, mas minha tia acha que sim.

— Bom... — Simon endireitou os ombros. — Temos que salvar sua madrasta.

Tive vontade de abraçá-lo. Então me dei conta de que *podia* abraçá-lo. Nada me impedia. Passei meus braços por baixo de suas asas e segurei firme.

— Baz? — O abraço de Simon em retribuição foi mais suave. — Você está bem?

— Fico tão feliz por você estar aqui.

Ele me segurou com mais confiança.

— Por que alguém ia *querer* ser o Escolhido?

Dei risada, com o rosto no pescoço dele.

— Pelo poder, claro.

Senti Simon balançando a cabeça.

— É uma posição sem nenhum poder — ele disse, a voz baixa.

Eu não soube o que dizer. Simon poderia ter governado o Mundo dos Magos com sua magia. Poderia ter governado o mundo todo.

— Vou escrever pra Penelope — ele disse, me soltando para pegar o celular. — Ela não deve estar sabendo. Teria mencionado se soubesse. Se não comigo, pelo menos com você.

— Simon... tem certeza de que quer se envolver nisso? É *magia*.

Ele olhou como se eu estivesse sendo bobo.

— É a sua *madrasta*.

Sorri e fiquei olhando enquanto ele escrevia.

— Posso ligar pra umas pessoas amanhã — falei. — Fazer umas perguntas. Pra ver se alguém sabe de algo.

— Não é melhor começar agora?

Simon já estava sentado na beirada da cama, pronto para levantar.

Estendi a mão para ele.

— Não. Nada vai mudar durante a noite. Vamos dormir.

Ele ficou surpreso.

— Tem certeza?

— Tenho certeza, Snow.

Ele mordeu o lábio por um momento, depois pegou minha mão e recolheu as asas.

— Então tá. Amanhã resgatamos Daphne.

Eu o deitei ao meu lado e apoiei a cabeça em seu peito de novo.

— Amanhã.

Na manhã seguinte — hoje de manhã —, enquanto Simon fazia torrada, sentei na mesa da cozinha e liguei para alguém que eu sabia que seria direto comigo.

— Oi, Dev.

— Ah, se não é Basilton Pitch. Cansou de ter alguém chupando seu pau e lembrou que tem amigos e família?

— Cansei de chupar o pau de alguém, na verdade.

Simon virou para mim na hora. Dei de ombros, como que me desculpando, e virei de costas para ele na cadeira.

Dev suspirou.

— Você não liga, não escreve...

— Andei ocupado com os estudos. Você não?

— Sim, sim — ele disse. — Faculdade é um pé no saco. Aparentemente, jurar fidelidade ao Mago duas vezes por semana e trabalhar *dicção* não me prepararam nem um pouco pra educação em nível superior.

Dei risada.

— Ouvi dizer que a nova diretora está fazendo os alunos aprenderem matemática.

— Isso é inaceitável! Ela não tem respeito pela tradição?

— O que vai vir depois? — digo. — Geografia?

Dev começou a falar mais baixo, como se contasse um segredo:

— O irmão do Niall disse que as coisas lá melhoraram muito. Eles podem ficar com o celular. E voltaram a fazer um processo seletivo. Pelo menos a velha Bunce tem um padrão *mínimo*.

Decidi aproveitar que Dev estava se abrindo, o que só acontece duas vezes no ano.

— Ei, você está sabendo dessa história de um novo Grande Mago?

— Ah, coitado de você. Jogou tudo pro alto pelo Escolhido e agora vai ter que começar de novo.

— Então você está sabendo.

— Por Crowley — Dev disse —, minha avó só fala disso. Ela segue uma dessas pessoas no Facebook.

— No Facebook? Que nome essas pessoas se deram?

Dev ficou surpreso.

— Você está mesmo interessado? Virou religioso?

— Não. É que um amigo se meteu nessa história. Só quero saber se não tem perigo.

— Um amigo, é? Bom, não sou eu, e não é o Niall. O Simon Snow se juntou a uma seita? Essa é boa.

— Você acha que é tudo bobagem, né?

— Se eu acho que o Grande Mago se manteve escondido em Swansea até agora e minha avó foi a primeira a descobrir? Não, não acho. Mas acho que um cretino ganancioso não quer que eu herde o Aston Martin dela.

— Coitada da sua avó — falei.

— Coitado de mim — ele disse.

— Então eles só estão atrás de grana?

— O cara que minha avó segue no Facebook? Certeza. Mas antes ele que o babaca que a Máire Clark está seguindo.

— Máire Clark... Eu conheço?

— Ela era um ano à nossa frente em Watford. Cabelo escuro. Pernas bonitas. O Mago prendeu o pai dela por uso indevido de informações privilegiadas.

— Ah, sei.

Máire. Escocesa. Sentava perto de mim na aula de palavras mágicas.

— Ela está obcecada com um milagreiro aí. Trabalha como voluntária na sede dele. O cara sangra pelas palmas das mãos, cospe pombas, o lance todo.

— Qual é a diferença entre milagres e a boa e velha magia? —

perguntei a ele.

— Não pergunte isso a Máire — Dev resmungou. — Ela vai arrancar suas orelhas. Nem as pernas dela compensam isso.

— E como é que esse cara chama? O milagreiro da Máire?

— Você está mesmo interessado, hein? — Dava para perceber que Dev estava curtindo aquilo. — Será que não foi uma *amiga* que se meteu nessa história? Foi a Wellbelove? Porque eu viraria religioso por ela. Sangraria pelas palmas, se é que você me entende.

Fingi que não entendi. Quando Dev começa a falar de Agatha, não para mais.

— Pode me mandar o nome do cara que sua avó segue? — pedi. — E do milagreiro da Máire também. Consegue descobrir?

— Claro. Quer ir no pub com a gente? Antes das aulas voltarem? Pode levar o Snow. Ouvi dizer que ele está se transformando lentamente num dragão. Ainda consegue beber? Ele ainda aguenta tomar no...

Eu o cortei.

— Quem te contou essa história do dragão?

— Minha avó. Ela viu no Facebook. É verdade?

Simon estava sentado à minha frente, comendo sua torrada. Manteiga derretida escorria por seu braço. Ofereci um guardanapo a ele.

— Ele ainda consegue beber — eu disse.

Simon pegou o guardanapo, depois lambeu a manteiga do braço.

— Ótimo — Dev disse. — Te ligo na semana que vem. Tchau.

— Tchau. — Desliguei.

— Quem era? — Simon perguntou, chupando o dedão.

— Meu primo — eu disse, pegando um pedaço da torrada dele. — Dev.

— Dev da escola? Aquele que vivia te seguindo?

— Acho que sim.

Simon não tinha feito chá, então levantei para fazer.

— Então Dev é seu primo... Hum. Ele não parece egípcio.

— Porque não é.

— Mas você não é?

Eu já estava de pé diante da pia, enchendo a chaleira de água, e virei para Snow.

— Você não sabe como essa coisa de primos funciona, né?

Fechei a torneira, tomando cuidado para não derrubar a torrada.

— Acho que nossos bisavós eram irmãos... O meu virou diretor de Watford. Me deram o mesmo nome dele: Tyrannus Pitch. Ele cresceu em Hampshire e casou com uma egípcia, Karima, que ficou famosa por seu poder. Tipo, ela é *uma lenda*. — Apertei o botão da chaleira elétrica, peguei duas canecas e coloquei na bancada. — Eles tiveram filhos. Dois mudaram para o Egito, um ficou e também virou diretor de Watford. Chamava Balthazar, você deve ter visto um retrato dele na Torre em Prantos. Minha avó foi a segunda esposa dele. Ela veio da Sicília pra cá. Chamava Adolorata e também era uma feiticeira impressionante. Lembro um pouquinho dela. Morreu um ano antes da minha mãe...

Parei quando percebi que estava tagarelando. Ninguém tinha tanto interesse na história dos Pitch quanto eu.

Mas, quando olhei para Simon, ele estava fisgado.

— Bom — eu disse, voltando. — Dev é de outro ramo da família, originário da Cornualha, acho. Meus ancestrais se casavam por poder. Os dele eram mais ligados em dinheiro.

Dei outra mordida na torrada.

Simon reagiu como se eu tivesse acabado de revelar algo bombástico.

— Baz... não sabia que você era *italiano*.

Dei risada.

— Eu estava tão ocupado tentando esconder que era um *vampiro* que não expliquei toda a minha árvore genealógica. Só estou te contando o principal dos Pitch, porque os Grimm não são muito interessantes. São todos fazendeiros de classe média, alguns da Escócia. Aparentemente, minha mãe casou por amor.

A chaleira desligou, e Simon levantou para pegá-la.

— Então você tem primos por toda parte?

— É — falei, pegando o leite. — Os Grimm-Pitch têm uma vasta rede. Embora pelo visto vá morrer comigo.

Simon franziu a testa enquanto enchia nossas canecas.

— Não tenho primos.

— Bom, talvez tenha... não é? — Eu voltei a sentar. Ele cutucava um saquinho de chá. — Você pode fazer aquele teste genético que os normais fazem.

Simon poderia encontrar primos. Poderia encontrar seus pais.

Ele abaixou o queixo, pesaroso.

— Melhor não. Vai saber o que encontrariam no meu DNA... Com as partes de dragão e os buracos do Oco... — Ele levou as canecas para a mesa e colocou uma à minha frente. — E falar com Dev ajudou? Sempre achei que ele era meio suspeito.

Tirei o saquinho de chá da minha caneca.

— Você achava isso porque ele andava comigo.

Simon deu de ombros.

— Bom... — Peguei o açúcar. — Dev é mesmo suspeito. Mas falar com ele ajudou. A avó dele caiu em um golpe no Facebook por causa dessa história de Grande Mago. E ele sabe de outro cara que finge fazer milagres.

Simon pareceu pessoalmente ofendido.

— Milagres tipo Escolhido?

— Acho que sim.

— Ele *explode*?

— Por Circe... — Estou tentando parar de dizer “por Crowley”, porque, segundo Bunce, ele é uma figura problemática. (O que me parece óbvio, mas tudo bem.) Na maior parte do tempo, esqueço. — Espero que não. Talvez explodir não seja necessariamente um lance de Escolhido.

— É... — Simon voltou a cutucar o saquinho de chá. — Vai ver era um lance meu.

— Mas Dev vai procurar alguns nomes pra mim, e eu mesmo já tenho um. Minha tia me disse que o filho de uma amiga da família fugiu pra uma dessas seitas. Podemos ir falar com ela. Imagino que seja o que temos mais próximo de uma pista no momento.

— É, precisamos começar de alguma maneira. Qual é o nome dela?

— Lady Ruth Salisbury. Mora em Mayfair.

Baz me faz pegar roupas dele emprestadas.

— Não entendo por que tenho que me arrumar todo pra falar com uma senhora.

— Somos desconhecidos que vão bater na porta dela. Precisamos estar apresentáveis.

Para Baz, isso significa usar terno. De três peças! É meio caramelo, e a camisa por baixo é de um tom vívido de azul — azul como as asas de uma borboleta, com botões abertos demais considerando que vamos visitar uma senhora. (Se quer saber a verdade, ele está uma delícia. Está sempre bonito, em qualquer horário do dia. Você precisa vê-lo quando acorda. Seus olhos sempre parecem sonolentos, mas quando ele está com sono de verdade lembra um personagem sedutor de um filme mudo. Um daqueles caras em preto e branco com delineador exagerado. Sinto que o sigo por aí com meu coração na mão. Agora é ainda mais assustador do que antes, porque antes eu dizia a mim mesmo que esse lance com ele ia cair por terra antes de me matar — ou que eu ia morrer antes de ter que lidar com isso. Mas agora... como saber?)

Ele separa roupas mais simples para mim: calça jeans escura, um cardigã verde-claro e uma camisa. Lança um feitiço para que se adeque às minhas costas e outro para encurtar as mangas.

— Assim você não passa muito calor com isto — ele diz, me entregando um casaco de chuva cinza.

Solto um grunhido.

— Prefere que eu lance um feitiço nas suas asas?

Pego o casaco. E o jeans, a camisa e tudo o mais. Só recuso o relógio enorme que ele me oferece — e volto a bagunçar meu cabelo quando ele tenta arrumá-lo.

— Pelo amor...

Quando chegamos ao bairro em que Lady Salisbury mora, fico até meio feliz que Baz tenha me produzido. Pelo título de “lady”, eu deveria ter imaginado que seria um lugar refinado. Paramos diante de uma construção de tijolinhos vermelhos com terraço e janelas enormes que meio que se destacam do resto, como se fossem pequenas torres. As janelas têm moldura de gesso branca decorada com unicórnios, sereias e lontras aladas. (Feiticeiros ricos são incapazes de ser sutis?)

Baz usa a aldrava em forma de um ciclope sorridente.

— Talvez a gente devesse ter ligado antes — digo.

— Aí ela não receberia a gente.

— Ela ainda pode não receber.

— Quem bate a porta na cara do Escolhido?

Quero continuar discutindo, mas tem alguém na janela, puxando a cortina. Baz vai para trás de mim. Depois de um segundo, a porta se entreabre e uma mulher dá uma olhada.

— Mas é... é sim! — ela diz, abrindo a porta. — Simon Snow, na minha própria casa!

É uma senhora, mas não sei bem quantos anos tem — não conheço muita gente mais velha. Ela é corpulenta, tem uma abundância de cabelos loiros e usa um casaco roxo gigante. Me lança um olhar que há muito tempo não recebo: como se eu fosse muito importante. Seus olhos estão arregalados e sua expressão é reverente.

— É você mesmo, não é?

Baz cutuca minhas costas.

— S-sim — digo. — Sou eu.

A mulher endireita o corpo. É só alguns centímetros mais baixa que eu. Mantém as mãos baixas, cerradas.

— É verdade que matou o Mago?

— Eu...

Não sou obrigado a falar disso desde que fui interrogado, e não precisei encarar ninguém que não fosse do conciliábulo. É claro que

todo mundo no Mundo dos Magos deve saber que o matei e deve estar bravo. Ela trinca a mandíbula, franze os lábios. Não tiro os olhos dos meus próprios pés.

— Sim. Eu matei.

Então, de repente, ela me abraça.

Bem apertado.

— Obrigada — diz, com voz de choro. Ela me embala, para a frente e para trás. — Você é um verdadeiro herói, Simon Snow. Muito obrigada.

Estou embaçado demais pra retribuir o abraço. Deveria retribuir? Fico feliz que não esteja brava, mas um pouco preocupado que esteja feliz. Será que todos os ricos odiavam o Mago tanto quanto a família de Baz?

Ela se afasta, enxugando as lágrimas e fungando.

— Entre, entre. Saíam do... Bem, o tempo está muito agradável, não acham? Mas entre, mesmo assim. Seu amigo também. Diga-me: o que trouxe Simon Snow à minha porta em uma tarde de terça-feira?

Baz já se colocou ao meu lado, com toda a sutileza.

— Lady Salisbury?

— Sim? — ela diz, um pouco preocupada.

— Meu nome é Basilton Grimm-Pitch.

— Grimm-Pitch? Você é filho de Natasha?

— Isso.

— Ah! — Ela leva a mão ao coração. — Você já é um homem! Quando foi que isso aconteceu? E tão lindo! Cobras me piquem. O filho de Natasha Pitch... — Ela pega o braço dele e o aperta. — Conheci sua mãe, foi uma grande amiga. E sua avó! *Basilton Grimm-Pitch*. Tyrannus, não é? Quem diria? Sabe, sua tia acabou de passar aqui... Ah. — Sua expressão se desfaz. Ela leva as duas mãos ao peito. — Vocês vieram por causa de Jamie, não é? Têm notícias dele?

— Não — Baz diz. — Não trazemos notícias de nenhum tipo, desculpe. Mas estávamos esperando que pudesse nos contar sobre o desaparecimento dele.

Lady Salisbury fica confusa, talvez um pouco desconfiada.

— É mesmo?

— Minha madraستا também desapareceu.

Lady Salisbury nos conduz até a sala de visitas — um cômodo amplo e ventilado, cheio de mesinhas antigas e móveis com estofamento luxuoso.

— Aqui — ela diz, ainda parecendo abalada. — Sentem-se. Vou buscar um bolo. Querem bolo? É caseiro.

— Ah, não, não poderíamos — digo.

— Claro que poderíamos — Simon diz.

Ela ri.

— Bela resposta. Eu ia obrigar os dois a comer um pouco de qualquer maneira. Querem chá? Eu mesma prefiro tomar leite com bolo.

— Leite está ótimo — Simon diz.

— Sentem-se. Volto já.

Olhamos em volta. Há diversas opções de lugares onde sentar. Fico em uma poltrona antiga, com pavões bordados. Ela balança um pouco, mas aguenta. Simon senta num sofá rosa e afunda até as molas. Seguro a risada. Seus olhos azuis encontram os meus, só por um momento. A sensação é inesperadamente boa. Ele fica lindo demais com minhas roupas. Na verdade, fica lindo demais com suas roupas horríveis; com as minhas, fica insuportável de lindo.

Lady Salisbury logo está de volta com uma bandeja. Ainda parece à beira das lágrimas.

— Espero que gostem de chocolate — diz, servindo um pedaço gigantesco de bolo a Simon.

— Quem não gosta? — ele retruca, e recebe outro sorriso em troca.

Ela me oferece um pedaço ligeiramente menor — compreensível, já que não matei o Mago — e senta ao lado dele para servir o leite.

Lady Salisbury é uma mulher grande. Alta e vigorosa, apesar da idade. Deve ter uns setenta, uma geração inteira mais velha que minha

mãe. Me pergunto como as duas ficaram amigas... Ela usa um suéter malva comprido, calça de malha cinza e tamancos de couro preto. O cabelo é de um loiro grisalho, preso num coque grande e frouxo, com uma franja reta que lhe deixa com cara de turista escandinava. Não sei se ela é uma lady no sentido britânico ou no mágico — talvez ambos. Acho que o marido dela era um membro bastante ativo da comunidade mágica antes de morrer... Vai ver é por isso que ela conhece minha mãe.

Lady Salisbury claramente não era fã do Mago, o que pode indicar que é sensata e progressista ou mesquinha e corrupta. (No caso da minha família, é um pouco de tudo.) Talvez ela só sinta falta dos velhos tempos, quando famílias como a minha e a dela controlavam tudo. De qualquer modo, o bolo é uma delícia. Snow está devorando seu pedaço.

— Então — Lady Salisbury diz, se recostando no sofá. — Foi Malcolm quem mandou virem falar comigo? O conciliábulo também o deixou na mão?

— Ah — digo. — Bom. Não. Meu pai...

— Viemos por conta própria — Simon me corta. (Se alguém pode ser encorajado por um bolo, Simon é o cara.) Ele faz uma pausa para engolir. — A senhora pode imaginar como fiquei preocupado quando soube que tinha gente alegando ser o Grande Mago.

Lady Salisbury abre um sorriso triste para ele.

— Muitos ainda acreditam que esse título é seu, sr. Snow.

A expressão de Simon é totalmente transparente.

— Não. Nunca fui eu.

— Mas você é o mais poderoso mago...

— Não. Não sou mais.

Sei que Simon não sabe mentir, mas eu preferiria que ele não contasse a verdade com tanta facilidade. Não há mal nenhum em deixar que as pessoas acreditem que ele ainda é poderoso.

— Acho que nunca fui um feiticeiro — ele continua. — O Mago só estava me usando.

— Mas dizem que você se deu asas flamejantes de dragão...

— Pff... Que flamejantes que nada.

— Então você tem mesmo asas. — Os olhos de Lady Salisbury se iluminam. Ela se inclina sobre o prato. — Posso ver?

Tento impedir.

— Não acho que...

Mas Simon já está tirando o cardigã e passando o prato de bolo para ela segurar.

— Claro. Qualquer coisa pra tirar esse casaco.

Você fica muito elegante com esse casaco, penso.

— Você fica muito elegante com esse casaco — Lady Salisbury diz.

— Mas deve ser cansativo esconder suas asas... — Ela coloca os dois pratos de bolo na mesa e cobre a boca. — Ah!

As asas de Simon estão livres. Ele as abre um pouco, tomando cuidado para não acertar Lady Salisbury, que está verdadeiramente impressionada.

— São *esplêndidas*. Muito maiores do que eu esperava. E que lindo tom de vermelho. Posso tocar? — pergunta, já tocando a asa mais próxima. Simon se encolhe um pouco, e a mulher recolhe a mão. — Ah, claro, me desculpe. — Ela volta a sorrir. — Compreendo que queira esconder suas asas dos normais, mas elas são fantásticas. Consegue voar?

— Consigo.

— Ah, que maravilha. Aprendeu sozinho?

— Acho que sim.

— Imagine só! — Lady Salisbury leva a mão ao peito. — Sempre quis voar. — Ela se vira para mim. — Você não, Basilton?

Já voei. Com Simon.

— Sim — digo.

— Não há nenhum feitiço bom o bastante para isso — ela diz, parecendo muito chateada. — O máximo que se pode conseguir é flutuar um pouco, como um balão de hélio velho.

— Verdade — concordo.

Ela olha para o pouco de bolo que restou no prato de Simon.

— Que tal outro pedaço? Você também, Basilton. Me passe seu prato.

— Ainda tenho bastante.

— Imagine. Olhe só pra você. Vai te fazer bem.

Ela serve mais um pedaço de bolo para si mesma também.

— Pode chamá-lo de Baz — Simon diz.

— É mesmo?

Ela sorri para mim.

— Sim — digo.

— Está bem. — Ela assente. — Então, Simon e Baz, vocês assumiram a responsabilidade de investigar essa conspiração do Escolhido.

— Sei que parecemos crianças — digo —, mas temos a cabeça no lugar, e Simon passou a vida toda defendendo o Mundo dos Magos.

— Vocês não me parecem crianças. Parecem veteranos. E fico feliz que alguém queira me ouvir. O conciliábulo riu de mim. Mandaram sua tia vir me convencer de que vampiros levaram meu filho. Vampiros não atacam desde que... — Ela olha para mim, consternada.

— Ah, querido. Me desculpe.

— Não, tudo bem. Continue, por favor.

— Sei que Jamie está vivo. Está em perigo, mas continua vivo.

— Por que tem essa sensação? — Simon pergunta. — Instinto materno?

— Não. Um feitiço me disse.

Eu me sinto bizarro entrando no quarto de uma desconhecida assim — mas é aonde Lady Salisbury nos leva, no segundo andar da casa. Está mais escuro aqui, e mais fresco. O quarto é enorme. Tem uma pequena área de estar e uma espécie de santuário perto da janela com cortina rendada. Há uma mesinha com duas velas acesas — uma queimando forte e outra crepitando como se fosse apagar a qualquer momento. Cada vela está ladeada por fotografias: a de chama forte tem um menino de cabelo claro; a de chama fraca, uma menina.

— Você acendeu-uma-vela pra ele — Baz diz. — É um feitiço exigente.

— Já lancei duas vezes — Lady Salisbury diz. — Uma mãe cujo filho está em perigo é capaz de erguer um carro sozinha.

— Sinto muito.

— Não sinta. Veja... — Ela nos conduz até a mesa. — As duas velas continuam queimando. Isso me reconforta. — Ela ergue a foto de um homem corpulento usando uma camiseta do Queen. — Este é Jamie. Tirei esta foto ano passado, no aniversário de trinta e oito anos deles.

Eu esperava que Jamie fosse mais novo, não sei por quê.

Baz tira um caderno do bolso, e sinto uma pontada de arrependimento. Penny deveria estar aqui. Ela ainda não respondeu a minha mensagem. Não julgo — sei que lhe devo um pedido de desculpa decente, mas ainda não sei o que *mais* lhe devo. Tudo o que eu disse era verdade. Cansei do Mundo dos Magos.

— Quanto tempo faz que seu filho sumiu? — Baz pergunta.

— Um mês.

Lady Salisbury parece uma pessoa diferente à luz bruxuleante. Lá embaixo, parecia calorosa e animada, ainda que um pouco triste. Aqui, está abatida e melancólica. A sensação é a de que o quarto é povoado de pessoas que não estão mais aqui. O filho, a filha que

aparentemente sumiu ainda jovem, e um homem de cabelo enrolado e vestindo uniforme da Força Aérea num retrato grande acima da cama.

— Meu marido — Lady Salisbury explica, quando me pega olhando.
— Faz dez anos que se foi.

Assinto, sem saber o que devo dizer.

— Jamie avisou que ia embora? — Baz pergunta, com a caneta suspensa sobre o caderno.

— Não... Mas deu sinais. — Ela leva a mão ao pulso dele para impedir as anotações. — Vamos voltar lá pra baixo. É mais iluminado.

Nós a seguimos até a sala de estar, passando por mais fotos de família. Há uma pendurada na parede da escada, da mesma menina loira, só que desta vez adolescente. Paro.

— Eu a reconheço — digo. — Acho que já vi um retrato dela.

— Em Watford — Baz diz, atrás de mim. — Nas catacumbas.

Nenhum de nós menciona que o retrato chora.

Lady Salisbury não sorri.

— Sim. Lucy estudou em Watford — ela diz, e passa à nossa frente na escada. — Acho que vou fazer um chá, afinal.

— Não foi fácil para Jamie — Lady Salisbury diz.

Ela insistiu que Baz sentasse ao meu lado no sofá. *A poltrona não vai ceder comigo, porque já me conhece*, disse. Também me serviu o terceiro pedaço de bolo. (Não consigo acreditar que foi ela que fez. Tem quatro camadas.)

— Ele nunca se encaixou na sociedade mágica — comenta.

— Por que não? — pergunto.

— Bem, ele tinha outro ritmo de aprendizado... só aprendeu a ler mais tarde, e nunca gostou de ler em voz alta. Sua língua enrolava.

Me identifico.

— Então ele se saiu mal em Watford?

— Naquela época, uma dificuldade na leitura já era impeditivo para entrar em Watford.

Eu me empertigo, esmagando as asas no encosto do sofá.

— Mesmo sendo feiticeiro? E tendo sua própria varinha?

— Mesmo assim.

Olho para Baz, esperando que confirme. Ele está sério, mas não surpreso.

Lady Salisbury prossegue:

— A irmã mais velha de Jamie foi para Watford aprender magia, enquanto Jamie ficou conosco, estudando numa escola normal. Aprendeu um pouco de magia também, alguns feitiços domésticos... mas ficava envergonhado, e uma hora desistiu de tentar se aprimorar. — Ela gira a xícara nas mãos, sem tirar os olhos do chá. — Acharmos que ele tinha se acostumado. Nunca teve amigos mágicos, e depois que... bem, depois que a irmã fugiu, Jamie não tinha com quem se comparar. Ele estudou em escolas normais e se casou com uma normal. Achei que tivesse deixado a magia de lado.

Lady Salisbury volta a ficar quieta. Baz e eu nem tentamos preencher o silêncio. O que eu poderia dizer? “É mais fácil falar do que fazer? Mesmo quando não se leva jeito com as palavras?”

— Mas desde que ele se divorciou... não sei. Ele passava tempo demais na internet. Tem um primo feiticeiro que não parava de mandar teorias da conspiração para ele. Uma farolice especista. Achei que Jamie soubesse que era tudo pura cretinice... — Ela ergue o rosto abruptamente. — Ai, desculpem meu linguajar, meninos. De qualquer maneira, achei que Jamie estivesse repetindo aquelas tolices todas só para me provocar durante o jantar.

— Teorias da conspiração de que tipo? — Baz pergunta.

— Por Siegfried e Roy, mal vale a pena dizer em voz alta. “Você sabia que o governo está produzindo grifos?” “Sabia que o Vale do Silício é controlado por vampiros?”

Baz congela, mas sua xícara começa a bater no pires. Lady Salisbury continua falando:

— Há alguns meses, ele começou a se concentrar nas profecias do Escolhido. Vocês sabem como é, todo mundo é especialista no Grande Mago hoje em dia.

— Acho que fomos deixados de fora dessas conversas — Baz diz, totalmente recuperado.

— Ah. — O olhar de Lady Salisbury vai dele para mim, e ela ri. — É compreensível. Bem — ela faz um gesto de desdém —, não perderam

nada.

Fico mexendo no cabelo. Devo estar deixando Baz maluco, mas não consigo parar.

— Então a maioria dos feiticeiros acha isso? Que tem um novo Grande Mago?

— Acho que a grande maioria dos feiticeiros gosta mesmo é de focar a respeito — ela diz. — Sobre os vários candidatos, os indícios a favor e contra, em que festa se pode encontrar um deles... Muitos magos permanecem leais a você, Simon.

— A mim?

— Ah, sim. — Ela sorri. — Os snowvianos.

— Não — digo. — Isso não existe.

— Acham que você vai recuperar seus poderes e ascender mais que nunca.

— Hum... — Baz diz, olhando para mim. — Acho que sou snowviano então.

— Eu também — concorda Lady Salisbury, ainda sorrindo.

— Não... — digo. — Melhor não.

— Bem — ela prossegue —, outra corrente acredita que ainda não chegou a hora do Grande Mago, e que, quando essa pessoa aparecer, não restará dúvida.

Bufo.

— Ninguém acha que talvez tudo isso seja bobagem?

Baz me dá uma cotovelada.

— Desculpe o linguajar — digo. — Mas talvez não haja um Escolhido. Talvez as profecias tenham sido inventadas por pessoas como o Mago, que só querem tirar proveito dos outros.

Lady Salisbury não parece convencida.

Baz, muito menos.

— Não podemos simplesmente deixar de acreditar nas profecias — ele diz. — É a base de toda a nossa cultura. Até Watford foi profetizada.

— Como você sabe disso? — pergunto.

— Aprendemos na escola.

— Penny chamaria isso de argumentação circular. É o que eu faço o

tempo todo.

Assim que menciono Penelope, Baz olha para o caderno.

— Então... Jamie estava interessado em teorias sobre o Escolhido?

— Isso — Lady Salisbury diz. — E acho que tinha um interesse *especial* justamente por ter sido mantido tão afastado do Mundo dos Magos. Mas nisso ele podia participar tanto quanto os outros. Como eu disse, não achei que Jamie levasse a sério, mas não é possível passar tanto tempo envolvido com esse tipo de tolice sem levar a sério, não acham? — Lady Salisbury pressiona as têmporas, como se sentisse a dor de cabeça vindo. — Um nome começou a aparecer cada vez mais... Smith Smith-Richards.

— Belo nome — digo.

— Tenho alguns primos Smith — Baz acrescenta —, mas nunca ouvi falar dos Smith-Richards.

— Aparentemente, até pouco tempo atrás ninguém tinha ouvido. Dizem que ele nasceu em Yorkshire.

— Sei. — Baz anota tudo. — E o que fez esse Smith-Richards se destacar? No caso do seu filho?

Lady Salisbury fica genuinamente alterada, como se fosse começar a chorar. De verdade, agora. Ela vira o rosto.

— Smith Smith-Richards promete magia.

— Magia? — Snow e eu dizemos ao mesmo tempo.

Lady Salisbury pega um lenço do bolso do casaco e enxuga os olhos.

— Sim.

— Ele dá magia? — Simon pergunta.

Sei que está pensando nas vezes em que transferiu sua magia para mim, porque não deveria ser possível. Talvez esteja também pensando nos últimos momentos do Mago, quando ele tentou drenar a magia de Simon. Teria funcionado?

— Não exatamente — ela diz. — Smith-Richards alega *curar* a magia alheia. Ajudar os outros a atingir todo o seu potencial.

— E seu filho acreditou nessa história? — pergunto.

— A princípio, não. Ou fingiu não acreditar. Mas o nome de Smith-Richards continuava circulando. Jamie começou a ficar bastante agitado quando falava dos concorrentes a Grande Mago. Dizia que eram todos golpistas, claramente fraudes, e que só Smith Smith-Richards tinha algo de interessante a dizer... — Lady Salisbury enxuga os olhos. — Jamie começou a sair mais, à noite. Antes, passava a noite toda lá em cima, no computador. Tentei convencer a mim mesma de que era bom que ele saísse um pouco, conhecesse gente nova... mas eu ficava morrendo de medo. Finalmente, o confrontei. Ah, que discussão foi! — Ela sorri pesarosa para nós, piscando por causa das lágrimas. — Perguntei se ele não estava se envolvendo demais com aquela confusão toda do Escolhido, e ele me disse que era adulto e que podia fazer o que quisesse. Eu disse que estava preocupada, e ele disse...

Lady Salisbury baixa os olhos para a xícara de chá e balança a cabeça, devagar.

— Bem. Ele disse que eu não queria que ele fosse bem-sucedido.

Que eu *gostava* que ele fosse um fracassado, porque isso o mantinha comigo. “Mãe”, ele disse. “E se Smith puder consertar minha magia?” Eu respondi que não tinha nada para ser consertado nele, e era verdade! Não tem nada de errado com Jamie. — Lady Salisbury olha para Simon e para mim, como se implorasse que acreditássemos nela. — Sempre foi mais complicado. A magia não lhe vinha facilmente, e ele não foi treinado, então criou uma série de comportamentos para lidar com... Talvez só não conseguisse acessar muito bem a magia! Quer chamem de genética ou de circunstâncias, acontece. Às vezes é um gotejamento, às vezes é um fluxo.

— Às vezes é uma faísca — digo —, às vezes é uma chama.

— Exatamente! — ela concorda com vigor. Então olha para as próprias pernas. — Bem, não era o que Jamie queria ouvir. Ele se trancou no quarto. Alguns dias depois, saiu para uma de suas reuniões e não voltou mais.

— Não deixou nem um bilhete? — pergunto.

— Nada — Lady Salisbury diz. — Testei todos os feitiços que consegui pensar para encontrá-lo. É como se ele estivesse escondido atrás de uma cortina. A vela continua queimando, então sei que Jamie está em algum lugar... — Ela estica a mão para nós. — Mas não consigo vê-lo ou senti-lo. — Ela fecha a mão. — É como invocar ar.

— A senhora falou com Smith-Richards?

Ela solta uma risada seca.

— Foi fácil descobrir onde as reuniões aconteciam, mas não me deixaram entrar. O feiticeiro à porta disse que a intenção era manter o clima de apoio e otimismo. Então recorri ao conciliábulo. Eis uma organização que não tem ideia do que está acontecendo! Todos os seguidores do Mago foram mandados embora, o que significa que ninguém tem mais de cinco minutos de memória institucional. Eles continuam mergulhando nas profundezas da corrupção dele. Quem sabe quando vão chegar ao fim?

Ela volta a olhar para nós, como se voltasse a si.

— Me desculpem. Devo parecer uma velha excêntrica. É o que o conciliábulo acha. É o que meus amigos acham também. Todos já achavam que Jamie não tinha salvação e que finalmente se viu em

maus lençóis. Têm pena de mim, mas não me levam a sério.

— Nós levamos a senhora a sério — Simon diz.

É verdade. Levamos mesmo.

Lady Salisbury pode ser uma velha excêntrica, mas algo estranho está acontecendo, e tenho a sensação de que minha madrasta está envolvida.

Mordelia não disse que Daphne estava estudando?

Minha madrasta é a feiticeira mais fraca que já vi. Ela não usa magia para nada. Quando quer lançar um feitiço, tem que ir buscar a varinha na gaveta, em meio a pilhas e elásticos.

Depois que o Oco esvaziou nossa casa em Hampshire de toda a sua magia, ela brincou com a possibilidade de continuar ali mesmo assim.

Sei que mal consegui se formar em Watford. Daphne me contou que só conseguiu as notas necessárias porque se saía bem nas provas escritas e sempre fazia a lição de casa.

Ela chegou a mencionar que cogitou mandar Mordelia para uma escola normal, “pelo rigor acadêmico”. Achei que estivesse brincando, mas talvez ela só não quisesse que a filha passasse pelo mesmo que ela passou. Mordelia é uma menina inteligente. Poderia ser a melhor aluna de uma escola normal. Em Watford, será conhecida pelo que não consegue fazer.

Pensei que Daphne estivesse tranquila com isso, que aceitasse seu lugar no mundo. Poderia ser pior. Ela é casada com um fazendeiro rico que venera o chão em que ela pisa, tem uma casa grande e um monte de amigas barulhentas, tem filhos saudáveis.

Não achei que se importasse com magia.

Talvez estivesse errado.

— Queremos ajudar — digo a Lady Salisbury. — Conte tudo o que sabe sobre Smith Smith-Richards.

Depois que nos despedimos, fico olhando os dois pela janela.

Ainda nem chegaram à calçada quando o menino Pitch pega a mão do Escolhido. Ouvi os boatos. Agora que os conheci, fico feliz em saber que é verdade. Os dois precisam de um fiel aliado, imagino.

Será que o Mago magoou alguém tanto quanto magoou esse menino?

Minha Lucy pelo menos conseguiu fugir.

Mas Simon Snow foi arrancado das ruas e transformado em uma marionete na guerra. Não há relato oficial do que aconteceu, mas todos sabemos que ele derrotou o Oco e depois o Mago — e que o conciliábulo, ocupado pelos amigos de Davy, ainda assim foi unânime em absolver o menino.

O que Davy pode ter feito para que seu discípulo mais leal se voltasse contra ele?

E qual foi o preço que Simon Snow pagou? Por ter mordido a única mão que já o havia alimentado?

Fico feliz que não esteja sozinho.

Que alguém segure sua mão quando acham que uma velhinha como eu não está olhando.

Será que dois meninos podem fazer o que o resto do Mundo dos Magos não pode?

Talvez. Já fizeram antes, não foi?

Baz fez a gente ir de metrô até a casa de Lady Salisbury.

Eu não pegava metrô fazia mais de um ano, desde que ganhei asas, mas Baz insistiu que ninguém notaria agora que eu conseguia recolhê-las bem.

— Estou esquisito — falei para ele no caminho para Mayfair. — As pessoas ficam me encarando.

— É, mas não porque acham que você tem asas.

— Elas acham que sou corcunda.

— Vão superar. Nem todos os corpos são iguais.

Ele estava certo, acho, porque ninguém me atacou, nem jogou água benta em mim. Então, pegamos o metrô para meu apartamento. Estamos no vagão, lado a lado, segurando na barra.

Foi relativamente fácil convencer Baz a ir para a minha casa — acho que ele ainda não quer lidar com a tia —, mas continua resmungando.

— Você não tem sofá — Baz diz.

— A gente senta no chão.

— Você não tem comida. Aposto que não tem nem talheres. Ou toalhas de banho. Não tem nem cama.

— Tenho cama, sim. Um colchão conta como cama.

Ele vira o rosto. Acho que ficou vermelho. Com Baz, isso é mais modo de dizer; ele não chega a mudar realmente de cor. Dou uma ombrada nele, que sorri para o chão.

— E aí, o que acha? — pergunto.

— Do quê?

— Lady Salisbury, Smith-Richards... tudo.

Baz olha em volta. Ninguém está prestando atenção na gente. Algumas garotas olham para ele, mas isso sempre acontece.

— Acho que Daphne pode estar envolvida nesse rolo — ele diz. — E você?

— Gostei dela. De Lady Salisbury.

— Você gosta de qualquer pessoa que te dê comida.

— Não acho que ela seja excêntrica...

— Não. — Baz balança a cabeça. — Nem eu. O que você quer fazer a respeito?

— Bom, vamos ter que conhecer esse novo Escolhido, né?

Ele olha para mim por um momento, então assente.

— Acho que sim.

30

penelope

A placa sobre a porta diz: O OGRO ASSOBIANTE.

— Em plena vista — digo.

Shepard sorri para mim. Juro que ele está *empolgado*. Achei que eu precisaria de dias bancando a detetive para encontrar um lugar destes, mas ele garantiu que não ia demorar muito.

— Eu encontro um — ele disse. — É só esperar escurecer. O tipo de semas que estamos procurando não se dá bem com a luz do dia.

Semas. Seres mágicos.

Eu não tinha certeza do que usar. Nenhuma das minhas roupas grita “noite no pub com criaturas das trevas”. Não gosto nem de pubs normais. Não bebo, não fumo, não jogo dardos, então para mim ir a um pub significa ficar vendo as pessoas beberem, fumarem e jogarem dardos. Assistir jogos de dardos... que desperdício abjeto de tempo.

— Acho que não consigo — digo. — Vou chamar muita atenção.

— Confia em mim — Shepard responde —, todo mundo lá dentro vai estar cuidando da própria vida.

— Menos você. Você nunca está cuidando da própria vida.

— É um dos meus encantos singulares, Penelope.

Reviro os olhos e deixo aquela história de “encantos singulares” no ar.

— Eles vão perceber que não somos criaturas — digo.

Shepard não fez nada para alterar sua aparência. Vai mesmo entrar num antro de criaturas das trevas com um broche dizendo NUNCA INSULTE UM PÉ-GRANDE na jaqueta e cheirando a patchouli.

— Já falei — ele diz, se aproximando de mim para sussurrar — que eles vão imaginar que estamos disfarçados.

— Tá. Então o que eu sou? Qual é minha história?

Ele dá risada.

— Você precisa entrar na personagem?

— *Shepard*.

— Tá bom, tá bom. Hum... — Ele ergue os ombros estreitos e morde o lábio por um segundo, como se estivesse pensando. — Você é uma ratazela-almiscarada.

— E o que é uma ratazela-almiscarada? Você acabou de inventar?

— Não! Ratazelas-almiscaradas enganam os seres humanos e trocam de pele depois que são presas.

— As pessoas prendem ratos-almiscarados?

— Não, hoje em dia não. As coisas andam difíceis para ratazelas-almiscaradas.

— Nem temos ratos-almiscarados aqui na Inglaterra.

— Olha que bom. — Ele sorri. — Assim ninguém vai notar os furos na sua história.

— *Shepard*.

— Penelope, vai ficar tudo bem. É só não sair de trás de mim e não falar nada.

— Ah, porque é isso que uma mulher deve fazer, né?

Ele aponta para mim.

— Boa. Ratazelas-almiscaradas são conhecidas por serem ultrassensíveis.

— Engraçadinho.

— Isso porque elas só roubam a epiderme humana — ele explica. — Na verdade, é bem interessante...

A porta do pub se abre, e uma mulher atarracada se inclina para fora.

— Se não forem entrar, sigam em frente. Não gosto de aglomeração. Vou para trás de *Shepard*.

— Vamos entrar, obrigado. Me chamo *Shepard*.

— Não preciso saber seu nome — a mulher resmunga, fazendo sinal para que entremos numa salinha escura. Ela usa calça de couro preto e

casaco de couro (incondizente com a estação) e está diante de uma segunda porta. — É um clube particular. Vocês são membros?

— Sou conhecido no estabelecimento — Shepard diz.

— É mesmo?

— Subi as colinas.

Ela cruza os braços.

— Subiu, é?

— E atravessei os rios.

Os olhos castanhos de Shepard brilham.

A mulher grunhe.

— Fiquei no escuro sem pedir nenhuma luz — ele prossegue. — Não trago armas, mas talvez não venha em paz. E tenho o bastante no bolso para pagar pela noite.

A expressão dela não se altera.

— Está bom assim — a mulher diz, abrindo a porta atrás de si.

— Obrigado. — Shepard me puxa para dentro pelo cotovelo. — Tenha uma ótima noite!

— Americanos... — ela resmunga atrás de nós.

O lugar parece com qualquer outro pub sujo e velho. Um pouco mais escuro que o normal. Está tocando Imagine Dragons, alto demais. Shepard continua segurando meu cotovelo.

— Esqueci de falar — ele diz, baixo —, não fica encarando.

— Não vou enc...

Por Stevie Nicks e Grace Slick! Tem uma árvore atendendo no bar. Com copa e tudo! Aquilo é um *ent*? Ents *existem*? Por que um ent trabalharia num pub? Eles não precisam de sol?

Shepard senta ao balcão e me puxa ao seu lado. A árvore vira para a gente e meio que farfalha. Acho que é uma tramazeira. Imune a magia. Isso deve ser bem útil.

— Uma coca pra mim — Shepard pede.

— Pode ser pepsi? — a árvore pergunta.

A voz da árvore é masculina e bem ressonante, como se alguém batesse na madeira.

— Não — Shepard diz. — Tem refresco de gengibre?

A árvore assente e começa a encher um copo com um galho,

enquanto limpa o balcão à nossa frente com outro.

— Pra mim também — digo.

— Meu nome é Shepard. — Ele fala como se alguém tivesse puxado uma cordinha em suas costas. — Está é minha amiga...

Franzo a testa para ele.

— Debbie — ele completa.

O barman nos entrega os refrescos.

— Não somos daqui — Shepard diz, e sorri.

— Jura? — o barman retruca.

Não consigo ver sua boca. Será que tem? Ou será que são as folhas que emitem as palavras? Será que é tipo pólen?

— Estamos procurando alguém com uma habilidade muito especial.

— Minha habilidade muito especial é servir bebidas alcoólicas — o barman diz. — Vocês vão pedir alguma?

— Vamos, sim — Shepard diz. — Pode pegar uma pra você por nossa conta.

Tenho a sensação de que a árvore olha feio para Shepard, mas não dá para confirmar. Depois de um segundo, ela se serve um caneco de cerveja escura e o leva até uma rachadura na casca.

— Que tipo de habilidade? — a árvore pergunta, *enquanto* bebe. Só pode ser um truque, ou uma prova de que não tem boca. A menos que tenha mais de uma...

— Tradutória — Shepard diz. — Encontramos uns documentos antigos. *Muito* antigos. Um gigante conseguiu reconhecer as letras, mas não a língua em si.

— Não tem gigantes aqui — a árvore diz. — Não temos permissão pra isso.

— Não acho que seja uma língua gigante. É alguma língua antiga.

— E este lugar tem cara de biblioteca?

Shepard volta a sorrir.

— Não.

— De centro de línguas antigas?

— Nem um pouco.

— Você só entrou no primeiro pub que encontrou ao sair do avião achando que ia estar cheio de linguistas dos velhos tempos?

— Entendo que posso ter dado essa impressão...

A árvore apoia um ramo grosso à frente de Shepard no balcão.

— Olha, você parece um cara legal... — (Parece mesmo? Por quê?)

— Se a habilidade especial que você está procurando fosse fazer apostas ou envolver um cadáver em córtex, eu poderia te indicar alguém. Mas não estamos no *Código da Vinci* e você não é o Tom Hanks. Também não estamos em *A lenda do tesouro perdido*, e você também não é o Nicolas Cage. Não vou apontar para os fundos do pub, onde fica nosso guardião velho e encarquilhado de textos sagrados.

— Bom, tem sempre a velha Kipper...

Os três viramos na direção da voz. Uma espécie de gnomo está de pé no banco ao meu lado. Nem o vi quando cheguei. Usa roupas de construtor. O que gnomos podem construir? Será que ele está usando roupas para bonecos? Será que produzem roupas para gnomos em escala industrial?

— Eles não estão precisando de um passaporte — a árvore retruca. (Até estamos, na verdade. A magia do que arranjei para Shepard é temporária.) — Eles querem traduzir um mapa antigo.

— Na verdade, não é um mapa — Shepard explica, embora não haja necessidade. — É uma maldição.

A árvore recua.

— Você não tinha dito isso.

— Achamos que é mais um tratado sobre maldições — improviso.

— É mesmo, Debbie? — a árvore diz, de alguma forma conseguindo transmitir escárnio.

— Kipper é uma excelente falsificadora — o gnomo diz. — E também conhece um pouco de línguas. Olha, mas não tentem copiar nada que não compreendam. Podem acabar invocando algo feio... ou pior: bonito demais.

— Adoraríamos falar com Kipper — Shepard diz. — Ela está aqui?

— Kipper nunca vem aqui — a árvore responde. — Ela trabalha no café mais à frente na rua.

— Um café mágico? — Shepard pergunta, superempolgado.

— É — a árvore diz. — Da rede Costa.

Tem mesmo um Costa na rua. Acho que Shepard fica decepcionado porque parece muito normal. Eu fico aliviada; um muffin cairia bem.

Perguntamos pela “velha Kipper” e apontam para a gerente. Ela deve ter uns trinta anos, cara de cansada e cabelo roxo curto.

— Sou eu — ela diz, animada. — Precisam de ajuda?

— Oi, Kipper — Shepard diz. — Um pessoal no Ogro Assobiante sugeriu que falássemos com você...

— Ah. — Ela se anima um pouco. — Vocês têm uma encomenda?

— Isso! Uma encomenda.

— Meu intervalo é daqui a uns minutinhos. Sentem.

Pego um muffin de limão e nos instalamos no canto da loja.

— Será que existem cafés mágicos de verdade? — Shepard pergunta. — Tem feiticeiros donos de cafés?

— Não precisamos de cafés mágicos. Somos mágicos aonde quer que formos.

— Tá, mas vocês se irritam tanto com os normais que seria de imaginar que gostariam de um refúgio.

— Feiticeiros em geral não se incomodam com os normais. — Divido meu muffin e ofereço metade a ele. — Sou só *eu* que me irrita.

Shepard aceita o muffin.

— Então feiticeiros fazem amizade com normais.

— O tempo todo.

— E contam que são feiticeiros.

— Nunca.

— Deve haver exceções.

— Duvido muito.

Penso em Micah e na nova namorada dele, provavelmente normal. Será que ela sabe o que ele realmente é? Sempre achei que Micah gostasse de mim (pelo menos em parte) porque eu era uma boa feiticeira. Treinávamos feitiços juntos. Falávamos sobre a vida mágica que viríamos a compartilhar.

Kipper vem sentar na nossa mesa, tirando o avental.

— Oi de novo, obrigada por terem esperado. Infelizmente, só tenho alguns minutos antes de voltar para o caixa.

— Vamos direto ao ponto, então — digo.

— Eu sou o Shepard e ela é a Debbie.

Kipper sorri para mim.

— É o nome da minha mãe.

Não sei como responder, por isso sou direta:

— Estamos procurando alguém com conhecimento de línguas. Uma tradutora.

— Ah.

Kipper fica decepcionada.

— Desculpa — Shepard diz. — Não é sua área?

— Não, é, sim. É só que achei que vocês iam mesmo encomendar alguma coisa. Ando fazendo umas aquarelas. Principalmente retratos. Às vezes de animais de estimação.

— Sério? — ele pergunta, interessado de verdade. — Não sabíamos disso. Eu adoraria ver suas aquarelas.

Kipper já está com o celular na mão, abrindo a galeria de imagens.

— Tenho uma lojinha na internet. Às vezes as pessoas veem meu trabalho lá no Ogro e vêm me perguntar.

Shepard fica encantado com algo no celular dela. Me inclino para ver. É uma aquarela de um gato de gravata-borboleta.

— Ai, meu Deus — ele diz. — É muito fofo. E um preço muito justo.

— As pessoas gostam de ter um retrato dos bichinhos quando morrem — ela diz. — Quando os bichos morrem, digo. De recordação.

— É uma ótima ideia — Shepard diz.

Ela sorri.

— Comecei meio por acaso.

— Então você não tem conhecimento de línguas? — pergunto.

Kipper me olha como se tivesse esquecido que eu estava ali.

— Não, eu tenho. Um pouco. É meio que uma coisa de família. Minha mãe fala trinta e nove línguas.

— Impressionante! — Shepard comenta.

— Sim, principalmente considerando que ela só tem quatro.

(Quatro o quê? *Línguas de verdade?*)

— Uau — Shepard diz.

Dou uma cotovelada nele.

— Mostra aí — digo. — O... texto.

— Claro, claro.

Ele tira o papelzinho dobrado do bolso de dentro da jaqueta e o entrega a Kipper.

Quando ela o abre na mesa, dois dedos a mais surgem em cada mão.

— Eita — Kipper diz, se afastando do papel e se recostando na cadeira.

— Que foi? — pergunto. — Eita por quê?

— Isso é, tipo, totalmente obscuro.

— É? — Shepard pergunta.

— Não é nem, tipo, desta dimensão, sabe? Não é da Terra-616. É melhor não traduzir. Eu nem conseguiria, mas vocês não deveriam tentar, de qualquer maneira. Podem acabar abrindo um alçapão para outra dimensão.

Shepard abre um sorriso triste para ela.

— Acho que já abri, Kipper.

31

agatha

Quando volto ao Fiesta de Niamh, estou só o pó. Minhas pernas parecem gelatina e estou morrendo de fome. Niamh abre o portamalas e tira duas garrafas de água. Seu rosto está vermelho e suado; seu cabelo escuro se solta do coque e gruda no rosto.

Ela me joga uma garrafa — quente — e bebe a outra de uma vez só.

Viro minha água, depois enxugo a boca com o punho.

— Meus feitiços, não vou conseguir nem andar amanhã.

— O que aconteceu com a jogadora de lacrosse de nível nacional?

— Engraçadinha.

Ela solta o coque. Seu cabelo cai e passa dos ombros, em ondas brilhantes e escuras. É incongruente. O rosto de Niamh é rígido demais para ser emoldurado por algo tão suave. Ela logo penteia o cabelo para trás, com os dedos, e volta a prendê-lo.

— Todo esse trabalho a troco de nada — digo.

— Não é verdade — ela diz, entrando no carro.

Entro também.

— Passamos *horas* reunindo as cabras. E depois as deixamos nas colinas.

— O que queria que fizéssemos com elas?

— Não sei, me diz você. Não deveríamos ter levado para o capril?

— Eu te disse que não podemos cercar as cabras de Watford. O máximo que dá pra fazer é convidá-las a entrar.

— *Convidar?* São cabras vampiras, por acaso?

Niamh estava prestes a dar a partida, mas vira e franze a testa para mim.

— Você é igual a todos os outros, sabia?

— Ah, nem vem. — Baixo meu vidro. — Eu tentei ajudar.

— Acho que sim — ela resmunga, ligando o carro. — Você até que foi bem útil pra alguém que não se importa nem um pouco com nada além de si mesma.

Viro a cabeça na mesma hora para ela.

— Ei! Você nem me conhece.

Niamh solta uma risada irônica voltando com o carro para a estrada.

— *Todo mundo* te conhece, Agatha. Você é a namorada do Simon Snow. É a escolhida do Escolhido. É só você quebrar uma unha que ele taca fogo na Floresta Inconstante.

— Acho que você está se referindo de novo a uma vez em que fui sequestrada...

Ela olha para mim, brava de verdade.

— Talvez você não se importe com o que acontece com Watford, mas a escola é o cerne de quem somos, enquanto feiticeiros. É nossa única instituição, a única coisa que conseguimos construir e manter em funcionamento.

— *Niamh*. Eu também estudei em Watford. Não sou contra a escola.

Me inclino sobre o câmbio do carro para argumentar.

Ela tenta manter os olhos na estrada e ao mesmo tempo discutir comigo.

— Então deveria se preocupar mais com as cabras!

Dou de ombros, com a palma das mãos virada para cima.

— Bom, eu me preocupo mais hoje do que me preocupava ontem. Fiz amizade com algumas até.

— As cabras de Watford estão se dispersando — ela diz, se debruçando no volante —, mas ninguém se importa! Nem você, nem a diretora, porque ela tem outros problemas. O Mundo dos Magos inteiro tem outros problemas! Ou talvez distrações demais. A maioria das pessoas está mais preocupada com quem vai substituir seu namorado do que...

Eu a corto.

— Se você se referir a Simon como meu namorado de novo, vou

gritar.

— Por quê? Vocês ficaram noivos? Você e Simon Snow vão se casar?

— Não! A gente terminou há séculos! Todo mundo sabe disso!

— Quê? — Niamh se endireita no banco, parecendo arrependida. — Eu não sabia.

— Então deve viver numa caverna. — Cruzo os braços e olho pela janela. — Faz meses que as pessoas só falam disso.

— Não sou muito de fofoca...

— Bom, a gente terminou no último ano, e agora ele está com Baz Pitch. Foi tipo *Romeu e Julieta*, só que com homem.

— *Romeu e Julieta* já tinha homem.

— Você entendeu.

— Simon Snow te trocou por um Pitch? — Niamh parece refletir a respeito. — Qual deles?

— Ele não me trocou, na verdade, mas... foi pelo Baz. Ele era do nosso ano.

— Como era a cara dele?

Viro de novo para Niamh. Ela está brincando?

— Basilton Grimm-Pitch. O filho da diretora antes do Mago.

— Ah, tá... — Ela ainda não está cem por cento convencida. — Pálido? Com o nariz torto.

— Nunca vi ninguém descrever Baz assim... mas é.

Niamh dá de ombros.

— Como falei, não acompanhei muito a novelinha de vocês.

— Você é *tão* desagradável — digo. — Quase esqueci disso por algumas horas. É muito mais fácil ficar com você quando está gritando com cabras.

— É, bom, é algo que a gente tem em comum.

Niamh aproveita que precisa parar num cruzamento e aperta ainda mais o coque. Estou muito perto de lhe dizer que seu cabelo fica horrível assim, mas Niamh não merece minhas críticas construtivas, por isso só bufo.

Ela me ignora.

Tento ignorá-la também, mas só consigo por alguns minutos.

— Eu me preocupo com Watford, aliás. Ajudei a salvar a escola várias vezes. Indiretamente.

— Bom, todos os seus esforços terão sido em vão se as cabras forem embora.

— Ah, ótimo, vamos voltar às cabras.

— Sei que pra você as cabras de Watford são só um mito. Mas mito é outra forma de chamar uma história, e o que nos sobra se não tivermos histórias?

— Niamh! Nunca ouvi falar no mito das cabras de Watford. Deveria ter ouvido?

Ela revira os olhos.

— Bom, acho que sim. Acho que nosso patrimônio é importante, cuidar dos animais mágicos é importante. Temos que estudar e compartilhar essas coisas e...

— Espera aí, as cabras são *mágicas*?

Niamh exala, frustrada.

— Como é que ninguém sabe disso? As cabras são parte da história de Watford! Estão no brasão de armas!

— Achei que fossem pégasos...

— Não, são cabras.

— Mas têm asas.

— Como as cabras.

— *Quê?*

— Como você acha que as cabras passam pelos muros, Agatha?

— Achei que pulassem. Mas então são cabras mágicas e voadoras?

— Óbvio.

— Óbvio que não é óbvio. As pessoas sabem disso?

— Deveriam saber! — Niamh meio que grita, mas depois fica constrangida por isso. Suspira. — É uma história tão antiga que agora parece lenda — resmunga. — E é difícil encontrar relatos acadêmicos. O Mago possuía muitos livros de história mágica, mas não deixava ninguém mais ler, e claramente tinha pouca consideração por animais e outras criaturas. Por causa dele faz anos que não temos um veterinário...

— Me conta.

— Estou *tentando*, Agatha...

— Não, conta a lenda. Sobre as cabras.

— Ah. — Ela olha para mim como se quisesse se certificar de que meu interesse é sincero. — Bom — Niamh diz, então olha para mim de novo. — A lenda conta que o mesmo rebanho tem cuidado de Watford por toda a sua existência. E diz que, se um dia decidisse ir embora, a escola estaria perdida de modo irrecuperável. Porque as cabras levariam sua proteção consigo.

— Espera, isso é sério?

— É, de acordo com a lenda.

— Bom, não parece mais impossível do que tudo o que ensinam em história mágica. E a diretora Bunce realmente não liga?

Niamh solta um suspiro.

— Eu não deveria ter insinuado que ela não liga. É que ela tem um monte de outras coisas para resolver. E acha isso bastante... *hipotético*. Não tem nenhuma prova de que as cabras protejam a escola, e a diretora Bunce gosta de provas.

— É verdade...

— Descobri que as cabras estavam tentando sair faz alguns meses. Me chamaram para dar uma olhada no dogue alemão da srta. Possibelf e notei que as cabras não estavam no capril. A diretora disse que não se aproximavam da escola desde a morte de Ebb Petty, mas que tinha parado de se preocupar com elas, porque pareciam bem nos campos.

— Elas pareciam mesmo bem. Certamente não estavam com fome.

— Mas estão em menor número — Niamh diz, sombria. — Metade do rebanho foi embora, e só uma das fêmeas vai parir este ano.

— Bom... — A frustração e a impotência me atingem. Tenho a sensação de que não deveríamos nos afastar das cabras agora que sei que podem voar para longe. — E o que vai acontecer se elas forem embora?

— De acordo com a lenda? Watford vai se tornar mundana.

— Não vai dar pra fazer magia na escola?

— Os normais vão poder encontrar a escola no Google Maps.

— *Niamh!* Isso não pode acontecer!

— Provavelmente não vai — resmungo. — Provavelmente é só uma lenda mesmo. — Niamh parece derrotada. — Acho que seu pai e a diretora permitem que eu venha porque não estou prejudicando ninguém. É meu trabalho cuidar das cabras, sendo mágicas ou não.

Observo os campos passando por nós. Não demora muito para que a gente saia dos limites da cidade de Watford e entre em Londres.

— Niamh... — De perfil, ela parece uma personagem de desenho animado. Sobrancelha grossa, nariz comprido, queixo pontudo. Ainda não consigo acreditar que não a reconheci da escola. — Desculpa. Não sabia mesmo que era tão importante pra você.

— Tudo bem. Você ajudou bastante... Desculpa também. Eu não sabia que você tinha terminado com Simon.

— Ah, por Merlim, não tem problema — digo, acenando. — É até bom saber que nem todo mundo em Watford ficava de olho na gente.

Ela retorce os lábios.

— Bom, se faz com que você se sinta melhor, eu estava cagando pra vocês, de verdade.

Reviro os olhos e me concentro na janela.

— Tá bom. Já entendi.

Snow está me dando nos nervos.

— Não posso entrar no comício de um Escolhido. Sou o ex-Escolhido!

— Então me deixa mudar seu rosto — digo, pela décima vez.

— Não vou deixar você mexer no meu rosto — ele resmunga. — E estou começando a achar que você está um pouco a fim demais de fazer isso...

Estou sentado no chão vazio da sala dele. Simon anda de um lado para o outro, na minha frente, com as asas abertas e o rabo chicoteando. Quase me acerta toda vez que passa por mim.

— Posso fazer seu rosto voltar ao normal depois — digo, pela décima vez.

— *Não*. Chega de enfeitiçar minhas asas, chega de enfeitiçar qualquer parte do meu corpo — ele responde, fazendo um gesto que abarca da cabeça à barriga.

— Então vou sozinho à reunião com Smith-Richards.

— *Você não vai sozinho!*

Ele passa a toda na minha frente, o rabo erguido como o de um gato furioso.

— Vou ficar bem, Snow. Você pode ouvir pelo celular.

Ele joga as mãos para o alto.

— Ah, é! Porque funcionou superbem da última vez!

— Funcionou mesmo, como espero que lembre. Não fui eu quem entregou a gente.

Simon foi o responsável por estragar nosso disfarce em Las Vegas.

Ele não seguiu o plano e quebrou uma cadeira do Rei dos Vampiros.

— Bom, eu não vou ficar sentado aqui ouvindo você se meter em apuros... ou acabar saindo com outro cara.

— Por Chomsky — digo. — Eu não *saí* com ele.

Não mesmo.

— Vocês saíram pra tomar *sorvete*.

— E daí? Lamb não estava interessado em mim nesse sentido.

Não mesmo.

Simon para um pouco e revira os olhos para mim. Seu rabo continua se movimentando.

— Ele queria ser meu mentor — digo. — Sabia que eu não tinha ideia do que estava fazendo.

Simon bufa.

— Sabia que você era bonito.

Bufo também.

— Bom, quem estava lá era eu, e não tive essa sensação.

— Você não teve essa sensação comigo também, Baz. Sensações não são seu forte.

Simon volta a andar de um lado para o outro. Seu rabo vem direto na minha cara, e eu o seguro. Ele vira, segurando-o pela base.

— Ei!

Não solto. Na verdade, puxo.

— Ai, merda! — ele solta. — Você sabe que o rabo está ligado à minha medula espinhal.

— Então é melhor vir aqui — digo, enrolando o rabo no pulso e voltando a puxar.

Simon estreita os olhos azuis e vem na minha direção, devagar, como se no seu próprio tempo. Puxo seu pulso para meu ombro, fazendo com que ele se aproxime devagar, se abaixar entre minhas pernas e sentar de joelhos.

Assim, ele fica mais alto que eu. Abraço sua cintura e sento direito, encostando minha testa na dele.

— Quer que eu te leve pra tomar um sorvete? É isso?

Ele desvia os olhos.

— Não preciso de sorvete.

— Não foi isso que eu perguntei...

Aperto o rabo dele. Estou segurando bem perto da ponta. Não parece machucar, então aperto de novo, acariciando com o dedão e o indicador. É mais quente do que seria de esperar — talvez dragões tenham sangue quente. E tem uma penugem diferente, que lembra luvas de pelica.

Desenrolo o rabo do braço e passo a mão devagar por sua extensão, em parte massageando, em parte para sentir a textura. Em geral, a esta altura Snow já o teria puxado.

Mas ele não puxou ainda. Suas bochechas estão coradas, e ele olha para o chão.

— Quero que você saiba que nunca considere a possibilidade de ficar nos Estados Unidos — digo. — Com Lamb. Nem por um segundo.

Solto um pouco e recolho o braço, deixando o rabo deslizar pelo meu punho.

Simon estremece. Suas asas se abrem — em reflexo, me parece.

— Você deve ter considerado — ele diz.

— Bem, eu não considere, não consideraria e não vou considerar. — Volto a subir a mão pelo rabo, na direção das costas dele. — Desculpa pelo que te fiz passar aquela noite.

Ele continua olhando para o chão, triste.

— Eu teria entendido, Baz...

— Por Crowley, Snow, preciso que você me prometa que vai esquecer esse assunto.

Deixo o rabo dele escorregar pela minha palma de novo, com mais delicadeza desta vez, arranhando-o levemente.

Simon recua um pouco, e seu rabo escapa da minha mão.

— *Para* — ele diz.

— Desculpa — digo na mesma hora. — Machucou?

— Não, é que... — Ele está desconfortável. — Não gosto da sensação. Sei lá, leve como uma pena. Tipo, me toca ou não me toca... mas não fica nesse... *sussurro*.

Seguro o rabo com firmeza.

— Melhor assim?

Ele passa a língua no lábio inferior. Está constrangido.

— Sim. Mas, tipo, não preciso que faça nada.

— Não foi isso que eu perguntei.

Volto a fazer carícias, apertando forte com o dedão.

— Sim — Simon diz, ficando muito vermelho. — Melhor assim. —

Ele enlaça meu pescoço, ainda relutante, ainda sem olhar nos meus olhos. — Lamb era bem gato.

Dou de ombros e continuo mexendo no rabo dele. É tão quente. E está sempre se movendo. É como segurar a correnteza de um rio. Se me perguntassem antes, eu diria que não gostava de rabos. Mas acho que gosto de qualquer coisa relacionada a Simon.

— Ah — ele diz, finalmente me olhando. — Então você não notou que ele era gato.

— Nem liguei. Tem tanta gente gata no mundo.

— Não que nem ele.

— Cacete, Snow. Talvez *eu* devesse estar com ciúme.

Simon revira os olhos.

Seguro sua cintura com mais força.

— Você é tudo o que eu quero.

Isso sai mais suave do que eu gostaria, como se meus pulmões estivessem mais inseguros que minha cabeça.

Simon fecha os olhos e apoia a testa na minha. Ele respira forte pelo nariz. Continuo acariciando seu rabo, sem esquecer de ser firme.

— Tá — ele diz. — Vou parar de falar nele. De falar disso. Dos Estados Unidos.

— Tudo bem. Se você precisar que eu repita essas coisas, posso repetir.

Ele balança a cabeça, como se irritado — não sei se comigo ou consigo mesmo.

— Você insiste que está tudo bem, que vai fazer tudo que eu precisar...

Assinto.

— É verdade. Fico feliz que finalmente esteja escutando.

Ele faz uma careta e joga a cabeça para trás, dando a impressão de que seu pescoço é mais comprido.

— É que não acho que seja verdade.

— Simon... — Eu o puxo. Quero que abra os olhos. — É claro que é verdade. Tudo o que me pediu até agora foi carinho.

Ele geme e afunda o rosto no meu ombro. Seus braços continuam no meu pescoço. Seu rabo continua ondulando entre meus dedos. É estranho eu gostar dele assim? Com medo, inseguro, preocupado... mas procurando conforto em mim? Deixando que eu o abraçe?

Passo o nariz nos cabelinhos da nuca dele, ainda curtos, do corte em Las Vegas.

Sua voz sai abafada:

— E se eu pedisse pra ser *menos* carinhoso?

— Quê? — Levanto a cabeça. — *Por quê?*

Simon está apoiado em mim, com a testa no meu ombro, soltando sussurros roucos no espaço entre o meu peito e o dele.

— Porque me deixa *maluco*. Assim como toques leves demais. Faz com que eu me sinta virado do avesso. Como se precisasse me afastar.

Passo a mão no rabo dele com firmeza de novo e apoio a outra em suas costas. Levo o nariz à sua orelha.

— Não — digo. — Não vou fazer isso.

Simon se encolhe. Sua mão cai sobre as pernas. Ele está angustiado.

Volto a enrolar seu rabo na mão e o seguro com força.

— Não — repito. — Posso te tocar com menos delicadeza, mas não posso te amar com menos carinho.

Ele expira com força e sua cabeça volta a afundar no meu ombro. Suas costas continuam tensas, as mãos, cerradas sobre as pernas.

Me preparo para o que quer que ele possa dizer...

Estou mais acostumado a *adivinhar* o que Simon está pensando — o que sente, o que quer. A me preparar para seu silêncio, onda após onda. Foi assim que nosso relacionamento funcionou até agora.

Mas as últimas trinta e seis horas têm sido diferentes. Ele prometeu tentar, e está mesmo tentando, me pegando de surpresa. Primeiro não sei o que esperar, depois fico atordoado... *E mal dá para acreditar em como é melhor assim*. Me preparar para *algo*, e não para nada.

Fico à espera...

Depois de alguns minutos, o corpo de Simon relaxa contra o meu. Suas asas se recolhem. Sua respiração fica mais lenta. Ele vira o rosto

para fora, apoiando a bochecha no meu ombro.

— Não acredito que você puxou meu rabo... — ele diz, cansado, como se realmente não acreditasse.

Relaxo também.

— Ah, é. Como se você não fosse ficar me puxando pelo rabo se eu também tivesse.

Simon deixa uma risada escapar com a respiração.

— Se você tivesse rabo na época de Watford, acordaria toda manhã com ele amarrado à cama.

Continuo massageando seu rabo, centímetro a centímetro, até chegar à base, e então deixo que ele deslize pela minha palma até a ponta.

— Tenho que puxar seu rabo enquanto você ainda tem.

Simon levanta o rosto. Olha nos meus olhos por um segundo. Como se me medisse, vigilante. Talvez resignado. Então baixa os olhos para minha boca.

Devagar, ele vem até mim, e eu entreabro os lábios para me preparar.

Ele me beija.

Eu retribuo o beijo, com vontade. Com força. Com naturalidade. *Você é tudo que eu quero, penso. E você pode ter tudo o que quiser.*

Não tenho certeza do que está me dizendo com esse beijo. Finjo que é “sim”, e “sim”, e “seja carinhoso comigo”.

simon

Tá bom, seu puto. Pode ficar comigo. Pega logo.

Faz o seu pior, seu teimoso.

Seja a minha perdição.

Você vai ser a minha perdição.

Baz se afasta primeiro.

Ele quase nunca se afasta primeiro.

Ele se recosta na parede.

— Ei — diz, como se tivesse acabado de pensar em algo.

Meu rabo está enrolado em seu braço de novo, do pulso ao cotovelo. Ele solta, e meu rabo desliza. (Posso controlá-lo se quiser, mas em geral o troço se move por conta própria.) Estou sentado sobre os joelhos. Deveríamos ficar assim com mais frequência — gosto de como Baz fica, olhando para cima para me ver.

Ele limpa a boca com a manga da camisa azul.

— Todo mundo vai saber quem somos na reunião de hoje à noite — diz.

— Pois é. O problema é esse.

— E todo mundo sabe que você perdeu sua magia.

— Aparentemente, as pessoas não estão acreditando — digo, pensando em Lady Salisbury.

— A gente pode se aproveitar disso.

— Se aproveitar de quê?

Meus joelhos estão me matando. Talvez a gente não devesse fazer isso com mais frequência, não. Tento sentar de pernas cruzadas, mas não tem espaço.

— Aqui. — Baz coloca minha perna esquerda em cima da dele, depois faz o mesmo com a direita. Assim que as ajeita, volta a abraçar minha cintura. Fica confortável pra caralho assim. — A gente pode se aproveitar desse lance todo. “Nunca fui o Escolhido. Perdi minha

magia e ouvi dizer que você pode ajudar...”

— Ah — digo. — *Ah*.

— Né? — Baz diz, me apertando. — *Né?*

— A gente pode fingir que estou procurando um salvador.

— Faria todo o sentido. O tal do Smith-Richards ia adorar. Se o Escolhido achasse que *ele* é o Escolhido...

— É — digo, assentindo. — Beleza. Posso fazer isso. Me aproveitar disso. Tipo, vai ser meio humilhante, mas...

— Você está acostumado.

— Estou mesmo.

— Mas preciso caçar antes. — Baz já está se levantando. — Você pode ir junto, se quiser.

— Agora eu sempre posso ir junto, lembra?

Ele inclina a cabeça para trás e ergue a sobrançelha grossa.

— Acho que eu não disse *sempre*.

— Disse, sim — garanto. — Toda vez. Todas as noites pelo resto da minha vida.

— Não seria pelo resto da *minha* vida?

— *Pfff*.

Eu me aproximo, me segurando nele.

— Você vai ser jovem e lindo pra sempre.

Baz me puxa ainda mais perto, pela lombar.

— Não diz isso — ele sussurra. — Você não sabe.

— Não me importo.

Ele balança a cabeça, como se não quisesse pensar a respeito.

— Snow... temos alguns minutos antes de ir.

Ele me puxa ainda mais.

— Bom, estou pronto.

— Não, digo... — Baz movimenta a cabeça como se tentasse encontrar as palavras certas. Não é comum vê-lo assim. — Não importa o que aconteça agora — diz, olhando para meu queixo —, vamos ter que parar em alguns minutos. Então você não precisa... você não precisa se preocupar com a possibilidade de irmos longe. Ou de ser demais.

Ah.

Baz olha nos meus olhos. Suas pupilas estão largas e brilhantes. Estamos ambos à sombra das minhas asas. Assinto, chupando o lábio inferior de nervoso.

— Então se aproveita disso — ele sussurra.

Minha camisa está para fora da calça. Ele enfia a mão fria por dentro, nas minhas costas, logo acima do rabo.

Eu me inclino para beijá-lo.

— Só por alguns minutos — ele diz, antes que eu toque sua boca. — Te digo quando for a hora.

A reunião do Smith Smith-Richards vai ser no salão dos fundos de um pub da moda, o tipo de lugar em que acontecem shows acústicos e apresentações de stand-up. Tem um homem mais velho com uma prancheta na mão cuidando da porta.

Baz e eu ficamos olhando da área externa de um café Costa do outro lado da rua. Já faz quinze minutos que estamos aqui. Comprei muffins pra gente.

— Você só comeu bolo hoje — Baz diz.

— Comi torrada no café. Torrada não é bolo.

A reunião deve ter começado há cinco minutos. O homem à porta dá uma última olhada de um lado para o outro da rua, depois entra.

— Agora? — Baz pergunta.

— Ainda não.

Um casal vem depressa na direção da porta, como se estivesse atrasado.

Puxo o braço de Baz.

— *Agora.*

Atravessamos a rua depressa e entramos atrás do casal. Lembro de fazer um sinal convidando Baz a entrar assim que eu mesmo passo pela porta.

Está cheio. O salão deve comportar umas cem pessoas. Baz e eu pegamos as últimas cadeiras vazias, no fundo. Tem um homem bonito no palco, usando jeans e um casaco azul detonado. Parece músico de uma banda. Talvez vá ter algum show mesmo hoje...

— Ei — ele diz no microfone. — Legal, não é? — Seus braços se

abrem. — Olha só pra gente...

A multidão bate palmas. Devem ser todos feiticeiros. Vejo um menino que estava alguns anos à nossa frente em Watford e me pergunto se tem mais alguém que conheço aqui.

— É, chega de reuniõezinhas em salas de estar — o homem no palco diz, sorrindo. — Chega de pubs sujos.

Algumas pessoas riem.

— Só do bom e do melhor pra gente agora! — ele comemora.

O público volta a aplaudir.

— Agora temos um novo centro residencial. E tudo por causa de vocês, de todos vocês. Vocês estão fazendo as coisas acontecerem!

Baz está sentado bem ereto, dando uma olhada na multidão. Está com o paletó caramelo de novo, e antes de sairmos de casa fez algo no cabelo que ficou perfeito, com os fios caindo em torno do rosto em ondas pretas sedosas. Baz não se sujou nem um pouco quando fomos caçar esta noite. (Aparentemente, ele não se atrapalha tanto se não falo de meus parceiros sexuais anteriores.) (De minha parceira sexual anterior, no singular.)

Quem dessas pessoas é o Escolhido? Talvez ainda esteja nos bastidores, esperando para fazer uma entrada triunfal.

Baz me dá uma cotovelada. Eu me viro, e ele aponta discretamente para a frente do salão. Daphne está sentada ali, olhando para o cara do casaco. Merda, vai ver foi por *ele* que ela trocou o pai de Baz. Os olhos dela parecem brilhar.

Bom... ele é bem bonitão. É alto e tem ombros largos. Cabelo loiro e ondulado. Cara de vocalista de banda.

— Obrigado por me darem uma chance de me redimir — ele diz. — Nosso último encontro foi bem intenso. Principalmente pra você, né, Beth? — Ele sorri para alguém na multidão. Não consigo ver como a pessoa reage. — Por que não sobe aqui e fala um pouco a respeito?

Ele estende a mão.

Uma mulher se levanta e abre caminho rumo ao palco. Pega a mão do cara e fica ao lado dele por um momento, sorrindo. É bonita. Rechonchuda. Deve ter vinte e muitos anos. O homem parece mais velho, talvez tenha uns trinta. Não sou bom com essas coisas.

— Como está se sentindo? — ele pergunta, simpático.

Beth ri, enxugando os olhos.

— Bem.

O cara tira o microfone do suporte e entrega a Beth.

— Bem — ela repete no microfone.

— Que bom — ele diz, passando o braço pelos ombros dela. — Por que não fala um pouco sobre a semana passada?

De novo, ela ri e chora ao mesmo tempo.

— Nem sei por onde começar!

Ele faz sinal para que ela siga em frente.

— Não estou acostumada a usar magia — Beth diz. — Por isso, a princípio, nada mudou. Aí escrevi um bilhete pra mim mesma e o deixei na escrivaninha, pra me lembrar de fazer um feitiço toda vez que olhava pra ele. Foi difícil, porque as palavras do Mago não saíam da minha cabeça. Vocês sabem como ele era... “Conserve sua magia.”

Assinto. Muita gente assente.

— Então pensei em você.

Ela sorri para o homem, que retribui o sorriso.

— *A magia é infinita* — eles dizem juntos.

O sorriso da mulher aumenta. Ela fica vermelha e vira o rosto.

Espera aí. *Esse é o Escolhido? O cara do casaco? Ele?* Não sei o que eu estava esperando. Alguém mais intimidador. Ou alguém que lembrasse mais um estereótipo de golpista, talvez enrolando o próprio bigode. Não um jovem gato de calça jeans.

A mulher continua falando.

— Mas minha magia vinha toda vez que eu a invocava. Sem limite. Sem esforço. Uma manhã, simplesmente comecei a disparar feitiços pela cozinha. Lancei café-colonial. Pé-na-jaca. — A multidão murmura, impressionada. — Lancei até pão-e-rosas!

Algumas pessoas arfam. Outras batem palmas.

— Tenho usado magia todo dia — Beth diz. Enxuga os olhos, mas está chorando tanto que não faz diferença. — Mesmo quando não preciso. Lanço feitiços só porque tenho vontade. E fico pensando... *Então, esse tempo todo, foi assim pras outras pessoas.* Meus pais, meu namorado. Sempre foi assim fácil pra eles.

O homem — que deve ser Smith-Richards — tira um lenço do bolso e enxuga as bochechas de Beth, como se ela fosse uma criança. Beth continua sorrindo, corada. Ele pega o microfone de volta.

— Você merece isso — o cara diz, ainda enxugando as lágrimas dela. — Sempre mereceu. Você é uma maga, Beth.

Por Merlim, ela chora ainda mais. Ele começa a chorar também.

— Você é uma maga! — o cara repete, rindo em meio às lágrimas. — Você sempre teve isso, sempre esteve dentro de você.

Smith-Richards para de enxugar o rosto dela, e os dois se abraçam. Quando enfim se separam, a mulher diz algo para ele, que rapidamente lhe passa o microfone.

— Quando Jamie contou pra gente como se sentia...

Baz e eu nos entreolhamos. Deve ser Jamie Salisbury. Ele já está fazendo magia?

— ... não é que eu não acreditei — ela continua. — Eu acreditei, sim! Mas pensei... bom, achei que ele devia ter algo que eu não tinha. Que devia ser de uma família mais tradicional. Que devia ter mais magia latente que eu. Mas eu estava errada.

Smith-Richards volta a abraçar Beth, que recosta nele.

— Você é uma maga — ele diz no microfone. — Isso é tudo o que importa, Beth. A magia é um direito de nascença seu. — Smith-Richards olha em volta. — É um direito de nascença de todos vocês.

As pessoas na frente batem palmas, mas as do fundo parecem distraídas com alguma coisa. Baz pigarreia e se ajeita na cadeira.

Putz... elas estão distraídas *comigo*. Eu me afundo na cadeira, tanto quanto minhas asas dobradas permitem.

Smith-Richards olha para o público, tentando descobrir o que é que todo mundo está olhando.

— Cobras me piquem — Beth diz, ainda próxima ao microfone. — É o Escolhido!

Smith-Richards olha para ela, confuso. Então volta a olhar para o público e faz contato visual comigo. Seus olhos se arregalam.

— Simon Snow — ele diz ao microfone.

Quem ainda não estava me olhando vira para olhar. Eu me endireito na cadeira, sorrindo, mas desconfortável. Imagino que deva aproveitar

o momento. Smith-Richards vem na minha direção, avançando pelo corredor central.

— Se ele encostar um dedo em você — Baz murmura —, vai ser eviscerado.

Smith-Richards para na nossa fileira. É ainda mais bonito de perto. Tem maçãs do rosto pronunciadas e mandíbula quadrada. Parece um modelo da Burberry.

— É uma honra receber você aqui — ele diz.

Smith-Richards olha em volta, então todo mundo começa a aplaudir, como se concordasse com ele.

Meio que assinto para todo mundo, com um sorrisinho tenso. Se sou grato ao Mago por algo, é por nunca ter me exibido por aí. A maioria dos feiticeiros presentes nunca me viu ao vivo.

— Todos temos uma grande dívida com você — Smith-Richards diz, muito sério —, por ter servido ao Mundo dos Magos até onde suas capacidades permitiram.

Parece um insulto, mas sorrio mesmo assim.

— Ah, valeu, cara — murmuro.

— É sua primeira reunião? — ele pergunta. — Posso ajudar com alguma informação sobre mim ou sobre nosso trabalho?

— Não. Estou bem. Só vim dar uma olhada. Vai lá e, hum, continua. Valeu.

— Se tiver alguma pergunta, não se acanhe. Ficamos todos felizes em ajudar. — Ele passa a mão no cabelo, como se alguma coisa o deixasse envergonhado. Os cachos passam por seus dedos, um a um. — Que bom que veio justo hoje — Smith-Richards diz, voltando a olhar para o público. — É uma noite especial.

Algumas pessoas aplaudem, embora a maioria pareça só prender o fôlego, como se ele estivesse prestes a distribuir carros ou coisa do tipo.

Smith-Richards volta pelo corredor central.

— Hoje vamos ajudar outro mago a atingir todo o seu potencial. — Ele olha de um lado para o outro, sorrindo. — Muitos de vocês esperaram por muito tempo... — Ele para ao lado de Daphne e pega a mão dela. — E foram muito leais.

Baz respira fundo. Já deixou a varinha escorregar de dentro da manga para a palma da mão.

Daphne olha para Smith-Richards como se o cara fosse um anjo ou coisa do tipo. Ele aperta a mão dela e solta, então volta para o palco.

Smith-Richards sorri para o público. Daria para ouvir um alfinete caindo no salão. Então ele estende a mão devagar.

— Alan.

Um senhor se levanta, comemorando. Todo mundo em volta dele ri. Há mais alguns aplausos.

Smith-Richards faz um gesto para ele se aproximar.

— Vem, Alan! Sobe aqui!

As pessoas dão tapinhas nas costas de Alan no caminho até a frente do salão. Ele sobe no palco.

— Você esperou tanto por isso — Smith-Richards diz, então aponta o microfone para o cara.

— É verdade — Alan concorda, rindo. — Não sabia que estava esperando por você, Smith. Mas estava.

— Bom, então não vamos te fazer esperar mais — Smith-Richards diz. — Vamos te dar a vida que você sempre mereceu!

Ele devolve o microfone ao suporte e puxa a varinha do bolso de trás da calça, esticando a outra mão para Alan.

Eu me inclino para Baz e sussurro:

— O que a gente faz?

— Não sei — Baz responde. — Acho que não podemos impedir...

— Poderíamos impedir, se fosse necessário — digo.

— Não sei que feitiço ele vai lançar, mas Beth não morreu. Alan provavelmente não vai morrer também.

Todo mundo à nossa volta se inclina para a frente, com os olhos arregalados. (No momento, ninguém está me encarando ou dando uma olhada em Baz.)

Smith-Richards lança seu feitiço:

— *Bota tudo pra fora!*

Não há barulho, não saem faíscas. Não sei por que estava esperando esse tipo de coisa — magia não funciona assim. Smith-Richards se afasta um pouco de Alan, como se o feitiço tivesse exigido muito dele.

Alan olha para ele.

— Vamos — Smith-Richards diz, já pegando o microfone. — Pegue sua varinha.

— Uso uma caneta-tinteiro — Alan responde.

Smith-Richards ri, mas de maneira menos exuberante que antes.

— Pega aí, cara.

Alan pega uma caneta-tinteiro antiga do casaco e tira a tampa.

— Isso não é muito prático — Baz sussurra. — Mas acho que poderia ser pior. Lembra do Gareth?

Não respondo. Estou envolvido demais no que está acontecendo no palco. Alan olha para a caneta-tinteiro como se não tivesse certeza do que fazer com ela.

— Tem um feitiço que você sempre quis fazer? — Smith-Richards pergunta.

Os olhos de Alan brilham.

— Chocolate-neles.

— Então manda, Alan. Sei que você consegue.

Alan estende a caneta. Tenho a impressão de que todo mundo no salão está prendendo o fôlego. Menos Baz.

— *Chocolate neles!* — Alan grita.

Um Toblerone gigante — do tamanho de um fuzil, deve pesar uns cinco quilos — surge acima da cabeça deles. Smith-Richards quase não consegue pegá-lo a tempo. Todo mundo ri e aplaude. Algumas pessoas choram. A expressão de Baz parece dizer: *Hum... Até que foi bom.*

Alan está de frente para o público, com as mãos no rosto.

— Alan? — Smith-Richards diz. — Está tudo bem, irmão. — Ele puxa Alan em um abraço, quase derrubando o chocolate. — Está tudo bem. Você está curado agora. Está curado.

Depois de um minuto, Alan se afasta, enxugando os olhos com as mangas.

— Não tenho outro lenço — Smith-Richards diz, fazendo todo mundo rir. — Vem — diz a Alan —, vamos dividir esse Toblerone.

— Pensei em levar para minha esposa.

— Ah, Alan — Smith-Richards diz, abrindo o Toblerone. — É só você lançar o feitiço de novo. Tantas vezes quanto quiser.

De braços cruzados, Baz inclina a cabeça para trás, todo cético.

— Ninguém consegue fazer esse feitiço mais de uma vez por dia.

O Toblerone é enorme. As pessoas aplaudem quando Smith-Richards consegue quebrar um pedaço.

— É tudo o que temos pra hoje, pessoal! — ele diz para a plateia. — Mas nos vemos logo. Até lá, mantenham a fé. Continuem encorajando uns aos outros. Não deem ouvidos a ninguém que tente desencorajar vocês. Lembrem: eles estão acostumados com vocês assim. Estão acostumados a se sentir mais poderosos que vocês. Vocês estão desafiando o mundo que essas pessoas conhecem, e elas não gostam disso. Elas não gostam nada disso, meus amigos.

Smith-Richards parece um pouco abatido, como se o feitiço tivesse exigido muito dele. O homem que estava à porta — um senhor de cabelo grisalho comprido e brinco na orelha — já foi para o palco oferecer o braço a ele.

— Vocês são magos — Smith-Richards diz, olhando para a plateia. — Todos vocês. A magia é um direito de nascença seu — conclui, e eu poderia jurar que olhava especificamente para mim.

O cara recebe outra leva de aplausos ao sair do palco, apoiando-se no coroa. As pessoas levantam. Algumas viram para mim, com a curiosidade despertada de novo. Uma senhora me entrega um folheto. Eu deveria ir atrás de mais informações, tentar descobrir mais sobre Jamie Salisbury, mas, no momento, só quero ir embora.

Baz me puxa pelo cotovelo.

— Anda, vamos atrás de Daphne.

Eu o sigo, procurando-a na multidão. Não a vejo. Mas vejo outra pessoa conhecida, caminhando depressa de cabeça baixa pelo canto do salão — o professor Bunce.

Sei que Daphne me viu. Ela olhou para mim quando o charlatão estava babando por Simon. (Funcionou exatamente como planejado, Snow fingir que estava interessado. Foi uma ideia digna da Bunce.) Assim que o charlatão deixa o palco, pego Simon pelo braço, corro com ele para a frente do salão, onde minha madrastra está sentada, e torço para que ela não tente fugir.

Reconheço algumas outras pessoas na multidão, pessoas que nunca enxerguei como feiticeiros limitados. Tem uma menina sentada do outro lado que eu conheço de algum lugar, mas não consegui lembrar de onde. Acho que não é de Watford...

Smith-Richards parece atrair mais mulheres que homens, o que não surpreende, dada sua aparência atraente. É uma vibe meio: *O Grande Mago, nova fragrância da Ralph Lauren*. Na verdade, ele parece o Simon. Só que ainda mais Simon que o Simon. Tipo o cara que faria o Simon na série da Netflix.

Não, muito obrigado.

Daphne não tenta me despistar. Está exatamente no mesmo lugar, com os braços abertos.

— Basil! — Ela me puxa para um abraço. — Estou tão feliz por você estar aqui, por ter ouvido falar do Smith. Significa que a mensagem está se espalhando.

— Mãe... — Eu a seguro pelos ombros. — Vim ver *você*, não ele. Tentei te ligar um monte de vezes...

— Ah, Baz — ela diz, se soltando e franzindo a testa. — Estava torcendo para que você não tivesse vindo me buscar.

— Mas foi exatamente por isso que vim. As meninas estão com saudade... Elas precisam da mãe.

Daphne olha em volta. Tem gente olhando, principalmente por causa de Simon. Ela me puxa para longe da multidão. Puxo Simon junto.

— Elas precisam de uma mãe forte — Daphne diz. — Ficar com Smith é o que posso fazer de melhor por elas.

— Como pode achar isso?

— Você não entende, Basil. Sempre foi poderoso. Sempre correspondeu aos padrões dos seus pais... aos padrões do mundo.

— Acho que você sabe que isso não é verdade — digo, bem sugestivamente.

Daphne sabe que sou um vampiro, embora nunca tenha admitido em voz alta. Mais que isso, ela sabe que sou viadíssimo, o que ninguém admite em voz alta também.

Ela pega minha mão.

— Quero que meus filhos tenham uma vida plena. E quero ter uma vida plena também.

— Mas sua vida é ótima — digo, e na mesma hora me arrependo, porque quem sou eu para afirmar isso?

Daphne abre um sorriso triste.

— Seus filhos são ótimos — volto a tentar. — E estão com saudade.

— Também estou com saudade. E logo vou estar de volta. Ou vou trazer as crianças para ficar comigo. Smith nunca lançou o feitiço em crianças, mas está pensando a respeito.

Não quero nem pensar no que isso significa, mas tenho certeza de que meu pai não vai deixar seus filhos morarem com uma seita.

— Por que não liga pra casa? — pergunto. — Até os menores têm celular agora.

Daphne balança a cabeça.

— É confuso demais. As crianças só querem saber quando vou voltar, e é difícil explicar. É melhor esperar até ter as coisas mais claras.

— Mãe... eles estão com saudade.

— Basil. — Ela segura meu braço. — Eles são muito novos, não vão

nem lembrar que me ausentei por algumas semanas. Não vão lembrar que sentiram saudade. Logo estarei em casa, e mais forte. É disso que eles vão lembrar.

Não consigo pensar em mais nada para dizer.

Simon pigarreia — acho que para nos lembrar de que está aqui.

— Oi, sra. Grimm.

Daphne olha para ele, o rosto muito mais frio. (Compreensível, considerando que Simon destruiu a casa dela.)

— Oi, sr. Snow. Gostou da reunião?

— Gostei. Nossa. Ele faz isso toda semana?

— Ele tenta — Daphne diz, imediatamente mais calorosa. Pelo visto, é só mencionar Smith-Richards que ela esquece seus filhos abandonados e sua casa arruinada. — É um feitiço poderoso, então nem sempre dá certo. Mas seis de nós já foram beneficiados por ele.

— E todas essas pessoas podem fazer feitiços agora?

— Bom — Daphne diz —, elas sempre puderam fazer. Mas, sim, agora todas deixaram de ser apenas razoavelmente poderosas para se tornarem *muito* poderosas — minha madrastra diz para mim. — Estão todas em seu melhor.

— Nossa — Simon repete, genuinamente impressionado. — E elas também conseguem lançar esse feitiço?

— Por Crowley, não. Bom — ela diz, encabulada —, acho que todos tentamos. Mas é um dom de Smith. É parte do que o torna especial.

— E o que mais o torna especial? — pergunto.

Ela continua encabulada.

— Você viu. Ele está aqui para fazer todos subirmos de nível. Para trazer igualdade ao Mundo dos Magos.

— Mas isso não o torna o Grande Mago — digo. — O Grande Mago tem que ser capaz de vencer a maior ameaça à magia.

Os olhos dela brilham, arregalados.

— E se a maior ameaça à magia é o que nos prende? E se a ameaça à magia estivesse esse tempo todo dentro de nós?

É muita baboseira, e preciso exercer todo o meu autocontrole para não dizer isso a ela.

— Quem é esse Jamie de que falaram? — Simon pergunta.

Daphne fica quase radiante.

— Ah, Jamie Salisbury. Foi um dos primeiros seguidores de Smith, o primeiro milagre dele.

— Então Jamie agora é um mago poderoso? — Snow pergunta.

Ele não está se saindo muito bem em sua tentativa de fingir que não sabe quem é. Ficou feliz demais pelo cara.

— Isso — Daphne diz —, e era o menos poderoso entre nós. Não conseguia lançar nem luz-do-dia.

— Que legal — Simon insiste. — Ele está aqui?

— Não — Daphne responde. — Jamie não tem vindo nas reuniões. Acho que ele não aguenta tanta atenção. Fora que algumas pessoas ficaram com ciúme por ele ter sido escolhido primeiro. — Ela revira os olhos. — A gente nunca se livra desse tipo de politicagem...

Toco o braço dela.

— Pode pelo menos responder às minhas mensagens? Pra que eu consiga entrar em contato com você em caso de emergência?

Daphne suspira.

— Vou desbloquear só o seu número, Baz. Mas você não pode contar ao seu pai. No momento não posso me distrair.

— Distrair do quê, mãe? Não está só esperando sua vez?

— Seu pai não tem me apoiado muito...

— E dá pra culpar o cara?

— Sim, Basil, eu culpo! Se houvesse uma maneira de você se curar, eu apoiaria você, ainda que os meios não fossem muito ortodoxos.

(Ela está falando de cura vampírica ou cura gay? Não faço ideia.)

— Quando a gente ama, tem que apoiar a pessoa! — Daphne fecha os olhos e respira fundo. Dá soquinhos no ar com as duas mãos, como se tentasse se recompor. — No momento, preciso me concentrar em Smith e na mensagem dele.

— E qual é a mensagem dele? — pergunto.

Ela volta a me olhar, como se torcesse para que eu escute de verdade.

— Ele é o Grande Mago e, se o seguirmos, poderá tornar todos nós grandes.

— Bom, que bela palhaçada — digo, assim que voltamos à rua.

— Espera até a gente chegar em casa — Simon fala baixo, dando uma olhada para a porta.

— A gente...?

Não sei como perguntar o que quero perguntar. Vamos juntos pra casa? Pra casa de quem? E vamos ficar quanto tempo lá?

Simon arqueia as costas, como se suas asas estivessem incomodando por baixo do casaco.

— Vamos levar alguma coisa pra comer lá em casa?

— Tá — eu digo. — Boa.

— Tá — ele diz, sorrindo para mim. — Boa.

Simon Snow...

Aqui. Pra me ver.

É um sinal. Outro sinal. Evander ficou muito animado.

Está acontecendo! Está dando certo! Tudo está se alinhando em meu benefício. Os planetas. As pessoas. Sei que, se eu obtivesse sete corações de pato e os jogasse para o alto, aterrissariam em uma fileira perfeita.

O maldito Simon Snow...

Aqui.

Pra me ver.

O Escolhido.



— Por que está tão quieto?

Shepard para de olhar para a janela e sorri para mim.

— Achei que fosse pra eu ficar quieto no trem.

— Pois é — digo. — Mas você nunca fica.

Ele me oferece sua tortinha de carne.

— Tem certeza de que não quer um pedaço?

Faço que não.

— Não consigo acreditar que dá pra comprar esse troço em qualquer lugar por aqui — ele diz.

— Não tem tortinhas em Nebraska?

— Não assim. Temos muito menos tortas em geral. Não é justo. Sei que temos runzas, mas...

— O que são runzas?

— Tipo isto aqui — Shepard sorri de novo, erguendo a tortinha —, só que com repolho.

Ele dá outra mordida e volta a olhar pela janela. Nunca o vi assim. Acho que está *pensativo*.

— Você está com medo? — pergunto.

Shepard vira para mim na hora.

— Com medo? Não. Medo de quê?

— Bom, estamos indo encontrar criaturas das trevas em seu covil...

— Por que você sempre supõe que criaturas mágicas são criaturas das trevas?

— Pergunta o cara que tentou fazer amizade com um demônio...

Ele suspira.

— É isso? — pergunto. — Você está com medo de voltar a encontrar aquele demônio?

— Não. Deveria estar? — Ele parece pensar a respeito. — Talvez sim... mas não é como se eu pudesse ficar *mais* amaldiçoado... — Ele balança a cabeça. — Bom, não, não estou com medo. Não vamos invocar o demônio hoje. — Ele olha para mim e de repente fica morto de medo. — Você não estava planejando invocar o demônio *hoje*, né?

— Por Morgana, não. Não vou invocar um demônio do nada. Vamos descobrir mais detalhes sobre a maldição primeiro. Espero que a mãe de Kipper consiga ler seus braços. E espero que tenha alguma coisa de útil escrita aí. Pode ser que, no fim das contas, as tatuagens sejam só decorativas.

Fico repetindo “espero”, mas não estou muito esperançosa quanto a essa viagem. Kipper não nos deu nenhum motivo pra ser otimistas ontem à noite. Quando ela superou o choque de ver os braços de Shepard, disse basicamente o que já sabíamos: que ele está tentando remar contra a corrente do rio Estige, sem nenhum remo.

Mas Kipper claramente *gostou* dele. (Todo mundo gosta dele.) Convidou Shepard, um completo desconhecido amaldiçoado, para ir até a casa da família dela em Croydon, para que a mãe pudesse dar uma olhada nele. Aparentemente, falsificação e tradução são um negócio familiar, e a mãe de Kipper é mais fluente que ela em línguas demoníacas.

Ou Kipper só queria ver Shepard de novo.

(Por Merlim, isso é ciúme? Porque uma garota qualquer e a mãe dela talvez possam ajudar Shepard, sendo que minha própria mãe não pôde? Ou é porque Kipper tem cabelo roxo descolado e uma tatuagem linda de esporinha no pulso, provavelmente desenhada por ela mesma?) (Eu poderia ter cabelo roxo. É um feitiço bem simples.)

Espero que Shepard não esteja planejando acrescentar a família de Kipper à sua coleção de amigos mágicos interessantes. E que não me envolva nisso. Não preciso de novos amigos. Nunca. Muito menos quando se trata de criaturas mágicas que residem em Croydon. Não quero ir dormir com mais problemas do que quando acordei.

— Quando chegarmos lá... — Shepard diz, com cautela.

Seria pedir muito, pelo menos uma vez na vida, estarmos na mesma página?

— Vamos precisar entrar no modo “coleta de informações” — digo.

— E não “*compartilhamento* de informações”.

— Tá, mas...

— Não, nem vem, Shepard. Não vamos dizer nada sem necessidade. Saberem que você está amaldiçoado já é mais que o bastante. Eles não precisam conhecer toda a história da sua vida. Ou da minha.

— Ser sociável não dói, Penelope.

Pego o braço tatuado dele.

— Dói, sim, literalmente.

— Não acho que a mãe de Kipper vá ser perigosa...

— E você acha que alguém vai?

— Tá bom. — Ele não sorri. Esfrega o olho por baixo dos óculos. — Dez-quatro, Debbie.

— Dez-quatro? O que é isso?

— É código. Significa “entendido”. Afirmativo. Mensagem recebida. Não vou ser sociável.

— “Impenetrável”... Foi exatamente o que meu amigo Ken disse. Ele é um gigante. Não tem muitos gigantes no Meio Oeste americano. Eu nunca tinha conhecido nenhum em Omaha. É de onde eu sou: do Nebraska, no coração dos Estados Unidos.

Estamos sentados na cozinha, com a velha Kipper, a mãe dela, que chama mesmo Debbie, e o namorado de Debbie, que é uma raposa. (Ou uma kitsune? Ou alguma coisa disfarçada de raposa? Fico esperando que Shepard faça alguma pergunta impertinente que esclareça o assunto.)

No momento, Shepard está sentado em um banquinho, sem a jaqueta e com as mangas da camiseta arregaçadas, enquanto Debbie e Jeremey (a raposa) balançam a cabeça diante das tatuagens. Debbie usa óculos de leitura. Ela tem oito olhos quando quer, mas só dois deles usam óculos. (Oito olhos. E pelo menos trinta dedos! Shepard nem recuou quando ela revelou uma terceira mão para cutucá-lo.)

— Impenetrável mesmo... — Debbie repete.

— Então isso não é linguagem demoníaca? — Kipper pergunta, esticando a cabeça por trás da mãe.

— É, sim — Debbie diz. — Mas é juridiquês. Você não precisa de uma tradutora. Precisa de uma advogada.

— Uma advogada? — Estou do outro lado de Shepard na mesa. — Pra uma maldição?

— Pra um contrato — Debbie diz. — É tão ruim quanto ele disse a Kipper...

— Onde foi que você aprendeu línguas demoníacas, Debbie? — Shepard a corta. — Na escola?

Ele parece perfeitamente à vontade sentado ali, tomando uma xícara de chá. Já comeu meio pacote de biscoitos — não surpreende que tenha sido enganado por tantas fadas.

— Vivendo tempo o bastante, a gente acaba aprendendo todo tipo de coisa — Debbie diz.

— Ela está sendo modesta — Jeremey diz. Com sua própria voz. Porque é uma raposa *que fala*. Uma raposa que fala e usa *agasalho esportivo*. — Deb leva jeito pra línguas. E é genial com letras de música. Ouve uma vez no rádio e já aprende a cantar inteira.

Ela dá um tapinha nele.

— Jeremey está exagerando.

— Talvez você possa dar um palpite — sugiro. — Mesmo que não tenha certeza da tradução precisa.

— Pode ser... — Debbie diz, se endireitando no assento e tirando os óculos.

Eu poderia descrevê-la como uma mulher branca na faixa dos cinquenta com um rabo de cavalo loiro-amarelado, se não fossem os membros a mais e outros detalhes. Não sei como defini-la... É humana? Foi humana? Por que uma falsificadora mágica não mora em uma casa melhor? Fico pensando no que minha mãe diria a respeito de tudo isso, mas não consigo ir muito além de “Vai embora daí agora, Penelope!”.

— A questão é... — Debbie passa para o outro braço de Shepard. — Não quero invocar um demônio sem querer. É melhor não ler nada disso em voz alta.

— Mas o demônio não vai aparecer sem ser *devidamente* invocado — digo. — Com cinzas, sangue e tal.

— Não quero arriscar. — Debbie cutuca o ombro de Shepard. — No que você estava pensando, rapaz? Há maneiras mais simples de viver para sempre.

— Foi um mal-entendido — ele diz. — Eu só queria conversar.

— Vocês vão ter bastante tempo para conversar no inferno — ela fala, com mais delicadeza do que ele merece.

— Isso é que é não ter medo de compromisso... — Jeremey diz, balançando a cabeça.

— Não acho que vá ser exatamente no *inferno* — Shepard diz.

— Bom, você é o especialista, não é? — Debbie retruca.

Kipper está sentada ao meu lado na mesa, o rosto apoiado na mão, olhando para Shepard. (Olhando para seus braços surpreendentemente definidos, imagino.)

— Acho que você deveria ajudar Shepard, mãe. Traduz o que der.

Debbie leva duas mãos à cintura. Com outra, segura uma coca zero. Toma um gole.

— Como esmiuçar esse futuro tenebroso vai ajudar?

— Sabendo os termos do contrato, podemos encontrar uma brecha — digo.

— Demônios não deixam brechas. — Outro braço surge e aponta para mim. — Às vezes, deixam coisas que *parecem* brechas, mas que na verdade são maneiras de te foder ainda mais.

— Poderíamos fazer a tradução dentro de um círculo de proteção — Kipper diz. — Podemos deixar de fora qualquer palavra que te deixe nervosa...

A mãe dela bufa.

— A coisa toda me deixa nervosa.

— Eu poderia ajudar na parte da proteção — ofereço.

Debbie estreita os oito olhos para mim.

— É mesmo... Debbie?

Jeremey pega as chaves do carro no bolso.

— Bom, vou me mandar. Não estou a fim de ficar noivo de um demônio hoje. — Ele dá uns tapinhas nas costas de Shepard. — Boa

sorte, cara!

Noivo...

Noivo?

Olho para Shepard. Ele esfrega os olhos por baixo dos óculos.

Lanço alguns feitiços de proteção. Vai saber se funcionam...

Debbie não quis fazer a tradução dentro de casa. (Mais pontos pra ela.) Levou Shepard para um barracão no quintal dos fundos e liberou espaço para que ele ficasse de pé bem no centro. Kipper desenhou um círculo de proteção extremamente bem-feito em volta dos dois. O plano era escrever a tradução num papel, deixando as palavras mais perigosas de fora — como o nome e o endereço do demônio, imagino, e “com esta tatuagem, eu te recebo”.

Shepard tentou falar comigo antes de sairmos da casa. Não deixei. Não conseguia nem olhar para ele. Segui Debbie para o barracão no quintal, esperei Kipper desenhar o círculo, lancei meus feitiços o mais rápido e silenciosamente possível e depois fui sentar na varanda da frente. No momento, não estou nem aí se os três acabarem amaldiçoados.

Não consigo acreditar que me expus assim por um *normal*...

Que lancei feitiços na frente de desconhecidos, que passei a manhã com criaturas das trevas e criminosos, tudo porque achava que devia alguma coisa a ele. Tudo porque pensei que, *no mínimo*, ele tinha sido sincero comigo.

Não sei nem por que estou sentada aqui, esperando por ele. Deveria me mandar também! Tenho certeza de que a velha Kipper pode ajudar Shepard a encontrar o caminho de volta para o meu apartamento. Ou para o dela. Ou para Omaha. Que me importa?

— Oi — ele diz, surgindo à porta atrás de mim.

Levanto e começo a ir embora. Shepard pode me seguir se quiser.

— Ei. Penelope.

Aperto um pouco o passo.

— Penelope, você está brava comigo?

Acelero ainda mais. Não vou ter essa conversa com ele agora. Talvez nunca.

— Penelope...

Não *preciso* falar com Shepard. Nunca deveria ter falado com ele, na verdade. Deveria ter confiado em *tudo o que me ensinaram* e em *todos os meus instintos*. Feiticeiros sábios não fazem amizade com normais. Nem mesmo feiticeiros desajuizados contam segredos a normais.

— Você não pode me ignorar por todo o caminho até Camberwell — ele diz.

Solto um grande “Rá!” para ele. Posso ignorá-lo pelo resto da vida, se eu quiser. Posso fazer *todo mundo* ignorá-lo. Posso fazê-lo esquecer que existe.

Só porque ainda não lancei um feitiço de esquecimento efetivo nele, não significa que não seja possível. Só preciso me esforçar mais. Vou conseguir.

— Penelope...

Dobramos uma esquina. Viro para ele bruscamente e enfio o dedo em seu rosto. Seguro minha pedra na mão fechada, caso eu decida enfeitiçá-lo.

— Quando você ia me contar que está noivo de um demônio?

Shepard está digno de pena. Por sorte, sou impiedosa.

— Posso explicar — ele diz.

— Aparentemente, não pode! Porque já pedi que explicasse, inúmeras vezes, e você não explicou!

— Eu ia contar, Penelope!

— É mesmo? Quando?

— Quando fosse relevante!

— Shepard, estávamos investigando sua maldição, que aparentemente é um contrato de casamento, e aparentemente você já sabia disso. Era uma informação relevante que você escondeu esse tempo todo!

— Eu ia te contar, juro. — Seu tom de voz é sincero. — Eu tentei.

— Você não tentou, você *mentiu*...

— Penelope.

— Você mentiu pra mim, Shepard!

— Não menti! Só não tinha te explicado direito ainda!

— Nós fizemos literalmente duas listas de coisas que sabíamos e que

não sabíamos, e nem uma vez você comentou “Ah, eu sei de uma coisa: estou noivo no inferno”.

— Ela não é minha noiva!

— Espera aí. É “ela”? Você disse que não sabia se demônio tem gênero. Era mentira?

— Não! Eu não sabia mesmo. E... não queria que você pensasse...

— Pensasse o quê?

— Que fui seduzido por uma demônia!

— Bom, agora estou pensando exatamente isso!

— Mas não foi assim!

— Eu não sei como foi, não é, Shepard? Porque você não me contou! Pelo visto, mal conheceu a Kipper e já saiu contando a verdade pra ela, mas pra mim você mentiu!

— Penelope, quando te contei, não achei que fosse te ver de novo, ou que ficaríamos amigos. “Amaldiçoado” é um termo bem amplo.

— Que não inclui noivado!

— Não é um noivado de verdade!

— É um vínculo jurídico!

Shepard revira os olhos para mim, o que ele não tem o menor direito de fazer, nem agora nem nunca.

Saio andando. Então me dou conta de que estou me afastando da estação de trem, dou meia-volta e passo direto por ele.

— Penelope! — Shepard grita atrás de mim.

Continuo andando.

Ele continua gritando.

— Não te contei porque não queria que você achasse que sou comprometido!

Desta vez, comemos à mesa da cozinha. Lady Salisbury fez outro bolo e serviu uma fatia generosa demais para cada um de nós.

Ela está com o garfo a meio caminho da boca, o queixo caído de choque.

— Jamie... — Lady Salisbury consegue dizer — foi *curado*?

— Foi o que Daphne, a madrastra de Baz, falou. Aparentemente, ele foi o primeiro milagre de Smith-Richards.

— O primeiro... *milagre*?

Lady Salisbury olha para a mão como se tivesse esquecido que está segurando o garfo. Ela o coloca no prato, mas o pega de novo imediatamente, comendo o pedaço que estava nele. Então começa a chorar. Debruçada na mesa, sacudindo os ombros.

Simon olha para mim, com a boca cheia e pânico nos olhos. Aproximo minha cadeira da dela e toco seu ombro.

— Lady Salisbury...

— Curado — ela diz, depois de um momento. Limpa a boca com um guardanapo de pano e enxuga os olhos. Pega outra garfada de bolo, então soluça e cobre a boca com a mão. — Curado — repete, engasgando com as migalhas.

Acaricio suas costas, o que parece bastante inútil. Ela cheira a glacê e lavanda.

— Não sabemos o que isso significa — explico. — Mas Daphne disse que todos os feiticeiros que Smith-Richards... *influenciou* agora são magos poderosos.

— É tão difícil imaginar...

Ela volta a enxugar os olhos, sujando a bochecha de chocolate.

Aponto para minha própria bochecha, e ela limpa uma parte, sorrindo para mim.

— Meu Jamie... — Lady Salisbury diz, ainda chocada. — Fazendo feitiços.

Simon também puxou a cadeira para perto dela.

— É uma boa notícia — ele diz, com cautela —, não é?

Lady Salisbury ri, e mais lágrimas escorrem por suas bochechas sujas de bolo.

— Não sei dizer, Simon. — Ela dá outra garfada. Simon come um pedaço também. — Por um lado, é mesmo um milagre. E o que Jamie sempre quis. É o que esperávamos há muito tempo.

Simon sorri para ela, esperançoso. Ele quer que seja uma boa notícia. Acho que quer acreditar que aquele anúncio ambulante de perfume oferece algo real às pessoas.

Ontem à noite ele insistiu comigo:

— Até onde sabemos, Smith-Richards é mesmo o Escolhido.

— E que provas temos? — desdenhei.

Estávamos sentados no chão da sala dele, comendo frango apimentado.

— Bom, não temos nenhuma prova de que não seja — Simon disse.

— Não temos nenhuma prova de que *ninguém* não seja.

— Sabemos que não sou eu.

— Tá bom, Snow. Então qualquer pessoa exceto você poderia ser o Escolhido?

Ele deu de ombros.

— A gente viu o Smith-Richards restaurar a magia do cara. Nunca fiz isso com ninguém.

— Um, você restaurou a magia de todo o firmamento — digo, contando nos dedos. — Dois, como sabemos que o tal do Alan foi realmente curado? Pode ter sido um truque. Ou uma ilusão. Pode ser algum tipo de efeito placebo.

Simon ergueu o queixo.

— Sua madrasta acredita nele.

— Ela *quer* acreditar nele.

Simon só deu de ombros outra vez.

Continuamos discutindo por quase uma hora, mesmo depois de ter ido para a cama. (Ele não tem cama, na verdade, só um colchão. Tive que providenciar lençóis e travesseiros com magia.)

Agora, ainda olhando esperançoso para Lady Salisbury, Simon diz:

— Por outro lado...?

— Por outro lado... — Ela bate o garfo vazio no prato. — Parece bom demais pra ser verdade.

— Minha experiencia diz que tudo que parece bom demais pra ser verdade em geral tem a ver com magia — Simon argumenta.

Lady Salisbury sorri para ele. Não para de chorar, mas sorri em meio às lágrimas. Pega a faca do bolo e corta outra fatia para Simon.

Achei que íamos só atualizar Lady Salisbury e voltar ao apartamento de Simon para planejar nossos próximos passos. (E talvez dar uns beijos. Ontem à noite rolou mais discussão que beijo.) (Embora tenha sido uma discussão tranquila, com os dois deitados lado a lado, Simon tirando o cabelo do meu rosto quase preguiçosamente enquanto discordava de mim.) Mas Simon não parece notar nenhuma das minhas dicas para irmos embora.

Ficamos à mesa por horas, comendo bolo e reexaminando a situação. Sinto falta da lousa de Bunce. Lady Salisbury — ela disse que podemos chamá-la de Ruth, mas acho que não consigo — não é muito organizada em seu raciocínio. Ela passa de uma ideia a outra e depois volta. Pelo menos tende a concordar comigo. Mesmo depois de ouvir a história toda duas vezes, ainda franze a testa ao ouvir o nome de Smith-Richards.

— Acho que a senhora confiaria mais nele se o visse — Simon diz.

Bufo. Teria sido uma demonstração melhor de escárnio se eu não estivesse tomando chá.

— Simon quer dizer que ele é bonito.

— Não é nada disso.

— Precisamos falar com Jamie — Lady Salisbury diz. — Precisamos ver meu filho.

— Concordo — digo.

Simon assente.

— Por que acha que ele não ligou? — pergunta Simon. — Digo, agora seria inútil tentar convencer Jamie a não confiar em Smith-Richards.

— Ah, ninguém liga pra mãe, não é mesmo? — ela retruca, com um suspiro.

Por um momento, Simon volta a ser um garotinho órfão. Também devo parecer um filhotinho chutado, porque a expressão de Lady Salisbury se desfaz no mesmo instante.

— Ah, meninos — ela diz. — Mil desculpas! Passei a vida toda metendo os pés pelas mãos... O que quero dizer é: se Jamie finalmente é um feiticeiro, tenho certeza de que ligar pra mãe não está no topo de sua lista de prioridades. Provavelmente ele não quer que eu acabe com a festa, se está se sentindo tão bem assim.

— Ele poderia ligar nem que fosse pra dizer “não falei?” — Simon sugere.

Ela franze a testa, balançando a cabeça.

— Smith-Richards não gosta que seus seguidores se relacionem com quem não acredita na seita. Jamie dizia que minhas perguntas eram “contraproducentes para a causa”.

— Daphne também mencionou algo do tipo — digo.

Lady Salisbury se inclina para a frente, batendo na mesa.

— É por isso que não confio em Smith-Richards. As únicas crenças dignas de respeito são as que suportam alguma contestação! — Ela volta a bater na mesa. — A verdade não queima à luz do sol!

Simon olha para mim, com uma expressão de pesar. (Talvez porque *eu* queimo à luz do sol.)

— Concordo plenamente — digo a Lady Salisbury.

Simon fica pensativo.

— Então acho melhor eu e Baz irmos à sede do Smith-Richards ver se encontramos Jamie lá.

— Concordo — digo outra vez.

Lady Salisbury olha para mim e para ele como se não estivesse certa disso.

Acabamos ficando até depois do almoço. Lady Salisbury nos para à porta e nos faz prometer que seremos cuidadosos e ficaremos um de olho no outro. Sinto que ela está falando mais comigo que com Simon; faz só um dia que o conhece e já notou a espantosa falta de instinto de autopreservação dele.

Simon e eu seguimos juntos até a estação, perdidos em pensamento. Paramos no topo da escada. Ainda estamos indo para o mesmo lugar?

— Acho melhor eu passar em casa para me trocar — digo.

Continuo com o terno de ontem. (De tecido fino e sem forro. Lady Salisbury fingiu não notar.)

— Ah — Simon diz, olhando primeiro para meu terno e depois para o chão, coçando a nuca. — Tá.

— Posso dar uma passada depois?

— Pode — ele diz. — Ou talvez...

— Talvez?

Simon olha para mim.

— Talvez a gente possa ir pra sua casa, e em vez de se trocar você pega algumas roupas lá.

— E aí... — Tenho medo de dizer, mesmo que a sugestão seja dele.

— Fico com você?

Simon assente depressa, umedecendo o lábio inferior.

— Isso.

— Tipo, por alguns dias ou... — Minhas mãos estão tão fundas nos bolsos que meu colarinho incomoda o pescoço. — Por um tempo?

Simon dá de ombros com o corpo todo.

— Não sei.

— Não sabe. — Assinto.

Ele inclina a cabeça para a frente e puxa os cabelos do topo.

— Tenho que saber?

De sobrelhas erguidas e testa franzida, ele aperta os olhos para mim, como se fosse fazer uma aposta.

— Não — digo. — Você não tem que saber.

Simon se aproxima e segura meu cotovelo.

— Não sei como as pessoas fazem isso — ele diz, com a voz baixa e urgente. — Sou muito melhor em te afastar do que em te trazer para

perto. Podemos ficar juntos o tempo todo? Ou é demais? Me diz se for demais.

Até parece.

Ponho a mão no antebraço dele.

— Vem comigo pra casa da minha tia — digo. — Vou pegar umas roupas lá.

Seu olhar investiga o meu. Tento dar a ele o que quer que esteja procurando.

— É? — Simon pergunta.

— Não é demais, Snow.

Ele umedece o lábio de novo e assente.

Eu o puxo escada abaixo.

Nos primeiros dias depois que o Mago se foi, quando eu ainda recebia atendimento por vídeo com a terapeuta americana, ela me dizia para dividir a vida em pedacinhos possíveis de engolir.

Tipo, não pense que perdeu sua magia, matou seu mentor e ganhou um rabo... (Essa abordagem era específica para o meu caso, óbvio.) Pense apenas nas próximas horas. Vai almoçar? Vai ver seus amigos? Vai dar uma volta?

Havia dias em que só isso já era demais para mim.

Havia dias em que eu precisava dividir em minutos. E dias em que só conseguia viver um segundo por vez. *Agora vou sentar. Agora vou mijar. Agora vou carregar meu celular.*

É o que estou fazendo agora.

Não porque o futuro seja terrível demais para vislumbrar — mas porque me assusta. Porque é incerto. Há partes dele que brilham demais.

É isso que as pessoas fazem quando estão apaixonadas? Só continuam se tocando e conversando? Mas e depois? Tipo, a que isso tudo leva? Não estou falando de sexo, e sim de...

Se eu soubesse do que estou falando não seria tão assustador.

Vivo segundo a segundo. Tudo isso com Baz é paralisante. Mas tudo isso *sem* Baz é intolerável. Só estou tomando qualquer decisão que tenha que tomar no momento para mantê-lo em cena, embora não consiga olhar para a cena toda sem me cagar de medo.

Acabei de pedir a Baz que viesse para casa comigo.

Dias atrás, terminei com ele.

Acabei de pedir a Baz que viesse para casa comigo, e ele concordou. Estamos no metrô, indo para o apartamento dele. Baz está sentado ao meu lado. Passei um braço por cima dos ombros dele. Pelo menos um cara olha feio pra gente, e tenho certa esperança de que diga algo, porque eu adoraria socar alguma coisa no momento. É uma decisão que eu seria capaz de tomar.

Segundo a segundo.

Agora estou abraçando Baz.

Agora vou levantar.

Agora vou segui-lo.

— Sua tia está em casa? — Snow pergunta, se escondendo atrás de mim enquanto destranco a porta.

— Acho que não — digo. — Não estou ouvindo Joe Strummer tocar, então duvido muito.

— É o namorado dela?

— Ela bem que queria...

Entro no apartamento. Noto um movimento e ouço o barulho de uma porta se fechando.

Fiona está, sim. À porta do quarto dela. Desconfortável. Com as pernas distantes demais uma da outra.

— Basil! — ela diz. — Você não estava aqui.

— Não estava — digo, devagar. — E agora estou.

— Então tá — Fiona diz, e se recosta na parede.

Nunca a vi de pé ali antes. Ela enfia as mãos nos bolsos da calça.

— Fiona... você acabou de esconder um homem de mim?

— Não.

— Você escondeu, sim.

— Como se *você* não estivesse escondendo um homem de mim neste exato momento.

Olho para trás.

— Para de se esconder, Snow.

— Não estou me escondendo — Simon resmunga, saindo de trás de mim.

Minha varinha está à mão, caso Fiona tente alguma coisa com ele.

— Olá, Simon Snow — ela diz, se esforçando para parecer perigosa.

— Oi — ele diz, quase inaudível.

Fiona enfia algo na boca. Parece um apito. Ou um gravador.

— Puta merda — digo. — É um cigarro eletrônico?

Ela o tira da boca imediatamente e o esconde às costas, então percebe o que está fazendo e baixa a mão.

— É melhor para os pulmões que cigarro normal.

— *Jura?*

Ela franze os lábios.

— Achei que seu problema fosse o fogo.

— Também me incomodo com você parecendo uma arruaceira.

— Não seja tão careta, Basil.

Olho para a porta do quarto dela.

— É só isso? — sussurro. — Você está escondendo um normal no quarto? Porque eu já sei que você sai com normais, Fiona.

— Ah, e você não?

— Eu posso... — Simon começa a dizer, já recuando para sair.

Eu o puxo para meu quarto. Fiona fica olhando, sorrindo como se tivesse vencido. Fecho a porta depois que a gente entra.

— Não é melhor eu esperar lá fora? — Snow pergunta, ainda preocupado.

— É melhor eu não tirar os olhos de você — digo, indo até uma arara.

— Ela não faria nada para me machucar... Essa coisa toda acabou... Não é?

— Minha tia é doida.

Reviro minhas camisas. Não tenho certeza do que levar para a casa de Simon. O bastante para alguns dias? Para uma semana? Queria que existisse um feitiço capaz de encolher todo o meu guarda-roupa até que coubesse no meu bolso. (Na verdade, existe, mas revertê-lo é complicado.) (Reverter feitiços é sempre um problema. Bunce pode ficar famosa se aquele feitiço com a música da Missy Elliott continuar funcionando.) Tenho uma capa de terno em algum lugar. Formal demais? Real demais? Simon se sentiria melhor se eu só jogasse algumas coisas numa mala e fôssemos embora?

Não quero saber. Pego a capa de terno debaixo da cama.

Simon se aproxima do estojo do meu violino.

— Você precisa disso?

Ponho a capa na cama.

— “Precisar” é um termo forte. Quer que eu leve comigo?

— Eu não sabia se você ainda tocava.

— Ainda toco.

Ele fica desconfortável. Talvez envergonhado.

— Pega — digo. — Vai que surge alguma emergência e a gente acaba precisando de um violino.

— Isso já aconteceu com você?

— Todo tipo de emergência é possível com você por perto.

Ah, que se dane, separei doze camisas e alguns paletós. Um terno leve. Vou precisar de outra mala. Posso deixar tudo na porta do apartamento, caso Simon me bote pra fora.

— Quer ajuda? — ele pergunta.

— Pode deixar. Senta aí, Snow.

Ele senta na cama, com o violino no colo. Parece um menino de oito anos esperando o ônibus.

Seria mais fácil se eu levasse tudo mesmo. Então poderia abrir minha mala e deixar que ela se fizesse sozinha, no melhor estilo Mary Poppins.

Estico as camisas e os paletós na cama, depois encontro uma mala e a levo até a cômoda. Abro a primeira gaveta. (Vou mesmo fazer isso? Levar *roupa de baixo* para a casa de Simon Snow?) Ponho a mão sobre uma pilha de cuecas tipo boxer e pigarreio.

— Tem certeza disso?

— Você tem? — Simon pergunta.

Viro para ele.

— Perguntei primeiro.

Ele está olhando para o chão. Com a língua contra a parte inferior da bochecha. Como se estivesse frustrado. Ou bravo.

Eu me viro de volta para a cômoda. Tá. Simon não tem certeza. De nada. Estou apostando todas as minhas fichas nisso, e não é uma aposta segura — Simon já me avisou.

Fecho os olhos por um segundo. *Então tá.*

Abro os olhos, pego a pilha inteira de cuecas e jogo na mala. Esvazio a gaveta inteira. Pego a maior parte das camisetas também, além de meia dúzia de calças jeans e outras calças. Vou precisar de outra mala para os sapatos.

Ainda abraçado ao violino, Simon fica olhando enquanto arrumo as coisas.

Fecho o zíper da mala e olho para ele.

— Eu tenho certeza — digo.

Quando saímos, Fiona continua protegendo a porta do quarto dela. E continua fumando o cigarro eletrônico, como uma influencer digital de segunda categoria. Ela repara nas minhas malas.

— Vai a algum lugar?

— Vou passar uns dias com Simon.

— Uns dias ou uns meses?

Franzo a testa para ela.

— Você vai pegar algum fungo no pulmão. E a pior parte é que todo mundo vai saber como.

— Toma conta do meu sobrinho, Simon Snow — ela rosna para trás de mim.

Simon já está escapulindo pela porta.

— Toma conta da minha tia, quem quer que você seja! — grito.

Pela primeira vez em dois anos, sei exatamente o que as tatuagens no meu braço significam. Debbie também traduziu o encantamento que Ken me deu — ou a maior parte.

Agora sei o que eu disse aquele dia para invocar o demônio.

Finalmente entendi como acabei assim.

Nunca achei que eu chegaria tão longe ou compreenderia tanto — e isso só aconteceu por causa de Penelope Bunce. Que no momento não só não fala comigo como nem olha na minha cara.

Não a culpo.

Eu não deveria ter mentido. A intenção não era mentir... Mas aconteceu... Aquele dia, na sacada de Agatha, quando Penelope levou a mão ao meu colarinho. Eu pensei: *Provavelmente nunca mais vou ver essa menina, e nunca vou conhecer outra que nem ela... A última coisa que quero que saiba a meu respeito é que minhas tatuagens são uma espécie bizarra de aliança de noivado.*

Quando chegamos ao trem, Penelope senta de um lado do corredor, e eu, do outro, para lhe dar espaço. Ela não diz nada, só fica olhando pela janela e retorcendo a ponta do rabo de cavalo.

Está com uma camiseta roxa gigante cuja gola foi cortada — revelando bastante dos ombros — e uma saia jeans rodada que fica um pouco acima dos joelhos quando ela está de pé. No momento, ela está sentada.

Não acho que Penelope pense em sua pele. Ou em seu cabelo. Não acho que ela fique mexendo no rabo de cavalo porque sabe que estou olhando. Não acho que ela pense em mim olhando para ela — por isso

tento não olhar.

Não acho que ela pense que *gosto* dela...

Então tento não gostar também.

Eu deveria ter contado a verdade. Toda a verdade. Assim que ela se ofereceu para me ajudar. Sem dúvida antes de entrar no avião. Eu deveria saber que Penelope era esperta o suficiente para descobrir tudo — que mergulharia a fundo nessa confusão antes que eu descobrisse uma boa maneira de contar para ela. Porque *não há* boa maneira de contar. Não há nenhuma versão da verdade que não me faça parecer, no mínimo, tolo. No mínimo, amaldiçoado. No mínimo, comprometido.

Quando chegamos à estação da casa dela, Penelope sai do trem, e eu vou atrás. Andamos até o apartamento. Ela destranca a porta e a segura aberta para mim.

— Vou só pegar minha mochila — digo.

— Senta, Shepard.

Não sei bem por que ela quer que eu sente. Talvez para me repreender um pouco mais. Mesmo assim, eu sento.

Ela fica de pé à minha frente e estende a mão.

— Vamos ver.

Não sei bem do que está falando. Dos meus braços?

— A tradução — ela explica, estalando os dedos.

— Penelope...

— Não passei a tarde toda na rede de uma mulher-aranha ou sei lá o que ela era pra nem ver a informação que fomos buscar.

Enfio a mão no bolso e tiro as duas páginas de tradução. Penelope pega de mim e desdobra as folhas.

— Em caligrafia rebuscada — ela diz. — Por que não? — E começa a ler. — Tá — diz, assentindo. — É um acordo pré-nupcial... — Lê mais um pouco. — Ah, bom trabalho, Shepard, é um contrato *pra toda a eternidade*. Então nada de divórcio no seu futuro. Ou adultério, se você valoriza seus cílios... É... pitoresco...

Ela continua lendo.

Ergue a sobrancelha e faz: *Pfff*.

Chega à segunda folha.

— O que é isso? Está faltando metade das palavras.

Estou sentado com os joelhos bem abertos, os cotovelos apoiados nas coxas e a cabeça baixa.

— É o que peguei com Ken. O feitiço de invocação. Debbie não incluiu nada que a deixasse nervosa.

Penelope volta a ler, quieta.

— É um pedido de casamento... — ela diz.

Não respondo.

— Shepard, você não foi *forçado* a ficar noivo. Você *pediu* um demônio em casamento.

Não digo nada. Não tenho nada a dizer.

— É muito mais imbecil do que eu pensava.

— Tá bom... — Eu me endireito e arranco as folhas da mão dela. — Eu sei! Foi por isso que menti pra você. Porque não queria que você soubesse como sou idiota.

A expressão de Penelope é dura.

— Prefiro idiotas a mentirosos.

— Não sou mentiroso! — digo, dobrando as folhas e as enfiando de volta no bolso da jaqueta. — Quer dizer, neste caso, sou. Literalmente. Mas *em geral* não sou. Não sou uma pessoa mentirosa. Vou só pegar minha mochila e...

— Eu acredito.

Olho para ela, que continua com a cara amarrada.

— No que você acredita?

— Que você não queria mentir pra mim.

Tiro a mão do bolso da jaqueta.

— Sério?

— Sério. Mas... — Ela se vira para uma das lousas na parede. — Não faz isso de novo, tá?

Assinto, devagar. Ainda que ela não consiga me ver.

— Tá.

Penelope pega o giz.

— Não mente pra mim e não deixa nada de fora.

— Tá — repito.

— Nada de *surpresas*.

— Não era uma sur...

Ela vira para mim com as mãos na cintura.

— Pode presumir que sempre quero ter todas as informações possíveis, em qualquer situação!

— Por mim, tudo bem. — Assinto com empolgação demais. — Também quero.

Penelope olha nos meus olhos, de um jeito que parece um aviso. É como se estivesse me dando outra chance. Mas a última.

— Me deixa ver a tradução de novo — ela diz.

Passo as folhas a ela, que as prende na lousa com um feitiço:

— *Entrave!*

Em seguida, diz:

— Agora que sabemos os termos do contrato, podemos procurar uma maneira de escapar dele.

Meu apartamento parece mais vazio agora que chamei Baz para ficar comigo. Só tenho um colchão.

— Posso comprar uns móveis — digo, olhando em volta. — Posso comprar uma vara.

Baz deixou as coisas logo na entrada e está mandando uma mensagem, mas tira os olhos da tela.

— Vara?

— Pras suas roupas. Pra roupas em geral. As minhas estão... — As minhas estão em uma pilha no chão do quarto. — Eu ia ter que comprar móveis de qualquer maneira.

— Alguém morreu e deixou uma fortuna pra você? — ele pergunta, ainda no celular.

— Bom... na verdade...

Ele volta a tirar os olhos da tela.

— Alguém *morreu*, Snow?

— Pra quem você está escrevendo? — pergunto.

— Pro meu outro namorado. O que responde às minhas mensagens.

Tento pegar o celular dele. Baz levanta a mão até onde eu não possa alcançar. Se eu não estivesse de moletom, poderia voar para tomá-lo.

— Estou escrevendo pra Bunce — Baz diz. — Como se eu tivesse tempo pra outro namorado... Você é um trabalho de período integral.

Eu o empurro — depois penso melhor e o puxo pela camisa, para tentar pegar o celular.

— Você está falando com Penny? Ela está respondendo?

Ele guarda o celular no bolso do paletó, dando um tapa na minha

mão para afastá-la.

— Ela só me escreveu para dizer que está tentando respeitar suas necessidades. Eu disse que você estava necessitando de um chute na bunda, que eu já tinha cuidado disso e que agora precisamos da ajuda dela.

— Precisamos mesmo da ajuda dela — digo.

— Eu sei. Falei pra ela ligar.

Enfio a mão nos cabelos. Espero que Penelope ligue mesmo.

Baz me cutuca com o cotovelo.

— Quem morreu, Snow?

— Ah. — Ajeito o cabelo. — O Mago.

— Eu sei. Eu estava lá.

— É, mas... bom, o Mago me deixou o dinheiro dele. Estava no testamento.

Baz fica surpreso.

— O fato de você ter ajudado o Mago a deixar deste plano não muda isso?

— De acordo com o dr. Wellbelove, não.

Baz ri.

— Então foi o Mago que pagou por este apartamento?

— É.

— E foi o Mago que comprou este colchão?

— Indiretamente.

Baz pega minha cintura e me empurra na direção da porta, tirando os sapatos no caminho.

— Ei!

— Quietos, Snow. Vou te pegar na cama do Mago.

Passamos pela porta, e eu caio de costas no colchão. Baz pega minha perna e tira meu tênis.

— Isso te deixa excitado? — pergunto, quando ele tira meu outro tênis. — A cama do Mago?

— Deixa — Baz confirma, jogando meus tênis na direção da porta.

— Porque odeio o Mago, e tudo o que o deixaria irritado me deixa excitado.

Ele sobe em mim.

Engulo em seco e agarro seu pescoço.

— O que é isso exatamente? Rancor?

— Hum-hum. — Baz beija meu pescoço. — Rancor. Olha só como o menino de ouro do Mago está agora...

— Sem poder. Deposto. Morando num antigo bairro industrial.

Baz senta, bem na minha barriga. Com um grunhido, tento tirá-lo de cima de mim.

— Eu quis dizer “num relacionamento homossexual com um de seus piores inimigos”. — Ele dá um soquinho na minha costela.

— Ah, tá — digo, ainda grunhindo. Baz está me esmagando. — Ele também odiaria essa parte.

Baz sai de cima de mim e fica deitado de lado, com a cabeça apoiada na mão.

— Quanto dinheiro ele te deixou?

— O bastante para alguns anos de aluguel. Ou nem tantos, se eu comprar móveis. Mas vou arranjar um emprego.

— Não tem problema — ele diz. — Não preciso de móveis.

O cabelo de Baz já está na altura dos ombros, formando cachos nas pontas. Fico me perguntando até onde ele vai deixar crescer. Prendo uma mecha atrás da orelha dele. Não porque não esteja bonito. Mas porque quero tocá-lo. É isso que as pessoas fazem? Ficam só conversando e se tocando?

— Quero trabalhar — digo.

— Com quê?

Dou de ombros.

— Qualquer coisa. Talvez um empreiteiro me contrate. Sou esforçado.

Baz olha para mim com a testa ligeiramente franzida.

— Você não quer estudar?

— Não quero, não.

— Você não é burro — ele diz.

Volto a dar de ombros. Talvez seja. Não importa. A mecha de cabelo se soltou da orelha dele. Quando volto a prendê-la, Baz pega minha mão, a leva à boca e beija a parte interna do meu pulso, sem desviar os olhos dos meus. Isso faz com que eu me sinta... não sei. Puxo a mão

de volta e estico os braços para cima. Uma das juntas das minhas asas, ainda espremidas na roupa, estala.

— Tira isso aqui — Baz diz, levantando a bainha do meu casaco. Eu sento e tiro todas as camadas de roupa. Ele senta também, me dando espaço para alongar as asas. — Você parece um pássaro se ajeitando — comenta, sorrindo para mim.

— Não consigo evitar. — Continuo me alongando. — Elas ficam duras.

Baz volta a deitar, agora de costas. Fico na posição em que ele estava antes, de lado, com o cotovelo no colchão. Continuo mexendo as asas.

Baz acaricia meu peito. Não tenho muito pelo, não tanto quanto ele, que tem bastante espalhado pelo peito e uma faixa preta na barriga. Agora que engordei, quando estou sem camisa pareço um bebezão.

— Você não precisa usar blusa por minha causa — Baz diz, ainda fazendo carinho. — Se for desconfortável.

— Vou tentar me lembrar disso.

— Tipo... você deveria ficar à vontade em sua própria casa.

Ele belisca meu pneuzinho.

Seguro seu pulso.

— *Obrigado* — digo, enquanto ele ri. E então, porque já estou segurando seu pulso mesmo, eu o beijo, e sinto que está mais gelado que o normal. — Está com frio?

Ele faz que não.

— Quem está seminu é você.

— Estou bem, está quente aqui. Mas você está com frio.

Volto a beijar o pulso dele, depois acaricio com o dedão.

— Nunca sinto frio, na verdade.

— Como assim? Você é incapaz de sentir?

— Não, não é isso. É que em geral não me incomoda. — Baz parece perturbado por um momento. — Só quando fico doente.

— E quando você fica doente?

— Quase nunca. Mas... fiquei doente depois dos nulidades. E sentia frio.

Beijo o pulso dele, com mais vontade. Depois a palma. Levo sua

mão ao meu pescoço e me inclino para ele, esfregando meu rosto contra sua bochecha.

— Eu deveria ter te encontrado — digo. — Sua tia deveria ter me dito que você tinha sido sequestrado.

— Snow, na época você me odiava. — Ele acaricia minha nuca. — Provavelmente teria agradecido os nulidades.

Eu me afasto e olho em seus olhos cinza.

— Eu teria *acabado com eles*. Fiquei louco de preocupação.

— Você me odiava — Baz repete, mais suave.

— É... mas não deixaria que ninguém machucasse você.

— Não me machuco fácil — ele sussurra. — Você mesmo disse.

— Não. — Eu me aproximo. Meu nariz roça no dele quando balanço a cabeça. — Eu disse que você era duro de matar.

Baz fecha os olhos e puxa minha testa para a dele. Sua boca já está aberta para mim quando eu o beijo. Sua língua está fria.

É isso que as pessoas fazem? Só continuam falando? E se tocando?

Eu me perco depressa quando nos beijamos. Quero mais. Quero tudo. Quero a dose letal.

Minhas mãos estão nos braços de Baz. Depois em seus ombros. Depois não sei onde estão, estão em todas as partes. Não é o bastante — preciso sentir sua pele. E depois preciso de mais. Baz não tem pele suficiente para minhas mãos. Não tenho espaço suficiente nos meus pulmões para o cheiro de seu cabelo...

Eu o abraço, com força o bastante para machucar.

Eu o mordo, com força o bastante para arrancar pedaço.

Só não tem problema porque Baz não é humano — ele não é, mas eu sou. Minhas mãos estão no pescoço dele. Na barriga dele. Baz está frio, e não é o bastante. *Aonde isso está indo? Pra que tudo isso?* Quero beijá-lo. Quero gozar nele. Mas não vai ser o bastante. Não vai ser o bastante, *e aí o que acontece?* Minhas mãos estão...

Minhas mãos estão no ar. Baz segura meus pulsos.

— *Simon* — ele sibila.

Tento beijá-lo. Estou perdido. (Estou perdido, perdido, nada é o bastante.)

— *Simon* — ele diz. — *Para*.

Eu o solto — da única maneira que consigo, relaxando todo o corpo.
Baz me tira de cima dele, e eu caio deitado de lado.

— Desculpa — digo, arfando.

Tento cobrir os olhos, mas ele continua segurando meus pulsos.

— Tudo bem — ele diz. — Só... sei lá, respira.

Eu tento.

Eu tento.

Estou tentando.

Tudo bem.

Estou respirando.

Estou tentando.

Tudo bem.

Quando volto a abrir os olhos, vejo Baz deitado de lado perto de mim. Seu cabelo está todo bagunçado. Ele está preocupado.

— Desculpa — digo.

Meus olhos ardem. Droga, vou começar a chorar.

Baz solta meus pulsos e leva as mãos ao meu rosto.

— Está tudo bem... eu estou bem. Tipo, se você ainda tivesse sua magia, acho que estaria morto, mas...

Dou risada de tão patético que me sinto.

— Você acha que vou explodir?

— É... Acho que você não tem marchas, Snow. Só funciona no talo.

Dou risada outra vez, triste, então começo a chorar, como eu sabia que faria. Tento esconder o rosto.

— Desculpa, Baz. Nunca vou conseguir fazer isso direito.

— Cala a boca — ele diz. — Mal começamos a tentar.

Fecho os olhos. Agora eu iria embora. Normalmente. Mas não posso ir. Preciso controlar. Preciso continuar controlando.

Baz acaricia minhas bochechas com os dedos.

— Gostei do seu apartamento — ele diz.

Dou risada. É ridículo. Ele continua enxugando minhas lágrimas.

Estou respirando. A pressão na minha cabeça alivia. A queimação deixa meus olhos. Estou respirando. Estou cansado.

— E se nunca melhorar? — pergunto. — E se eu nunca melhorar nisso?

Baz passa o dedão da ponte do meu nariz até a têmpora e depois volta.

— E se cada beijo der nisso? — ele retruca.

Meus olhos voltam a arder.

— É.

— Por mim, tudo bem.

Abro os olhos.

— Tudo bem?

Baz dá de ombros.

— Por mim, fechou.

— Não brinca comigo.

Ele coloca a mão na minha nuca.

— Não estou brincando com você! Por mim, tudo bem. Sou um vampiro traumatizado. Nunca achei que fosse ter um relacionamento normal. Achei que ia casar com uma menina, fugir à noite para transar com desconhecidos e beber o sangue dos animais de estimação deles.

Reviro os olhos.

— Quando que você achava isso?

— Sei lá — Baz diz. — Dos treze aos... sei lá quantos anos eu tinha naquela noite em que você me beijou.

— Cacete, Baz. Você merece coisa melhor.

Ele dá de ombros de novo, depois aperta meu pescoço.

— Eu quero isso. Quero você.

Baz beija minha boca depressa, e eu deixo que nossos corpos se aproximem.

Passo um braço em volta dele.

(Estou respirando. Continuo respirando. E continuo aqui. Baz também.)

— Também nunca pensei que teria um relacionamento normal — digo.

Baz ri.

— Porque você ia ter um casamento real. Iam fazer toalhinhas comemorativas quando você e Agatha se casassem.

A camisa dele está levantada até o peito. O paletó já foi tirado faz tempo. Acaricio sua barriga.

— Que nada. O que eu quis dizer foi que sempre achei que iam me pegar antes.

— Está falando do Oco?

— Talvez. O que quer que fosse a Ameaça Suprema à Magia. Meu trabalho era este: cair lutando.

— Hum. — Baz fica mexendo nos meus cachos. — Será que já disseram isso a Smith-Richards?

Ele está sendo delicado demais. Estremeço e balanço a cabeça, me afastando.

Baz franze a sobrelancelha, me observando, esperando que eu volte a relaxar, depois enfia a mão de novo no meu cabelo. Só que agora esfrega a ponta dos dedos no meu couro cabeludo. Melhor assim. É gostoso.

Fecho os olhos e me aproximo dele.

— Você acha mesmo que o cara é uma fraude?

— Smith-Richards? Por Circe, claro!

— Mas a gente viu um homem sendo curado por ele.

— A gente viu Smith-Richards fazer *alguma coisa*. Concordo com Lady Salisbury: não dá para curar alguém de magia fraca.

— Por que não? Tem cura pra outras coisas. Tipo... pressão alta e febre gnomática.

— Magia fraca não é uma doença.

Ele penteia meu cabelo com os dedos, da frente até atrás, depois agarra os fios no topo.

Inclino a cabeça, com os olhos ainda fechados.

— O que é, então?

— Não é uma coisa só. — Ele tira os dedos do meu cabelo, depois volta a penteá-los. — É uma aptidão, não é? Algumas pessoas são boas com palavras, outras não são muito persuasivas. Algumas pessoas não conseguem reagir rápido.

Ele poderia estar falando de mim. Talvez esteja.

— Mas também é uma questão de habilidade — ele prossegue. — Depende de falar com clareza, de projetar a voz... E tem a questão da *capacidade* básica. Força, poder. Quanta magia você consegue controlar, quanta consegue canalizar. Além de treinamento, educação,

prática, motivação...

— Pra sua sorte — digo, abrindo os olhos só o bastante para o ver —, você tem tudo.

Baz franze os lábios.

— Ah, sim. Todo mundo vê como sou um cara de sorte.

Eu me aproximo dele.

— Você tem sorte, sim. Você e Penny. São tipo... — Enfio a mão debaixo da blusa dele, nas costas. Sua pele é fria. — Tipo aristocratas. Um rei e uma rainha, comparados aos outros.

— Nesse caso, o que você seria exatamente, Snow? Um deus?

— Mero acaso.

Baz suspira, frustrado, e puxa com força meu cabelo.

— Então tá — ele diz. — Tenho sorte. O que isso prova? Você acha que Smith-Richards está mudando a sorte das pessoas?

— Acho que ele está fazendo *alguma coisa*. Não é melhor conferir?

Baz hesita.

— Vamos esperar Penelope ligar. Precisamos da ajuda dela.

— Acha mesmo que ela vai ligar?

— Quando foi que Bunce ignorou uma proposta perigosa?

— Talvez a gente devesse simplesmente invocar o demônio e ver o que acontece.

— Não vamos invocar o demônio, Penelope.

— Você não quer que eu conheça sua namorada?

Shepard está afundado no sofá, com os ombros apoiados no encosto e as pernas estiradas. Parece diferente agora que sei seu segredo. Menos despreocupado. Talvez não consiga fingir que tem sorte enquanto estamos investigando as profundezas de seu azar. Tirou a jaqueta e está só com uma camiseta branca com estampa do Keith Haring. Toda vez que digo algo que considera humilhante, tipo agora, cobre os olhos com os antebraços, o que deixa seus tríceps mais visíveis.

Sento ao lado dele no sofá. É só em parte brincadeira quando falo de invocar o demônio. E se ela estiver disposta a negociar? Dou uma cotovelada em Shepard.

— Está com medo de que ela fique grudenta demais?

— Penelope... — Ele baixa os braços. — Você pode continuar tirando sarro de mim...

— E vou.

— ... e me insultando.

— Esse é o plano.

Ele olha para mim. Se eu tivesse que descrever seu rosto e seu humor no momento, diria que é o exato oposto de despreocupado.

— Mas, por favor, não faz esse tipo de piada.

— Que tipo?

— Não diz que ela é minha namorada.

— Noiva é mais apropriado?

— Para, Penelope. Não tem graça.

— Pra mim, tem. Já tenho um monte de piadas prontas à espera.

Shepard franze a testa para mim. A expressão consegue ser ainda mais eficaz do que quando sorri — é mais poderosa porque é mais rara.

— Se eu fosse uma mulher sendo forçada a se casar com um demônio, você acharia graça? — ele pergunta.

Não sei, acharia? Cruzo os braços. Shepard não é uma mulher. É um homem alto e meio pateta, que se meteu nessa situação e escondeu isso de mim.

— É claro que eu entendo a gravidade, Shepard. Estou tentando te ajudar.

— E agradeço por isso! De verdade! Mas... não fica rindo de mim. Por causa disso. Não fala que ela é minha noiva.

— Tá — digo, mas gostaria de não ter soado tão mal-humorada.

— Não é um noivado de verdade — Shepard diz, passando as mãos pelo veludo cotelê da calça. Ele já disse isso antes.

— Eu entendi.

Shepard olha na minha direção, mas não nos meus olhos.

— Entendeu mesmo?

— Entendi, sim. — (Tipo... quase cem por cento.) — Magos faziam casamentos arranjados antigamente — digo, voltando a olhar para minhas listas. — Fazia sentido, de um ponto de vista prático. Preferimos nos casar entre nós, e magos poderosos preferem se casar com outros magos poderosos, pra manter a linhagem forte.

Shepard vira o corpo para mim, para ouvir melhor. Claro, estou contando segredos de Estado. Continuo falando mesmo assim:

— Tem muitas histórias sobre pessoas presas a contratos de casamento. Em geral, belas donzelas prometidas a velhos poderosos.

Ele baixa os olhos para as próprias pernas, constrangido de novo.

— Ei... — digo, pensando. — Aquele vampiro não conseguiu te matar. No deserto. Quando estávamos em Nevada.

— Acho que ele conseguiria me matar — Shepard diz —, mas não

me transformar. Por causa da maldição.

— Se você fosse imortal, sua alma não apareceria para o casamento.
Ele suspira.

— Foi o que pensei.

Cruzo as pernas em cima do sofá, puxando a saia para cobri-las.
(Baz sempre pega no meu pé para ser mais delicada quando estou de saia.)

— Isso já tinha acontecido antes?

— Uma vez — Shepard diz. — Tentei ir pra casa com uma fada, mas não consegui atravessar a névoa.

— Por que você ia pra casa com uma fada?

Ele volta a olhar para os joelhos e pigarreja.

— Com uma *fada*? — insisto, soando escandalizada... porque estou mesmo.

Shepard dá uma olhadinha para mim, sorrindo.

— Por que não?

— Não consigo nem acreditar que você encontrou uma fada de verdade... Shepard, elas são do mal!

Ainda sorrindo, ele volta a olhar para baixo.

— Ela não parecia do mal.

— Por Morgana, isso é um... *lance* seu?

Ele reage como se a esquisita aqui fosse eu.

— O quê? Ir pra casa com uma menina?

— Ir pra casa com *criaturas*. Você é tipo um colecionador?

— Não! — Ele ri de mim. — Tipo, não intencionalmente.

Eu me recosto no braço do sofá, cobrindo os olhos.

— Sem condições.

Ainda o ouço rindo.

— Foi uma sorte a maldição ter te impedido de se perder no reino das fadas — digo.

— Na hora não achei que tivesse muita sorte, não.

Balanço a cabeça com vigor, porque não quero nem *imaginar* o que mais Shepard seguiu até em casa ao longo dos anos. Então me endireito, alisando a saia e tentando compreender o que aquilo implica de relevante.

— Então você não consegue ficar com mais ninguém? Romanticamente, digo. É melhor anotar.

— Ah, não. O problema não é esse. A maldição não me impede de ficar com ninguém. Acho que o demônio não se importa com o que eu faço antes de morrer.

Sinto as bochechas queimando.

— Então por que você não conseguiu passar pela névoa da fada?

— Acho que porque o tempo passa de maneira diferente com as fadas...

— Ah, claro — digo, compreendendo. — É outro tipo de imortalidade!

— Ou uma mortalidade alterada.

— Hum.

Eu me levanto e pego o giz. Anoto na parede: *V. não pode virar imortal*. E: *“Noivado” não interfere em ato sexual*.

— Eu não usaria essas palavras — Shepard diz.

Bato o giz no queixo.

— O que acontece nas histórias? — ele pergunta.

Viro para ele.

— Hum?

Shepard volta a ficar acanhado.

— Com as belas donzelas.

— Ah, elas sempre se livram, claro. Encontram uma brecha. Ou enganam o velho nojento. Meu pai adorava me contar a história de uma linda feiticeira que se casou em segredo com seu verdadeiro amor e... *Ah!* Pelas palavras!! Shepard!!! Tenho uma *ideia*.

Achei que fôssemos ter que bancar os detetives para localizar a sede de Smith-Richards, mas estava no folheto que entregaram a Simon na reunião. (Ninguém ofereceu folheto *para mim*.) (Assim como ninguém nunca quer me converter para a própria religião.)

Penelope ainda não ligou, nem mandou mensagem. Simon está chateado por causa disso, mas vai superar. Chamei um táxi, porque não queria ouvi-lo reclamando de ter que pegar trem ou ônibus.

— Pode parar aqui.

Simon olha pela janela.

— Aqui?

— Parece que sim — digo, pagando a corrida.

Sáímos e olhamos para o outro lado da rua. Tem uma construção de tijolinhos com uma torre e um campanário. Talvez tenha sido uma igreja no passado. Um homenzinho de cabelo grisalho se afasta depressa da porta.

— Bunce? — Simon pergunta.

— O que tem a Penny?

— Não a Penny. Parece o pai dela ali.

— Sei lá. — Puxo Simon pelo braço. — Vem. E não esquece de me convidar pra entrar se ninguém mais fizer isso.

Atravessamos a rua correndo. Simon dá a impressão de que vai chamar o professor Bunce, mas ele já está meio quarteirão adiante.

Tem um batente de pedra grandioso à nossa frente, com as palavras LAR DOS DESAMPARADOS gravadas no lintel.

— Que exagero — murmuro.

— É um orfanato? — Simon pergunta.

— Talvez tenha sido.

Aperto a campainha.

— Não esquece de me convidar pra entrar — sussurro.

— Quando foi que esqueci?

— Quando fomos tomar café no Dishoom.

— *Uma vez.*

— Tenho saudades dos Estados Unidos, com todos aqueles capachos dizendo “bem-vindo” e placas “entre, estamos abertos” — digo.

Simon bufa.

— Você não está com saudades dos Estados Unidos...

A porta se abre. Quem atende é a menina que reconheci na reunião. Por Chomsky, de onde é que a conheço? Deve ter mais ou menos nossa idade... Pele clara. Cabelo castanho e curtinho. Sei que não é de Watford. Será que somos parentes distantes? Ela arregala os olhos quando vê Simon.

— Oi — ele diz.

A menina se afasta depressa pelo corredor. Isso é que é pânico de gente famosa. Ela deixou a porta aberta. Simon entra e olha em volta.

Cruzo os braços, à espera.

Ele vira para mim e sorri.

— Essa brincadeira é ótima — digo. — Podemos continuar com isso pelo resto da vida?

Snow me puxa pelo cotovelo para entrar, me trazendo para perto de si. Ele ri baixo e me dá um beijo na bochecha. (Para alguém que tem medo de parecer gay em público, ele até que gosta bastante de demonstrações públicas de afeto.) (Talvez seja justamente por isso.)

— Simon!

Viramos na direção da voz. É o próprio Smith-Richards. Está vestido como um cantor folk cheio da grana.

— Estava torcendo para ver você de novo — ele diz, batendo nas costas de Simon, que não sabe como responder. Fica meio pasmo.

(Ele se deixa impressionar um pouco demais por Smith-Richards.)
(Ou talvez só esteja com medo do cara ter sentido as asas.)

Estendo a mão.

— Oi — digo. — Basilton Pitch.

Smith-Richards olha para mim pela primeira vez, ainda com a mão no ombro de Simon.

— Pitch... — Seus olhos se iluminam. — Você é o filho de Daphne! — Ele estende a mão para mim. — É tão bom te conhecer. Veio visitar sua mãe?

Aperto a mão dele.

— Na verdade...

— Viemos ver você — Simon diz.

Smith-Richards solta minha mão, volta a virar para Simon e abre um sorrisinho.

— É mesmo? Estava esperando por isso. — Ele passa o braço pelos ombros de Simon, numa posição que deve sentir as asas, e o leva para longe. — Venham, vamos entrar. Fico muito feliz de ter vocês aqui.

O escritório de Smith-Richards não é um escritório. É uma salinha de estar com a quantidade de móveis que um apartamento inteiro teria — móveis modernos e caros, com falsa aparência de simples. Há uma estante que parece um grande engradado de madeira, mas aposto que custou mil libras. Ele nos convida a sentar no sofá de couro e se acomoda à nossa frente, em uma cadeira dobrável de madeira que deve valer mais de mil dólares. Fica tão perto de nós que nossos joelhos quase se tocam.

— Desculpem o aperto — Smith-Richards diz. — Precisávamos dos cômodos maiores para os quartos. Faz só algumas semanas que nos mudamos pra cá, mas o espaço já ficou pequeno. Não sei o que vamos fazer se aparecerem mais feitiçeiros. — Sua expressão se altera. — Vocês vieram pra ficar? Porque podemos abrir espaço pra vocês. Damos um jeito.

— Não — digo, com medo de Simon já sair nos inserindo na comunidade. — Só viemos conversar.

Smith-Richards fica aliviado.

— Ah, ótimo. Maravilha. Podem falar. O que querem saber?

Planejamos esta parte da conversa. Como chegar em Jamie. Simon vai começar a falar sobre o feitiço milagroso de Smith e sobre como

gostaria de conhecer alguém que tenha sido curado...

Só que, em vez disso, ele engole em seco e diz, assumindo uma postura intimidada:

— Você sempre soube que era o Escolhido?

Todo o corpo de Smith-Richards relaxa. Seu sorriso parece voltado para os olhos de Simon.

— Não. E você?

Simon franze o nariz e pressiona os lábios, balançando a cabeça.

— Foi o Mago quem disse. Eu tinha onze anos. Nunca me senti especial antes disso. Nem depois, na verdade.

— Mas sua magia era especial — Smith-Richards diz. — Lendária, até.

— Não, eu era um feiticeiro de merda. Pode perguntar a qualquer um que tenha estudado comigo.

— *Você* estudou em Watford? — pergunto a Smith-Richards. — Deve ter se formado quando a gente estava entrando.

Se ele está na faixa dos trinta, deve ter conhecido minha mãe e talvez até minha tia.

Smith-Richards parece ter esquecido que eu estou aqui.

— Ah... não. Viajávamos muito. Estudei em escolas normais. Na Alemanha, no Quênia, em Budapeste... Foi meu padrinho quem me ensinou magia. Bem que eu queria ter estudado em Watford. A escola tem uma história incrível. E eu teria mais amigos na comunidade mágica local, mais conhecidos.

— Se você não sabia que era o Escolhido, quando foi que descobriu? — Simon pergunta.

Smith-Richards volta a se virar para ele, um pouco confuso e intimidado também. (Normal. Simon é incrivelmente atraente. Em especial quando está sendo obstinado e direto, como agora. Com as bochechas rosadas, as sobrancelhas franzidas e o pomo de adão subindo e descendo toda vez que se prepara para fazer uma pergunta.)

— Eu... — Smith-Richards começa a dizer. — Querem beber alguma coisa? Nem ofereci. Tem bolo também. Talvez possam até jantar.

— Não — Simon diz —, não precisa. Obrigada.

Smith-Richards se inclina para a frente. É como se estivesse se

entregando. Apoia um cotovelo no joelho e coça os cabelos dourados da nuca, compridos o bastante para formar cachos e cobrir as orelhas, mas não chegam ao colarinho.

— Pra ser sincero — ele diz —, nunca pensei que poderia ser o Grande Mago até ouvir que você tinha sido...

— Desmascarado? — Simon completa.

Smith-Richards dá de ombros, como se não quisesse magoar Simon.

— Explicado.

— E aí...? — Simon insiste.

Smith-Richards volta a levar a mão à nuca.

— E aí comecei a pensar em um monte de coisas...

Simon engole em seco, à espera.

— Em sinais.

— Sinais — Simon repete, se inclinando para a frente.

Smith-Richards assente.

— Minha mãe sonhou comigo antes mesmo de saber que estava grávida. Nasci durante um eclipse. E depois que meus pais morreram...

— Seus pais morreram?

— Quando eu ainda era bem novo.

— Meus pêames.

— Obrigado. Depois que eles morreram, meu padrinho ficou comigo, e ele sempre me dizia que eu era especial.

Reviro os olhos. Pais sempre dizem isso.

Smith-Richards prossegue:

— Eu achava que ele só dizia isso porque me amava, mas havia algo de verdade. Sempre tive jeito com outros feiticeiros... desde bebê.

Todo mundo adora bebês.

— A magia dos outros parecia mais forte quando eu estava por perto — Smith-Richards continua. — Meu padrinho dizia que podia lançar sonetos se estivesse comigo.

Simon sorri, com pesar.

— É o oposto de mim — ele diz. — Eu roubava a magia alheia.

— Não intencionalmente — Smith-Richards responde. — Simon, todo mundo sabe que o Mago te usou.

O rosto de Snow fica vermelho. Acho que o fato de *todo mundo saber* que ele foi enganado não é lá muito reconfortante. Principalmente quando ainda há tanto que ele mesmo não sabe. De onde veio a habilidade de Simon? Como o Mago o encontrou? O que teria acontecido se o Mago tivesse conseguido assumir o poder de Simon naquele último e fatídico dia?

— Então você juntou as peças... — Simon diz. — A seu respeito.

— Comecei a pensar: talvez... — As bochechas de Smith-Richards também estão coradas. Seus olhos parecem mais azuis que nunca. — Talvez meu propósito seja ajudar os outros.

Putá merda... imagina só pensar que isso torna alguém *especial*. É o propósito de literalmente *todos nós*. Me controlo para não fazer *pfff*.

Simon está sentado na beiradinha do sofá.

— Então ninguém à sua volta...

Smith-Richards escorrega para a ponta da cadeira também. Os joelhos dos dois se intercalam.

— Quando falei com meu padrinho, ele disse que sempre tinha suspeitado que eu pudesse ser... você sabe. O Escolhido. Mas que era o tipo de coisa que eu precisava concluir por conta própria. Que eu precisava descobrir sozinho, e me sentir seguro quanto a isso. — Smith-Richards passa os dedos pelo cabelo. Está sentado sob um feixe de luz natural. Cada cacho sedoso seu reflete o sol da tarde. — Acho que eu não tinha como me sentir seguro quanto a isso quando era criança. Fico feliz por não saber o que era. — Ele estende as mãos para nós. — Não teria compreendido o significado.

Simon está olhando para as mãos do homem.

— Sou muito grato pelos últimos dez anos — Smith-Richards diz. — Esse tempo que você me deu foi uma dádiva.

Simon levanta o rosto, e eles se encaram. Simon engole em seco, duas vezes.

— Quanto tempo faz que voltou à Inglaterra? — pergunto, sem firula.

Smith-Richards continua olhando para Simon.

Pigarreio.

Ele vira a cabeça para mim, devagar.

— Um ano — diz. — Um pouco mais. Senti que era hora de voltar pra casa.

— Pra comprar um orfanato?

Ele ri.

— Bom, isso é mais recente. No começo, eu só visitava as pessoas em casa. Mas alguns amigos achavam que eu podia ter um impacto maior se me organizasse. Foi então que começamos com as reuniões. Até chegar a... — ele bagunça o próprio cabelo, olhando em volta — isto. Como eu poderia resistir a uma casa de enfeitados? É uma história de superação.

— Já se recuperou de ontem à noite? — pergunto, ainda seco. — A cura parece exigir bastante de você.

Smith-Richards suspira.

— Exige mesmo. Posso ajudar as pessoas com magia meio que só de tocar nelas. — Ele estende a mão para mim. — Quer tentar?

— Não precisa — digo. — É melhor se preservar.

Ele apoia a mão na coxa.

— Mas, depois do feitiço, sinto como se tivesse corrido uma maratona. Ainda estou pegando o jeito. Só fiz algumas vezes. Estou desenvolvendo uma maneira de *focar* meus talentos.

— Você mencionou a primeira pessoa que curou — Simon diz, por um milagre voltando ao plano. — Jamie.

— Jamie — Smith-Richards repete, de forma calorosa. — Ele foi uma das primeiras pessoas a realmente acreditar em mim. Confiou em mim o bastante para permitir que eu lançasse um feitiço totalmente novo e esquisito nele.

— E funcionou? — Simon pergunta.

Smith-Richards sorri.

— Funcionou, sim. Jamie... Ele nem tinha varinha quando o conheci. Vinha de uma família só de feiticeiros e nunca tinha lançado um limpeza-total que fosse. Não foi nem admitido em Watford. Agora é totalmente fluente.

— Impressionante — Simon diz.

Smith-Richards brilha. Literalmente. O sol despontou por trás de sua cabeça, que irradia como se ele fosse um santo.

— Podemos conhecer Jamie? — pergunto.

— Eu adoraria — Simon diz, com sinceridade.

— Claro. — Smith-Richards fica animado. — Eu também adoraria que vocês conhecessem Jamie.

Simon escorrega ainda mais para a frente no sofá, como se prestes a dar um pulo. (Para o colo de Smith-Richards.)

— Vamos chamá-lo? — pergunto.

— Ah... — Smith-Richards se recosta na cadeira. — Desculpe. Jamie não mora aqui. Mas posso mandar uma mensagem e marcar um encontro. Talvez na próxima reunião.

— Seria ótimo — Simon diz.

Alguém bate na porta aberta. Todos olhamos. É a mesma menina que nos recebeu. Ela continua olhando assustada para Simon.

— Oi, Pippa — Smith-Richards diz. — O jantar está pronto?

Ela assente.

— Obrigado. Já vou.

Ela vai embora depressa.

— Vocês têm que ficar para o jantar — Smith-Richards diz. — Daphne vai ficar feliz em te ver.

— Obrigado — digo —, mas não quero que Daphne pense que estou de olho nela.

— Tudo bem. — Smith-Richards aperta minha mão de novo, depois dá um tapinha no ombro de Simon. — Vou deixar meu número com vocês, caso precisem de alguma coisa. — Ele se debruça na escrivaninha para escrever, depois passa um cartão a Simon. — A gente se vê na próxima reunião, né?

— É — Simon diz. — Com certeza.

— E, Simon, pode ficar à vontade. Se quiser manter suas asas escondidas, entendo. Mas somos todos feiticeiros aqui. Você não tem nada a esconder.

Simon fica vermelho.

— Tá, hum... valeu.

Smith-Richards nos acompanha até a porta.

Simon Snow.

Aqui.

Como uma história ganhando vida diante dos meus olhos.

O anjo caído. O filho pródigo. O herói retornando. O tendão de aquiles atingido na guerra.

Ele se encaixa perfeitamente no papel.

(Será que consegue ver como as pessoas olham para ele? Percebe a imagem que passa?)

As asas foram um lance de gênio. Escarlate. Que visual. Ele é um vitral pronto para ser pintado. Quase sinto inveja.

Na verdade, já estou sentindo, um pouco... De inveja.

Mas vou chegar lá. Quem sabe o que o destino reserva para mim? Quem sabe como minha lenda será constituída? Um dia, me tornarei vitrais e estátuas. Ilustrações coloridas em livros com entalhes dourados.

Um dia por vez, Evander sempre diz. Um capítulo por vez.

Cresci ouvindo as histórias antigas do meu padrinho. Viajamos o mundo, mas ele manteve o Mundo dos Magos vivo em mim. Que mundo! Que glória! Mal o reconheci quando ele me trouxe para Londres...

É assim que os feiticeiros vivem agora? Em meio aos normais? Como os normais? Com medo deles?

Qual é o sentido de ser mágico e preencher seus dias com mundanidade?

(Eles conseguem ver a si mesmos? Conseguem ver o que parecem?)

Nas histórias, há castelos. Grandes feitos. Dragões!

No Mundo dos Magos, não há quase nada. Uma escola. Alguns clubes. Feitiços para lavar a louça.

Dou a eles o poder de uma vida inteira, e eles fazem chocolate. (Talvez eu devesse dar logo chocolate...)

Pelo menos não esqueceram todas as histórias. Ainda sabem quem sou. Ainda esperam por mim.

O Escolhido.

O Grande Mago.

O Poder dos Poderes.

Aquele que vai vir salvá-los da maior ameaça ao Mundo dos Magos.

Vou salvar este mundo.

E Simon Snow vai me ajudar.

Penelope nem precisa lançar um feitiço para encontrar o pai: tem uma chave que a leva direto a ele. A chave fica presa a um cordão.

— Foi minha mãe quem fez isso. Quando eu era pequena, eles me faziam usar a chave no pescoço.

Ela deixa a chave pender sobre um mapa de Londres.

— Minha mãe tem reunião do conciliábulo esta noite, então meu pai deve estar sozinho.

— O que é o conciliábulo?

— Isso não é nem um pouco da sua conta.

A chave estremece.

— Ele não está em casa... — Penelope diz. — Nem no trabalho.

A chave aponta para perto do Museu Britânico. Eu sempre quis ir ao Museu Britânico.

— Anda — ela diz. — Vamos atrás dele.

Pegamos um táxi, que imagino que ela não vá pagar. Penelope tem uma ética duvidosa quando se trata de bens e serviços. Eu me sinto tão culpado que nem consigo fazer contato visual com o motorista.

Penelope continua segurando a chave acima do aplicativo de mapa aberto no celular, para localizar o pai.

— Por que não liga pra ele?

— Porque ele poderia contar pra minha mãe.

— E ele não vai acabar contando? Uma hora?

— Quero apresentar meu caso pessoalmente. — Ela franze a testa para o celular e murmura: — Ou lançar um feitiço nele, se for preciso.

— Você faria isso com seu próprio pai?

Penelope dá de ombros.

— Bom, nunca fiz até agora... Ele está se mexendo! — Ela se inclina para a frente e bate na divisória de acrílico do interior do táxi. — Vamos descer aqui!

O motorista nos deixa na esquina. Penny pressiona a pedra contra a maquininha e diz:

— *O preço justo!*

— Você *nunca* paga pra andar de táxi? — pergunto, conforme o carro vai embora.

Ela procura nos arredores.

— Só pego táxi em situação de emergência.

— Então não...

— Ele está ali!

Ela começa a acenar.

Tem um homenzinho branco de cabelo grisalho atravessando a rua à nossa frente. Penelope já mencionou que é birracial. A mãe dela é indiana, acho.

— Pai! — ela grita.

O homem levanta o rosto. Depois de atravessar a rua, espera por nós.

— Penny — ele diz. — Sua mãe tem tentado falar com você.

— Pai... preciso da sua ajuda.

Acabamos em um café, e o pai de Penelope compra biscoitos com geleia. (Os biscoitos aqui são mais macios. Vendem em todo lugar, e as pessoas pedem em qualquer horário do dia. Vêm sempre com um potinho de manteiga, e às vezes com geleia à parte também. Acho que os ingleses não têm ideia de como é bom morar aqui. Só os sanduíches já são um espetáculo.)

O sr. Bunce esfrega os olhos. Tem um aspecto cansado. De perto, seu cabelo parece mais loiro que grisalho.

— Penny... você sabe que não posso esconder nada da sua mãe.

— Só estou pedindo que você não toque no assunto — ela diz. — Não precisa mentir.

— Isso é omissão de informação — comento. — E as pessoas odeiam

tanto quanto.

Ela arregala os olhos para mim.

— *Shepard.*

O sr. Bunce continua me encarando. Um lado de sua boca está caído, mas mesmo assim ele parece estar sorrindo.

— Então você é o americano, é? Me chamo Martin Bunce.

— Shepard — digo, estendendo a mão.

Ele a aperta.

— De onde você é?

— Omaha — digo. — Nebraska.

— Sei onde fica. Já fui para Ohio a trabalho.

— Nebraska é bem parecido com Ohio. Tem o mesmo estilo.

— Bom, vamos dar uma olhada — ele diz, apontando para a minha jaqueta.

Olho em volta. Penelope revira os olhos, estende o punho fechado e diz:

— *Não tem nada pra ver aqui!*

Tiro a jaqueta.

— Posso? — o sr. Bunce pergunta.

Faço que sim e estico o braço.

Ele o segura cuidadosamente com as duas mãos.

— Olha só pra isso, que coisa linda... — O pai de Penelope torce meu braço um pouco, para ver tudo. — Hum... Mitali disse que era uma maldição. Mas não é. — Ele me encara. — É um contrato de casamento.

— Pai! — Penelope fica chocada. — Eu não sabia que você entendia demonês!

— Eu não entendo. — Ele passa a mão pelos volteios. — Mas consigo identificar, pelos padrões. São os mesmos de antigos rituais de casamento.

— Meu pai estuda magia conjugal e familiar — ela explica.

— É um hobby — ele diz.

— Conseguimos que traduzissem o contrato pra gente — Penelope diz.

— É mesmo?

O sr. Bunce tira os olhos do meu braço.

Penelope me dá uma cotovelada.

— Mostra pra ele.

Pego os papéis no bolso da jaqueta.

O sr. Bunce põe os óculos de leitura para dar uma olhada.

— Então vocês encontraram alguém capaz de traduzir um ritual demoníaco... Vou querer saber quem?

— Não — ela diz.

O sr. Bunce franze as sobrancelhas.

— *Penelope* — ele diz, como se sempre tivesse que repetir um sermão sobre esse tipo de coisa. Então o sr. Bunce arregala os olhos e olha para mim. — Shepard... este é o ritual de invocação que você usou?

Assinto.

— Também foi traduzido.

— Então você... pediu um demônio em casamento?

— Não de propósito.

O sr. Bunce volta a olhar para o ritual e balança a cabeça.

— Por Stevie Nicks e Grace Slick, que situação... — Devo estar com uma cara péssima, porque ele dá um tapinha na minha mão e diz: — Bem, não seja duro demais consigo mesmo. Você não tinha como saber no que estava se metendo.

— Bom, ele sabia que estava invocando um demônio... — Penelope diz.

De novo, o pai lhe lança um olhar reprovador.

— É impressionante que tenham conseguido uma tradução — ele diz para mim. — Nunca vi nada do tipo. Se importa se eu tirar uma foto?

— De maneira nenhuma.

Ele pega o celular.

— Precisamos achar uma saída — Penelope diz.

— Claro — o sr. Bunce concorda, enquanto tira fotos bastante meticulosas. — Pode segurar o papel esticado para mim?

Eu aliso os papéis para ele.

— *Pai*.

— Hum?

— Tem alguma ideia?

— Bem. — Ele solta o ar devagar e se recosta na cadeira. — Há mais lendas do que estudos de fato a esse respeito. Já li sobre pessoas que prometeram a alma a demônios em troca de poder, dinheiro ou algum tipo de intervenção... O que foi que você pediu, Shepard?

— Nada. Não pedi nada em troca.

— Claro que não pediu — Penelope diz, revirando os olhos.

— Não, isso é bom — o pai dela retruca. — Seria mais difícil livrar você do contrato se já tivesse gasto o dinheiro que ganhou ou sido curado de um câncer.

— Dá pra argumentar que eu não sabia o que estava fazendo?

— Dá — ele diz —, mas não é como se fôssemos resolver isso numa audiência com um juiz ou um júri.

— Então como é que posso escapar dessa?

Ele esfrega o queixo.

— Bem, você pode recorrer a ele.

— A ela.

— A ela — o sr. Bunce se corrige. — Demônios levam as leis a sério, historicamente falando. Eles adoram assinaturas, termos, contratos...

— É mesmo? — pergunta Penelope, surpresa.

— Ah, sim — o pai dela diz. — É assim que conseguem as coisas.

— Então temos que encontrar uma saída *jurídica* para esse noivado? — ela conclui. — Não podemos simplesmente quebrar a maldição? Desencantar? Matar o demônio?

O pai franze a testa.

— Me prometa que não vai tentar lutar contra um demônio.

— Tem estudos sobre isso?

— *Não* — ele diz.

— E quanto a... — Penelope esfrega o queixo também. — Não podemos arranjar outra pessoa pra casar com o demônio?

Ergo a mão entre os dois.

— Não quero condenar outra pessoa no meu lugar.

Penelope inclina a cabeça.

— A gente pode encontrar alguém que curta demônios. Nunca se

sabe.

— *Não* — digo.

— Bom — Penelope insiste —, ainda não vou descartar essa opção.

— Você nunca foi casado, foi? — o pai dela me pergunta.

— Não.

— Que pena. Tem filhos?

— Não.

O sr. Bunce cobre a parte de baixo do rosto com a mão, como se só segurar o queixo não o ajudasse tanto a refletir.

— Hum... — Ele abaixa os dedos. — Já foi batizado?

— Não. Sinto muito.

— Tudo bem. Provavelmente não daria certo de qualquer jeito. — Ele suspira, depois reúne as duas folhas, dobra e me devolve. — Obrigado por dividir isso comigo, Shepard.

— Pai... — Penelope está ficando aflita. — Espera. Precisamos de um plano.

— Vou pensar mais um pouco — ele diz. — Ler algumas coisas.

— E o que Shepard faz nesse meio-tempo?

— Nada de perigoso, espero. — Ele sorri para mim e assente para Penelope. — Talvez você fique mais seguro na companhia de outra pessoa, Shepard.

— *Pai*. Preciso dar um jeito nisso.

— Vou fazer o que puder pra ajudar. Desculpem por não ter uma solução de pronto. Seria mais fácil se eu pudesse consultar sua mãe...

— Mas não pode!

— Eu sei. Não vou fazer isso. Só... não façam nada para piorar a situação. — Ele parece se lembrar de alguma coisa. — Cadê o Simon? Ele já foi lutar contra o demônio?

— Ele... — Penelope dá de ombros. — Ele está morando sozinho.

A expressão do sr. Bunce se altera. Como se essa fosse uma notícia pior que a do meu noivado.

— Isso não é muito a cara dele. Vocês brigaram?

— Não — ela diz, olhando para um biscoito. — Está tudo bem. Não é como se fôssemos passar a vida toda juntos...

— Eu estava apostando nisso — o pai dela diz.

Quando saio do chuveiro, Baz está deitado na minha cama.

Ele trouxe pijama de casa. Eu me pergunto se sempre dorme assim — calça de algodão e camiseta. Eu costumo dormir de cueca, mas estou usando calça de moletom agora que ele está aqui. Baz me emprestou um pijama dele uma vez, na véspera de Natal...

No começo as coisas eram mais fáceis.

As coisas com Baz.

Estávamos tão envolvidos com os acontecimentos — o Mago, as visitas, descobrir quem tinha matado a mãe de Baz. É sempre mais fácil tomar uma decisão quando se está contra a parede e se tem uma faca no pescoço. Sem tempo para pensar, só para agir. Para pegar o necessário. Pegar o que se quer. Roubar um beijo.

Eu continuaria nessa situação para sempre, se pudesse.

Tomaria todas as minhas decisões pulando de uma janela no segundo andar.

Sabe aquela frase “saltar da frigideira para o fogo”? As pessoas usam como se fosse ruim. Mas qual é a alternativa? Saltar da frigideira para a bancada? Saltar da frigideira para o sofá?

Baz continuou tentando manter um relacionamento normal comigo depois que perdi minha magia. Ele me levava o jantar e insistia que assistíssemos algum filme. Talvez seja o que ele quer... Estou bem preocupado de só ter conseguido avançar com ele nesses últimos dias porque o medo de perdê-lo causa o mesmo efeito que uma faca no pescoço. O que acontece quando o perigo passa?

— Você está esperando secar naturalmente? — Baz pergunta.

Ele está sentado, franzindo a testa para mim. A toalha continua na minha mão. Eu a levo ao cabelo.

— É difícil limpar suas asas? — ele pergunta, ainda de testa franzida.

— É um pé no saco. Só consigo abrir uma por vez dentro do boxe. Baz parece refletir.

— Não preciso dormir na cama toda noite...
Seco o cabelo.

— Não vou te fazer dormir no chão.

— Não tem problema. Posso deixá-lo mais macio com um feitiço. Deixo a toalha em volta do pescoço.

— Você não quer dormir na cama comigo?

Ele balança a cabeça.

— Eu... só não quero te deixar desconfortável.

— Porra. — Suspiro. — Você tem que parar de duvidar de mim. Estou me segurando por um fio aqui.

Ele baixa os olhos.

— Desculpa.

Isso saiu errado. Jogo a toalha no banheiro e vou para a cama com ele.

— Ei, não... desculpa.

Baz levanta o rosto para mim, prendendo o cabelo molhado atrás das orelhas.

— Simon, tem certeza de que me quer aqui?

— Meu Deus, acabei de falar que você tem que parar de duvidar de mim.

— É, eu sei, mas você também me disse que está se segurando por um fio. Não quero que fique nessa posição.

— Estou sempre me segurando por um fio! Achei que o importante era eu estar me segurando!

— Tá. — Ele esfrega o rosto. — Tá. É, sim. Desculpa. Queria ser mais confiante. Não sou muito bom nisso.

Deixo uma risadinha escapar.

— Que foi?

— Como você pode ser inseguro, Baz? É a pessoa mais arrogante

que já conheci.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Dou outra risada.

— Vou dormir na sua cama — ele diz, como se fosse uma declaração jurídica.

— Beleza.

— Até você me dizer que não quer mais.

— Ou até você não querer mais — digo.

— Isso talvez nunca aconteça, Snow.

— Beleza.

Baz baixa os olhos, um sorriso torto, os cílios em contraste com as bochechas.

Entro debaixo dos lençóis que ele enfeitiçou por mim — e que já estão meio surrados, acho que logo vou precisar de novos — e deito de lado.

Baz deita também, com o rosto virado para mim. Depois de um segundo, já pegou meu rabo e o passa pelos dedos.

— Então vamos esperar até a próxima reunião?

— Parece que sim — digo. — Tem uma ideia melhor?

— Acho que é isso que Smith-Richards quer. Que você vá a outra reunião.

— Não é possível que você ainda ache que ele está tramando algo abominável...

Baz ergue a cabeça.

— E o que eu acharia? Que ele realmente é o Grande Mago?

— Se ele dá magia às pessoas, isso é bem legal.

— Ele não faz isso. Já eram todos feiticeiros.

— Baz, a gente viu o cara lançar o feitiço.

Ele deixa a cabeça cair no travesseiro e puxa meu rabo.

— É melhor a gente descobrir o que puder sobre a família dele...

Aposto que nem é órfão.

Abraço Baz pela cintura. Ele é durinho, e gosto disso.

— Por que alguém inventaria que é órfão?

— Pra conquistar a simpatia das pessoas — Baz diz, chegando mais perto de mim. — E porque órfãos são sempre marcados pelo destino.

Nunca são só pobre coitados. São sempre um Luke Skywalker. Ou Moisés.

— Ei... — Eu o aperto. — Eu sou órfão.

— O que só comprova minha teoria, Snow. Aposto que você nasceu durante um eclipse, mas ninguém se deu ao trabalho de registrar.

— Órfãos não são mágicos — digo. — São azarados.

— Passei metade da minha vida dizendo isso. — Baz suspira. — Mas o mundo não quis ouvir. — Ele franze a sobrancelha para mim. — Não sei como você, entre todas as pessoas, pode confiar nesse cara, Simon.

— Não sei por que você não confia.

Ele faz “hum”, com a sobrancelha ainda franzida.

— Vamos atualizar Lady Salisbury.

— Você acha que ela vai concordar com você — digo.

— Acho que seria bom ter a opinião de outra pessoa, e Penelope ainda está brava com você.

Dou de ombros e enfio a mão debaixo do pescoço de Baz. Na verdade não enfio: ele levanta a cabeça, sorri como se fosse ficar vermelho e depois deita no meu braço.

— Tudo bem — digo. — Gosto de Lady Ruth. Acho que ela vai ficar feliz se descobrirmos que Smith-Richards ajudou mesmo seu filho.

— Acho que ela vai ficar feliz em descobrir que Smith-Richards não enterrou o filho dela numa vala.

— Ah, por favor... Acha mesmo que essa é uma possibilidade?

— Por que não acharia? Tem alguma coisa estranha nele. Os dentes são brancos demais. Ele é intenso demais.

— Tenho certeza de que você já disse tudo isso a meu respeito.

— Pois é. — Baz cutuca meu peito com a ponta do meu rabo. — Ele está roubando toda a sua cena.

— Smith-Richards é mais velho que eu. A cena era dele antes de ser minha. Vai ver fui eu que roubei. Vai ver deveria ter sido ele desde o começo.

Baz bate a cabeça no meu bíceps.

— Vamos discutir sobre Smith Smith-Richards na cama toda noite agora?

Sorrio. Tanto que mal consigo enxergar.

— Do que está rindo, Snow?

Não estou rindo. Dou de ombros. Aperto Baz. Ele é durinho. Gosto disso.

Niamh está com um paciente quando entro.

— Seu pai está na sala ao lado. — Tem um cão de três cabeças se contorcendo na mesa. Niamh segura a varinha acima das três. — *Fica!*

As cabeças choramingam, mas o cachorro fica parado.

— Eu estava procurando você — digo —, mas volto depois.

Ou não. Provavelmente não é uma boa ideia...

Niamh vira para mim.

— Você estava procurando por mim?

— É, mas posso voltar depois.

Ela franze a testa.

— Pode falar. Nigel não se importa.

— O nome desse cão do inferno é Nigel?

Ela dá batidinhas carinhosas numa das cabeças.

— Você é um bom menino, não é, Nigel?

Nigel pula ao ouvir o nome e começa a arranhar a mesa. Niamh tenta segurá-lo. Corro para ajudar.

— Cadê o dono?

— Pedi pra ela dar uma saidinha — Niamh diz. — Estava atrapalhando.

Abraço a barriga do cachorro.

— Atrapalhando?

Ela volta a apontar a varinha.

— Nigel, *fica!* Por favor!

O cachorro se acalma um pouco, mas continua se contorcendo nos meus braços. Dou batidinhas na costela dele — ou deles?

— Muito bem, Nigel. Muito bem.

— Ele não sossegava nem por um segundo com a dona na sala — Niamh explica.

— Você não pode usar sedativo?

— Prefiro não usar em um procedimento tão simples. — Ela segura uma das cabeças com as duas mãos. — Cães do inferno reagem a medicamentos de maneira meio imprevisível.

— Quem tem um cão do inferno como animal de estimação?

— Você nem imagina os bichos que as pessoas têm.

Todas as cabeças de Nigel roçam nela e a mordiscam.

— Nigel é fofo — continua. — Só se empolga demais. Segura firme...

Eu tento.

Depressa, Niamh pega cada cabeça e levanta as seis orelhas de Nigel para olhar dentro. Ele não gosta, mas Niamh é hábil e o mantém sob controle.

— Ah, aqui está — ela diz, depois de um momento, então aponta a varinha para uma das orelhas. — *Carrapato chato!* — O cachorro geme, e Niamh acaricia seu rosto. — Prontinho. Já está resolvido, Nigel. Não foi nada.

Ele choraminga, tentando lambê-la. As outras cabeças cheiram o jaleco dela.

— Acho que ele deveria ter três nomes — digo.

— Ela está certa, não acha, Nigel?

Niamh volta a erguer a varinha.

— *Deita!* — Ele obedece. — *Junto!* — Ele segue Niamh, que abre a porta. — Obrigada, Agatha. Você apareceu na hora certa. Ah... O que queria me perguntar?

Fico nervosa de novo.

— Eu só estava, hã... pensando se você vai voltar a Watford esta semana.

— Vou hoje à tarde.

— Posso ir junto de novo. — Dou de ombros. — Se você quiser. Se precisar de uma mãozinha.

Niamh fica surpresa.

— Preciso de duas.

— Ótimo — digo. — Então passa pra me pegar.

Nigel sai correndo, e Niamh vai atrás dele. A porta entre nós se fecha com um baque.



— Ele é órfão? — Lady Ruth pergunta. Ela estava prestes a morder um sanduíche de ovo e agrião, mas agora está fazendo uma careta. — Ele roubou sua história, Simon.

— Foi o que eu disse, Lady Salisbury!

Baz não poderia parecer mais satisfeito consigo mesmo.

— Não é minha história — digo. — Sou mesmo órfão.

Lady Ruth dá alguns tapinhas na minha mão.

— Claro que sim, querido.

— É — Baz diz —, mas, mesmo que não fosse, o Mago ainda teria dito a todo mundo que era. Porque assim é perfeito. Ah... — Ele vira para Lady Ruth. — Smith-Richards também diz que nasceu durante *um eclipse*.

Ela revira os olhos.

— Ele está tentando converter ou *seduzir* vocês?

— Pois é — Baz concorda, comendo meio sanduichinho.

— E Jamie não estava lá? — ela pergunta.

— Não — digo. — Smith pareceu animado pra apresentar a gente, mas Jamie não estava lá. Vai ver ele mora sozinho.

Lady Ruth franze a testa, como se fosse improvável.

— Tentei localizar Jamie de novo hoje de manhã, mas meus feitiços continuam não dando em nada. É como se houvesse uma porta fechada na extremidade da minha varinha. Acham que ele pode ter recuperado sua magia e que o primeiro feitiço que lançou foi para se esconder de mim?

— Não sei, não — digo. — Se eu recuperasse minha magia, ficaria

feliz demais pra alimentar qualquer rancor.

Baz olha para mim com os lábios retorcidos, como se estivesse pensando. Então diz para Lady Ruth:

— Não acha que já deveríamos ter ouvido falar de Smith-Richards? Ou da família dele?

Ela serve mais chá para ele.

— Eles não têm nenhuma reputação mágica. Smith surgiu do nada.

— Ele diz que foi criado pelo padrinho.

Ela balança a cabeça.

— Jamie nunca o mencionou.

— Vamos a Watford agora à tarde — digo a ela —, ver se conseguimos descobrir alguma coisa no *Registros mágicos*.

Ela estala a língua e deixa o bule de lado.

— Ah, como eu queria não ter jogado fora meus exemplares antigos! Meu marido encadernava *Registros mágicos* em couro, mas me liberei de tudo quando ele morreu. Hum... — Ela bate na mesa. — Vocês têm óculos de leitura?

— Acho que ainda não precisamos — digo.

Lady Ruth ri, voltando a dar tapinhas na minha mão.

— Me dê um minuto...

Ela se levanta e sai da sala de jantar.

— Óculos de leitura são óculos encantados para ajudar a fazer buscas em livros e documentos — Baz explica, pegando uma fatia de bolo. (Sempre que visitamos Lady Salisbury, ela parece ter acabado de fazer um bolo. Hoje é de limão com cobertura de açúcar. Daquela durinha.)

— Por que não usamos óculos de leitura quando estávamos procurando por Nico?

— Porque *eu* não tenho — ele diz. — Imagina a magia que não deve exigir.

Objetos mágicos são raros. Precisam ser encantados. Primeiro, é preciso saber um feitiço específico. Depois, ser poderoso o bastante para ser capaz de lançá-lo — para canalizar sua magia num objeto. O Mago conseguia, mas ficava acabado. Uma vez, dormiu por um dia inteiro após encantar uma chave. Nunca conheci ninguém capaz de

encantar algo poderoso como uma espada ou uma varinha.

O Mago achava que *eu* conseguiria fazer isso em algum momento. Eu tinha a magia necessária, mas não a habilidade. Destruía qualquer objeto que ele pusesse à minha frente, incluindo joias que pareciam muito valiosas.

Provavelmente foi sorte não ter dado certo. Imagine quantos buracos eu teria aberto no tecido mágico se ele houvesse conseguido me transformar numa fábrica de varinhas mágicas.

Lady Ruth volta e me entrega um estojo verde-oliva — muito embora seja Baz que vai usar, porque precisa de magia. Abro o estojo. São óculos de armação metálica dourada. As hastes têm pontas flexíveis, para se ajustar às orelhas. Baz se debruça na mesa para olhar.

— Usem com pente-fino ou qualquer outro feitiço de busca — Lady Ruth diz. — Vai ajudar.

— Eram do seu marido? — pergunto.

— Da minha mãe. Eu mesma nunca fui grande leitora. São uma relíquia de família.

— Ótimo — Baz diz. — Vamos tomar todo o cuidado.

— Sei que sim. — Ela aperta de leve o braço dele. — Vou separar alguns sanduíches para vocês levarem.

Como todos os sanduíches no caminho até Watford.

Baz fica me julgando o tempo inteiro.

— Desculpa — digo. — Estou sujando o carro?

Pegamos o carro esportivo antigo da tia dele. Já estava todo sujo de migalhas e bitucas de cigarro.

— Não ligo pro carro — ele diz. — Mas ligo pra minha camisa.

Olho para a camisa que peguei emprestada — que Baz me *obrigou* a pegar emprestada, na verdade. (Ele está sempre me fazendo usar suas roupas. Diz que nenhuma das minhas é apropriada para encontrar pessoas finas.) A de hoje é azul-bebê, com manga curta e estampa de losangos. Pareço o integrante engomadinho de uma boy band. Acho que Baz só me empresta as roupas que ele próprio nunca usaria.

Ele se estica e limpa algumas migalhas do meu peito.

— Você acha melhor esconder minhas asas com um feitiço? — No momento, estão tão dobradas quanto origamis.

— Achei que eu estava proibido de enfeitiçar suas asas.

— É, mas... Só com essa camisa ainda dá pra ver, e eu não quero vestir o casaco.

— Quem você não quer que veja? Os alunos estão de férias. A diretora sabe das suas asas.

— É...

Tentamos convencer Penelope a ir conosco para Watford, mas ela continua não respondendo às minhas mensagens. Baz diz que preciso me desculpar direito. Pessoalmente. Tenho certeza de que ele está certo, mas eu nem saberia por onde começar. Nunca pedi desculpas a Penny. Nunca precisei.

Baz estaciona na grama em frente aos portões, perto do carro dos Bunce.

— Por que será que a diretora estacionou aqui? — pergunto. — O Mago sempre estacionava dentro.

— O Mago era um folgado.

Baz abre o portão e o segura para mim.

Eu o sigo até o gramado e pego sua mão. Baz voltou à escola mesmo depois de tudo o que aconteceu com o Mago. Morou sozinho em nosso velho quarto no topo da torre até o fim do ano letivo.

Eu não consegui voltar.

E não só porque, sem meus poderes, estudar magia se tornou inútil para mim.

Não conseguiria suportar as lembranças. Cada dia que passei em Watford foi uma mentira. Cada lição que aprendi, cada batalha que travei. Toda a magia que tive foi roubada do Mundo dos Magos. Eu drenava a magia alheia. E a pior parte é...

Que fui feliz aqui.

Fui *feliz* sendo uma fraude, sendo um incinerador de magia.

— Está tudo bem? — Baz pergunta, quando chegamos à metade do gramado.

— Está, sim.

Ele pega minha mão com mais firmeza.

- A ponte levadiça já foi baixada — diz. — Que bom.
- Afe, tinha esquecido os lobisreios.
- Como pode ter esquecido?
- Tento não pensar neles. Desde que estudávamos aqui.
- Eu tinha um plano de chupar o sangue de todos... — Baz soa saudoso. — Mas demorei a noite toda pra pegar um, e tinha gosto de óleo de motor. Óleo de motor salgado.
- E o que você fez com o corpo?
- Joguei de volta!
- Que nojo.

Atravessamos a ponte e as muralhas da fortaleza até chegar ao pátio vazio. O Mago e seus homens nunca deixavam Watford assim aberta e desprotegida, mesmo durante as férias. Eles permaneciam na escola, trabalhando em planos e projetos secretos. Eu pedia ao Mago para ficar também, mas ele dizia que era bom que eu passasse algum tempo com normais.

Eu mandaria o resto dos alunos morarem com normais também, se pudesse, ele dizia. Ficamos confortáveis e nos tornamos complacentes entre os nossos. Começamos a nos comportar como se a magia viesse de dentro de nós, e não do mundo à nossa volta. Vá viver no mundo, Simon. Mantenha-se perto do mundo.

Por isso, eu passava os verões em orfanatos. Em abrigos. Uma ou duas vezes, com famílias temporárias. Pelo menos o Natal passava com Agatha...

Baz me puxa para o lado oposto ao da biblioteca.

— É melhor ir falar com a diretora antes — ele diz.

Passamos pela fonte na direção da Torre em Prantos, coberta de hera.

— Tudo parece igual — digo.

— Achou que as paredes ruiriam sem você?

— Não...

Achei que ruiriam sem o Mago. O lugar era dele, era seu domínio. Mas agora o Mago está morto e nada mudou, nada parou. (A não ser eu, imagino.) Watford seguiu em frente sem ele — como todo o Mundo dos Magos.

A Torre em Prantos está aberta também. Pegamos o elevador para subir. Assim que a porta se abre, ouço a mãe de Penelope.

— Isto aqui é uma escola, e não uma creche! Olha, Peter, até as escolas normais ensinam Shakespeare, e no caso deles nem serve pra nada!

Baz e eu paramos à porta aberta da sala da diretora. Ela está no celular, andando de um lado para o outro, na frente da mesa do Mago — que agora é a mesa dela. Está usando uma camiseta larga dos Beatles e calça leggings. O Mago ficaria horrorizado.

— Também posso contratar uma nova professora de ciências sociais e usar o orçamento do time de futebol pra pagar o salário dela! — ela meio que grita. — Ah, espere só pra ver se não faço!

A diretora para de andar quando nos vê e faz sinal com a mão.

— Peter, tenho que ir... Não, eu tenho que ir. Vou contratar a professora, sim... Sim, porque eu quero, mas também porque é a coisa certa a fazer... — Ela é muito parecida com Penelope. Só que mais velha, claro. Com o cabelo mais bagunçado. — Peter, vou desligar agora... Vou desligar.

Ela desliga e se apoia na mesa, soltando um longo suspiro.

— Devo me preocupar, meninos?

— Preocupar? — pergunto.

— Vocês dois nunca aparecem só pra dar um oi. Estão sendo perseguidos por lobisomens? Se for, imagino que minha filha já tenha sido devorada. Nem por mágica ela responde às minhas mensagens.

— Não tem nada errado — Baz diz. — Boa tarde, diretora.

— Boa tarde, Baz. — Ela sorri para ele, como se tivesse decidido lhe dar uma chance. Os dois são amigos agora? Quando foi que isso aconteceu? — Sentem. Não tenho nada para oferecer. É o dia de folga da cozinheira, e não sei nem onde fica a chaleira. Estou sobrevivendo à base de uma caixa de biscoitos que encontrei no armário. Deve ser da época em que sua mãe era diretora.

Ela vai para trás da mesa, e Baz e eu nos sentamos nas duas cadeiras de madeira do outro lado, inexistentes na época do Mago. Ele não recebia ninguém em sua sala. Não falava muito com os alunos.

Parece que a sala tem sido mais usada desde que a mãe de Penelope

assumiu como diretora. A mesa está lotada de pastas e papéis. Tem uma caneca cheia de canetas e porta-retratos com fotos de família. Há ainda mais livros que antes nas prateleiras atrás dela.

— Cadê a Penelope? — ela pergunta. — Continua brava comigo?

Não. Continua brava *comigo*.

— Em Londres — digo. — Preferiu não vir.

— Hum... — A diretora coça a nuca. — Então ela continua brava comigo.

— Viemos perguntar se podemos usar a biblioteca — Baz diz.

— Claro que sim. Está aberta a todos os magos. O que estão procurando?

— Um desses novos Escolhidos chamou a atenção da minha madrastra. — (Decidimos que seríamos honestos com a diretora. Ela pode saber algo de útil.) — Smith Smith-Richards.

Ela revira os olhos.

— Smith-Richards...

— Já ouviu falar dele? — Baz pergunta.

— Infelizmente, sim.

— O que sabe?

— Imagino que o mesmo que vocês. Que ele diz ser o Escolhido e promete aumentar poderes mágicos.

Eu me inclino para a frente, e minha cadeira range.

— Não acredita nele?

— Se eu acredito que tem seis novos Escolhidos que vieram resolver todos os nossos problemas? Em uma palavra: não. Em duas palavras: não mesmo. — Ela franze a testa para mim. — Sem querer ofender.

Faço cara de quem diz: *Não me ofendi*.

— Pelo menos esse Smith-Richards não está pedindo dinheiro — prossegue. — Embora isso faça com que eu me pergunte o que é que ele está pedindo então...

Não vou dizer à diretora que acho que Smith-Richards pode ser realmente o Escolhido. Entendo por que ela, Baz e Lady Ruth são cétricos. Já foram enganados uma vez: por mim.

— O conciliábulo não investiga essas pessoas? — pergunto. — Tipo, qualquer um pode dizer que é o Grande Mago?

— O conciliábulo? Rá! — Ela se recosta na cadeira. — Já estamos bem ocupados tentando organizar a confusão que o Mago deixou. Metade de nós torce para que esses novos Escolhidos sumam sozinhos, e a outra metade vai às reuniões deles em segredo.

Baz está prestando bastante atenção.

— A senhora está no primeiro grupo, imagino.

— Ando tão ocupada que mal consigo me importar com o que quer que seja. Minha própria filha aparece fazendo magia em vídeos no YouTube e nem tenho energia para lidar com isso.

Sinto que meu queixo cai. Baz não diz nada.

A diretora empurra os óculos para trás.

— Sorte de vocês que ninguém mais acredita no que vê.

— Sim, diretora — Baz diz.

— Sim, diretora — sussurro.

A mãe de Penny nos acompanha até a biblioteca, que fica do outro lado da Capela Branca. (Eis algo que mudou: todos os vitrais da capela se estilhaçaram na noite em que matei o Mago. Foram substituídos por vidro comum. É como se toda a cor tivesse se esvaído da fachada.)

A biblioteca está trancada, mas a diretora nos deixa entrar.

— Não levem nada — ela diz. — Estou falando sério. Se precisarem de algo, tirem fotos.

— Claro — Baz responde, como se sempre tivesse cumprido todas as regras da biblioteca.

A diretora acende as luzes do corredor.

— E só... — Ela olha para mim. — Não me criem nenhuma dor de cabeça enquanto estiverem aqui. Já estou com bastante problema.

— Só vamos dar uma olhada nos livros — digo.

Ela franze a testa para mim.

— Certo. Bom, estarei na minha sala se precisarem.

Esperamos até que ela feche a porta ao sair.

— Vem comigo, Snow — Baz diz, avançando depressa pelo corredor. — Não precisa me seguir de longe, escondido nas sombras. Como de costume.

— Você vai caçar ratos nas catacumbas antes de irmos embora?

Como de costume?

— Deveria. Pelo bem alheio.

Eu não deveria ter tocado no assunto. Não quero descer nas catacumbas. É um lugar horrível, cheio de crânios.

Baz se dirige à sala comprida dos fundos, onde ficam os volumes do *Registros mágicos*. Ele assovia ao entrar.

— Puta merda — digo, saindo de trás dele.

A biblioteca de Watford antigamente tinha poucos livros. O Mago queria que focássemos em livros normais e línguas modernas, e jogou fora tudo o que parecia antiquado — ou tudo que não lhe agradasse. Sempre dizia que filmes e televisão eram mais úteis que livros. (*Então por que não podemos usar a internet?*, Penelope questionava.)

Mas esta sala está *cheia* de livros.

— Já era assim quando você vinha aqui? — pergunto a Baz.

Ele absorve a visão, com as mãos nos bolsos e os ombros bem abertos.

— Não. A diretora deve ter andado ocupada. Aposto que tem livros confiscados pelo Mago aqui.

Os óculos de leitura de Lady Ruth estão no meu bolso. Entrego o estojo a Baz. Ele coloca a armação dourada no rosto, ajustando as hastes com cuidado atrás das orelhas.

Não consigo não rir ao vê-lo de óculos. Seus olhos ficam enormes, piscando atrás das lentes grossas. Abraço sua cintura.

— Olha só você, quatro-olhos.

Baz franze a testa para mim. É só uns sete centímetros mais alto que eu, mas juro que consegue transformar a diferença em quinze quando quer. E fica bonito assim, parecendo uma coruja supercrítica.

— Me dá um beijo — digo. — Sempre quis beijar alguém de óculos.

— Bunce esteve à mão esse tempo todo...

— Você parece um vampiro steampunk.

— Que absurdo...

Eu o beijo. É absurdo mesmo. Quando o beijo, nem consigo ver os óculos. Então me afasto só o bastante para conseguir.

Baz ergue a sobrancelha acima da armação.

— Não acho que Lady Salisbury tivesse isso em mente quando nos

emprestou sua relíquia de família.

— Não acho que Lady Salisbury fosse se importar. Parece que ela incentiva as coisas boas da vida.

— Sério? Você acha que ela gosta de festas?

— Você sabe do que estou falando... — Dou um beijo rápido nele.

— Nunca te beijei na biblioteca. Já pensou em todos os lugares em que a gente podia ter se beijado se tivesse sacado antes?

Ele olha para minha testa e passa a mão no meu cabelo. Seus olhos cinza estão enormes.

— Se *you* tivesse sacado antes...

Eu poderia discutir com ele, provocar, retrucar, mas não quero. Então o empurro contra uma estante e o beijo mais. Agarro sua cintura. Consigo sentir sua pele fria através da blusa de algodão.

Ele está usando outra camisa de manga comprida. (Parece que nunca sente calor, mesmo que o sol o incomode.) Tem listras marrons e azuis, mas de perto dá para ver que na parte azul na verdade são florzinhas. A calça de Baz também é legal — azul-acinzentada. Ele disse que se arrumou por causa de Lady Ruth, mas acho que só gosta de se arrumar mesmo. De dar a impressão de que vai a algum lugar importante.

Pressiono o peito contra o dele. A estante range.

Quantas vezes não teríamos nos beijado? Se eu tivesse sacado antes? Na biblioteca, no gramado, no nosso quarto...

Nossa. Baz no nosso quarto, o cabelo penteado para trás, o nó perfeito da gravata — me odiando. (Mas não me odiando de verdade. Não só me odiando.)

Ele leva a outra mão ao meu cabelo, como se tentasse me firmar. Sempre que chego o rosto para a frente, a cabeça dele derruba livros da estante.

Em quantas paredes eu poderia ter impressado Baz? Quantos cantinhos não teríamos descoberto?

Este lugar era nosso. Watford. Nosso como de ninguém mais. Pode parecer arrogante, mas é verdade. Era dele porque sua mãe morreu aqui. Meu porque era meu dever protegê-lo.

Baz abre a boca para mim...

(Não entendo o que é isso. Por que as pessoas fazem isso. Por que aticamos o fogo um do outro. O que estamos queimando?)

A estante volta a ranger. Esfrego o pau no quadril dele.

Quantas paredes? Quantos corredores?

O que mais eu teria descoberto se me desse conta disso antes?

Baz vira o rosto e tira os óculos de Lady Ruth.

— Desculpa — digo, arfando.

Ele parece confuso. Uma haste ficou presa no cabelo.

— Por quê?

Dou de ombros. Não sei. Eu o abraço mais, cruzando os braços em sua lombar.

— Por ter quebrado seu nariz. No quarto ano.

Ele ri.

— Ah. Bom. A culpa foi sua mesmo.

Eu me inclino para a frente e mordo seu nariz, bem onde ficou torto.

— Por Crowley, Snow. Não vai quebrar de novo!

Solto e olho em seus olhos, agora no tamanho natural.

— Desculpa... — Balanço a cabeça. — Por não ter sacado antes. Eu... ia gostar de ter você como amigo aqui.

Baz deixa os óculos na estante, então suas mãos voltam ao meu cabelo. Ele alisa os cachos e fica vendo como voltam a enrolar.

Acho que Baz também teria gostado — de ter a mim, aqui, ao seu lado.

— Provavelmente estava fadado a acontecer assim — ele diz.

— Você acredita nisso? — pergunto. — Em destino?

Ele dá de ombros. Suas costas continuam coladas na estante, ainda imprensadas sob meu peso.

— Não exatamente. Mas como as coisas se desenrolaram... O fantasma da minha mãe, o plano do Mago... Meu pai diz que algumas coisas... que algumas pessoas... estão escritas.

— Tipo o Smith-Richards?

Seu olhar endurece, e ele empurra meu ombro.

— Nada a ver. — Baz dá um passo adiante, me empurrando mais.

— Sai da frente, Snow. Precisamos ir a fundo nessa palhaçada.

Dou passagem a ele.

Baz põe os óculos e pega a varinha, parando diante das estantes com os volumes de *Registros mágicos*.

— *Pente-fino... Smith!*

A parede inteira de livros começa a tremer.

— Ah, merda — Baz diz.

Ele pega meu braço e me puxa para trás, enquanto uma centena de livros se sacodem nas prateleiras. Quando a poeira baixa — literalmente —, restam menos de doze volumes nas estantes.

— É um nome comum... — digo.

Baz só suspira.

Seria bom contar com a ajuda — e a varinha — de Bunce, mas estamos progredindo. O ideal seria obter um panorama geral da família Smith, mas ao restringir a busca a “Smith-Richards” temos um volume muito menor de livros a considerar: só dois, na verdade.

Snow vai guardando os livros caídos enquanto dou uma olhada no primeiro. Com os óculos de leitura de Lady Salisbury, abro direto na página que estou procurando: uma lista de anúncios oficiais.

Anúncios constituem a maior parte do *Registros mágicos* — de nascimento, morte e, depois que o Mago assumiu, prisões. Só notícias mágicas muito importantes são apuradas em mais detalhes pelo *Registros*, como um ataque a Watford. (Eu bem que gostaria de saber se eles vão escrever sobre essa onda de potenciais salvadores. Tipo “Conheça os candidatos”.)

Procuo por “Smith-Richards” na página.

— Aqui. Anúncio de nascimento.

Simon vem para trás de mim enquanto leio em voz alta.

— Smith-Richards-vírgula-Smith. É com muita felicidade que Jemima Smith e Hugh Richards, de Skipton, anunciam o nascimento de seu filho, Smith. A criança recebeu o nome do avô paterno, Smith Alan Richards, que morreu em junho. O jovem Smith vai herdar a varinha de carvalho dele. A mãe conta que a criança nasceu durante o eclipse solar de junho. Muito auspicioso!

— Ah, quem diria? — Simon comenta. — Ele nasceu mesmo durante um eclipse.

— Hum. De acordo com a mãe dele.

Snow cutuca meu ombro.

— Por que ela mentiria?

— Não sei. Mencionar isso num anúncio de nascimento me parece uma tentativa de se gabar.

— Então Smith tem trinta anos... Ele está bem pra idade.

— Está?

Pego o segundo livro.

— Deve ser o anúncio da morte dos pais dele — Snow diz.

Acertou. Ele apoia os antebraços nos meus ombros, e eu ergo o livro, para que possamos ler juntos.

Jemima Smith e Hugh Richards morreram no dia 12 de janeiro, em um acidente de carro perto de sua casa em Yorkshire. Deixaram um único filho, Smith Smith-Richards, de apenas um ano. O menino será criado pelo padrinho, Evander Feverfew, que atualmente mora na Cidade do México.

— Evander Feverfew — Simon repete. — Que nome... É parente seu?

— Os Feverfew são uma família antiga. Mas nunca ouvi falar desse Evander.

Simon se empertiga, coçando a nuca.

— Então tudo o que o Smith disse é verdade.

— Bom, parece que ele é mesmo um órfão chamado Smith Smith-Richards...

— Não foi isso que viemos aqui confirmar?

— Acho que sim — digo. — Mas quero ver o que mais conseguimos encontrar sobre a família dele.

— Agora temos o nome dos pais. Podemos procurar.

— Sim.

Jemima Smith e Hugh Richards foram dois feiticeiros absolutamente comuns. Se formaram em Watford no mesmo ano. Se casaram. Arranjaram empregos normais de normais. Ela era dentista, ele, designer gráfico. Não ganharam nenhum prêmio. Não concorreram a nenhum cargo público. Morreram antes que o Mago começasse a

aprontar.

Evander Feverfew é apenas um pouco mais notável. Fez parte da Sociedade Dramática de Watford e teve um primo no conciliábulo. Uma propriedade no norte leva o nome dos Feverfew, mas é ocupada por um parente distante dele.

É muito diferente de pesquisar sobre a morte da minha mãe. Não descobrimos nada chocante ou surpreendente. Depois de duas horas na biblioteca, tudo o que temos é o que Smith já havia nos dito, além de informações extras não muito interessantes.

Simon já guardou a maioria dos livros e está louco para ir embora.

— Tá bom — digo, desistindo. — Pelo visto não vamos encontrar nenhum segredo sombrio aqui. — Afasto a cadeira da mesa. — Podemos passar nas catacumbas antes de ir embora?

— Está com saudade daqueles esqueletos todos?

— Quero visitar o túmulo da minha mãe, Snow.

— Putz. Desculpa, Baz. Falei sem pensar.

— Você não precisa vir junto. — Levanto para guardar o último livro na estante. — A gente se encontra lá fora.

— Não. — Ele pega meu braço. — Eu vou também.

As roseiras estão floridas, por isso não tenho que usar magia para fazer um buquê. (Comida e flores são as coisas mais difíceis de criar com magia. Exigem muito da pessoa.)

Simon me segue até a Capela Branca. Na entrada, ele pega minha mão. Acho que não entra desde que o Mago morreu aqui.

— Tudo certo, Snow?

Ele assente.

Nós nos abaixamos atrás do altar, atrás do santuário, para passar pela entrada escondida da cripta.

— Como foi que você encontrou essa porta da primeira vez? — Simon pergunta.

— Eu costumava vir com meu pai.

— Ah. Faz sentido.

A porta se fecha atrás de nós. Está escuro, mas ainda consigo enxergar.

- Como imaginava que eu tinha descoberto?
- Eu achava que era uma coisa de vampiro.
- Bom, no fim das contas foi.
- Acha que outros alunos de Watford vêm aqui?
- Nunca vi ninguém além de você.

Simon dá uma risadinha.

- Não consigo acreditar que estamos juntos nas catacumbas.

Antes que eu possa dizer algo, ele me empurra contra a parede de pedra e começa a beijar meu pescoço.

- Caralho, Snow, estamos em solo sagrado!

— Não estou fazendo nada profano — ele diz, e continua me beijando.

Apoio os braços em seus ombros, deixando as flores caírem.

— Novo plano — ele diz. — Vamos refazer nossos passos e nos beijar em todos os lugares onde costumávamos brigar.

- Ou seja, na escola inteira.

- Por mim tudo bem.

Ele me abraça, pressionando o peito e os quadris em mim. É como se todas as minhas fantasias do quinto ano se tornassem realidade: Simon Snow me pegando de jeito na biblioteca, nas catacumbas...

- A gente pode subir na torre — ele sugere.

- É o quarto de outros alunos agora.

- Sempre vai ser mais nosso quarto que de qualquer outra pessoa.

Fecho os olhos e deixo a cabeça cair no ombro dele. A parede às minhas costas é fria e úmida. Simon é quente. Enfia o nariz no meu colarinho e morde meu pescoço.

— Nem consigo acreditar que tinha você no meu quarto toda noite e não aproveitei — ele diz.

— Eu poderia ter passado todas as noites desse último ano no seu quarto.

Ele geme no meu pescoço.

- Sou um idiota.

Levanto a cabeça e seguro seu rosto. Olho em seus olhos e noto que suas pupilas estão enormes. Ele consegue me ver?

- Me beija nas catacumbas, Snow. Profana esse solo.

— Vou profanar o seu solo — ele diz, me beijando.

Acho que não consegue me ver. Sua boca para na metade do caminho do meu queixo. Dou risada, o que piora as coisas.

— Você é tão absurdo — digo.

— Ei, já reconheci que sou um idiota.

Segurando o pescoço dele, eu o beijo com vontade.

Seus lábios são finos. Sua boca é grande. Usamos os dentes.

É tudo o que eu sempre quis.

Ele é melhor do que eu esperava.

Embora seja mais complicado também...

Não quero que Simon perca o controle aqui embaixo. Não quero ter que sentar no chão para reconfortá-lo, com todos os meus ancestrais olhando. Quando ele começa a puxar minha camisa forte demais, eu o afasto com delicadeza.

— Vamos — digo, baixo. — Não falta muito.

Baz acende uma chama na mão, para que eu consiga enxergar.

— Odeio quando você faz isso — digo.

— O quê?

— Vai pegar fogo.

Vi no deserto como vampiros queimam.

Baz escarnece.

— Estou totalmente no controle.

— É sério — digo. — Usa uma tocha. Tem um monte aqui embaixo.

Tem mesmo, por todas as paredes.

— Tá.

Com um gesto dele, uma fileira inteira de tochas se acende. Baz apaga a chama da mão.

— Olha. — Paro de andar. Estamos perto do retrato de que eu me lembrava. Da menina loira. — É a filha de Lady Ruth, não é?

— Parece bastante com ela — Baz concorda.

Alguém a pintou direto na parede e lançou um feitiço para dar a impressão de que está chorando.

— Acha que ela morreu aqui?

— Lady Salisbury disse que ela está viva.

— Hum.

Ficamos ali por um momento, vendo a menina chorar. Então Baz tira uma rosa do buquê e a põe no chão, abaixo do retrato.

— Eu espero aqui — digo. Só agora me ocorreu que ele pode querer ficar a sós com a mãe. — Vai lá.

Baz olha para mim, sério, então assente.

— Não vou demorar.

Ele beija minha bochecha antes de ir embora. Gosto disso. De todos os beijos fáceis que tem me dado. De como sempre confere como eu estou e presta contas de como ele está. Poderia ser irritante, mas não é. Penso que teria sido legal alguém cuidando de mim assim esse tempo todo.

Eu me encosto na parede diante do retrato e escorrego até o chão.

Quem será que o pintou? Não consigo identificar a tinta. Talvez seja mais como uma foto. Algum tipo de impressão mágica na parede. Dá para encontrar todo tipo de esquisitice aqui embaixo... Sempre achei que se tratava de um retrato muito antigo, mas a filha de Lady Ruth deve ter uns quarenta anos, mais ou menos a idade dos pais de Penny.

No retrato devia estar com a minha idade, por aí. Está ao ar livre, sob o sol. Seu cabelo é quase amarelo. E, embora esteja chorando, não tem um semblante infeliz. Só... pensativa. Antes eu achava que parecia que ela tinha perdido alguma coisa — mas talvez fosse porque eu mesmo estava sempre procurando por Baz.

Deve ser péssimo ter que descer a esta cripta para visitar o túmulo da própria mãe. A família dele não deve ter noção de como aqui é esquisito.

Pego o celular e tiro uma foto do retrato. Não sei se quero mostrar a Lady Ruth — é meio perturbador. Mas talvez seja uma pista que possa ajudá-la a reencontrar a filha. Talvez depois de encontrar Jamie devêssemos ajudá-la com isso. Espero que essa menina esteja bem, que esteja viva, em algum lugar. Que seja uma mulher feita e saudável.

Não entendo como os dois filhos de Lady Ruth podem ter fugido. Ela me parece ótima. Tranquila, generosa. Gosto da casa dela. Gosto de como tudo lá tem cara de velho. Mais velho que ela própria. É como se o lugar fosse projetado para ter múltiplas vidas. Eu gostaria de ter uma casa assim um dia.

Eu me pergunto que tipo de casa Baz gostaria de ter...

Acho que ele está voltando pelo túnel.

Aí está.

Um retorno dramático, todo iluminado pelas tochas. Ele projeta duas sombras.

Eu me levanto e vou até ele, que vira o rosto quando tento beijá-lo.

— Você acabou de chupar sangue de um rato? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Não acredito que caçou sem mim.

Desta vez, eu dirijo. Meu pai me deixou pegar o Volvo. A viagem a Watford até agora foi uma tortura, mesmo com ar-condicionado. Não sou muito boa em jogar conversa fora — porque odeio —, mas Niamh pelo visto é simplesmente incapaz.

— Quando você vai virar uma veterinária mágica habilitada? — pergunto, depois de vinte minutos de silêncio.

— Não existe certificado pra isso — ela diz, com seus óculos escuros descolados e olhando pela janela.

— Mas em algum momento você vai estar formada, não?

— Como eu disse, não tenho um programa a cumprir.

— Entendi.

Depois de mais vinte minutos, tento de novo.

— Você vai ter sua própria clínica um dia?

— Olha. Sei que seu pai mal pode esperar pra não ter mais porcarias infestando a recepção dele...

— Pelo amor das cobras, Niamh! Não estou insinuando nada. Só tentando puxar papo.

Ela fica desconfiada.

— Por quê?

— Porque estamos juntas num carro e a viagem é longa!

— Você não precisava ter vindo.

Abro bem os dedos sobre o volante, frustrada.

— Quero ajudar com as cabras.

— Achei que não se importasse com as cabras — ela resmunga.

— Eu *não sabia* das cabras. Meus feitiços, você quer minha ajuda ou

não?

Ela olha pela janela.

— Sim. Eu quero sua ajuda.

Quando chegamos a Watford, estaciono antes do portão. Tem alguns outros carros parados. O Mago costumava entrar e atravessar a ponte levadiça de jipe. Um babaca completo.

— Imagino que seja um bom sinal não termos visto nenhuma cabra na estrada — digo.

— A menos que todas tenham voado para longe.

Niamh carrega no ombro uma maleta médica. Abre os portões. Assim que entramos, vejo Simon e Baz atravessando o gramado na nossa direção.

Simon abre um sorriso.

— Agatha! — Ele dá uma corridinha. — E... Niamh, não é?

— Simon Snow — Niamh diz.

— Oi — digo.

O que eles estão fazendo aqui? Watford está sendo atacada? Talvez seja paranoia minha, mas é mais fácil deparar com Simon e Baz em meio a uma batalha épica entre o bem e o mal do que num pub.

— Este é Baz — Simon diz a Niamh. E depois, apontando com o dedão para ela, olha para Baz. — Esta é Niamh. Ela vai arrancar minhas asas.

Niamh franze a testa.

— Porque ele pediu.

— Ouvi dizer — Baz diz, estendendo a mão para ela. — Muito prazer. — Ele assente para mim. — Wellbelove.

— Baz.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Simon pergunta.

Ele está com uma camisa bem bonita. Azul. Com losangos pequenos. A manga curta apertada nos bíceps. Será que Baz está comprando as roupas dele agora?

— Niamh veio dar uma olhada nas cabras — explico. — E vocês, o que estão fazendo aqui?

— Pesquisa — Baz diz.

Simon estreita os olhos.

— As cabras da Ebb? Tem algo de errado com elas?

Olho para Niamh.

— Andam fugindo — ela diz.

— Vamos reunir todas pra ver se estão bem — acrescento. — Uma delas está grávida.

— A gente pode ajudar! — Simon oferece.

— Não precisa... — Niamh diz.

Mas Simon já se decidiu.

— Posso sobrevoar a área e dizer onde elas estão. Isso ajudaria, não?

Niamh franze a testa.

— Ajudaria bastante — ela admite.

Baz, que está olhando para os próprios sapatos, solta um suspiro.

— Ótimo! — Simon diz.

Nem consigo acreditar que isso está acontecendo. Simon, Baz e eu atravessamos o gramado juntos. Com Niamh de testemunha, ainda por cima.

Simon segue à frente. Dá para notar que ele deixa Niamh desconfortável. Porque ela falhou com ele, imagino. Niamh parece querer segurá-lo e amputar suas asas agora mesmo.

— Então as cabras andam fugindo? Quem está cuidando delas? — Simon pergunta.

— Ninguém — Niamh responde.

— Não contrataram um novo pastor? — ele retruca, surpreso.

— Imagino que não seja uma prioridade... — Baz diz.

— Não dá para simplesmente *contratar* um — Niamh resmunga.

— Não? — Simon pergunta.

Niamh balança a cabeça. De desânimo, imagino. Profundo desânimo.

— *Nenhum* de vocês sabe das cabras de Watford?

— Snow sabe tudo sobre elas — Baz diz. — São praticamente irmãos.

Niamh franze a testa para ele. Ainda não entendeu direito a dinâmica ali, mas já não gosta.

— Niamh diz que as cabras são sagradas — explico. (Não sei por

que estou ajudando Niamh ou Baz nesta conversa. Os dois merecem o pior um do outro.) — Ela diz que estão relacionadas aos feitiços que protegem a escola.

— Não sou eu quem digo — Niamh fala. — É a tradição oral.

— Nunca ouvi falar nisso — Baz diz, tranquilo.

— Elas estão no brasão de Watford! — Niamh está absolutamente indignada.

— Achei que fossem pégasos — Simon diz.

— Ahá! Viu? — falei.

— São *cabras* — Niamh insiste. — Cabras mágicas!

— Cabras mágicas — Baz repete, de um jeito desagradável.

— Espera... — De repente, Simon fica muito sério e intenso. — Então você está dizendo que Ebb tinha um trabalho importante aqui...

— Claro — Niamh confirma. — As cabras são vitais para a segurança de Watford.

— Então temos que ir atrás delas — ele declara. — E mantê-las aqui.

Niamh não poderia estar mais decepcionada com nós três.

— Não podemos *mantê-las* aqui...

Simon já está tirando a camisa. Achei que as asas estivessem escondidas por algum feitiço, mas só estavam dobradas. Ele as sacode e abre.

Baz se aproxima dele.

— Me deixa lançar um feitiço em você para que os normais não te vejam.

— Não precisa — Simon diz. — Vou ser discreto.

— Snow... — Baz parece preocupado de verdade. — Por favor.

— Deixa — digo. — Sério.

Simon revira os olhos.

— Tá, mas não quero ficar invisível.

Baz agita o punho e a varinha aparece em sua mão.

— *Não tem nada pra ver aqui!*

Simon estremece e quase desaparece de vista.

— Odeio esse feitiço.

— Você odeia todos — Baz diz. — Vai passar. Não coloquei muita

energia.

Simon bate as asas e levanta voo. Niamh e eu apertamos os olhos para o céu, tentando não o perder de vista.

— Fica mais fácil se não olharem diretamente para ele — Baz aconselha.

É verdade. Fico acompanhando Simon voar só de canto de olho.

— Achei! — Simon grita para a gente. — As cabras!

— Onde elas estão? — Niamh grita de volta.

— Meio que... em toda parte.

Passamos o resto da tarde nas colinas atrás de Watford. Acabo desistindo de tentar ajudar, porque as cabras não respondem a nenhum dos meus feitiços. Achei que talvez houvesse algo errado com minha varinha, mas a menina irlandesa — a veterinária do Snow — diz que são as cabras, e não eu.

— Elas só respondem a magia quando estão a fim — explica. — Meus feitiços também estão passando direto por elas.

Eu a reconheço da escola. Niamh Brody. Ela tinha cabelo bem loiro, mais curto que o de Simon. Jogava lacrosse e rúgbi, e usava botas pesadas com o uniforme da escola. Não Doc Martens nem nada fashion. O tipo de bota que se usaria para dirigir um trator.

Niamh não perdeu a testa franzida daquela época — nem o instinto ou a força bruta. Ela intimida as cabras, bloqueando-as como uma parede de tijolos. Simon as conduz lá do alto: dá um mergulho que faz as cabras andarem na direção oposta e depois ri feito doido. Wellbelove é a única que as cabras parecem ouvir. Não sei se está usando magia ou se os animais só gostam dela.

De qualquer modo, os três parecem ter feito algum progresso. Pelo menos as cabras estão pastando mais ou menos na mesma área.

Fico sentado na grama, vendo Snow tentar impedir um bode velho de se afastar. Ele entra na frente do animal e abre bem as asas.

— Bá!

O bode sai correndo.

Simon me vê olhando e sorri. Ainda não voltou a vestir a camisa, e não parece nem um pouco incomodado com isso. Imagino que seja

porque Brody já viu suas asas e Agatha já viu todo o resto...

Coço a nuca, olhando para a grama entre minhas pernas.

Snow aterrissa do meu lado e se deita na grama, estreitando os olhos para o céu. O sol de fim de tarde reflete no cabelo dourado dele, destacando cada sarda e cada pinta. Suas bochechas estão coradas. Ele está ligeiramente sem fôlego.

— Curtindo muito? — pergunto.

Simon sorri para mim.

— Sim...

Ergo a camisa dele.

— Perdeu a utilidade?

Snow senta, ainda sorrindo, pega a camisa, fecha as asas e a veste, passando primeiro os braços, depois a cabeça e só então a descendo pelo peito e pela barriga. Ele fica olhando Wellbelove tentar atrair uma das últimas cabras.

— Usa a varinha! — Snow grita.

— Estou usando!

— Não assim!

Ele volta a levantar e pega a varinha dela. Wellbelove deixa que o faça. Por um momento, me pergunto se Snow esqueceu que não tem mais magia. Mas ele não vai lançar feitiço... só mostrar para ela como fazer o movimento.

Desde quando Snow tem conhecimento de volteios avançados?

Ele devolve a varinha a Wellbelove, que o imita, virando o punho.

— *Junte-se ao clube!*

A cabra inclina a cabeça para ela e se aproxima.

Wellbelove sorri para Snow.

— Está funcionando!

Ela repete o feitiço, virando o punho com mais precisão.

A cabra vai se juntar às outras, saltitando.

Agatha pega o braço de Snow, encantada.

— Quem te ensinou isso?

— Ebb — ele diz. — Acho que ainda lembro alguns truques. Mas com o cajado dela devia funcionar melhor...

A varinha passa de um para o outro, enquanto Snow ensina a ela a

arte de pastorear cabras mágicas.

Os dois parecem uma pintura de pé ali. Ou uma fotografia dos anos 1940. Wellbelove está usando calça azul larga e camisa branca de laise. Cabelo solto, impecavelmente liso e brilhante, e rosto corado.

Snow parece à vontade ao lado dela. Confortável de um jeito que não fica com quase mais ninguém. Usa calça cinza de tecido fino e a camisa azul com losangos que emprestei — comprei com a intenção de um dia dar a ele. A brisa agita seus cachos.

Por Crowley, eles ficam bonitos juntos.

Uma cabra vem na minha direção, cheirando a grama, então parece sentir meu cheiro e se assusta.

— Belos instintos — digo.

As cabras são mesmo mágicas? Ou Brody está nos enrolando?

Procuro por ela, do outro lado do campo. Estava tentando ver mais de perto uma das cabras — a grávida, imagino. Agora, está olhando para Simon e Agatha. Simon segura o pulso de Agatha, ajudando-a com um movimento grandioso para a frente. Parece uma coreografia.

Abaixo a cabeça entre os joelhos. Meu cabelo cobre os olhos. Estou pegando sol demais.

— É pra levar as cabras pra dentro? — Snow grita. — Pro capril?

— Podemos tentar! — Brody grita de volta.

Decido ajudar ficando fora do caminho deles.

Os três se posicionam de um lado das cabras e tentam conduzi-las para a escola. As cabras nem querem saber. Escapam pelos buracos.

— Chega! — Brody finalmente diz, se inclinando para recuperar o fôlego. — Já está bom. Nunca consegui reunir todas assim. Talvez elas continuem juntas por um tempo.

Simon cruza os punhos na altura da cabeça, frustrado.

— Achei que elas gostassem de ficar juntas...

— Em geral, gostam.

— Niamh acha que ainda estão tristes — Wellbelove diz.

Snow fica impressionado.

— Por causa de Ebb?

Agatha assente.

Ele olha em volta, para as cabras, quase solidário com seu

comportamento péssimo.

— A gente vai deixar as cabras aqui? Sozinhas?

— Elas têm comida e água — Brody diz. — E podem ir pra casa quando quiserem. Mas não podemos obrigá-las.

Snow suspira e se agacha para acariciar o animal mais próximo.

— Não foge — ele diz. — Você vai se arrepender.

Wellbelove está com uma cara exausta.

— Parece errado deixar as cabras aqui...

— Bom... — Brody pendura a maleta no ombro. — Tenho que voltar a Londres, mas... se quiser ficar...

Agatha levanta os olhos.

— Eu te levo.

Brody assente, com a testa franzida, então se vira para Simon.

— Sr. Snow... — ela diz, tensa.

— Pode me chamar de Simon. Agora somos colegas pastores de cabras.

Ela assente.

— Quando se sentir pronto... pensei em fazer uma mudança no procedimento. Acho que devemos anestesiá-las logo de início, antes de desinfetar.

Snow parece ter sido pego de surpresa.

— Ah... é. É uma opção.

— É só ligar pro consultório que eles dão um jeito de te encaixar — ela diz.

— Obrigado. Vou fazer isso.

Wellbelove está olhando para mim.

— A gente se vê. Foi muita coincidência.

Assinto.

Ela leva a mão ao braço de Snow e aperta.

— Obrigada. Você foi muito legal.

Ele põe a mão sobre a dela e sorri.

Wellbelove e Brody atravessam o gramado rumo aos portões.

Snow se vira para mim. Continuo sentado a uns cinco metros de distância. Um canto de sua boca se ergue. Ele começa a vir na minha direção.

— E quanto a você? — Snow assoma sobre mim agora. — Pegou sol demais?

Protejo os olhos.

— É... Estou chamuscado?

— Você está tipo... Iowa.

Snow estende a mão e me puxa. Depois continua segurando.

— Podemos pegar o caminho mais longo pra casa?

— Só há um caminho pra casa, e já é longo — digo.

— Pela floresta? Tem um marco lá, para Ebb. Nunca vi.

Olho para a densa fileira de árvores do outro lado do campo.

— Talvez eu tenha que beber alguma coisa...

— Não uma cabra — Snow diz, direto.

Sinto meu rosto se contorcer.

— Uma das famosas cabras de Watford? Nunca.

Ele olha por cima da manada. (Manada serve para cabras? Ou só rebanho?) Elas já estão se espalhando.

— Será que você não pode enfeitiçar as cabras antes de irmos?

— Nenhum dos meus feitiços funcionou, Snow.

Ele puxa minha mão.

— É, mas você podia tentar...

— Que tipo de feitiço?

— Algo que mantenha todas juntas.

Olho para as cabras e suspiro. Ergo a varinha.

— *A união faz a força!* — grito, mas as cabras nem parecem notar.

Simon beija minha bochecha.

— Valeu.

Ele me puxa para a Floresta Inconstante. Preciso mesmo caçar em breve. O rato nas catacumbas quase não deu para nada.

— Ebb nunca mencionou que as cabras eram mágicas — Simon diz, balançando nossas mãos. — Não acha que teria mencionado?

— Sei lá. Nunca ouvi Ebb dizer nada de útil.

— Foi sua mãe quem deu o trabalho a ela. Aposto que sua mãe sabia que as cabras eram mágicas...

Dou de ombros. Não sei o que minha mãe sabia.

— Wellbelove pareceu... bem — digo, mudando de assunto.

Simon me olha com cautela.

Foi um comentário meio idiota. Tento esclarecer as coisas.

— Ela parece melhor do que da última vez que a vimos.

— Hum — Simon faz, meio rindo. — Tenho certeza de que está mais feliz longe dos vampiros do Novo Futuro.

— Acha que precisamos contar a alguém a respeito deles?

Ainda não falamos sobre isso — que há vampiros tentando roubar magia, vampiros controlando cidades. Nenhum de nós tocou no assunto desde que conseguimos escapar.

— Não tenho certeza... — Já estamos nos aproximando das árvores. Simon se abaixa para pegar um graveto do tamanho de uma espada no chão. Ele corta o ar à sua frente. — Tenho a impressão de que os vampiros de Las Vegas vão dar conta do pessoal do Novo Futuro.

— Mas a gente deveria contar a alguém sobre... Las Vegas, não?

Simon encolhe o queixo.

— É?

— Tipo, vampiros sitiaram uma cidade americana inteira...

— Baz, o mundo está uma zona. Você tem visto o jornal?

Ele volta a mover o graveto, como se estivesse testando seu peso.

— Achei que você fosse estar todo animado com a possibilidade de acabar com uma infestação de vampiros...

Ele olha para mim como se minha cabeça estivesse virada ao contrário.

— Estou literalmente dormindo com um vampiro.

— É, mas estamos falando de vampiros de verdade — argumento.

— Eles bebem sangue humano.

Simon dá de ombros.

— Aparentemente, não matam ninguém...

— Atacam pessoas.

— De novo: você tem visto o jornal? Não acho que uma cidade dominada por vampiros seja o maior problema dos Estados Unidos...

— Ele faz um movimento circular com o graveto. — Por quanto disso acha que somos responsáveis?

— Não sei. — Continuamos de mãos dadas, mas mantenho a outra mão diante do rosto, para que ele não me atinja sem querer. — Um

pouco.

Simon parece se sentir culpado e apoia o graveto no ombro.

— Talvez se fosse aqui...

— No Reino Unido?

— No Mundo dos Magos.

— *Pff*. Você ainda é nosso guardião, Snow?

— Não — ele diz, depressa. — Mas... Ah, não sei. — Ele volta a movimentar o graveto, como se não conseguisse evitar. — Espero que seu amigo Lamb destrua San Diego. Não vamos entregar o cara até que tenha acabado com aqueles cretinos.

Quando não digo nada, Simon olha para mim. Não sei o que ele vê, mas sei que faz uma careta.

— Você sabe que não é responsável por outros vampiros só porque é um vampiro também...

— Não sou? Somos iguais.

— Baz, você foi *vítima* deles.

— Todos os vampiros foram vítimas.

— O pessoal do Novo Futuro meio que se ofereceu para o cargo. Reviro os olhos.

— Tá bom. Então *a maioria* dos vampiros foi vítima.

— Talvez tenham começado assim, mas depois escolheram fazer novas vítimas, matando, transformando ou as levando pra bcos e chupando uma dose de seu sangue. — Ele movimenta a espada de mentirinha outra vez. Solto a mão dele para empurrar a ponta para longe de mim. — Foi uma escolha que fizeram. Dar continuidade ao ciclo de abuso.

— Talvez eles nem conheçam um modo diferente de sobreviver.

— Você descobriu um, e era criança!

Enfio as mãos nos bolsos e ando um pouco mais rápido.

— Não sou especial.

Simon segura meu ombro.

— É, sim, literalmente! — Ele entra na minha frente, e ambos paramos. — Não ser um cretino assassino conta muitos pontos a seu favor, sabia? Principalmente quando *ser* um cretino assassino tornaria sua vida muito mais fácil.

— Bom... ainda sou jovem.

— *Baz*. Não me parece que você vai começar a drenar desconhecidos no metrô. — Ele pega meu outro ombro. Deve ter deixado o graveto para lá. — Você não bebe nem o meu sangue, mesmo eu oferecendo.

— *PARA*. — Levanto o rosto e me afasto dele. — Simon, já chegamos a um acordo quanto a isso.

— Que acordo?

— De não falar mais a respeito!

— Tá, mas não chegamos a um acordo sobre você nunca beber meu sangue.

Abaixo a cabeça para olhar para ele.

— Estou te dizendo que não vou fazer isso! E não quero que toque no assunto de novo.

Snow tensiona a mandíbula, e uma ruga se forma entre suas sobrancelhas.

— Tá bom. Não vou mais tocar no assunto... a menos que seja uma emergência.

— Pelos círculos do inferno. — Minha voz falha. — Nenhuma emergência vai exigir...

— E se a gente ficar preso em algum lugar?

— Íamos morrer os dois de sede antes de eu precisar de sangue.

— Beleza — ele diz. — E se a gente ficar preso com água e comida, mas...

— Como isso aconteceria?

— Alguém sequestrou a gente.

Eu o empurro.

— Você dá um jeito de sairmos.

— Não tenho mais magia, lembra?

— Então *eu* dou um jeito de sairmos.

Ele chega mais perto, abraçando meu pescoço, mas sem muita força.

— Não tem como, porque você está fraco demais... precisa de sangue.

— Snow, já me vi em muitas situações extremas, e isso *nunca* aconteceu...

— Mas poderia acontecer!

Cubro os olhos e pressiono a ponta dos dedos na testa.

— Por que está fazendo isso? Por que me faz imaginar uma situação horrível, em que perco toda a humanidade e preciso fazer a pior coisa do mundo com a pessoa com quem mais me importo?

— Porque... — ele começa a dizer. — Porque acho que me deixa com tesão.

— Puta que pariu, Snow! — grito tão alto que alguns pássaros grasnam e saem voando das árvores. Eu me solto dos braços dele.

— Ah, vai. É sexy. Você tem que admitir.

Eu me afasto.

— Canibalismo não é sexy.

Ele faz “hum”, como se talvez eu estivesse errado.

— *Simon*.

Ele dá uma corridinha para me alcançar.

— Não sou só eu, todo mundo acha vampiro sexy! Sou péssimo com metáforas, mas até eu entendo. Todo filme de vampiro envolve sexo com virgens.

Balanço a cabeça sem parar.

— Não sou... Isso não é... Você não é virgem.

— Bom, essa parte é ficcional, né? Você não *tem* que beber o sangue de virgens, tem?

— Não tenho que beber o sangue de ninguém! Não vou beber o sangue de ninguém! Não vou beber o seu sangue só porque você quer fazer safadeza. E não sei por que você acha que conseguiria *lidar* com safadezas.

— Bom, não agora...

— *Simon*. — Viro para ele. — Estou te pedindo pra parar! Isso não é uma metáfora pra mim. É a minha vida. É minha tentativa de ter uma vida. Só... *para*. Por favor.

Simon morde o lábio.

— Tá — ele diz. — Beleza. Claro. Desculpa. — Balança a cabeça. — Não vou mais tocar no assunto.

— Obrigado — sussurro.

Ele começa a morder o outro canto do lábio.

— Mas...

— Você disse que ia parar.

— Eu vou. Mas...

— Snow.

Ele agarra minha camisa e me puxa, pressionando a bochecha na lateral da minha mandíbula. Sua voz sai baixa.

— Só quero que você saiba que eu faria qualquer coisa por você. Que eu deixaria que você fizesse qualquer coisa comigo. Não tem nada em você que eu não queira.

Então Simon solta minha camisa e se afasta correndo.

Fico olhando ele desaparecer na floresta.

Niamh e eu seguimos em silêncio até o carro, mas é um silêncio mais confortável que antes — acho que estamos aliviadas porque nenhuma outra cabra deixou Watford e porque conseguimos pelo menos cercá-las.

Imagino que eu deva aceitar que Simon vai continuar aparecendo para me salvar. Independente de eu ter pedido ajuda. Independente de termos ou não alguma coisa.

— Aqueles feitiços que você usou... — Niamh começa a dizer.

— Simon disse que aprendeu com Ebb. Posso te ensinar...

— Não sei, não. Você leva jeito com as cabras.

O coque dela está se desfazendo. Niamh o solta de vez, segura os grampos na boca e tenta penteá-lo para trás com os dedos. É como ver alguém dando uma repaginada no visual, só que ao contrário.

— Ah, Niamh, não faz isso — digo, puxando o braço dela.

— O quê? — ela pergunta, cuspidos os grampos.

Eu me abaixo para recolhê-los.

— Não faz esse coque horrível. Você fica parecendo ter mil anos de idade.

— Não consigo trabalhar com o cabelo caindo na cara.

Entrego os grampos a ela.

— Você não está trabalhando agora.

Ela pega os grampos, mas parece não saber o que fazer com eles. Ou consigo mesma.

— Seu cabelo é ótimo — digo, passando a mão nele. (Penelope diz que sou muito opiniosa quando se trata do cabelo dos outros.) — Pra

que esconder?

— Não gosto dele comprido.

— Então corta. Ficava bem em você na época da escola.

— Não sabia que você lembrava do meu cabelo — ela diz. — Ou de mim.

— Depois eu lembrei.

Niamh franze a testa para mim, profundamente. Se eu não soubesse que seu rosto está sempre assim, recuaria. Em vez disso, passo a mão no outro lado do cabelo. É mesmo bonito. Grosso e brilhante, com uma leve ondulação que confere personalidade. Meu cabelo é tão liso que só dá pra usar sempre do mesmo jeito.

— Não quero tingir de novo — ela diz, como se dissesse “Não quero ir pra prisão”.

— Então não tinge — respondo, ainda ajeitando as madeixas. — A cor já é bonita. Castanho-médio, com essas mechas avermelhadas ao sol. Muita gente tinge o cabelo pra ficar assim. Você pode usar curto e escuro... — Simulo um rabo de cavalo e empurro um pouco para deixar mais volumoso em cima. — Você ficaria bem de topete.

Niamh não diz nada. Suas mãos estão rígidas, suas sobrancelhas, tensas.

Ela ficaria muito, muito bem assim. Com o cabelo todo preso no coque, seu rosto fica muito sério. Mas assim ela parece... meio feroz. Bom, acho que Niamh parece feroz de qualquer jeito. Com esse nariz. A boca volumosa. O queixo rígido. Mas assim, em vez de feroz, ela parece... quase intolerável. Fica meio Marlon Brando.

Deixo o cabelo dela cair em volta do rosto.

— Bom, usa como você gostar — digo, e volto a andar.

Quando chegamos ao carro, vou para o lado do carona e fico esperando que ela destrave as portas.

— Agatha — Niamh diz —, você que veio dirigindo.

— Ah... tá. Claro. — Aperto o botão do controle e dou a volta até a porta do motorista. — Espero que você não esteja atrasada.

— Atrasada pra quê?

Entro e espero ela entrar também.

— Pro seu compromisso. — Dou a partida. — Você precisava voltar

pra Londres, não?

— Ah...

Olho para ela. Parece constrangida, acho.

— Não tenho nada — Niamh diz. — Eu só não queria ficar presa com você e seus amigos... Sem querer ofender.

— Você não pode simplesmente dizer “sem querer ofender” depois de ter dito algo ofensivo.

— Não tenho nada contra vocês — ela se explica. — Só não queria segurar vela.

— Segurar vela? *Eu* já estava segurando vela. Talvez tenha segurado vela durante todo o meu namoro com Simon. Você no máximo ia me ajudar nisso, Niamh. Ficaria menos desconfortável.

— Eu não queria me meter no reencontro de vocês...

— Não foi um reencontro — digo. — A gente só... pastoreou cabras de maneira amistosa.

— Fiquei com medo de que isso fosse acabar, sei lá, num pub.

— Morgana nos livre.

Niamh suspira e esfrega a testa. Parece estar com enxaqueca. Não voltou a prender o cabelo.

— Você não gosta de pubs? — pergunto.

— Até gosto.

— Então não gosta dos meus amigos?

(Simon e Baz são meus amigos? Acho que não é hora de refletir sobre isso.)

— Tenho certeza de que eles são legais! — A enxaqueca parece forte. — Olha, não quero mesmo ofender, Agatha. Mas não sou muito... sociável.

Eu não estava preparada para rir tanto. Acho até que a risada saiu pelo nariz.

Niamh suspira de novo, depois revira os olhos.

— Acho que isso é óbvio.

— Foi por isso que você quis ser veterinária? Porque gosta mais de animais que de pessoas?

É por isso que *eu* quero ser veterinária.

— Não — ela diz.

Fico esperando mais explicação, mas é claro que ela não dá.

— Por que foi, então? — pergunto.

Ela só me encara a princípio, mas acaba respondendo:

— Gosto de como os corpos funcionam. — Ela faz uma pausa e bufa. — E, quando não estão funcionando, gosto de pensar no motivo. Gosto de abrir as coisas e depois remontar.

— E por que animais e não pessoas?

Ela dá de ombros.

— É mais variado.

Dou risada de novo.

— Para de rir de mim, Agatha.

Não paro.

— É mais variado? — Ainda não paro. — Ah, minha nossa... Você é tão esquisita, Niamh.

— Então tá. — Ela fica brava. — Por que você quer ser veterinária, Agatha?

— Porque gosto mais de animais que de gente! Como uma pessoa normal!

— Também gosto mais de animais que de gente! Só que não foi isso que me fez decidir!

Continuo rindo. Não consigo evitar.

— *Agatha.*

— Oi?

Ela está esfregando a testa.

— Quer comer alguma coisa?

— Você quer comer comigo, um ser humano? Não vai sentir que está segurando vela?

— Quer ir num pub?

— Tá. — Dou risada. — Pode ser.

Eu quero.

Passamos dois dias lendo sobre casamentos mágicos. O pai de Penelope nos enviou alguns livros. A princípio, ela não queria que eu lesse. Depois me lembrou de que eu já tinha jurado pela minha morte que não ia contar nenhum dos segredos mágicos deles — *Seria comprar uma passagem só de ida para o inferno*, ela disse — e me passou um livro.

Não vou contar os segredos deles.

Não vou fazer mais nada que possa estragar minha amizade com Penelope.

Sei que ela está na pior. Está brigada com os amigos, chateada porque terminou um namoro... Não está falando com a mãe... Sei que só está me aguentando porque sou um problema interessante.

Mas, com Penelope Bunce, estou me divertindo como *nunca*.

Não só porque ela é um corredor infinito de revelações mágicas, nem só porque ela é bonitinha demais. Bom... por isso também. Ainda sou humano. Mas é por causa de tudo. Tudo tem sido muito divertido.

Acordamos e eu faço chá. (Tenho a sensação de que isso era trabalho de Simon.) Então passamos o dia lendo trechos de livros sobre magia um para o outro, contando histórias um para o outro. Quando Penelope está empolgada com alguma coisa, é muito mais provável que fale de si mesma. Nem dá para acreditar na vida dela — Penelope lutou contra lobisomens, inventou feitiços. Tem uma bola de cristal de verdade, mas não sabe onde está. (Eu gostaria de ajudá-la a procurar.)

Quando ficamos com fome, vou até a esquina e compro pasteizinhos

e macarrão, ou sanduíches. (Tem *tantos* lugares vendendo sanduíches.) (O preferido de Penelope é de queijo com picles.)

Quando ela está empolgada, acho que esquece que sou um estorvo para ela e uma causa perdida. Ela pula do sofá para escrever na parede — *Ahá!* — ou se inclina para mim para me mostrar algo ridículo, rindo e agitando a tira de bala de morango que tem na mão — *Olha só isso, Shepard* —, e fico achando que talvez esteja se divertindo também.

Isso não pode durar muito, né?

Penelope encheu duas paredes de notas, e aprendi tanto sobre casamentos mágicos que poderia celebrar uma cerimônia. Mas não acho que estamos mais perto de romper meu noivado.

Ela vai ver que não estamos progredindo. Uma hora, vai desistir e me mandar para casa.

O sol está se pondo. Almoçamos tarde, provavelmente vamos jantar tarde. Penelope está deitada no sofá, com as pernas apoiadas no braço e um livro em cima, segurando a saia no lugar. Ela sempre usa saia ou vestido curto, nunca calça.

Já vi bastante dos joelhos de Penelope Bunce. Suas pernas são curtas e roliças — muito fofas, sendo sincero, e os joelhos, ainda mais. E, tá, talvez ela me afete mais do que quero admitir, mas o que vou fazer? Ela está bem na minha frente, e nunca fica *menos* fofa. Sua fofura não gasta. Só piora com o tempo. A coisa do doce está me matando. E Penelope fica vinte e quatro horas por dia suja de giz. É giz no rosto, no cabelo... Nunca vi alguém com tanto cabelo dar tão pouca atenção a ele — ou fica preso no rabo de cavalo mais bagunçado do mundo ou solto, parecendo um esfregão, com cachos castanho-escuros em todas as direções, chegando até o meio das costas. É fofo. É muito fofo. Não tenho como não me afetar. Ela me afeta muito. Muito. Presto muita, muita atenção em Penelope Bunce. E na fofura dela.

— Não estamos chegando a lugar nenhum — Penelope diz, e deixa o livro que estava lendo cair na barriga.

Estou sentado no chão, as costas apoiadas em uma das paredes que servem de lousa, tentando avançar em um livro sobre genealogia

mágica — quando não me distraio com as pernas dela.

— Todos esses livros são sobre magos e seus costumes — ela diz —, não sobre contratos de casamento. Talvez Debbie esteja certa. Talvez a gente precise mesmo de um advogado.

— Existem advogados mágicos?

Ela pensa a respeito.

— Sei de dois. Mas duvido que peguem seu caso.

Baixo os olhos para meu livro.

— Desculpa, não sou tão útil quanto Simon e Baz seriam.

— *Pff.* — Ela senta e desenterra um pacote de tiras de bala vermelha entre duas almofadas do sofá. — Não se diminui assim. Os dois se envolvem demais emocionalmente, se apegam demais às próprias ideias. É impressionante como você consegue manter a lucidez. É quase como se estivéssemos falando de outra pessoa amaldiçoada que vai ter que se casar com um demônio...

Encaro isso como um elogio.

Penelope me oferece o pacote de doce.

— Quer?

— Claro.

Vou sentar ao lado dela no sofá e pego uma tira, embora nunca tenha comido o troço. Tem gosto de cola.

— Você acha que a maldição permite que você se case? — ela pergunta.

— Antes de morrer?

— Antes de morrer, óbvio.

— Acho que sim — digo. — Provavelmente consigo entrar num acordo do tipo “até que a morte nos separe”, considerando que meus braços dizem “até que a morte nos una”.

— Hum... — Ela abocanha a tira rosa e arranca um pedaço. — Meus pais se casaram quando tinham a minha idade: dezenove.

— Nossa...

— É... Assim que saíram da escola. Magos se casam jovens, mas dezenove é *bem* jovem. Minha mãe diz que sabia o que queria da vida e não via por que esperar.

— Meus pais se casaram com vinte e muitos — digo. — Talvez meu

pai já tivesse trinta.

— Quando eles se divorciaram?

— Quando eu tinha oito anos.

— Sinto muito.

— Ficou tudo bem. — Apoio um cotovelo no encosto do sofá e puxo um joelho para cima, ficando de frente para Penelope. — Sabe como sempre dizem pras crianças que o divórcio não é culpa delas? Que não tem nada a ver com elas?

— Sei...

— Eu lembro de pensar: *Mas é claro! Por que estão dizendo isso? Estão tentando colocar a culpa em mim?*

Penelope ri e nem tenta esconder, o que é raro.

— Seus pais brigavam muito?

— Se brigavam, não lembro. Meu pai ficava muito fora, por causa do trabalho. Depois saiu de casa de vez.

— Eles casaram de novo?

— Minha mãe, sim.

— Você gosta do seu padrasto?

— Normal. Minha mãe gosta dele.

— Eles sabem...?

Ela olha para os meus braços.

Dou risada.

— Se eu contei que vou pro inferno? Não. Minha mãe não me deixava jogar *Dungeons & Dragons* quando eu era pequeno porque achava que Deus não ia gostar. Acho que isso seria um pouco demais pra ela.

— Então ela nem sabe que você confraterniza com gigantes e fadas...

— Não.

Penelope apoia o ombro no encosto do sofá e volta a cruzar as pernas, ficando de frente para mim.

— Shepard...

Ajeito os óculos.

— Penelope.

— Você foi mesmo pra casa com uma fada?

— Tentei ir.

— Como ela chamava?

— Feérica.

Ela revira os olhos.

— Esse não era o nome dela de verdade...

— Foi o nome que ela me deu.

— Por que uma fada chamaria a filha de Feérica? É tipo um feiticeiro chamar o filho de Mago!

— Se a gente se encontrar de novo, vou perguntar.

Penelope arranca outro pedaço e balança a mão, chicoteando a bala.

— Então vocês não se falam?

— Não.

— Tem alguém com quem continue falando?

Pigarreio. Não desvio os olhos de Penelope. De seu rabo de cavalo bagunçado. De seus joelhos excruciantes. Ela não olha para mim.

— Está me perguntando se tenho namorada?

— Ou namorado — ela acrescenta, rápido.

— Em geral namoro meninas.

— Em geral, você namora criaturas mágicas...

— Não tenho namorada, Penelope.

Ela olha para a parede.

— Vou colocar isso na lista.

— Como seu namorado era? — pergunto, antes de me dar conta da idiotice que é falar nele.

— Micah?

— É. — *Idiota! Idiota!* — Ele era um feiticeiro?

— Claro.

Suspiro.

— Claro.

— A gente se conheceu em Watford. Ele era aluno de intercâmbio. E era brilhante.

— Tinha que ser, né?

— Ele era, hum... — Ela dá de ombros. — Legal.

— Legal?

— Ah, não sou boa em descrever pessoas. — Ela franze a testa e gira

o doce. — Era bom ouvinte. Nunca era cruel. E era um mago muito talentoso. Bom com idiomas, tinha um ouvido excelente. Nunca parecia se cansar de mim... Até que se cansou, e eu nem notei.

Fico subindo e descendo o dedão pelas listrinhas da minha calça de veludo cotelê verde-clara, na altura do joelho, onde o tecido está desgastado. É a calça que eu estava usando no deserto. Só tenho ela, uma camiseta e algumas coisas que carregava na mochila aquele dia. Todo o resto ficou no hotel em Las Vegas. Penelope me comprou cueca e uma outra roupa no aeroporto... Na verdade, provavelmente roubou.

Pigarreio de novo.

— Você estava apaixonada?

— Não sei — responde Penelope, irritada. Eu deveria mesmo parar de fazer perguntas sobre o ex dela. (Não foi assim que quase acabei indo para casa com uma fada.) — Eu achava que sim... Eu gostava dele, isso com certeza. Mas se estivesse apaixonada sentiria saudade de Micah agora, não acha?

Ela olha para mim, como se esperasse mesmo que eu respondesse. Fico quieto.

— Mas acho que não sinto — ela diz, ainda parecendo irritada. — Só me sinto rejeitada, humilhada e perdida. Mas não... — Ela balança a cabeça. — Não quero ficar com ele. Talvez esse negócio de se apaixonar não seja pra mim. Talvez eu não seja desse tipo.

— Acho que você não precisa concluir isso por causa de um único namorado...

— Então você já se apaixonou, né?

Ela pergunta como se fosse óbvio que sim, como se fosse parte da pessoa insuportável que eu sou.

— Já — digo mesmo assim. — Pelo menos uma vez. E talvez meio que outras duas vezes.

— Você não pode *meio* que se apaixonar, Shepard...

— Como você sabe?

Acho que ela fica um pouco chateada. Eu não deveria ter dito isso. Vamos precisar de outra lousa para registrar tudo o que eu não deveria ter dito esta noite. Penelope se ajeita no sofá, virando para a

frente.

— Então você não deve acreditar em almas gêmeas. Feiticeiros em geral acreditam. E em destino também.

— Eu acredito em tudo — digo.

Ela solta um ruído do fundo da garganta, como se me julgasse, depois pega o saco de bala e torce a ponta.

Quero que a conversa continue. Mesmo que eu só diga besteira.

— Você achava que Micah era sua alma gêmea?

Ela solta outro ruído, agora de decepção. Consigo mesma, acho.

— Micah fazia sentido pra mim... Então o incluí em todas as equações importantes. Foi como se eu tivesse chegado ao x errado, inutilizando todas as outras variáveis. — Ela fecha o pacote de doce com um nó. — Isso tudo deve parecer infantil pra você.

— Não... só parece que você não sabe de tudo quando se trata de amor. Como a maioria de nós.

— Você sabe de tudo. Já se apaixonou três vezes e meia, ou sei lá o quê.

— Se eu soubesse, não estaria sozinho e não teria ficado noivo de um demônio.

— Não é um noivado de verdade — ela sussurra.

— Valeu.

Penelope vira o rosto para mim e olha nos meus olhos. Ela é do tipo que só olha nos olhos quando espera alguma coisa.

E eu aguardo que me diga o quê.

Faz tempo demais que estou nesta sala sozinha com Shepard.

Ele está começando a parecer mais real que todo o resto. Está começando a parecer a única coisa que deveria estar aqui.

Deveria ser o oposto — é o oposto. Shepard é um normal. E normais não importam. Bom, tenho certeza de que importam para outros normais, mas não deveriam importar para mim. Deveriam ser como formigas. Ou plantas. Importantes para o ecossistema de modo geral, mas no fundo nada de mais.

Minha mãe sempre disse que não havia sentido em fazer amizade com normais. Afinal, sobre o que se conversaria sendo a magia um assunto proibido? O que sobra?

(Será que eu já disse isso?)

(Será que foi isso que afastou Simon?)

Mas faz dias que estamos conversando. E conversamos *muito* sobre magia. E muito sobre *tudo*.

Sei que Shep é normal, não é como se eu tivesse esquecido, mas não consigo imaginar como seria diferente ficar aqui com ele caso fosse um mago. Imagino que ele me entenderia um pouco melhor, porque conheceria a sensação da magia... Mas a sensação da magia é diferente para cada um, mesmo entre magos. A gente nunca sabe como é *ser* outra pessoa...

— Shepard.

Ele empurra os óculos para trás.

— Penelope.

— Você queria poder fazer magia?

Ele morde o lábio. Seus lábios são grandes e cheios. Seu lábio inferior é mais rosado que o superior, que tem forma de coração. Só notei isso ontem, e agora não consigo parar de notar.

— Sinto como se você estivesse me perguntando se eu gostaria de

poder voar — ele diz. — E a resposta é: claro que sim. Eu adoraria ser mágico. Mas não gostaria de ser outra pessoa. Faz sentido?

— Mais ou menos.

— Tipo, eu não deixaria de ser quem sou para ser alguém ou alguma coisa capaz de fazer magia.

— Você não liga de ser normal?

Ele ri.

— Não ri de mim.

Ele sorri.

— Não me importo de ser quem eu sou. Mas não nos referimos a nós mesmos como “normais”, sabe?

— Mas você passa tanto tempo tentando se aproximar da magia que deve...

Shepard parece prestes a rir de novo, por isso paro de falar. Ainda está segurando a bala que dei a ele.

— Não gostou? — pergunto.

— Não, desculpa. Tem gosto de xarope pra tosse.

Pego dele e dou uma mordida.

Com o cotovelo apoiado no encosto do sofá, ele se reclina para mais perto de mim.

— O lance é: não me sinto distante da magia. O mundo é mágico, e eu vivo nesse mundo. Só porque *você* acha que não sou mágico...

— Eu não...

Quero dizer que não acho, não, mas tenho certeza de que já repeti isso várias vezes.

Shepard está de novo com a camiseta do Keith Haring. Ele só tem duas opções.

Seu rosto é comprido, seus olhos estão arregalados. Suas bochechas brilham mesmo com a iluminação indireta.

Sempre que saímos de casa, ficam olhando para Shepard. Ele é alto e bonito. Tem cara de bonzinho e interessante. Quando começa a conversar com as pessoas, elas gostam ainda mais dele. Porque Shepard é ainda mais bonzinho do que parece, e tão interessado quanto interessante. Quase ninguém é assim.

O cara do restaurante da esquina adora Shepard. Os vizinhos sabem

o nome dele. (O *meu* não.)

E todas essas pessoas não têm ideia de que só piora, quanto mais se conhece Shepard. Ele só melhora. A lei dos rendimentos decrescentes não funciona quando se trata de Shepard — você gosta dele cada vez mais, até que sua cabeça explode. Até que você literalmente morre, de tanto que gosta dele.

— Você gostaria que eu fosse mágico? — ele pergunta.

— Não — digo, sem nem pensar.

Shepard baixa os olhos. Como se eu o tivesse magoado. Por quê? Foi a resposta errada? Ele acabou de dizer que não queria ser...

— Eu não trocaria quem você é por nada nem ninguém capaz de fazer magia.

Shepard olha nos meus olhos.

— Penelope.

Ajeito meus óculos.

— Shepard.

Ele leva a mão muito lentamente ao meu rosto e, apesar de eu só ter beijado uma pessoa na vida, sei o que significa. Sei que ele está me dando uma chance de dizer não. De me afastar ou me virar.

Subo as pernas no sofá e me viro totalmente de frente para ele. A mão de Shepard para a centímetros de mim.

— Penelope — ele repete, baixinho.

Pego seu pulso e trago a mão dele para minha bochecha. Shepard sorri, esticando o lábio inferior, e quase consigo ver seus dentes. Ele poderia sorrir para qualquer pessoa e teria o mesmo efeito. Ele poderia sorrir para qualquer pessoa...

Mas está sorrindo para mim.

O que eu não faria para que Shepard continuasse sorrindo para mim?

Ele é alto — me alcança sem nenhum esforço. Basta se inclinar, aproximando seu sorriso.

— É? — ele pergunta, a boca quase tocando a minha.

— É — digo, e sai mais como um grunhido que como uma palavra.

Shepard me beija.

Ainda sorrindo.

Seus lábios são macios e cobrem os meus. É muito melhor do que eu estava esperando. Acho que é melhor do que achei que beijar pudesse ser.

É mágico.

É melhor que mágica.

Put a merda, isso é...

Isso é algo que nunca achei que fosse acontecer. *Penelope...*

Ela vai ficar brava, né? Tipo, ela não queria que *isso* acontecesse. Mas me olhou de um jeito... como se fosse me transformar num sapo se eu não a beijasse. O que eu podia fazer?

Penelope...

A gente pode parar se você quiser.

Ela inclina a cabeça e chega mais perto. Nossos olhos se batem. Tiro os meus e os deixo tão longe quanto possível, depois levo a mão ao ombro dela. Sua bochecha é redonda e macia. Seu ombro é redondo e macio. Tenho um bom pressentimento quanto ao resto dela.

Penelope me beija como alguém que não costuma fazer isso. O que não é um comentário negativo, nem um pouco. Ela só não parece saber o que fazer primeiro. Seguro seu rosto com as duas mãos e deixo que me beije como se tivesse muitas perguntas sobre a situação toda.

Muito tempo se passa antes que ela me toque, levando a mão ao meu ombro. Mas, de repente, as duas mãos estão no meu ombro, depois no meu pescoço, depois no meu cabelo, depois nas minhas orelhas. Dou risada, porque não consigo me conter.

— Não ri de mim — ela sussurra.

Dou uma lambida em sua boca entreaberta e solto um gemido. *O gosto dela é muito bom.*

As mãos de Penelope voltam ao meu ombro. Ela sobe no meu colo, colocando um joelho em cada lado do quadril. Ajeita a saia. Então abraça meu pescoço.

Eu me recosto no sofá e seguro sua cintura.

Não sei quanto tempo isso vai durar.

Espero que ela não se arrependa.

Que bom que ela não pode me fazer esquecer isso.

Por Stevie Nicks e Grace Slick, eu estava errada em relação a tudo.

Ao amor.

A beijos, com certeza.

A Shepard. Eu estava terrivelmente errada em relação a Shepard. E fico tão *feliz*. Em relação a que mais posso ter errado? Espero que ele me mostre. Quero que me mostre.

Parece que faz horas que estou sentada no colo dele. Continuamos nos beijando, e continua sendo suave. Ele continua sorrindo. Não sei se em algum momento ele parou de sorrir. Sorrio também. Shepard fica diferente sem os óculos — ainda mais aberto, ainda mais vulnerável. Seus olhos ficam menores, seu rosto parece mais amplo. Beijo a testa, entre as sobrancelhas, e ele ri.

Também estou sem óculos — Shepard os tirou e deixou em algum lugar. Ele passa os dedos pelas minhas sobrancelhas, depois desce para as maçãs do rosto e seu sorriso desaparece.

— Penelope... preciso te perguntar uma coisa.

Eu me afasto um pouco, ainda em seu colo.

— Tá.

Shepard leva as mãos à minha cintura, como se para me manter firme.

— Você vai se arrepender disso?

— Como é que eu vou saber?

Shepard morde o lábio. O inferior está ainda mais rosado que antes.

— Verdade...

— Você vai se arrepender?

— Não — ele diz.

— Bom, você também não tem como saber...

Ele se endireita um pouco.

— Não, eu sei. Não tenho nenhuma dúvida. Nunca vou me

arrepender de ter beijado você. Nunca vou me arrepender de nenhum momento que passamos juntos, ainda que me arrependa dos erros que cometi...

— Ah — digo.

Ele tira meu cabelo do rosto, mas a mecha volta a cair. Meu rabo de cavalo deve estar quase solto.

— Preciso te dizer uma coisa, caso isso esteja realmente acontecendo.

— Como assim? É óbvio que está acontecendo.

Shepard pigarreia. Procuro minha pedra dentro da camiseta e invoco um copo de água para ele. Shepard olha para o copo por um segundo, depois bebe metade da água e o passa a mim. Bebo o resto e faço o copo desaparecer.

— *Tudo tem seu lugar!*

Shepard volta a pigarrear.

— Preciso te dizer uma coisa. Umas coisas, na verdade. Porque esse é o momento. Antes que as coisas fiquem mais sérias. Mas vai ficar parecendo que eu acho que as coisas são mais sérias do que realmente são. É só que não quero perder a janela da honestidade.

— Shepard, você está me deixando nervosa.

— Desculpa. Não fica — ele murmura.

Solto os ombros dele e apoio as mãos nas minhas próprias pernas.

— Fica aqui — ele diz.

— Fala logo, Shepard! Você está noivo de mais algum demônio?

— Não! Mas... você sabe que já estive em situações mágicas incomuns...

— Sei.

— E sabe do lance do meu terceiro filho...

— Sim, sei que um gigante que você acha que é seu amigo vai devorar seu terceiro filho.

Ele fecha o olho e morde o lábio.

— Posso também ter prometido meu primogênito a alguém.

— Shepard... seu *primogênito*?

Ele aperta minha cintura.

— Mas tudo bem, já te falei que não vou ter filhos.

— Quem ficaria com seu primogênito?
— Um diabrete. Ou três.
— Diabretes não são tipo demônios?
— Nunca diga isso a um diabrete.
— Como foi que aconteceu?
— Estávamos jogando dados. Achei que a parte da aposta era brincadeira.

— Vamos matar esses diabretes.
— Penelope... — Ele volta a morder o lábio. — Tem mais.
— Mais? Seu segundo filho?
— Não, eu fiquei com esse... — Ele faz uma careta. — Mas perdi meu sobrenome.

Cada vez que ele fala, meu queixo cai e minhas sobancelhas sobem um pouco mais.

— Como foi que você perdeu seu sobrenome?
— Acabei falando para a fada errada.
Jogo as mãos para o alto.
— Como você conhece tantas fadas?
— Topei com um bando...
— Shepard! Meus feitiços... seu nome é mesmo Shepard?
— É! Só perdi o sobrenome. E só o perdi “mágica e profundamente”.
Ainda consigo dizer qual era, ainda consigo usar um crachá com ele. Só tem mais uma coisa... mas é uma coisa meio importante. — Ele fecha os olhos por um segundo. — Tenho uma, hum... Bom... Não tenho uma infecção sexualmente transmissível. Mas sou portador. Só sereianos podem pegar. Então provavelmente não é relevante. A menos que você pretenda transar com um sereiano. E comigo. Comigo primeiro. Mas não estou sugerindo isso...

Meus feitiços...

Shepard.

Saio do colo dele.

Penelope abre a geladeira.

— Eu sabia que Simon tinha deixado leite aqui...

A cozinha fica atrás da sala. Estou ajoelhado de frente para o encosto do sofá, tentando chamar a atenção dela.

— Parece pior do que realmente é... “doença venérea sereiana”.

Tem um vaso com uma suculenta na bancada da cozinha. Penelope o atira na pia.

— Tenho certeza de que não dá pra passar pra outro ser humano — digo. — Não é nem uma doença, na verdade. Tem a ver com o modo como eles fertilizam os ovos...

Tem uma pilha de correspondência na mesa. Penelope a pega e taca fogo nela.

As coisas estão correndo bem pior do que eu esperava, e eu não esperava que fossem correr *bem*. Me endireito no sofá e procuro pelos meus óculos. Encontro os dela primeiro e os levo até a cozinha.

— Penelope — digo, entregando a ela.

Ele agarra meu pulso e agita o punho sobre minha mão.

— *Haja sangue!*

— Puta merda!

Minha mão está sangrando.

Os óculos caíram no chão. Penelope se agacha para pegar.

— Aguenta aí — ela diz. — Vou pegar uma xícara pra não perder o sangue.

— Por que estou sangrando?

— Pra gente desenhar uma porta.

Ela segura a xícara sob a palma da minha mão.

— Quê? Não!

Não, não, não, não, não, não...

— Vamos ter que arrastar o sofá. De que tamanho foi a porta que você desenhou da primeira vez?

— Não podemos fazer isso, Penelope. Não estamos prontos.

— Eu estou — ela diz. — Temos tudo de que precisamos: leite, terra, cinzas... — Ela olha para a xícara vazia e aperta minha mão. — Sangue.

— Mas não temos um plano.

— Eu tenho um plano.

— E não vai me contar qual é?

Ela inclina a cabeça para mim e diz:

— Não. — Então olha para a minha mão. — Não dá pra sangrar mais rápido?

Hoje ajudei Simon a escolher um sofá.

Num minuto, estávamos comendo torradas na cama, ele limpando as mãos na calça do pijama, eu limpando as mãos no travesseiro dele; no minuto seguinte, ele estava praticamente me desafiando a ir à Ikea. (Simon ficou tão desolado ontem à noite, depois de visitar o túmulo de Ebb, que foi um alívio vê-lo se animar.)

Ele comprou: um sofá azul-marinho; quatro pratos, quatro canecas, talheres; dois jogos de toalhas de banho; dois travesseiros; um edredom; dois jogos de lençóis — um com listras roxas grossas e outro com maçãs verdes gigantes. (Quem poderia imaginar que Simon é extravagante?)

— Você deveria escolher um, Baz.

— Os lençóis são seus, Snow.

— Tá, mas você vai dormir com eles.

(Eu dormiria numa cama de palha para ficar perto dele. Dormiria na carroceria de um caminhão.)

Ele gostou de uma mesa para a cozinha, mas ficou meio perdido na hora das cadeiras.

— Preciso de tudo — ele disse. — Vamos passar o dia inteiro aqui.

— Podemos voltar depois. A Ikea não vai a lugar nenhum.

Almoçamos no restaurante da loja, onde Simon gastou metade da herança com almôndegas suecas e torta de amêndoa com chocolate.

Ele usou outro moletom de Watford para cobrir as asas. Um que ainda não tinha detonado. Dava para ver que estava passando calor. (Não sei como resolver esse problema no curto prazo. Com um xale de

seda? Um poncho leve?) Algumas pessoas repararam no volume nas costas dele. Nenhuma pareceu pensar que Simon estava escondendo algo.

Passamos o dia todo de mãos dadas. No almoço, ele ficou com o braço apoiado no encosto da minha cadeira.

— Se a gente não puder ser gay na Ikea, onde é que vai poder? — Simon argumentou.

Tenho quase certeza de que foi o melhor dia da minha vida.

Foi tão bom que continuo eufórico, mesmo estando em outra reunião do Smith-Richards, desta vez sentado na primeira fila. O cara mandou uma mensagem a Simon hoje à tarde para se certificar de que viríamos — para se certificar de que *Simon* viria. Como se Simon fosse perder a oportunidade...

Daphne nos viu assim que entramos e nos arrastou para a frente. Para enxergar melhor a pele sem poros de Smith-Richards, imagino. Ele ainda não apareceu. Daphne está sentada na beirada da cadeira, esperando por ele.

Ainda estou tão animado que nem peço que ela ligue para casa. Pelo menos meu pai parece ter se saído melhor esta semana. Tenho falado com ele. Vera, minha antiga babá, topou ajudar com as crianças. Ela deixou a família em Hampshire, então não pode ficar por muito tempo, mas talvez possa dar uma ajuda durante o surto de Daphne. (Fico muito aliviado por meu pai não precisar de mim em Oxford. É muito importante que eu fique em Londres, comendo torrada na cama de Simon Snow, que agora tem lençóis listrados.)

Simon aperta minha mão.

— Está vendo Jamie?

Estamos evitando olhar para trás e chamar a atenção da plateia para nós, mas assim também não conseguimos ver ninguém.

— Não.

— Talvez ele esteja atrasado.

Está tocando Coldplay nos alto-falantes, e as pessoas se agitam. A reunião está prestes a começar. Daphne pega minha mão e aperta com força. Ela está radiante — parece até que passou o dia na Ikea comprando artigos de cozinha com o namorado. (Quão perdido será

que meu pai está?) (Talvez ele possa oferecer um salário muito maior a Vera...) (Talvez ele possa se casar com ela.)

A sala irrompe em aplausos quando Smith-Richards entra. Ele abre os braços para agradecer ao público.

— Obrigado — ele fala, embora não dê para ouvir em meio ao barulho.

Simon solta minha mão para aplaudir também.

Smith-Richards pula no palco. (Por que subir quando se pode pular?) Quando ele vê Simon, seu sorriso já caloroso fica ainda mais incandescente.

— Que bom que está aqui — diz a Simon, acenando.

Estamos sentados tão perto do palco que dá para ouvir o cara mesmo sem microfone.

Smith-Richards está arrumado de forma cuidadosamente casual, com uma calça branca cheia de bolsos, blusa azul com gola V e uma bandana vermelha e dourada amarrada no pescoço. Combina com ele, por mais que eu odeie admitir. Combinaria ainda mais com Simon.

Um senhor — o mesmo que estava à porta na outra noite — entrega o microfone a Smith-Richards.

— Oi, pessoal! É tão bom ver vocês...

Smith-Richards vai direto ao assunto, falando que *adora* todo mundo no salão, que quer *ajudar*, que *acredita* que pode mesmo fazer isso. Ele garante que todos merecem *muito mais* da vida do que receberam até então.

Não que esteja errado quanto a isso, imagino. Mas ele é *insuportável*.

Olho para trás. Tem mais gente aqui esta noite do que na reunião anterior. Smith-Richards vai ter que arranjar um pub maior. Talvez devesse alugar uma igreja — seria muito apropriado.

Ainda não vi Jamie. Reconheço um cara de Watford, Ian alguma coisa, alguns anos mais velho que a gente. E um mulher que joga tênis no clube. Todas essas pessoas são magos com pouco poder? Ou só são magos comuns que acham que merecem mais?

Quando entramos, Alan, o homem que foi ajudado na semana passada, era o centro das atenções nos fundos do salão, regalando todo mundo com as histórias dos feitiços incríveis que é capaz de

lançar agora.

Smith-Richards se aproveita da intensidade no ar. Diz que quer ajudar mais gente, mais rápido; que ninguém deveria ter que esperar tanto tempo por um direito de nascença.

Daphne está encantada. Literalmente boquiaberta.

Simon está inclinado para a frente, com os cotovelos nas coxas, absorvendo cada palavra. Ele realmente *acredita* nisso? Continua dando o benefício da dúvida a Smith-Richards, e um pouco mais. É como se *quisesse* que outra pessoa fosse realmente o Escolhido — como se *quisesse* que fosse Smith-Richards, alguém que ficaria mais confortável no papel do que ele ficou. Faço carinho na nuca de Simon, nos cabelinhos tão curtos que não formam cachos. Ele olha para mim e sorri.

Quando sairmos daqui, vamos caçar. E depois vamos comprar comida. E depois voltar juntos para a casa de Simon. Amanhã de manhã, vamos comer torrada na cama.

Acaricio o pescoço de Simon, e ele não faz nada para me impedir. (Provavelmente aqui também está liberado ser gay — ou o que quer que Simon seja.)

Olho para trás de novo, procurando por Jamie num canto do salão. Já vi a maior parte dessas pessoas antes. Ah, ali está Máire. Achei que ela já tinha escolhido seu Escolhido, mas aparentemente está mantendo suas opções abertas. Fico pensando onde está a antiga colega de quarto de Agatha. Ainda não a vi.

Volto a olhar para Smith-Richards e cruzo as pernas, tentando pelo menos fingir que estou prestando atenção. Ele continua abrindo o coração:

— Andei consultando alguns dos meus amigos mais leais e procurando maneiras de expandir meu alcance. Se sou capaz de lançar o feitiço num mago, por que não lançar o mesmo em dois ou três?

Perco o ar. *A antiga colega de quarto de Agatha!*

— Ou seis?

É de onde conheço aquela menina.

— Da próxima vez que nos reunirmos, amanhã, vou trazer seis dos meus...

A menina.

— ... mais fiéis apoiadores...

A menina quietinha. Na porta. Pippa.

— ... ao palco, para que fiquem ao meu lado e...

Philippa! A antiga colega de quarto de Agatha em Watford. Ela perdeu a voz.

— ... e aceitem seu destino.

Eu roubei a voz dela. No quinto ano.

— Queridos amigos...

Eu roubei a voz dela.

— ... Patrick, Melinda...

A srta. Possibelf disse que voltaria. Ela prometeu.

— Eliza, Gloria, Daphne...

Daphne dá um gritinho e me abraça.

— E você, Martin.

Eu roubei a voz de Philippa.

Quando estava tentando roubar a de Simon.

Não voltou até hoje...

Daphne chora. Eu me solto de seus braços.

Nunca voltou.

Levo a mão ao ombro de Simon.

— Tenho que ir — digo, e nem preciso sussurrar, porque todo mundo na sala grita e chora.

— Ir aonde? — Simon pergunta, preocupado.

“Sei que a culpa foi sua”, ele gritou comigo naquele dia. No gramado. No dia em que roubei a voz de Philippa.

Fico de pé.

— Te encontro depois.

Ele fica de pé também e diz:

— Vou com você.

“Sei que a culpa foi sua!” , ele gritou.

Dou um tapinha nas costas dele e tento fazê-lo sentar.

— Não, fica. Preciso... — Já estou indo embora. — Fica. Te encontro depois.

Estou fugindo. Para fora do pub, para a rua. Preciso de um carro, de

um táxi.

Philippa.

Eu roubei a voz dela.

Eu roubei a voz dela.

E nunca voltou.

Eu sabia que Baz não gostava de Smith — que não acreditava nele —, mas não sabia que estava levando tudo aquilo para o pessoal. Provavelmente por causa da madrasta e do pai. Talvez Baz ache que Daphne não vai voltar para casa se ficar mais poderosa.

Daphne está chorando como se tivesse acabado de ganhar a Copa do Mundo. Depois que Baz foi embora, ela me abraçou no lugar dele. *Seis pessoas*. Smith vai curar seis pessoas, em uma noite só. Quanto tempo vai demorar para ajudar todos os feiticeiros neste salão?

Ele faz um gesto para que todos se acalmem, mas acho que não vai adiantar.

— Não vou lançar o feitiço hoje. Vou passar o dia meditando amanhã. Vamos nos reunir em um lugar muito especial...

A multidão fica quieta, à espera.

— Watford.

Algumas pessoas arfam. Algumas aplaudem. Outras riem. Todos acham o máximo.

— A diretora Bunce nos convidou a usar a Capela Branca!

— Foi onde eu me casei — Daphne sussurra para mim.

Foi onde matei o Mago, penso, mas não digo.

Smith vem mais para a beirada do palco.

— Se há alguém na sua vida cujo coração esteja amolecendo para nossa mensagem... traga essa pessoa amanhã. Deixe que veja a verdade do que estamos oferecendo. E se há alguém na sua vida que ainda alimenta dúvidas, convide essa pessoa também! Convide todo mundo! Vamos abrir as portas para todo o Mundo dos Magos e

mostrar a eles a cara da igualdade! A magia pertence a todos nós!

O público enlouquece. Eu mesmo bato palmas. Que bom para Smith. Que bom para Daphne. Que bom para todo mundo neste salão, que talvez tenha a chance de algo maior e mais brilhante.

Smith me vê aplaudindo e sorri para mim.

— Boa noite — ele diz para a multidão. — Nos vemos amanhã, em Watford!

Ele deixa o microfone de lado, pula do palco e estende o braço para mim.

— Simon, vem rápido, antes que eles cheguem. — Ele me puxa para a porta lateral. Assim que passamos, me abraça. — Você veio!

— Parabéns, Smith. É tudo muito empolgante.

Ele parece quase constrangido. Nervoso.

— É, tenho trabalhado na expansão do feitiço e, sei lá, estou cansado de esperar. As pessoas não deveriam ter que esperar.

— Bem legal, estou feliz por você. Jamie vai nos encontrar aqui?

— Ah... — A expressão de Smith desmorona. — Simon, sinto muito. Não consegui convencer Jamie a vir. Ele é muito introvertido, e diz que todo mundo o trata como se fosse um santo agora. Eu disse que vai melhorar conforme mais pessoas forem curadas. Que ele não vai mais ser visto como uma curiosidade.

Assinto. Não sei muito bem o que dizer. Queria que Baz estivesse aqui para me ajudar a conduzir a conversa.

— Se quiser falar com alguém que foi curado — Smith prossegue —, posso te apresentar a Beth, da semana passada. Acho que ela está aqui.

— Claro. — Não quero parecer interessado demais em Jamie. — Eu adoraria falar com ela.

— Na verdade... você vai amanhã? Sei que Beth vai estar lá, e assim você pode conhecer a família dela também.

Sorrio para ele.

— Vou amanhã, sim. Não perderia por nada.

— Legal. Vou reservar dois lugares na frente. Simon... — Smith ainda parece nervoso. — Se importa de tomar uma cerveja comigo? Eu estava esperando que pudéssemos conversar... — Ele ri e revira os

olhos. — De Escolhido para Escolhido.

— Smith, eu não...

— Não. Eu sei. Mas queria mesmo falar com você. — Ele me olha com toda a intensidade de seus olhos azuis. — Sinto que você é o único que entende...

Meia hora depois, Smith e eu estamos sentados em um pub simples do outro lado da rua. O pub serve comida, então para mim está ótimo. (Eu e Baz tínhamos combinado de jantar juntos. Mandeí duas mensagens antes do meu celular morrer. Ele deve ter ido caçar sem mim.)

Smith tem mil perguntas para me fazer, sobre ser o Grande Mago — como as pessoas me tratavam, por que o Mago me mantinha escondido, coisa e tal.

— Dizem que você tinha tanta magia que outros feiticeiros ficavam inebriados.

— Às vezes. Às vezes eles vomitavam. Minha namorada ficava com enxaqueca.

Pedi um prato com peixe, fritas e purê de ervilha. Smith só pediu uma cerveja. Ele brinca com o copo e fica vendo as bolhas subirem.

— Nunca tive esse tipo de magia — diz.

— Sorte a sua — digo, pegando o vinagre. — Não é natural. É impossível controlar. Bom... — Olho para ele. — Talvez *você* fosse capaz de controlar. Eu mal aguentava segurar a varinha.

— Você sente saudade?

Pego uma batatinha.

— Da varinha?

— Da magia.

— Bom...

A batatinha queima meus dedos. Eu a solto.

— Deve sentir — ele diz. — Tinha mais magia que qualquer outra pessoa, e de repente... — Ele gira o copo. — *Puf*. Nada.

Sinto saudade da minha magia?

Não era minha, era? E eu não era bom feiticeiro. Chamuscava a terra regularmente com meus esforços.

Sinto saudade de explodir? Não.

E não sinto saudade de como os outros magos me tratavam. Eles nunca conseguiam ver nada além do meu poder.

Sinto saudade de lançar feitiços? Por Merlim, na metade das vezes saíam pela culatra. Mas imagino que na outra metade não...

Eu podia fazer fogo. Ar. E água.

Podia derreter manteiga e ferver chá.

Podia ter asas, quando queria.

Podia proteger todo mundo. O tempo todo. Nada era impossível quando eu tinha magia. Nenhuma guerra era invencível.

Sinto saudade?

— Sinto — digo. — Todos os segundos de todos os dias. É como se me faltasse uma terceira mão. Tipo, tenho duas e deveria estar feliz com isso, mas é como se antes eu tivesse uma a mais, sabe? Agora não sei nem como amarrar os cadarços. Cara, sinto saudade, sim. O tempo todo.

Smith está sorrindo para mim, o que é meio cretino e muito inapropriado. Ele parece satisfeito consigo mesmo.

— Simon... — ele diz, quase reluzente.

— Porra, Smith, acabei de abrir meu coração. Você podia ter um pouco de compaixão.

Ele pega meu pulso.

— Não, Simon, eu... — Smith sacode meu braço, ainda sorrindo para mim. — Eu posso te ajudar.

— Eu sei como amarrar os cadarços. Foi só modo de dizer.

Ele dá risada.

— *Simon*, posso curar sua magia!

Fico de boca aberta, mas não digo nada. Me recosto na parede ao lado do banco.

Smith segura minha mão.

— Posso tornar você um feiticeiro outra vez.

— Como...

— Meu feitiço. Posso lançar em você.

— Mas não sou um mago...

— Você foi o maior dos magos...

— Não era verdade...

— Era absolutamente verdade! — Ele aperta minha mão. — Talvez você não fosse o Escolhido, Simon, mas foi o mago mais poderoso que este mundo já conheceu. Não vem me dizer que não era um mago...

— Smith...

Seus olhos brilham. Ele olha para mim como se fôssemos velhos amigos. Como se me conhecesse profundamente.

— Não lancei o feitiço esta noite porque estava guardando pra você — ele diz. — Sabia que você não ia querer ser parte do espetáculo de amanhã, no palco.

— Não sei o que dizer...

Smith pega minha outra mão e ri.

— Diz que sim!

Balanço a cabeça.

— Abri mão da magia pra consertar as coisas.

A expressão dele se abrandava. Smith ergue nossas mãos.

— Simon, você fez o maior dos sacrifícios para que nosso mundo pudesse se curar. Agora permita que eu cure você.

Um dia por vez, Evander sempre diz. Um capítulo por vez.

Este é o capítulo sobre Simon Snow. (*Simon Snow*, que nome! Que maravilha. Até o nome é adequado, quase me deixa com inveja.)

É agora que eu o curo. Que provo meu poder.

Não sou como os que vieram antes de mim. Os falsos profetas. Não sou como *ele*. Ele falhou. (Mesmo com esse nome. Com esse cabelo. Com essas asas escarlate.)

Meu poder não vai falhar.

Meu plano não vai falhar.

Vou curar o ídolo caído deles, vou mostrar toda a minha misericórdia. Vou restaurar sua glória.

Vou restaurar a glória de todo o Mundo dos Magos.

É *de mim* que as profecias falam. Vou tornar este lugar novamente digno das lendas. Com heróis. Milagres. *Magia*.

Esta é minha história.

Este é o capítulo sobre Simon Snow.

Era uma vez um soldado ferido.

Eu o conheci e segurei suas mãos.

Ele vai ficar perfeito de pé ao meu lado na Capela Branca.

Ele é a pessoa perfeita para espalhar minhas boas-novas.



Há uma porta para o inferno no chão da casa de Penelope. Ela arrastou o sofá para abrir espaço.

Esfrego os olhos.

— Achei que você tinha dito que era idiotice fazer isso em casa.

— Este apartamento é alugado — ela diz. — Começa aí.

Falei para Penelope que não ia ler o ritual em voz alta. Aí ela disse:

— Tá, então eu leio.

Aí eu disse:

— Não vou deixar você pedir um demônio em casamento!

Aí ela disse:

— Então você vai ter que ler.

Por isso, aqui estou eu, de pé diante de uma porta desenhada com meu próprio sangue, segurando as instruções que Ken me deu dois anos atrás.

— É uma péssima ideia — digo.

— Bem o seu tipo.

— Penelope...

Ela para do meu lado, ao pé da porta de sangue.

— Você prometeu que ia ficar na cozinha — digo.

— Não, você me *pediu* pra ficar na cozinha. Shepard, você confia em mim?

Ela refez o rabo de cavalo e limpou os óculos em preparação para o ritual. Vestiu uma capa cinza — juro. Seus olhos castanhos parecem profundos e ardentes, e seus lábios ainda estão inchados de me beijar. Ela segura a pedra roxa no punho fechado.

— Confio — digo.

Penelope fica na ponta dos pés para me beijar.

— Invoca o demônio — ela manda —, depois não atrapalha.

É diferente recitar o ritual agora que sei que é um pedido de casamento. (É constrangedor, na verdade.) Talvez o demônio não venha — talvez o ritual para invocar minha noiva demoníaca seja diferente. Leio até o fim, depois olho para a porta.

Como da outra vez, ela se abre.

O demônio sai como se viesse subindo uma escada. É igual à última vez. Às vezes uma mulher. Às vezes um urso. Às vezes um buraco.

Quando entra na sala de Penelope, algo ressoa na minha cabeça, como um acorde pesado de baixo estourando em alto-falantes baratos. Tento ignorar.

— Shepard — o demônio diz, caloroso, e minha cabeça volta a zumbir. — Meu prometido. Precisa falar comigo?

No momento, o demônio parece bastante uma mulher. Sorridente. Sincera. Com os braços abertos. Usando salto alto chique e um terno de seda. (Será que está mesmo usando, ou é uma projeção minha? Quando tento me concentrar em seu rosto, minha cabeça lateja.)

— Oi — digo. — Como vai você?

Penelope se coloca entre nós.

— Shepard não precisa falar com você hoje. Quem precisa sou eu.

O demônio franze a testa para ela.

— E quem é você?

— Sou a advogada dele.

O demônio volta a olhar para mim.

— Você precisa de uma advogada, Shepard?

— Quero falar sobre o contrato — Penelope diz, seca, e muito profissional.

— O contrato...

Os olhos do demônio brilham. (Os olhos da mulher, os olhos do urso; dois olhos vermelhos queimando num buraco negro.) Minhas tatuagens começam a se movimentar e coçar.

Penelope não se abala.

— Temo que seja inválido.

— Deveria temer mesmo! — O demônio vira para mim. — Quem é esta mortal, Shepard? Quem ousa questionar nosso noivado?

— Eu...

Penelope se coloca entre nós de novo.

— Seu acordo é com Shepard Love, não?

— Sim — o demônio grunhe.

— Este não é o nome dele.

O demônio se aproxima de Penelope.

— Ele mentiu para mim?

Penelope contrai os lábios e inclina a cabeça.

— Ele não revelou em toda a sua...

— Ele mentiu! — o demônio grita.

A estática explode em minha cabeça.

— Bem... — Penelope dá de ombros, sem se deixar impressionar. — Independente disso, esse fator anula o contrato.

O demônio olha por cima de Penelope.

— Se isso for verdade, vou estripar você.

— Você poderia estripar este homem *depois* do casamento — Penelope diz —, caso ele fosse infiel, infértil ou tivesse uma beleza que não fosse de seu agrado. Os termos são muito claros. Mas o fornecimento de informações falsas apenas invalida o noivado.

— Onde está escrito isso? — o demônio pergunta.

— Logo acima do pulso. “O acordo perderá a validade e o efeito, e quaisquer favores ou presentes deverão ser devolvidos.”

O demônio bufa.

— Ele não pediu nenhum favor!

— Isso facilita as coisas, porque não há nada a devolver.

O demônio parece ainda mais um urso e um buraco negro por um momento.

— Esse homem me invocou por vontade própria.

— É verdade — digo. — Foi mal.

Penelope me dá uma cotovelada no estômago.

— Não foi um truque meu, não o enganei! Eu nem estava procurando marido!

— Quanto a isso, não temos discussão — Penelope diz.

O demônio dá uma patada no ombro dela.

— Ele me invocou com um pedido de casamento testado pelo tempo e juridicamente fundamentado.

— Não negaremos esses fatos.

— Ele me ofereceu seu nome e muito mais, sem qualquer exigência minha!

— Fico surpresa que não tenha pedido nenhum documento dele — Penelope observa. — Ou conduzido uma auditoria.

O demônio solta uma fumaça branca no rosto de Penelope.

— Eu poderia matar vocês dois!

Penelope dá um passo à frente, o que é inacreditável.

— Poderia, mas não foi o que concordou em fazer em caso de fornecimento de informações falsas. — Ela dá outro passo à frente. — Você *concordou* que o contrato fosse invalidado!

O demônio aponta para mim, por cima de Penelope.

— Posso escolher honrar nosso compromisso mesmo assim! Ir até você na hora marcada e levá-lo em uma longa jornada até meu lar, onde nos casaremos tendo todos os meus irmãos como testemunha. Você será imortal, porque o levarei a um lugar onde sua gente não pode nem viver nem morrer.

Penelope cruza os braços.

— Você *poderia* mesmo desconsiderar a lei e o contrato... Talvez sua palavra não valha nada.

O demônio urra, fazendo o prédio todo vibrar, depois atravessa o cômodo e senta no sofá. Voltou a parecer uma mulher. Linda. A pele de uma cor que meus olhos não veem. O cabelo como chifres, como cabelo, como um buraco.

Penelope respira fundo para dizer alguma coisa.

— Quieta — o demônio se antecipa. — Estou pensando.

Quero me desculpar, melhorar as coisas de alguma forma. Talvez eu possa lhe oferecer algo para beber. Penelope deve adivinhar o que estou pensando, porque contrai os lábios e faz que não com a cabeça, com bastante veemência.

— Vamos retificar o contrato — o demônio diz —, alterando o nome dele e definindo as consequências para desonestidade no futuro.

— Não sou *sua* advogada... — Penelope responde.
— Não mesmo — o demônio retruca. — Não fui informada de que precisaria de advogada.

— ... mas meu conselho é que aproveite a oportunidade para proteger seus bens.

— Meus bens estão perfeitamente seguros.

— Lamento informar — Penelope diz, parecendo uma funcionária do departamento de trânsito que na verdade não lamenta nada — que este homem lhe seria entregue com muitas dívidas.

— Ele não mencionou nenhuma dívida!

— Ninguém pediu que o fizesse!

— Qualquer dívida que tenha contraído neste mundo será insignificante no meu!

— Ele prometeu seu primogênito a alguém — Penelope lamenta informar.

— Seu *primogênito*... — O demônio se alarga em um buraco que consome todo o sofá. Sua voz sai arrasada. — Shepard, como pôde?

— Filhos não estavam nos meus planos — murmuro.

— E o terceiro filho também — Penelope acrescenta, bastante incisiva. — E tem inúmeros outros compromissos e dívidas, alguns que vão além da morte e foram contraídos com criaturas que vivem quase eternamente.

O demônio se levanta do sofá e vem na minha direção.

— Eu disse a mim mesma que não queria mais saber deste mundo... Nunca vale o trabalho que dá.

Sinto a amargura do demônio, como se minha boca estivesse cheia de terra, e minha cabeça não para de zunir. Acho que Penelope sente o mesmo, porque fica balançando a cabeça quando o demônio não está olhando.

O demônio está cada vez mais perto. Penelope entra no caminho, mas o urso-mulher-buraco-urso passa direto por ela e assoma sobre mim.

— Mas você... — o demônio prossegue, me pegando pelo queixo. — Você parecia diferente. Me pegou de guarda baixa. Invocar alguém como eu e pedir nada além da minha mão...

O demônio acaricia minha bochecha. Com a garra-dedo-vazio.

— Fiquei comovida.

— Sinto muito — sussurro.

— Eu teria lhe dado a eternidade, Shepard — vibra o demônio. — Teria construído um trono para você.

Seu suspiro é tão baixo que parece a força da gravidade. É como se nos puxasse para baixo, mais e mais. O prato de cerâmica na mesa se desfaz em pó.

— Eu deveria ter pedido para ver sua identidade — o demônio diz.

— Em geral peço mesmo referência...

O demônio olha nos meus olhos. Dentro deles. Seu olhar me rodeia.

— O contrato está anulado — diz. Meus braços coçam e formigam. Me mantenho imóvel. — Você não é mais meu noivo. Suas dívidas não são minhas. E você perdeu seu direito à imortalidade.

O demônio volta sua atenção para Penelope.

— Quanto a você...

Penelope não vacila.

— Você é muito inteligente e corajosa. E tem joelhos bonitos. — A voz do demônio agora parece mel, como o som da última corda de um contrabaixo. — Meus poderes são vastos, e fico feliz em informar que minha mão está disponível.

Penelope fica perplexa.

— Você está...?

— Há algo que queira neste mundo, jovem advogada?

Ela balança a cabeça.

— Não.

— Muito bem — o demônio diz, dando as costas para nós. — Me chame se mudar de ideia.

Abre a porta e passa, nas duas pernas, nas quatro patas, numa poça vazia.

Eu me viro para Penelope. Ela olha fixamente para meus braços.

Nada além de pele negra.

Levo uma eternidade para chegar ao apartamento da minha tia, mesmo lançando feitiços no trânsito.

Saio correndo do táxi, subo a escada e abro a porta com a varinha em vez de pegar a chave. Fiona está na sala. Pula do sofá quando entro.

— Puta merda, Basil!

Tem um homem sentado com ela — Nicodemus, o vampiro. Passo correndo por eles e entro no quarto de Fiona.

— O que você está fazendo? — ela grita.

O quarto da minha tia é uma bagunça. O apartamento inteiro era assim quando me mudei... Montes de roupas até os joelhos. Pilhas de correspondência fechadas. Xícaras cheias de bitucas de cigarro e cinzas de incenso. Vou direto para o armário.

— Estou falando sério, Baz, sai do meu quarto!

— Cadê, Fiona?

Atiro tudo do armário dela. Caixas de sapato. Leggings. Flores cortadas que não murcham nunca.

— Continua em Watford! Não consegui encontrar!

— Em Watford? — Olho para trás. Fiona está ali parada. — O gravador?

Ela está brava e ao mesmo tempo confusa.

— Gravador? Não... que gravador?

Volto para o armário. Frascos de óleo. Caixas de ervas. Sutiãs. Uma varinha que nunca vi. Um bong feito com uma lamparina. Uma lamparina feita com um bong. Ela me puxa pela camisa. Eu ignoro.

— O que você está procurando, Baz?

Eu me viro para ela e a empurro.

— O gravador que você me deu no quinto ano!

— Por que eu te daria um gravador? Que merda de presente é esse?

Claro que minha tia não lembra. Por que lembraria?

— O gravador que você me deu para roubar a voz de Simon! — grito.

Fiona leva a mão à testa.

— Ahhhhhhhhhh, o *gravador*. Exigiu magia pra caralho... e nem funcionou.

— Funcionou, sim.

— Hum... — Ela estala a língua. — Acho que não. Seu namorado estava aqui agora mesmo falando.

— Roubou a voz de uma menina, lembra? Philippa Stainton.

— Philippa Stainton... Não é das nossas, é?

— PORRA! — grito, chutando o bong de Fiona, que se estilhaça. — Só... me fala onde é que está!

Ela ri.

— Onde está o gravador que te dei dez anos atrás?

— Cinco anos atrás.

— Bom, eu não sei. O que foi que você fez com ele, Baz?

— Eu te devolvi, Fiona!

Ela dá de ombros.

— E o que eu ia fazer com a voz de uma menina qualquer?

— Por que... — Eu encosto na parede e me inclino para a frente, com as mãos na barriga. Acho que vou passar mal. — Por que foi que você me deu o gravador?

— Você sabe por quê. Pra você usar em Simon.

— Eu nem sabia o que fazer com ele!

— Você sabia que estávamos em guerra!

Olho para ela.

— Ele tinha *quinze anos*, Fiona...

— E já estava sendo usado contra nós pelo Mago!

— Eu *também* tinha quinze anos!

— É, e tinha cinco quando mataram sua mãe! — Ela põe as mãos na

cintura, a língua na parte interna da bochecha e solta um monossílabo frio: — *Humpf*. Nem vem tentar fazer com que eu me sinta culpada... Estávamos em guerra.

— Eu não estava em guerra, estava na escola.

— Você queria ajuda.

— Eu queria te deixar feliz, queria ser um bom Pitch! O que quer que isso signifique...

— Você sabe o que significa, Basil. Sempre soube, desde pequeno. Sempre pude confiar que ia ficar de olho no Mago.

— Fiona... — Levo as mãos à cabeça. — Qualquer coisa que eu tenha dito aos dez anos foi um eco do que você mesma me disse. Eu não estava sendo um bom soldado, ou um bom espião. Só queria sua atenção!

Ela balança a cabeça.

— Não me sinto mal por ter dado o gravador a você. Quer que eu me sinta?

— Claro! — Eu me empertigo. — Roubei a voz de uma menina inocente! Ela perdeu a magia!

— Merdas acontecem, Baz!

— *Eu fiz a merda, Fiona!* A merda foi culpa minha!

— Bom, eu não me arrependo! — ela grita.

— Mas deveria! — grito de volta. — Eu era criança e você me usou!

— E funcionou, caralho! Foram crianças que derrubaram a porra do Mago!

— Foi *Simon* quem derrubou o Mago! Ou seja, não teria acontecido se eu tivesse roubado a voz dele...

Chuto uma pilha de roupas.

Não tem nada aqui. Nada para mim.

Saio do quarto de Fiona.

Nico continua sentado no sofá. E dá um pulo quando me vê chegando.

Acho graça. Como se eu desse a mínima para isso agora, como se eu fosse me preocupar com a doida da minha tia caçadora de vampiros pegando o doido de um vampiro. Não, muito obrigado. Já tenho problemas suficientes para resolver.

Não sou mais criança.

Fiona não pode me dizer o que significa ser um bom Pitch.

Acho que nem me importo.

As tatuagens sumiram.

Shepard estica os braços, e eu passo os dedos pela parte interna do antebraço. Sumiram mesmo.

— Penelope... Você conseguiu.

Eu consegui. Shepard não vai mais para o inferno... Pelo menos não por causa disso.

— Penelope! — Shepard parece estar fora de si. Ele me levanta e me gira. — Você conseguiu!

— Bom... — Eu me seguro em seus ombros. — Você ajudou.

— Você é completamente maluca! Invocou um demônio na sala de casa. É uma doida de carteirinha!

Franzo a testa para ele.

— Eu não diria *doida*... Eu tinha um plano.

— Um plano doido. — Ele me põe no chão, mas não me solta. — E se não funcionasse?

— Eu estava bem segura de que ia funcionar.

— É, mas poderia não ter funcionado.

Sacudo os ombros dele.

— Para de me questionar, Shepard! Deu certo, não deu?

— Você é a coisa mais perigosa que já vi na vida — ele diz, me beijando. — É um tornado de máxima intensidade. Nem está prevista na escala.

Deixo que ele me beije. Gosto de quando ele me beija.

— Quebramos a maldição... — murmuro.

— Você anulou o contrato — ele diz.

— Nunca teve validade.

Ele se afasta, sorrindo para mim.

— Devo ficar chateado porque você me tirou dessa convencendo um demônio de que não valho o esforço?

— Só apresentei os fatos.

Ele me beija com vontade, depois começa a rir, de pura alegria, imagino.

— Nunca vou conseguir te agradecer o bastante.

— Não me agradece ainda, Shepard.

— Por que não?

— Porque provavelmente vou ter que matar seu amigo Ken.

Depois que limpamos a porta do piso e arrastamos o sofá de volta, sei que preciso falar com Simon.

Tento mandar uma mensagem, mas o celular dele deve estar desligado. (A bateria só aguenta algumas horas, ele precisa comprar um aparelho novo.)

— Vamos, Shepard.

Ele está de pé no meio da sala, olhando para os próprios braços.

— Aonde?

— Falar com Simon.

— Achei que você não soubesse onde ele estava.

— *Pff*. É quase impossível se esconder de quem você ama.

Shepard calça os sapatos brancos e pretos sem nem desamarrar os cadarços. Quando vai pegar a jaqueta jeans, seguro sua mão. Ele olha para a jaqueta e ri. A sensação de que sou em grande parte responsável por isso é maravilhosa, e talvez nunca passe.

Tem uma foto minha com Simon na geladeira. Coloco a mão sobre ela e lanço winter-spring-summer-or-fall, um trecho da música “You’ve Got a Friend”. Minha pedra começa a me puxar da cozinha antes mesmo que eu diga o nome dele.

Pegamos um táxi, embora taxistas odeiem que eu vá dizendo o caminho na hora. Meia hora depois, estamos no bairro de Hackney Wick. Saímos diante de uma casa com terraço que foi dividida em apartamentos.

— Não vou entrar em nenhum outro táxi com você se não me mostrar antes que tem dinheiro pra pagar — Shepard diz, enquanto nos aproximamos. Tem duas campainhas na porta. — Sabe que apartamento é?

— Não.

É estranho pensar em Simon morando aqui, em sua própria casa. Sem mim.

— É você, Bunce? Está tudo bem? — Baz vem chegando pela calçada.

Está descabelado e parece que andou chorando, a julgar pelas olheiras e pelos olhos acinzentados.

— Tudo bem — digo. — O que aconteceu com você?

— Comigo? Nada. Estou ótimo. Simon não te deixou entrar?

— Ainda não apertei a campainha.

— Vem comigo, eu tenho a chave.

Aparentemente, eles fizeram as pazes. Subimos com Baz, que abre a porta e acende a luz.

— Simon? Está em casa?

Baz parece ainda pior na claridade.

— Você tem certeza de que está bem? — pergunto.

— Estou, Bunce. Snow deve chegar logo mais. Ele estava...

Ouçoo passos na escada. Viramos todos para a porta.

Simon entra, ainda pior que Baz. Como se tivesse perdido uma briga com uma tedioninha.

Baz corre até ele.

— Simon?

Simon fica olhando para mim.

— Penelope?

Corro até ele também.

— Simon, o que aconteceu?

Ele não responde. Só desaba nos meus braços.

Eu o seguro. Acho que está chorando. Baz fica do lado, arrasado e preocupado.

— Snow, o que aconteceu?

— Nada — Simon diz. — Não aconteceu nada. Só... sou um idiota.

Baz franze os lábios.

— Foi Smith? O que ele te disse?

— Quem é Smith? — pergunto.

— Nem queira saber... — Baz diz.

— O novo Escolhido — Simon diz, ao mesmo tempo.

— *Por Stevie Nicks e Grace Slick*. Perco vocês dois de vista por uma semana e olha o que acontece...

Tem pratos recém-comprados na bancada. Lavo algumas canecas enquanto Baz tenta fazer chá sem a chaleira. Ele não acerta o feitiço.

— Você não está bem coisa nenhuma — digo a ele. — E vai me contar o motivo, assim que tivermos resolvido o problema de Simon.

— Ou seja, nunca — Baz diz, esfregando os olhos.

Lanço eu mesma o feitiço:

— *Uma colher de chá!*

Levamos as canecas para Shepard e Simon. Os dois estão sentados no chão da sala vazia. Simon está encostado na parede, mexendo no cabelo.

— Aqui — Baz diz, oferecendo uma caneca. — Bebe.

— Então — digo, sentando ao lado de Simon. — Um cara chamado Smith está dizendo que é o Grande Mago...

— Smith não está só dizendo, Penny. Ele é mesmo. — Simon está sendo extremamente incisivo. — Faz um feitiço que ajuda as pessoas a atingir todo o seu potencial mágico.

— O que isso significa?

— É que nem quando a gente ganha um bônus no video game que potencializa nossas habilidades. — Baz senta do outro lado de Simon. — Tipo os cogumelos do Super Mario. Smith prometeu transformar minha madrasta na própria Baba Yaga.

— Bom — digo —, não pode ser verdade.

A madrasta de Baz não seria capaz de fazer um feitiço simples nem se a própria vida dependesse disso.

— Nós vimos com nossos próprios olhos — Simon insiste. — Funciona.

— É, mas...

Simon bufa com tanta vontade que quase derrama o chá.

— Por que é tão difícil aceitar isso? Quando eu surgi do nada, vocês acreditaram que eu era o Grande Mago!

— Você acabou convencendo a gente. — Baz leva a mão ao ombro de Simon. — Snow... o que aconteceu hoje, depois que fui embora?

Simon olha para a caneca.

— Fui tomar uma cerveja. Com Smith.

— Com Smith — Baz repete.

— E ele... ele se ofereceu pra restaurar minha magia.

Baz empurra o ombro de Simon, derramando chá por toda parte.

— *Quê?*

— Cobras me piquem — digo, esfregando os joelhos. — Isso é possível? Você ia querer, Simon? Talvez a coisa toda do Oco recomeçasse!

— Por isso que você disse não — Baz responde por ele. — Certo?

— Eu... — Simon encara Baz e depois a mim, então volta a baixar o rosto. Ele deixa a caneca pela metade de lado. — Não importa. Não funcionou.

Baz fica furioso. Acho até que seus caninos saltam.

— Então quer dizer que ele tentou?!

Fico furiosa também. Perco Simon de vista por *uma semana* e...

— Deixou que lançassem um feitiço experimental em você?!

— Não importa! — Simon quase grita. Seus olhos voltam a lacrimejar. — Não aconteceu nada! Não sou um mago! Smith não tem como restaurar minha magia, porque não tem nada a ser restaurado!

Ficamos todos quietos por um minuto. Olho para Baz, que olha para mim. Não sei bem o que estamos tentando dizer um ao outro. Talvez só: *Putá que o pariu.*

Volto a olhar para Simon e tento ser delicada:

— Como você sabe? Tentou lançar um feitiço?

— Tentei...

— Com a varinha de quem? — Baz pergunta.

— De Smith.

— De *Smith*. — Baz esfrega a testa. — Vou acabar com esse cara.

Simon balança a cabeça.

— Smith não fez nada de errado. O feitiço não me machucou, nem nada, Baz. Só confirmou o que eu sempre soube. Desde quando estava repleto de magia, acho. Sou normal. Não sou nada...

Na mesma hora, Simon vira o rosto bruscamente para Shepard, sentado ao meu lado em silêncio.

— Ai, meu Deus, desculpa, Shepard, eu não quis dizer... — Seus olhos se arregalam. Ele se estica. — Shepard... suas tatuagens!

Pela primeira vez na vida, Shepard parece não querer interferir. Só sorri e estica os braços.

— Pois é — murmura. — Sumiram.

— Mas e a maldição?

— Que maldição? — Baz pergunta.

— Shepard é amaldiçoado — Simon explica. — Fez um acordo com o diabo.

— Não foi exatamente um *acordo*... — Shepard diz.

— Por que ninguém me contou que trouxemos um normal amaldiçoado pra casa? — pergunta Baz, ofendido.

— Eu não podia contar por ele — Simon responde. — Não conto a ninguém sobre a *sua* maldição...

— Todo mundo já sabe sobre a minha maldição — Baz diz.

— Não estou mais amaldiçoado. — Shepard leva a mão ao meu ombro. — Penelope deu um jeito.

Simon e Baz viram para mim.

— Você deu um jeito... — Baz diz, desconfiado.

— Como? — Simon pergunta.

— Depois eu explico. Não é tão...

Shepard me interrompe, se inclinando para a frente.

— Ela invocou o demônio e o botou contra a parede até que largasse do meu pé!

— *Quê?* — Baz pergunta, no mesmo tom de voz que vem usando com Simon nos últimos dez minutos.

— Vocês tinham que ter visto — Shepard diz. — Foi muito doido!

— Não foi muito doido — corrijo. — Eu tinha um plano.

— Você tinha um palpite — Shepard diz. — Mas estava certo! Ela deu uma de Matlock pra cima do demônio. Foi tipo ver alguém jogar

xadrez com a Morte.

— Quem é Matlock? — Simon pergunta.

Baz continua chocado.

— Você invocou *um demônio*?

— Executei um plano baseado numa pesquisa — digo.

— Ela *invocou um demônio*! — Shepard fala com tanto orgulho que está me deixando sem graça. — Na *sala de estar*! Sem nem pestanejar!

Simon se inclina para mim, batendo o ombro no meu.

— É a cara da Penny.

— Então não tem mais maldição... — Baz disse.

— Só a sua, lindo — Simon diz.

Baz balança a cabeça.

— A gente só te deixou sozinha por *uma semana*, Bunce...

Simon sorri para Shepard.

— Isso é motivo de comemoração! Temos que comemorar!

Todos franzimos a testa para ele.

— Não temos que comemorar — digo. — Temos que entender a fundo o que foi esse feitiço que lançaram em você.

— Não temos que entender nada a fundo — Simon diz, enfático. — O único *fundo* é o do poço em que me encontro. Smith lançou um feitiço em mim e não funcionou. Fim da história. Não sou um mago.

— Snow... — Baz o repreende.

— É sério, podemos dar atenção para outra pessoa, pra variar? — Simon olha para Shepard. — Shep! Você não vai mais pro inferno! E não precisa mais usar jaqueta em pleno verão. Estou morrendo de inveja!

Shepard sorri para Simon. Baz e eu voltamos a nos entreolhar. Acho que estamos de acordo quanto a não deixar Simon mudar de assunto assim... (Deveríamos combinar uns sinais, sei lá.)

— Talvez Snow esteja certo... — Baz diz, com cautela.

Balanço a cabeça.

Baz continua:

— Se você realmente levou a melhor em cima de um demônio, Bunce, é um feito histórico. — Ele curva o canto dos lábios. De maneira quase afetuosa.

Reviro os olhos.

— Não foi tão impressionante assim.

— Para com isso — Simon diz. — Um dia vão dar aula sobre você em Watford.

— À Penelope — Shepard brinda, erguendo a caneca. — Minha heroína.

Simon ergue a caneca também.

— A minha também!

— Uma feiticeira impetuosa — Baz se junta ao brinde —, não tenho vergonha de dizer.

Minhas bochechas queimam. Meus olhos ardem. Não é o momento para isso.

— Não foi nada de mais. Nem tive que usar minha pedra.

Comemoramos pedindo uma pizza e ouvindo Penelope e Shepard discutirem sobre os detalhes de como ela conseguiu livrá-lo do que aparentemente era um noivado tenebroso.

Não fico surpreso que Bunce tenha conseguido superar um demônio tendo apenas um normal de apoio. Ainda assim, ela devia ter pedido nossa ajuda. Com certeza precisamos da dela. Manter Snow longe de encrenca é um trabalho para duas pessoas. Não consigo fazer isso sozinho — olha só o que aconteceu hoje.

Mas o que foi que aconteceu exatamente?

Simon não parece... fisicamente ferido. Mas já estava emocionalmente comprometido, e a última coisa de que precisava era de um novo Escolhido que o deixasse mais para baixo ainda.

Que conquista teria sido para Smith-Richards se houvesse conseguido ajudar o antigo menino de ouro e desfilado com ele diante de todo o Mundo dos Magos! Seria um belo endosso.

Ninguém vai saber que Smith-Richards fracassou. Só Simon, que ainda culpa a si mesmo.

Ainda bem que Bunce escolheu bem agora para voltar. Snow a absorve como se ela fosse a luz do sol. Os dois vão precisar de duas semanas para compensar a semana que passaram separados. Depois de cerca de uma hora, me retiro da feliz reunião para ir caçar. Simon tenta ir junto, mas não quero afastá-lo de Penelope.

— Fica. Eu já volto.

Não tenho que ir muito longe. Snow mora perto de um canal, então tem um monte de ratos disponíveis. Talvez consiga até pegar uma

lontra. Decido aproveitar para encher minhas reservas. Às vezes, quando chupo sangue até quase explodir, consigo passar um dia inteiro sem caçar e posso fingir que ainda sou humano.

O feitiço de Smith-Richards ter dado errado não significa nada... Ainda nem sabemos o que o feitiço faz, nem como funciona. Não é prova conclusiva de que Simon nunca foi um mago...

Por mais que ele fosse gostar disso, imagino. Ajudaria Simon a se acomodar na nova vida de normal que está tentando construir para si. Ele quer que eu banque o normal também. Já parei de me oferecer para lançar feitiços em casa.

Bunce ainda não entrou na onda. Pegou a pedra a cada cinco minutos desde que chegou. Tentou lançar um feitiço no entregador de pizza, mas fiz questão de pagar. (“Graças a Deus”, Shepard disse. “Ela deu uma de Butch Cassidy a semana inteira.”)

Quando volto ao apartamento de Snow — depois de sete ratos e um texugo —, Bunce já lançou um feitiço para deixar o chão macio e conjurou sacos de dormir.

— Penny e Shepard vão dormir aqui — Simon diz.

Shepard já está encolhido num canto, dormindo o sono dos recém-desamaldiçoados.

— Acho que vou pra cama — digo. — Estou acabado.

— Ah, então agora você passa a noite... — Penelope brinca.

Ergo a sobranceira.

— Ah, então agora você confraterniza com normais...

— Eu...

— Não somos cegos, Bunce.

Ela ficou vermelha a noite toda por causa de Shepard, que claramente estava interessado nela desde o Colorado.

Simon sorri.

— Espera aí, é sério? — ele sussurra. — Você e Shepard?

Bom, aparentemente, só eu não sou cego. Deixo os dois conversando. Tomo um banho rápido, depois arrumo a cama com os lençóis novos. Simon não está aqui para se sentir oprimido pela magia, por isso lanço um feitiço para um lava-e-seca rápido. Preciso de três tentativas. Minhas mãos estão trêmulas e não consigo lançar

feitiços com convicção. Talvez seja bom que Simon não queira que eu use magia em seu apartamento. Estou nervoso demais para isso.

Deito na cama e me cubro com o lençol.

Estou com frio e cheio demais. Parece que tem um carro estacionado sobre meu peito.

Desde que deixamos os Estados Unidos, tenho pensado nas culpas que eu carrego...

Não me sinto mal por ter matado os vampiros que levaram Agatha. (Eram um bando de desgraçados e já foram tarde.)

Mas e quanto aos vampiros da feira renascentista? Achei que fossem assassinos — mas, na época, achava que todos os vampiros fossem.

Eles iam mesmo chupar todo o sangue daquelas mulheres? Ou iam só dar uma provada, como Lamb fez com aquele homem no beco? E tudo bem se fosse só uma provada?

E se fosse só um grupo de amigos sem sangue curtindo o dia com as namoradas cheias de sangue, dando uma provadinha consensual num local reservado...

Não, acho que não. Elas gritaram.

A questão é: matamos aqueles vampiros sem nem avaliar a situação. Sem nem hesitar. (Como minha mãe não hesitou.) (Vampiros já estão mortos. São a própria morte.)

Simon não se sente culpado: já matou coisas demais para carregar cada alma nas costas. Penelope não se sente culpada: ela arrasaria Las Vegas inteira se tivesse oportunidade. Não sei como me sinto... não sei pelo que sou *responsável*, em se tratando dos Estados Unidos.

Mas sei que roubei a voz de Philippa Stainton.

Ela era só uma menina, uma menina inocente. E, sim, eu era só um menino, mas muito menos inocente. Sabia que tinha algo perigoso em meu poder naquele dia.

Roubei a voz dela.

Roubei a magia dela.

Roubei sua vida como feiticeira. A responsabilidade é minha.

E não tenho como consertar isso. Não consigo... não consigo deixar para lá. Não sei como suportar. E só faz algumas horas. (Para mim. Para ela faz anos.) Como vou viver com essa sensação?

Simon vem para o quarto mais ou menos uma hora depois, com passos leves. Acha que estou dormindo. Tira o moletom de Watford e o joga no chão. Não está usando nada por baixo. Gira os ombros e suas asas se soltam devagar, de um tom de roxo quase preto no escuro. Ele as abre bem, arqueando as costas, erguendo o queixo para alongar o pescoço. Está...

— Vem pra cama — sussurro.

Ele olha para mim, apertando os olhos.

— Achei que já tivesse pegado no sono.

— Ainda não. Vem pra cama.

— Não tomei banho.

— Não tem problema. A cama é sua.

Ele desabotoa o jeans, ainda estreitando os olhos para mim. Não enxerga tão bem quanto eu no escuro.

— Tem certeza?

Ergo o lençol para ele.

Simon tira o jeans, depois entra ao meu lado na cama. Eu o cubro e ele se aproxima, acomodando as asas para trás. Está quente e cheira a pub. A sidra, peixe e pizza.

Passo o braço por sua cintura.

— Fez as pazes com Bunce? Ela já se mudou pra cá?

Ele dá de ombros, ainda se ajeitando, e se aproxima.

— Pedi desculpa, como você mandou.

— E?

— E ela disse que nossa amizade não depende de magia.

— Menina esperta.

Simon coloca o joelho sobre minha coxa.

— Ela disse que só tem dois amigos e meio, e que não pode se dar ao luxo de perder nenhum.

— Quem é o meio, eu ou Agatha?

— Os dois são três quartos.

— Porra.

Simon toca meu queixo.

— Você está cheiroso.

— É o sabonete — digo.

— Aonde foi hoje à noite?

— Caçar.

— Não, antes.

Estremeço um pouco. Ele chega mais perto. Ficamos nariz com nariz, e ele nos cobre com a asa.

— Quer um cobertor? — ele pergunta.

— Não precisa — digo. — Só fica perto de mim.

— Aonde você foi, Baz?

— Lembrei que deixei algo na casa da minha tia...

— O quê?

Balanço a cabeça.

— Podemos conversar amanhã? Estou cansado.

— Tá. — Ele tira o cabelo do meu rosto. — Achei que estivesse dormindo.

Subo a mão por suas costas, entre as asas. Ele está tão quentinho. Cheira a sangue, mas estou tão cheio que não me incomoda.

— Você sentiu alguma coisa quando ele lançou o feitiço?

Não quero nem tocar no nome de Smith-Richards agora.

Simon dá de ombros.

— Senti a magia dele. Como a gente sente quando é alvo de um feitiço.

— E qual foi a sensação da magia dele?

Ele se aninha em mim, esfregando o peito na minha camiseta.

— Estou cansado de magia — ele diz.

— Doeu?

— Não. Eu me senti... cheio.

— Cheio?

— Tipo uma bolha estourando.

Abraço Simon com mais força.

— Estou muito bravo com você por ter deixado que ele lançasse aquele feitiço.

— Você não parece bravo.

— Você nem está me vendo.

— Está tão cheiroso — ele repete.

— É o sabonete. Que feitiço você tentou lançar? De teste?

Simon enfia os dedos no meu cabelo.

— Tentei alguns. Foi muita humilhação.

— Quais?

— Acabei de dizer que foi muita humilhação...

— Tá bom. — Suspiro. Estou cansado. Ele também. Podemos conversar sobre isso amanhã. Fico feliz em ter amanhã. Fico feliz em estar aqui esta noite. É só que... — É só que... Simon, como você *sabe* que o feitiço dele não funcionou?

Simon fecha os dedos no meu cabelo.

— Eu senti. Senti que não tinha funcionado.

A sede de Smith estava silenciosa. Todo mundo estava fora, comemorando o grande anúncio. Ele me levou até sua sala e nos sentamos em duas cadeiras dobráveis, frente a frente.

— O que você vai fazer primeiro? — ele perguntou. — Quando recuperar sua magia?

A blusa e os olhos de Smith eram da mesma cor, e ele usava um lenço amarrado no pescoço, como se tivesse passado o dia num veleiro. Talvez tivesse mesmo.

— Não sei — eu disse. — Nem tenho mais varinha.

— Tenho uma sobrando, pode ficar.

— Você tem uma varinha sobrando?

— Herdei a do meu avô e as dos meus pais. Uso a da minha mãe.

Com um movimento do punho, a varinha desceu da manga para a mão dele. Baz às vezes guarda assim também: em um coldre preso no antebraço. Fica muito sexy quando ele tira a camisa.

— Você está nervoso? — Smith perguntou.

— Estou. Acho que não quero te decepcionar.

Ele riu.

— Você não vai me decepcionar, Simon. A ideia é ajudar você. Está pronto?

— Estou. — Na medida do possível. — Vamos lá, Smith.

Ele se endireitou na cadeira. Estendeu a mão esquerda para mim, e eu a segurei. (Não estou acostumado a tocar alguém tão quente quanto eu mesmo. Ele estava quase febril.) Então apontou a varinha para o meu peito.

Mesmo naquele momento, eu dizia a mim mesmo para não ficar esperançoso, porque o feitiço não ia funcionar. Mas eu tinha visto Smith curar outras pessoas. Era impossível não pensar que talvez funcionasse...

— Simon Snow — Smith disse, com sua voz de palco, como se seu público não se restringisse a mim. — Você deu tanto ao Mundo dos Magos. Demais até. É hora de voltar para a luz. *Bota tudo pra fora!*

Senti na hora. A magia de Smith atingiu meu âmagô e começou a se espalhar. Foi como uma bolha crescendo dentro de mim, me preenchendo, pressionando minha pele e em seguida estourando.

Ele sorria.

— Como se sente?

— Não sei...

— Aqui. — Smith me passou sua varinha. — Faz um feitiço. Começa com algo simples.

— Hum...

Havia algo simples para mim? Eu tinha algum feitiço de estimação? Soltei a mão dele e passei a varinha para a mão certa. A varinha de Smith era de madeira clara, com uma pedra incrustada na ponta, como um taco de sinuca.

Empunhei a varinha. Smith riu e apontou minha mão para a sala, desviando de sua direção.

— *Luz do dia!* — lancei. Era um feitiço que em geral eu conseguia lançar, um dos primeiros que ensinam às crianças. Nada aconteceu. Tentei outro simples. — *Saiu faísca!* — Nada.

— Vamos tentar... — Smith se levantou e foi até sua mesa. Destrancou uma gaveta e tirou uma varinha, feita de vidro verde-leitoso. — Com esta.

Troquei de varinha com ele. A nova era pesada.

— Eu nunca tinha visto uma varinha de vidro.

— Era do meu pai. Respira fundo, Simon. Lembra que intenção é importante. E convicção.

Apontei a varinha de vidro para longe de nós. Tentei acreditar nela. Em mim. Em Smith. Imaginei a ponta da varinha se acendendo como uma vela.

— *Luz do dia!*

Nada.

Respirei fundo. Segurei a varinha com mais firmeza. Visualizei Baz na aula de palavras mágicas, com o queixo erguido e os ombros

abertos. Visualizei cada consoante que pronunciava.

— *Queime fogo, borbulhe caldeirão!*

Nada de novo.

Certo, pensei. Então é isso. Fim da história.

Smith esfregava o queixo.

— Vamos tentar...

— Não — eu disse, virando a varinha para lhe oferecer o cabo. —

Não vai rolar.

— Talvez você só precise recuperar sua confiança.

— Não. — *Não, não, não.* Deixei a varinha na mesa dele e passei os dedos pelo cabelo. — Não funcionou, Smith. Não sinto nada.

— Nada?

— Nem uma faísca.

Smith franzia a testa. Pensando.

— Qual era a sensação da sua magia?

— De um incêndio florestal — digo, na mesma hora. — Olha, desculpa...

— Vamos tentar de novo, Simon.

— Smith, não...

Ele apontou a varinha para mim.

— *Bota tudo pra fora!*

Nem senti a bolha estourando da segunda vez. Acho que Smith sentiu que o feitiço falhou do lado dele também. Olhou para baixo, para a varinha de vidro, depois soltou o braço.

— Simon... Sinto muito.

— Tudo bem, Smith. — Ia ficar tudo bem. Ia mesmo. Tentei sorrir para ele, para que não se sentisse tão mal. — Talvez isso até possa ser útil. Agora você sabe o que acontece quando lança o feitiço num normal.

Smith ficou arrasado. Talvez estivesse em choque.

— Eu achava mesmo que você era um feiticeiro, Simon...

— Você não foi o único.

— Você se deu *asas*...

— É melhor eu ir.

Fui em direção à porta.

— Espera... — Ele me segurou. — Vamos conversar.

Suspirei.

— Sem querer ofender, Smith, mas você não precisa me reconfortar. Faz mais de um ano que venho vivendo assim. Na verdade, tenho que te agradecer. Isso confirma minhas suspeitas. Nunca fui um mago. Não preciso ser curado.

Nunca fui um mago. Nunca fui mágico.

Eu era um menino qualquer escolhido pelo Mago porque não tinha família que pudesse fazer objeção. Acho que devo ter sido parte de um experimento — como uma das espadas que o Mago tentava encantar. Ele me usou. *Mentiu para mim.*

Nunca fui o Grande Mago. Nunca pertenci a Watford. Foi tudo acaso. Pior que isso — foi uma fraude.

— Simon!

Àquela altura, eu já tinha saído da sala de Smith. Estava deixando a sede, descendo os degraus para a calçada. Smith estava de pé à porta, sob a placa LAR DOS DESAMPARADOS. A iluminação era forte o bastante para que eu distinguísse seus olhos azuis brilhantes.

— Você vai amanhã? — ele perguntou. — À reunião em Watford?

Ai, meu Deus, não... Não.

— Vou tentar — falei.

— Seria ótimo ver você, Simon. Ter você lá.

Assenti. Então corri para longe dele. Corri até em casa.

Baz acaricia o trecho de pele humana entre minhas asas. Tenho alguns ossos a mais ali. Mesmo depois que Niamh fizer a remoção, vão ficar dois calombos, como soquetes vazios. Talvez haja dano neurológico — o dr. Wellbelove espera que seja possível consertar com magia.

Meu quarto fica no breu à noite. Mal consigo distinguir o rosto de Baz, ainda que esteja bem à minha frente. Ainda que nossos peitos estejam colados. Minha coxa descansa na dele, e ele enfiou o joelho entre minhas pernas.

Acaricio seu cabelo. Ainda está úmido. O cheiro é muito bom, e não é só do sabonete — é dele. O cheiro de Baz é frio e limpo. Como água

corrente. Como madeira molhada. Ele não cheira a nada vivo, tampouco a algo morto. Nunca vou me cansar. Meus pulmões não conseguem segurar — eles me traem sempre que solto ar.

Baz coça entre minhas asas, como se coçasse um cachorro entre as orelhas. Um arrepio dispara pelo meu corpo. Tento me aproximar. Nossos queixos batem.

— Cansei do Smith-Richards — digo.

— Ótimo — Baz diz, com a voz suave.

— O que vou dizer a Lady Ruth?

— Amanhã a gente conversa.

Assinto. Amanhã me preocupo com isso. Com tudo: Smith, Jamie, eu, o que Baz não está me contando.

A cama está gostosa. A sensação é de limpeza.

— Gostei dos lençóis.

— Eu também. — Baz arranha minhas costas. — Bom trabalho, Snow.

— Gosto de ter você aqui — digo. Bem baixo.

Ouçó sua respiração.

— Eu poderia estar sempre aqui — Baz diz. Muito, muito baixo.

Assinto de novo. Nossos narizes batem. Baz consegue enfiar a mão esquerda embaixo do meu pescoço e me segura. Quero beijá-lo, mas não quero ir rápido demais. Acho que é um momento especial, e não quero destruir o que quer que esteja sendo construído. Aqui no escuro.

— Baz...

— Hum?

— É isso que as pessoas fazem?

— Do que está falando, Snow?

— Não tenho certeza...

Sinto sua pegada mais firme na minha nuca. Seus dedos estão frios. Meus dedos também, em seu cabelo molhado. Levo a outra mão ao pescoço dele; está fresco. Nenhum ponto dele é quente. Se eu enfiar a língua em sua boca, também vai estar frio lá dentro. Se eu quiser que Baz fique quente, tenho que esquentá-lo.

E vou esquentar.

Eu o beijo, e ele geme.

Beijo sua boca aberta. Fresca, fresca.

— Hum... — ele faz.

Ainda consigo vê-lo, mesmo quando não consigo, mesmo com meus olhos fechados. Conheço seu rosto bem demais.

É isso que as pessoas fazem? Chegam o mais perto possível e depois tentam chegar ainda mais? Têm o rosto da outra gravado nas pálpebras? Deixam que a outra ocupe cada espacinho? E depois? Depois só amanhã, e mais?

Quero algo.

Não sei o quê.

Não sei o que eu deveria ter.

— Snow...

A voz de Baz sai suave.

Eu o beijo. Eu o beijo.

— Simon... por ora só me beija.

— Tá bom. Estou beijando.

Eu o beijo.

— Me beija só pelo beijo.

Eu o beijo.

— Baz...

— Hum?

— Quero que meus lençóis cheirem a você.

— A gente está cheirando igual, Snow. Usei seu sabonete.

Entre beijos, digo:

— Você cheira como uma caverna.

— Que romântico.

— Cheira como uma cachoeira escondida.

— Melhor assim.

— Não consigo ter o bastante de você.

Eu o beijo.

— Só me beija. Por favor...

Eu o beijo. Pressiono o peito no seu. Enfio os dedos em seu cabelo...

— Não — ele sussurra.

Afasto a boca.

— Não?

Baz passa o nariz na minha bochecha. Mal dá para ouvir sua voz.

— Seja delicado comigo... mesmo que não precise.

— Eu... — Minha mão relaxa no cabelo dele. — Delicado?

— Por favor, Snow.

Deixo algum espaço entre nós.

— Não fica pedindo por favor, Baz.

— Por que não?

— Porque não tem necessidade. Não precisa pedir, eu te dou o que você quiser. — Passo o dedão em seu pomo de adão. Devagar, levo a outra mão ao cabelo dele. — Eu estava te machucando?

— Não...

— Você só quer que eu seja delicado?

Ele faz que sim.

— O tempo todo?

— Agora.

Assinto. E o beijo. Com delicadeza. Com muita delicadeza. Só pelo beijo. Ele cheira tão bem. Como água corrente. Como algo subterrâneo. (Encontrei uma cachoeira escondida uma vez. Tinha uma chave lá. Eu a peguei.)

Baz continua segurando minha nuca. Pressiona a outra mão entre minhas asas e arrasta a ponta dos dedos coluna abaixo. Eu o beijo. Eu o beijo. Como se bebesse água de um riacho. É isso que as pessoas fazem? Delicado. Muito delicado.

Baz me segura firme. Ele ondula o corpo contra o meu, se move como uma serpente.

— Só me beija — diz, entre os beijos. — Hum... — solta, entre um fôlego e outro.

É isso que as pessoas fazem? À noite? No escuro?

Nunca fui mágico.

Subo mais o joelho em seu quadril. Ele desce a palma da mão pelas minhas costas de novo. Meu rabo envolve seu antebraço. Sou delicado. Ele não é. Eu sou.

— Me beija — Baz diz.

Eu o beijo.

— Por favor — ele diz.

— Baz, não...

— Por favor...

— Tá.

Eu o beijo.

Ele não precisa implorar. Ele nunca precisa implorar. Vou dar o que ele quiser. Será que não consegue ver isso aqui no escuro? Que vou dar o que ele quiser? Passo a mão com delicadeza em seu couro cabeludo, em sua garganta. Eu não poderia machucá-lo nem se tentasse. E não vou tentar.

— Baz. — Eu o beijo. — Você pode ter o que quiser.

— Quero estar sempre aqui.

— Eu também quero. Te amo.

Ele continua se movendo em ondas contra mim. Ergo mais o joelho. Ele está de pijama. Eu estou de cueca. Estamos ambos com o pau duro. Estou sendo delicado, e ele não. Nunca fui mágico. Ele já foi humano. Meus dedos se fecham no cabelo dele...

— *Simon* — Baz diz, e não é bom sinal.

Meus dedos relaxam.

— Simon... — ele diz. Assim é melhor.

Minhas asas se abrem por vontade própria.

Baz. Como uma onda, contra mim. Como uma serpente se movendo na areia. (O Oco mandou uma cobra com três cabeças uma vez. Cortei todas.) Seguro o rosto de Baz com as duas mãos. Como se ele fosse feito de vidro. Como se fosse quebrar. Mas não vai. Eu o beijo. Ele está fresco. Eu o beijo como se fosse água fria e eu o bebesse.

Ele segura a base do meu rabo. E meu pescoço. E se esfrega em mim, sem parar, sem parar, sem parar.

— Baz...

— Por favor, Simon.

— Você não precisa...

É isso, é isso, é isso que as pessoas fazem?

É isso que ele quer? É isso que posso ter?

Ele se esfrega em mim, e preciso que isso aconteça de novo algum dia, na claridade. Não sei como o rosto de Baz fica quando ele está assim, descontrolado. De qualquer modo, não consigo manter os olhos

abertos quando estou gozando.

Será que... é isso... isso que.....

É isso que é *magia*?

É isso o bastante?

Simon respira com dificuldade.

Em algum momento, para de me beijar, mas sua cabeça continua descansando no meu rosto.

Ele está bem? Foi tudo bem? Estamos bem?

Não posso perguntar, porque não quero dizer nada de errado. Por isso me mantenho imóvel e tento ler sua respiração pesada, seu peso. Ainda estou apertando forte o rabo dele, mas relaxo os dedos, um a um. Toda a extensão do rabo escorrega pelo meu braço, se desenrolando e caindo na cama.

Será que Simon está bem?

Bom, é claro que não. Isso nunca. A pergunta certa é: ele não está bem em que nível neste momento? E o que preciso fazer para lidar com isso?

Ele está com medo? Constrangido? Se sente sobrecarregado? Queria que isso acontecesse? Nunca estive com um cara, talvez nem tenha gostado. Talvez não tenha sido como esperava. Faz mais lambança do que com uma garota. (Não faz?) (Não entendo nada de garotas.) (Não entendo nada de garotos.) (Mas entendo muito de bater uma escondido enquanto meu colega de quarto está lutando contra o crime mágico, depois torcer para que ele não se pergunte por que tomo banho no meio da tarde.)

Simon continua segurando minhas bochechas e meu maxilar. Seus dedos recuperaram um pouco a vida. Estão mais tensos. Quase consigo ouvir as engrenagens girando em sua cabeça. (Nunca é um bom sinal. O cérebro dele é como um motor que vive superaquecendo.)

Em um minuto, talvez menos, talvez um segundo, o clima vai mudar. Estamos no meio de um campo minado, sem nenhum caminho seguro a seguir. Minha mão continua em sua nuca. Só quero conseguir sair dessa. Mostrar a ele que podemos continuar superando todo tipo de acidente juntos. (Então foi isso? Um acidente? Vou ter que descartar isso como um acidente? Eu morreria por dentro.) (Morreria um pouco mais.) *Será que Simon está bem?* Sinto seus dedos vivos no meu rosto, acariciando minhas bochechas delicadamente. Ele ergue um pouco a cabeça.

— Baz? — ele solta com a respiração.

Continuo com a mão em sua nuca. Penso em campos minados. Penso em touros mecânicos. Isso existe mesmo? Não vimos nenhum nos Estados Unidos. Aperto a nuca dele. Vou dar um jeito nisso, vamos...

— Baz? Você está bem?

Eu...

Faço que sim.

— Você continua frio — ele diz, e me cobre e envolve com uma asa.

— Estou bem. Você... você está bem?

Ele acaricia minha bochecha. Esfrega o dedão no meu lábio inferior.

— Se você estiver...

Aperto a nuca dele.

— Não é assim que funciona, Snow.

— Não?

Será que é?

Ele ainda não mexeu a perna. Nem eu. Estamos encaixados, pegajosos. Passo o braço por sua cintura, com cuidado, e espalmo a mão em suas costas. Percebo que estava mordendo o lábio.

— Eu estou bem.

Simon me beija. Continua todo delicado. Talvez eu deva dizer a ele que já pode parar. (Talvez eu nunca diga.)

— Você está tão quieto — ele diz.

— Porque você está me beijando.

— Você está *esquisito*.

— Você não... — Balanço a cabeça. Nossos lábios se roçam.

Estremeço. Ele aperta a asa contra mim. — Você não está surtando.

— Você quer que eu surte? — Simon pergunta. — Acho que ainda dá tempo.

— Não... eu...

Simon leva a mão à minha nuca e ao mesmo tempo me abraça. Está me espelhando. Fazendo carinho. Sussurra:

— Não sei no que você está pensando. Não sei se devo estar constrangido, arrependido ou...

— Ou o quê?

Sua boca está perto da minha.

— Feliz?

Fecho os olhos e solto o ar.

— É uma opção?

— Baz... a gente meio que transou. E eu não chorei nem quebrei nada.

Dou risada. Parece uma risada úmida.

— Lindo... — ele diz. Isso é novidade. É extraordinariamente idiota.
— *Você está surtando?*

Eu o aperto com um pouco mais de força em todos os lugares que consigo. Ele me imita.

— Eu nunca tinha feito isso — digo contra o queixo dele.

— Eu sei.

— Acho que devo ter feito errado.

— Não tem jeito errado de...

— Sei que isso não é verdade, Snow.

Seu nariz roça na minha bochecha.

— Aconteceu alguma coisa que você não queria que acontecesse?

— Não.

— Você se sentiu bem?

— Claro.

— Eu também. Ei... — Ele tenta encontrar meus olhos no escuro. Suas pupilas estão enormes. — Eu também.

Engulo em seco.

— É?

— É... — Ele beija. — Me senti muito bem, Baz.

Ouço o que ele diz. E sinto o que ele diz. Também sinto algo revirando no meu estômago.

— Estou todo sujo — digo. — É melhor...

— É melhor ficar aqui comigo. Não é como se você fosse pegar uma infecção no trato urinário...

— Oi?

— Você precisa levantar?

Não preciso. Só...

— Não.

Seu braço fica mais confortável na minha cintura.

— Então fica.

— Tá.

Simon beija minha boca. Depois meu queixo. E meu nariz. Tem certa leveza nele, e não estou acostumado com isso. Não esperava.

— Snow...

— Meu instinto é dizer que você tem que me chamar de “Simon” quando estamos os dois sujos de porra, mas acho que nem ligo mais.

Subo os dedos até seu cabelo, querendo encontrar o que puxar.

— Snow... por que você não está surtando?

Ele suspira.

— Sinceramente?

Volto a puxar o cabelo dele.

— Porque você me disse o que queria, Baz. Gostei de sentir que estava fazendo algo por você.

— E não estava fazendo por você?

— Estava, claro, mas meio que de pano de fundo. O principal era que estava fazendo algo por você. Tinha uma missão.

— Uma missão...

— Você está fazendo parecer algo ruim. Não foi ruim. Foi bom, bom como nunca. — Ele me beija. — Não torna isso ruim.

É isso que estou fazendo? Tornando ruim?

Estou deitado na cama com Simon Snow. Não — estou deitado na cama com Simon. Com Snow. Ele está me abraçando. Me beijando. Disse que me ama. Está experimentando formas carinhosas de me chamar. É tudo o que eu sempre quis. Como posso tornar isso ruim?

Aninho a cabeça entre seu pescoço e seu ombro e permito que meus braços o envolvam.

— Simon...

Ele retribui o abraço. Faz tudo o que sugiro.

— Foi muito bom — sussurro. Parece uma concessão, ainda que eu pretendesse fazer um elogio.

Simon dá uma risadinha, o bastante para movimentar seu peito.

— É — ele diz, concordando comigo. — E da próxima vez vai ser ainda melhor.

— Da próxima vez você pode fazer por si mesmo.

— De jeito nenhum — Simon diz. — Finalmente descobrimos um jeito. A partir de agora, é você quem manda.

— Eu não diria que descobrimos um jeito. Nem tiramos a roupa.

Com isso, Simon se afasta de mim e me vira de costas, então senta em minhas coxas e começa a tirar minha camiseta. Ele está rindo, então rio também.

— Uma missão... — digo.

Suas asas se abrem sobre nós. O peito de Simon é mais largo do que o meu, e mais macio. É todo musculoso — antes, era de tanto empunhar a espada, e imagino que agora seja por causa das asas. Seus pelos são tão escassos que chegam a ser inesperados.

Ele tira minha camisa, depois pega minhas mãos e as segura para cima.

— Dá próxima vez que formos à Ikea — Simon diz —, vamos comprar um abajur. Mal consigo te ver.

— Posso usar minha varinha...

— Você é louco pra mostrar sua varinha...

Minha risada é sincera. Ele ri também, o que faz suas asas baterem de leve.

— Te amo — digo. É melhor dizer logo, já que estou pensando nisso. Já que só penso nisso. Sou uma arma de “eu te amo” com a trava de segurança desativada e um dedo o tempo todo no gatilho.

Simon solta minhas mãos e deita em cima de mim, com a cabeça num ombro, a mão no outro, os dedos traçando círculos suaves na minha pele.

— Te amo — ele diz. — É gostoso.

Acordo com alguém batendo na porta do quarto.

— Baz? Você está aí?

É Penelope. Ela está meio sussurrando, meio gritando.

— Estou. — Minha voz sai rouca. Tento de novo. — Estou, sim.

— Sua tia está aqui.

— *Quê?*

A porta se entreabre.

— Fiona — Penelope sibila.

Fiona. O que ela está fazendo aqui?

Passo por cima de Simon, dando uma joelhada na asa. Ele geme, esfregando o rosto. O quarto está escuro, ainda que sejam — dou uma olhada no celular — dez da manhã. Caralho. Cadê minha camisa? Cadê minha *varinha*? Aqui. Aponto para mim mesmo.

— *Limpo como meu nome!*

(Afe. Odeio esse feitiço. Como se meu nome fosse limpíssimo...) Cadê minha camisa?

— Basil! — alguém grita. Definitivamente minha tia.

— Puta merda, Fiona — murmuro.

— Fiona? — Simon diz, ainda dormindo.

— Já volto — digo, pegando um moletom dele do chão.

Vou até a sala, onde Shepard parece estar comendo uns doze sanduíches. Bunce está à porta do apartamento, franzindo a testa para minha tia, que mal entrou. Fiona acena para mim.

— Bom dia, sobrinho. Vou te levar para tomar um chá.

— Como foi que me encontrou aqui?

— Eu te encontrei quando você estava enterrado debaixo de uma ponte em um antro de nulidades. Achou que poderia se esconder de mim neste bairro? Vamos. — Ela está séria. — Te trago de volta logo mais.

— Tá — digo, olhando para Bunce e assentindo como quem diz: *Não tem problema, vou ficar bem.*

Assim que a porta se fecha, Fiona abre um sorriso desdenhoso.

— Você está morando em um cortiço, é?

— A gente vai mesmo tomar chá ou você só vai me usar para um crime? Não posso ser seu motorista de fuga se você só me deixa sentar no banco de trás do carro.

— Vamos mesmo tomar chá. Tem um café do outro lado da rua.

Tem mesmo. Deixo Fiona me pagar um chá e um pedaço de bolo de banana. Pegamos uma mesa e ela lança um feitiço para que ninguém possa nos ouvir. Eu ainda não disse nada.

— Sei que você quer que eu peça desculpa — ela diz, prendendo o cabelo atrás da orelha —, mas não acho que eu seja capaz.

Jura? Nem sei o que estou fazendo aqui...

Fiona segura o copo de papel com as duas mãos e franze a testa para ele. O cabelo cai nos olhos. É da mesma cor que o meu, quase preto, com uma faixa branca na têmpora — não sei se é natural ou se ela tingiu com magia só porque fica legal. Em geral, usa muito delineador e batom vermelho bem forte, mas hoje não. Sem isso, parece cansada. E menos segura de si.

— Quando sua mãe morreu... — Fiona balança a cabeça, depois olha para mim, com os olhos brilhando. — Sua mãe era a melhor de nós, sempre foi. Era claramente a preferida do meu pai. — Ela solta uma risadinha pelo nariz. — Isso nem me incomodava, porque ela também era minha preferida. Sua mãe tinha tanta classe, Basil. Era inteligente, poderosa... Sempre fazia a coisa certa, e sempre dizia a coisa certa. A única vez em que irritou nossos pais foi quando se casou com seu pai, um mero Grimm! Mas, no fim das contas, acabou sendo a coisa certa também.

Fiona sorri para mim, parecendo muito arrependida.

— Você tem ideia de como isso foi legal? Natasha ter feito um casamento ruim, por amor, e depois provado ao Mundo dos Magos inteiro que ela e Malcolm eram imbatíveis juntos?

Eu não sabia disso. Cutuco o bolo de banana.

— E aí ela teve *você* — Fiona prossegue. — E você era exatamente o tipo de filho que sua mãe teria. Por Crowley, você era tão encantador. Curioso, obstinado, reflexivo. Muito reflexivo, desde pequeno. Eu me lembro de olhar para você e pensar: *Bom, é claro que Natasha teve o melhor bebê possível. É a cara dela!* Sua mãe era tão boa em tudo que

precisei ir até a China para sair da sombra dela... — Fiona baixa os olhos para o próprio chá e volta a rir. Seus olhos estão marejados. — Então acho que às vezes me incomodava, sim.

Ela morde os lábios e parece perdida por um momento.

— Quando sua mãe morreu... — minha tia repete, depois franze o nariz e balança a cabeça. — Eu sabia que nunca seria capaz de substituí-la. Ninguém seria.

Ela olha para mim, enxugando um olho com o dedão e o outro com o indicador.

— Você teve a melhor mãe do mundo, Baz. Você *perdeu* a melhor mãe do mundo. E eu sabia que seu pai e eu nunca conseguiríamos compensar isso. — Ela sorri, num esforço de curvar os lábios tensos. — Mas tínhamos que tentar, né? Quando te ouço dizendo que fui uma tia de merda, penso: *Bom, sempre fui uma bosta em comparação a Natasha*. Se ela estivesse aqui, teria feito um trabalho muito melhor com você! Mas ela não está aqui.

A voz de Fiona falha. Uma lágrima escorre pela bochecha.

— Ela não está aqui — repete, mais baixo. — E não me arrependo de ter tentado ser...

Olho para meu chá e enxugo os olhos na manga do moletom de Snow.

— Eu também não — sussurro.

Fiona funga e assoa o nariz num guardanapo.

— Então tá — ela diz, já parecendo ter recuperado parte de sua confiança. Então se inclina e pega a bolsa, um troço enorme de couro preto com franjas. Fiona a abre, tira um gravador antigo e o coloca na mesa entre nós. — Encontrei debaixo da cama.

Eu me estico na cadeira.

— É...?

— É, sim. Não aperta nenhum botão até encontrar a menina.

— Preciso de algum feitiço?

Fiona balança a cabeça.

— O feitiço original ainda deve estar funcionando. Bem-na-fita.

— Cara, isso é brutal.

— Foi bem difícil achar alguém que conseguisse lançar.

— Então é só eu levar isso até a Philippa e...

— Apertar play.

Não consigo acreditar que isso ficou debaixo da cama de Fiona por tantos anos...

Pensando bem, consigo, sim.

Tiro o gravador da mesa com todo o cuidado e olho nos olhos da minha tia. São castanhos. Os da minha mãe eram cinza, como os meus.

— Obrigado — digo.

— Não me agradeça. Considerando as circunstâncias... — Ela estica o braço para pegar um pedaço do meu bolo de banana e estreita os olhos para o meu peito. — Watford Netball? Agora tem um time masculino de netball em Watford? Ou você está dormindo com uma menina?

Olho para baixo. Porra, Snow. Ele roubou todos os moletons da Agatha?

— Tenho que ir — Fiona diz, já levantando e limpando as migalhas da camiseta.

Também levanto.

Ela bagunça meu cabelo.

— Ainda não vou desmontar seu quarto...

— Fiona...

— Sério, Baz, não me agradeça. Já me sinto péssima.

— O que você estava procurando aquele dia em Watford?

Ela me olha por um segundo, depois esfrega o rosto com ambas as mãos e suspira.

— Eu estava procurando a aliança de casamento da minha mãe. Sua mãe costumava usar, no dedinho. Achei que ela não fosse sentir falta agora.

— Uma aliança de casamento...?

Fiona cruza os braços, como se estivesse preparada para meus ataques e nem ligasse.

Faço o que é esperado de mim.

— Sério mesmo? Você vai se casar com aquele aspirante sórdido a Kurt Cobain?

— Não sei se eu o descreveria assim...

— O nome dele foi retirado do Livro da Magia, Fiona!

— Bom... — Ela dá de ombros. — O livro não é meu, é?

— Você o chamava de “bandido de meia-tigela”. Dizia que conseguia ser ainda mais desprezível que os outros vampiros!

— Eu estava brava. Mas a verdade é que ele me faz feliz. Sempre fez. — Fiona bufa. — Você vai me entregar?

— Ele ainda bebe sangue humano?

— Não... — Ela balança a cabeça com tanto empenho que tenho a impressão de que está tentando me enrolar. — Não no sentido tradicional.

— Você vai deixar que ele te transforme?

— Está de brincadeira comigo? Sua mãe ia se revirar no túmulo! — Assim que ela diz isso, fica constrangida. — Não se preocupe — diz, gentil. — Não vou copiar seu visual.

— Isso é loucura, Fiona, mesmo para você. Vai ser logo?

Ela leva as mãos à cintura. Parece estar ponderando se deve ser sincera comigo.

— Vai — diz, depois de um momento. — Acho que sim.

— Bom... — Balanço a cabeça e reviro os olhos, desistindo. — Não vou contar a ninguém.

— Obrigada, Basil.

— Não consigo acreditar que você tentou roubar o túmulo da minha mãe!

— Ah, ela não ia sentir falta! E a aliança não estava lá. Ou pelo menos não consegui encontrar. Nem nos aposentos dela.

Faço um último apelo:

— Sei que não conheci minha mãe, mas não acho que ela fosse querer que você se casasse com Nico.

— Tenho certeza de que ela não ia querer. Mas sua mãe não está aqui, Baz. Minha mãe e meu pai morreram também. E não posso... Temos que tomar nossas decisões pelo bem dos vivos. Entende?

Eu entendo.

Quando volto ao apartamento de Snow, o novo sofá já foi entregue,

e os três o estão batizando com migalhas de sanduíche.

Simon sorri para mim, de cabelo úmido.

— Shepard comprou café. Guardamos pra você.

Balanço a cabeça.

— Tenho que ir... fazer um negócio.

— Mas você acabou de voltar.

— Eu sei. — Não posso falar com Snow sobre isso. Não suportaria.

— Mas tenho um negócio agora. Pra fazer. Só vim buscar o celular e...

— Cobras me piquem! — Bunce exclama. — Isso é o gravador, não é?

Olho para ela, sem palavras. *Porra, Bunce.*

— Que gravador? — Snow pergunta.

Ela vira para ele e aponta para mim com o dedão.

— Lembra que o Baz te atacou com um gravador uma vez? No quinto ano? No meio do gramado?

— Porra — Simon diz para mim. — É esse mesmo! O que ele usou na Philippa.

Snow já está de pé, esticando a mão para pegá-lo.

— Simon, não! — grito. — Não encosta!

O gravador está no chão, onde ficaria a mesa de centro, se eu tivesse mesa de centro. Baz está no sofá, sabe-se lá como mais pálido que o normal. Acaricio suas costas. Não consigo tirar as mãos dele, para ser sincero, ainda que definitivamente não seja hora disso.

— Mas você não *roubou* a voz de Philippa — Penny diz, sentada do outro lado dele. Shepard foi para o braço do sofá para abrir espaço. — A srta. Possibelf disse que ia voltar.

— O Mago também — digo, assentindo.

— Ah, tá — Baz retruca, massageando a testa. — Porque o Mago *nunca* mentiu pra você, por nada neste mundo. Philippa nunca recuperou a voz! Está morando na sede de Smith, esperando que ele a ajude.

— Você viu Philippa? — Penny pergunta.

— Vi. — Ele olha para mim. — Nós dois vimos. Foi ela quem atendeu a porta. É a menina que não fala.

— A bonitinha? De cabelo curto?

Baz geme.

— Achei que o nome dela fosse Pippa — continuo.

— Philippa ainda não consegue falar? — Penelope fica chocada. — Ah, que horror. Isso significa que está vivendo sem magia.

— *Eu sei* — Baz diz, como se estivesse sofrendo.

— Espera — Shepard diz para Penny. — A pessoa não consegue fazer feitiços sem falar?

— Bom, ela não poderia ir para Watford — Penny explica. — Antigamente, se a pessoa gaguejasse já não podia entrar.

Shepard balança a cabeça.

— Deve haver magos que conseguem fazer feitiços sem falar...

— Ouvi dizer que é possível. E fico surpresa que você não conheça um monte deles.

Baz está com as mãos na cabeça de novo.

— Talvez Smith possa ajudar Philippa — digo.

Baz sibila e se levanta.

— *Eu* posso ajudar. — Ele olha para o gravador. — Fiona não mexeu na fita.

Olho para o gravador também. Deve ser mais velho do que nós.

— Então a magia de Philippa está aí?

— A voz dela está. — Ele engole em seco. — Vou devolver a voz a Philippa, depois vou deixar que ela me destroe com feitiços.

Levanto e pego o braço dele.

— Não vou deixar ela lançar feitiço nenhum em você.

Penelope também levanta.

— Nem eu.

— Vamos ter que correr — digo —, se quisermos pegar Philippa antes que ela vá para a reunião de Smith em Watford.

— Por que você está falando no plural? — Baz se solta de mim. — Nada disso. Vocês não vão.

— Eu posso ficar — Shepard oferece.

Penelope franze a testa para ele.

— Ah, não. Não vou perder ninguém aqui de vista de novo.

— Quer saber? Tá bom. Nem ligo mais. — Baz se abaixa para pegar o gravador com tanto cuidado quanto se fosse um ovo de porcelana. — Vamos logo.

Ele está abatido. De pé aqui, com o cabelo todo emaranhado para o lado, usando um moletom de Watford que nunca devolvi a Agatha e a calça de pijama que passou por um limpo-como-meu-nome.

Pigarreio.

— Você não quer, hum, se trocar?

Baz olha para si mesmo e volta a gemer.

Pelo visto, é outra ocasião que requer um terno, três peças de um

tom de marrom que parece vermelho sob a luz. Baz fecha até o último botão da camisa branca e acrescenta uma gravata roxa brilhante. (Por que ele trouxe ternos e gravatas para minha casa? O que estava achando que ia acontecer?) Então vira uma mala cheia de sapatos no chão.

— A gente não deveria falar sobre isso? — pergunto.

— Não.

Ele apoia a mala na minha cama e guarda o gravador lá dentro, com todo o cuidado.

— Estamos prestes a fazer algo importante — insisto. — Não deveríamos conversar?

— Quem é você e o que fez com Simon Snow? — Baz movimenta o punho e a varinha escorrega para sua mão, sinal de que está usando o coldre. Ele aponta para o gravador. — *Seguro morreu de velho!*

Toco o braço dele.

— Baz...

Ele se vira para mim, com os olhos brilhando.

— *Simon*. Ela não pode fazer magia. Há cinco anos. E a culpa é minha. Não posso conversar antes de fazer isso. Não posso nem *respirar*... Entendeu?

Absorvo seus olhos desvairados, seus punhos pálidos.

— Entendi. Tá bom. — Aperto o braço dele. — Então vamos lá. Vamos dar um jeito nisso.

Estou usando uma camiseta com fendas nas costas para minhas asas. Pego o moletom de Watford do chão.

— Está quente demais pra isso — digo. — Pode esconder minhas asas?

Baz já passou a alça da mala pelo ombro.

— Com um feitiço?

— É. Estou cansado de usar moletoms e casacos, e não é como se eu fosse voar até Camden...

— Tá bom — Baz murmura. Gira o punho e aponta a varinha para minhas asas. — *Agora você vê, agora não mais!*

A magia de Baz é quente, e em geral queima um pouco... Mas não hoje. Não sinto nada. Dou uma olhada para trás — as asas continuam

aqui.

Baz franze a testa. Volta a apontar a varinha.

— *Não tem nada pra ver aqui!*

Nada acontece.

— Desculpa — ele diz. — Estou agitado. Minha magia anda meio...

Bom, vamos pedir pra Bunce. — Ele já está indo para a sala. — Penelope...

Penny e Shepard estão na parede da sala, se beijando. (Sinto como se eu tivesse sido meio empata-foda pra ela esse tempo todo. Assim que a deixei sozinha, isso aconteceu.)

— Esconde as asas de Simon — Baz pede.

Ela se afasta da parede.

— Achei que a gente não fosse fazer isso.

— Mudei de ideia — digo. — Está quente demais pra usar casaco.

Penny tira a pedra roxa do sutiã (precisamos consertar o anel dela) e a estende para mim.

— *Não tem nada pra ver aqui!*

Nada acontece.

Penny franze a testa.

— Você já tentou, Baz?

— Tentei, mas estou agitado demais.

— E daí? — ela pergunta. — Vai ver que este lugar é um ponto morto. — Ela aponta para as embalagens de sanduíche. — *Tudo tem seu lugar!* — O lixo desaparece. — Hum... — Ela volta a se dirigir a mim. — *Agora você vê, agora não mais!*

Nada acontece.

Baz pega a varinha e aponta para o sofá novo.

— *A vida em cor-de-rosa!*

O sofá fica rosa.

— Ei... — digo.

— *Limpo como meu nome!* — Baz diz, apontando para mim. — Aconteceu alguma coisa?

— Não sei — digo. — Eu já estava limpo. Deveria me sentir mais sujo?

Penny se aproxima de mim, com o punho estendido.

— *Voe como uma borboleta!*

Meus pés permanecem no chão.

— Ei, gente, calma aí...

— *Rosas são vermelhas!* — Baz grita.

— *Violetas são azuis!* — Penny grita.

— *Banho de gato!* — Baz diz.

— *O gato comeu sua língua!* — Penny diz.

— Puta que o pariu!

Agarro o pulso de Penny.

— Simon... — Os óculos dela escorregaram para a ponta do nariz.

Seus olhos parecem enormes. — Acho que você ficou imune à magia.

Penelope me faz sentar. Como se eu estivesse em choque. Acho que estou mesmo — o que significa ser imune à magia?

Ela senta ao meu lado, esfregando o queixo e olhando para minhas asas.

— Só pode ser o feitiço que ele lançou em você...

Baz anda de um lado para o outro.

— Vou matar Smith-Richards. Eu já ia pra prisão mesmo por ter roubado a voz de Philippa. Posso muito bem acrescentar isso aos meus crimes.

— Smith não sabia que isso ia acontecer — digo. — Ai, meu Deus. Temos que contar a ele.

— Foda-se o Smith — Baz diz. — Ele não deveria estar lançando feitiços nas pessoas se não sabe o que vai acontecer!

— O feitiço funciona em magos! Ele achou que eu fosse um mago!
— Eu me recosto no sofá e cruzo os braços sobre os olhos. — Não consigo acreditar nisso... Não tem mais como esconder minhas asas.

Penelope dá um tapinha na minha perna.

— Você ia remover as asas mesmo.

Baz bufa.

— Isso não ajuda, Bunce.

— É verdade, desculpa. — Ela afasta meus braços. — Tenho certeza de que vai passar, Simon. Nunca ouvi falar em um escudo permanente. Escudos temporários já são incrivelmente difíceis de

lançar.

— Você acha que esse feitiço teria o mesmo efeito em qualquer normal? — Shepard pergunta.

Até agora, ele estava sentado em silêncio na outra ponta do sofá, sem se intrometer.

Penelope se vira para gritar com ele.

— Pelo amor, Shepard! Não vou deixar você chegar nem perto daquele homem!

— É que sua mãe me deixou inconsciente cinco minutos depois de me conhecer... Até que um escudo viria a calhar.

Baz para de andar de um lado para o outro, mas continua agitado.

— Simon... sinto muito, meu amor. Sei que isso é sério. Mas tenho que pegar Philippa antes que ela saia. Eu só...

Baz balança a cabeça meia dúzia de vezes e ajeita a alça da mala no ombro.

— Você tem razão. — Eu me levanto. — Vou pegar um casaco.

— Não... você não precisa vir. Ainda mais agora.

— Baz, eu vou com você. Isso não muda nada, ainda que eu seja mesmo imune a magia ou sei lá o quê. Quando foi a última vez que vocês lançaram um feitiço em mim que não fosse só para esconder minhas asas?

— A gente também vai — Penelope diz. — Não vou deixar você se sacrificar por isso, Baz.

Frustrado, ele passa a língua no lábio inferior.

— Nenhum de vocês está tratando essa situação com a gravidade que merece. — Baz olha feio para a gente. — Fiz algo muito ruim, e vocês estão tentando ignorar!

— Não estamos tentando ignorar — digo. — Só vamos com você.

Penelope não parece impressionada.

— Você quer que a gente diga que você é malvado? Tá bom: você é muito malvado.

— Não é isso que...

Ela revira os olhos.

— Você fez algo irresponsável porque um adulto em quem confiava mandou. Bem-vindo ao clube, Basilton.

— Você não está no clube, Bunce.

— Não, mas Simon está, e eu fiquei ao lado dele o tempo todo, lançando todos os feitiços possíveis para ajudar.

Baz estende a mala.

— Eu estava tentando machucar Simon com essa coisa — ele fala, com a voz aguda e desesperada. — Você deveria estar brava!

Penny cruza os braços.

— Não acredito que você quisesse mesmo machucar Simon. Nunca acreditei.

É verdade, ela nunca achou isso. Mesmo quando eu tentava convencê-la.

— Por que não? — Baz pergunta.

— Porque, se você quisesse machucar Simon, teria machucado! Teve inúmeras oportunidades! Você nunca lançou um feitiço perigoso nele, Basil. No auge da guerra do Mago contra as famílias antigas, você amarrava o cadarço de um pé do tênis dele com o do outro e o empurrava.

— Empurrei Simon *escada abaixo*! — ele diz.

— Sempre achei que tinha sido por acidente — murmuro.

Baz vem para cima de mim.

— Está falando sério? Você não parava de falar nisso!

Toco o braço dele.

— Desculpa.

Os olhos cinza de Baz estão arregalados e brilhantes. Ele está péssimo.

— Tentei roubar sua magia, Snow! Sua voz! Era pra ter sido você!

Essa é a confissão que sempre quis arrancar dele. Agora que consegui, tudo o que quero é lhe dizer que não importa. Eu sobrevivi. Perdi minha magia mesmo assim. Mas pelo menos agora tenho Baz. Sei que não foi uma troca direta, mas ainda assim sinto como se tivesse saído na vantagem.

Toco a bochecha dele.

— Eu te perdoo.

Ele balança a cabeça, muito levemente.

— Como isso é possível, Snow?

Aperto os lábios. Dou de ombros.

— Sei lá... — Acaricio seu rosto. — Você me perdoa? Por tudo?

Ele olha para mim, com a boca torta.

— Sim. Eu te perdoo.

Por um minuto, ficamos só olhando um para o outro.

— Foi mesmo um acidente — Baz diz, baixinho. — Quando te empurrei da escada.

— Eu sei. No fundo, sempre soube.

— Seu puto — Baz sussurra. — Você literalmente não deixava isso pra lá.

Passo o dedão ao longo de sua maçã do rosto.

— Vamos ajudar Philippa — digo. — Tá bom?

Baz assente. Parece menor que há um minuto.

— Tá bom.

É sábado, por isso a clínica só abre de manhã. Não vi Niamh, e meu pai me manteve tão ocupada que nem consegui procurá-la. Ela disse que vai dar uma olhada nas cabras amanhã. E se a grávida pariu ontem à noite? Niamh não achou que estivesse *tão* perto da hora, mas vai saber. Será que ela foi para Watford sem mim?

— Niamh veio hoje? — pergunto à recepcionista quando arrumo um tempo.

— James Dean? Acabou de aparecer. Não sei por quê. Ela não tem nenhum paciente hoje.

Volto para o corredor de consultórios e vou dando uma olhada em todas as portas abertas.

— Agatha?

Eu me viro...

Niamh está atrás de mim. Definitivamente não está com roupa de trabalho. Usa botas de caminhada marrons, uma boa faixa da barra da calça jeans dobrada para cima e uma camiseta verde justa nos ombros e nos seios. E... bom... e...

Cortou o cabelo.

E penteou para trás.

Como fazia na escola. Quando era Brody. (Ela ainda é Brody...) (Sempre foi, imagino.)

Niamh cortou o cabelo como eu sugeri.

O que significa que...

Ah, significa que sabe ouvir um bom conselho.

Bom para ela. Bom pra Niamh. Considerando toda... a situação de

seu rosto. O nariz e, hum... o queixo, que parece um machado. Tudo parece um machado. Afiado. E pesado. Acho que Niamh secou o cabelo. Bom para *ela*. Isso é bom. Essa... *coisa* toda é boa para ela.

— Estou indo — Niamh diz. Está com cara de brava, o que no geral não ajuda muito para o lado dela, mas para ser sincera até que funciona bem esteticamente.

— Você... — Já me sinto dez passos atrás nesta conversa. — O quê?

— Você vem ou não?

— Aonde?

— Watford. Ver as cabras.

— *Watford* — repito, começando a entender. — Ver as cabras.

Niamh franze a testa para mim.

— É... Vou, sim — respondo. — Eu disse que queria ajudar.

Niamh franze ainda mais a testa. Como se estivesse se esforçando muito.

— Bom, estou saindo.

— Então vamos.

Meu pai precisa do Volvo, por isso estamos de volta ao sufoco do Ford Fiesta de Niamh, com os vidros abertos. Temos que conversar gritando, por causa do vento. Bom, eu que estou gritando. Niamh só me ignora. Voltamos a essa estaca então, da conversa unilateral?

Ontem à noite conversamos, *e muito* — até o pub fechar.

Niamh me contou sobre a faculdade de veterinária. (De que ela gosta.) E sobre morar em Londres. (De que não gosta.) Sobre o que aprendeu com meu pai, sobre o sonho de abrir a própria clínica e sobre os planos de concorrer ao conciliábulo um dia. Niamh tem muitas opiniões sobre como as coisas deveriam ser feitas. E sobre o que seria útil.

Não tenho nenhuma opinião sobre esse tipo de assunto.

Mas gostei de ouvir as de Niamh e de dizer a ela o que seria impossível na prática. (Menos coisa do que se imagina.)

Ri a noite toda. De Niamh. Das opiniões que ela dava com o rosto impassível e de seus estranhos pronunciamentos. De como ela se deixa afetar pelo mundo. Nunca dou risada assim.

Já Niamh, pelo visto, não dá risada de jeito nenhum, mas mesmo assim acho que se divertiu. Ficou sentada comigo ali, quando poderia muito bem ter dito para irmos embora. Morgana sabe que Niamh não passaria um minuto na companhia de alguém só por educação.

Sáímos da estrada e pegamos a alamedazinha sonolenta que leva a Watford, deixando o barulho e o tráfego para trás.

— Eu estava certa quanto ao seu cabelo — digo, para quebrar o silêncio. E para punir Niamh pelo silêncio, imagino.

— Não é da sua conta — ela responde.

— *Ainda assim*, você cortou o cabelo como sugeri...

— Já usei o cabelo assim antes, Agatha.

— ... e eu estava certa.

Suas sobranceiras baixam tanto que desaparecem atrás dos óculos escuros.

— Estar certa é importante pra você?

— Em geral, não. Quando se trata de cabelo, sim.

— Meu cabelo fica mais prático assim.

— E muito mais bonito.

Ela dá de ombros.

— Meus feitiços... — digo. — Por que não pode agradecer? Pelo elogio e pelo conselho?

Niamh estreita os olhos para a estrada. Uma mecha de cabelo cai em sua testa. É intolerável. Ela é intolerável.

— Eu agradeço à pessoa que cortou — ela diz.

Está cheio de carros na entrada de Watford. Dezenas.

— O que está rolando? — pergunto.

Niamh estaciona o Fiesta na grama.

— Algum evento do Escolhido — ela diz, saindo.

Saio também.

— Que Escolhido?

— O novo Grande Mago...

— Tem um novo Grande Mago?

— Supostamente.

Niamh está tirando as coisas do porta-malas. Parece irritada.

— Você não acredita? — pergunto.

Ela passa a alça de uma bolsa grande pelo pescoço.

— Estou convencida de que a maior parte dos magos prefere deixar que um salvador místico resolva seus problemas a botar a mão na massa.

— Como um Escolhido pode ter surgido do nada? A gente não tem que votar? Deveria ter uma eleição.

Niamh pigarreia audivelmente e fecha o porta-malas.

— Não é uma questão de eleição, mas de profecia.

— É ridículo — digo, tentando acompanhar seu passo.

— Achei que você tivesse acabado de ficar sabendo.

— Já ouvi o bastante para umas dez vidas sobre o Escolhido. É tudo ridículo.

Quando chegamos aos portões de Watford, eles já estão abertos. Não consigo me lembrar de já tê-los visto assim. Em geral se fecham sozinhos, com um clangor pesado. Assim que entramos, eu os fecho.

Niamh está carregando mais material que de costume, caso a cabra esteja dando à luz. Tento ajudar, mas ela recusa.

Tenho lido sobre partos de cabras na internet — seria melhor se conseguíssemos levá-la para o capril. Talvez Niamh tenha um plano.

— Você já fez parto de cabra?

— Não — ela diz. — Mas fiz de vaca. E de muitos cachorros. E de um grifo.

— Você disse que gostava de variedade...

— E de um bebê.

— Que tipo de bebê?

— Um bebê humano. Mágico.

— Uau — eu digo. — Você é mesmo versátil.

— Seria muito mais se tivesse asas.

Franzo a testa para ela, que continua olhando para a frente.

— Como assim? — pergunto.

— É que... — Ela suspira. — Seria bom se seu... se Simon estivesse aqui, para nos ajudar com as cabras de novo.

— Não precisamos de Simon — digo, passando à frente dela, com passos determinados. — Acho que as cabras estão para lá.

— É?

— Tenho a sensação.
— A sensação — ela repete.
— Você não precisa me seguir, Niamh. Não precisa ouvir nenhuma sugestão minha.

Continuo avançando.

Quando olho para trás, vejo que Niamh está só a alguns passos de distância.

Aparentemente, o novo Escolhido se estabeleceu em um antigo orfanato. Estamos diante de um placa que diz LAR DOS DESAMPARADOS.

— Que dramático — comento.

— Espera só até ver o cara — Baz murmura.

Ele está batendo na porta com a aldrava de latão há muito mais tempo do que a educação permite. Não há nenhum sinal de que alguém esteja vindo abrir.

— Vai ver todo mundo já foi para Watford — Simon diz, tentando espiar por uma janela.

Baz solta a aldrava, enojado.

— Vai ver Philippa voltou pra casa. Ou foi tomar café. Ou foi pra Lua. Ela pode estar em qualquer lugar.

— Podemos descobrir onde ela está — digo.

Baz ergue a sobancelha.

— Como? Não conhecemos a garota e não temos nada que pertença a ela...

— Temos a magia dela — digo, já pegando minha pedra.

— Espera, Bunce...

Minha mão já está sobre a mala de Baz.

— *De volta pra casa!*

A mala se afasta do corpo dele.

— Sete cobras! — ele exclama. — E se você apagou a fita?

— Não apaguei nada. O feitiço funcionou. Agora é só seguir.

A mala bate na porta.

— Ela ainda deve estar lá dentro... — Simon forma uma concha

com as mãos em volta da boca e se reclina para a janela. — Philippa!

— Agora ela atende por Pippa — Baz diz.

— Pippa! — Simon grita.

A mala bate com mais força na porta. Baz a segura contra o peito e bate na porta.

— Sinceramente, você é um mago ou um rato? — Aponto minha pedra para a fechadura. — *Abre-te Sésamo!*

— Agora ela arromba portas e invade propriedades... — diz Shepard, com um suspiro.

— Não arrombei nada — digo, tirando Baz do caminho com uma ombrada e abrindo a porta. Entro. — Oiê? Tem alguém aqui?

Minha voz ecoa. O vestíbulo está vazio e cheirando a velharia, do tipo que não adianta botar para arejar. Dou uma olhada na escada.

Baz e Simon vêm atrás de mim, e Shepard, ao meu lado esquerdo, pegando minha mão. Fico toda satisfeita por ele saber que tem que deixar minha mão direita livre, para possíveis feitiços.

— Oi? — Simon grita para o andar de cima. — Pippa?

Viro para Baz.

— Pra que lado a mala está te puxando?

— Não sei bem. — Com a testa franzida, ele permite que a mala se afaste de seu peito. — Pra frente, acho, mas talvez...

Ele levanta a cabeça, com os olhos atentos.

O resto de nós fica imóvel, ouvindo. Passos em algum lugar da casa. Uma porta rangendo.

— Philippa? — Simon chama, baixo demais para que qualquer pessoa além de nós ouça.

— Vamos — digo, empurrando Baz à nossa frente. — Deixa a magia dela nos guiar.

Ele solta a mala, que aponta para uma porta nos fundos do vestíbulo. Baz a abre, e seguimos por um corredor abandonado. Ouvimos mais passos... em algum lugar. Eu o cutuco para que seja mais rápido.

— Philippa? — Simon chama, com mais coragem.

— Xiu — Baz faz.

— Por quê?

— Porque estamos invadindo uma propriedade. Se quisessem que entrássemos, teriam atendido a porta.

— Bom, agora já ouviram a gente.

— *Xiu, Snow.*

Guiados pela mala, passamos por salas fechadas e corredores vazios, até chegar a uma porta vaivém larga. Baz está com a varinha empunhada. Seguro firme minha pedra e empurro Shepard para trás de mim.

Baz escancara a porta com um empurrão. Eu e ele entramos correndo, prontos para atacar.

Estamos em um refeitório, com mesas de madeira compridas, papel de parede marrom bem antigo e piso de azulejo. O lugar está vazio, mas tem uma chaleira no fogo. A alça da mala puxa Baz para a frente pelo pescoço. Ele se inclina, tentando contê-la com os braços de novo.

— Está tudo bem? — Simon pergunta.

— Está, Snow.

Shepard se inclina para mais perto de mim e sussurra:

— É Def Leppard?

— Oi? — sussurro de volta.

— Presta atenção.

Tem música tocando. Perto da gente.

— *Ugh!*

Baz está brigando com a mala, tentando tirar a alça do pescoço. A mala parece estar tentando levá-lo ao chão.

— Por Stevie Nicks e Grace Slick! — digo, estendendo o punho.

— Deixa comigo — Simon diz, pegando a alça por trás.

— Está tentando... — Baz cai de joelhos.

Simon paira sobre ele, tentando a todo custo tirar a alça de sua nuca. A mala bate no chão, e a tira cede o bastante para que Baz consiga se desvencilhar.

Ficamos todos olhando para ela.

— O porão! — Shepard diz. — Deve ter um...

Claro.

Baz e Simon só conseguem levantar a mala do chão juntos. Baz a pega nos braços e volta pela porta vaivém.

— Vamos!

Atravessamos a cozinha e testamos todas as portas no corredor. Algumas estão trancadas.

— Qualquer uma delas pode levar à escada — digo.

— Aqui! — Simon já está no fim do corredor, segurando uma maçaneta e sacudindo a porta. — Estão ouvindo? É a mesma música...

— “Pour Some Sugar on Me” — Shepard diz.

Franzo a testa para ele.

— *Quê?*

— Anda, Penny — Simon diz, chacoalhando a porta. — Abre-te-sésamo!

Vou até ele e estendo o punho.

— *Abre-te Sésamo!*

Simon ainda está segurando a maçaneta quando a porta se abre. A música fica mais alta. Tem mesmo uma escada ali.

— Eu primeiro — digo. — Tenho magia.

— E daí? — Simon questiona, correndo à minha frente escada abaixo.

— Simon!

A música está bem alta aqui embaixo — e é horrível, rock antigo e pesado, do tempo dos meus pais. Confirmo se Baz continua com a gente. Está logo atrás de mim na escada, se inclinando para trás para não tombar com a mala.

— É para cá que ela quer vir? — pergunta.

— Acho que sim. Ela meio que só quer se livrar de mim. Vai atrás do Snow.

Faço que sim e acelero, puxando Shepard comigo. Acabamos em outro corredor. Escuro. Antigo. Com paredes de tijolos se desfazendo. Seguimos a música e encontramos Simon tentando abrir uma porta à força.

— Penelope!

Por Morgana, será que alguém já lançou tantos abre-te-sésamo assim? Seguro a pedra sobre a fechadura e lanço o feitiço. Simon abre a porta com tudo, e de repente o volume da música fica insuportável.

Damos de cara com um homem loiro de meia-idade, bebendo chá e

vendo televisão. Tem cabelo comprido ensebado e barba falhada. Está mexendo num controle remoto.

— Desculpa! Achei que todo mundo estava... — O homem larga o controle remoto e encara Simon. — Isso é... Você é... *Simon Snow?*

Simon o encara de volta.

— *Jamie?!*

Jamie Salisbury estava trancado no porão ouvindo hard rock. Ele parece saudável. Quando entramos, estava sentado em uma poltrona, tomando chá. Agora está de pé, olhando para Simon.

— Como sabe quem eu sou?! — Salisbury grita por cima da música.

— Estávamos procurando você! — Simon grita em resposta.

Shepard passa pelos dois, pega o controle do chão e baixa a música.

Salisbury olha para a TV, depois para Simon.

— Por que *Simon Snow* está procurando *por mim*?

— Porque sua mãe está preocupada com você — Simon diz.

— Minha mãe conhece Simon Snow?

— Pode me chamar só de Simon.

— *Jura?*

— Jamie. — Simon toca o ombro do homem. — Quem trancou você aqui no porão?

Salisbury inclina a cabeça para trás, surpreso.

— Ninguém. Digo, não estou *trancado* aqui. Bom, eu até estava, mas não é o que estão pensando. Smith me deixou ficar aqui. Ele deixou que eu me escondesse.

— E por que você precisa se esconder?

Salisbury olha para os próprios pés e coça a nuca.

— Se eu pudesse falar sobre isso, não precisaria me esconder.

Simon olha para o quartinho. Tem uma cama, uma poltrona e uma lâmpada sem lustre no teto. Não tem reboco nas paredes, e os cantos estão cheios de teias de aranha.

— Se você *quer* ficar aqui... por que a porta estava trancada por

fora?

Salisbury dá de ombros.

— Bom, não dá pra trancar por dentro, então Smith precisou... Espera, como *você* abriu? — Seus olhos estão arregalados. — Smith te curou?

— Não — Simon diz. — Eu...

— Smith disse que ia te curar.

Isso é ridículo. Jamie Salisbury não foi sequestrado. Só está se escondendo da mãe. Preciso encontrar *Philippa*. Ela está aqui, em algum lugar. A mala me puxa para a parede.

Entro na frente de Simon antes que ele conte toda a história a Salisbury.

— Cadê a Pippa? — pergunto. — Pippa Stainton.

— Pippa? — Salisbury pergunta. — Já deve estar em Watford, com Smith. — Ele olha para Simon. — Você deveria estar lá também.

Esse cara é inútil. Sigo para a porta.

Quando chego ao corredor, deixo que a mala me guie, mas ela quer passar pelas paredes, e não por portas.

— Espera, Baz!

É Penelope. Eu a ignoro. Philippa está perto. Tem que estar, porque fica cada vez mais difícil conter a mala. Se eu soltar, vai bater numa parede e quebrar o gravador. Bunce e seus malditos feitiços...

Quase nenhuma porta aqui embaixo está trancada. Quase todos os cômodos estão vazios. Quando chego ao fim do corredor, a mala me puxa para uma porta. Tenho que esticar o pescoço para respirar. Tento abrir a porta com o braço. Está trancada. Pego a varinha no mesmo instante.

— *Abre-te Sésamo!*

Tento girar a maçaneta de novo. A mala abre a porta com uma pancada e me puxa para dentro.

O cômodo está escuro. Vejo Philippa. Com as mãos amarradas. Um homem apontando uma varinha para sua cabeça.

— Larga a varinha — ele diz. — Agora.

— Sinceramente — Jamie Salisbury diz. — Eu estou bem.

Parece mesmo bem. Está vendo cliques na televisão. Tem um bule de chá e uma pilha de pratos usados. Tem uma cama no quarto.

— Então você deveria ligar pra sua mãe e dizer isso a ela — respondo.

— Vou ligar. Assim que Smith...

— Smith não te deixa ligar pra sua mãe?

— Não é tão simples assim...

— Simon! — Penelope me puxa pelo braço. — Não podemos deixar Baz sozinho.

Viro para ela.

— Aonde ele foi?

Shepard está na porta.

— Sumiu no corredor.

— *Merda.*

Saio correndo do quarto de Jamie, atrás de Penny. Aqui embaixo é um porão bem sinistro. Quase no nível das catacumbas. Passamos por um monte de salas vazias e fazemos uma curva. Penny vai até a última porta e para, me fazendo trombar nela.

Tem um velho de pé dentro do quarto, apontando uma varinha para a cabeça de Baz.

— Larguem as varinhas.

— Larguem as varinhas — o homem diz.

Mas Penelope Bunce ergue o punho e diz:

— *Nocaut!*

O homem cai.

— Evander! — Salisbury grita.

— Puta merda, Bunce, você poderia ter me matado.

Pego minha varinha e esfrego a têmpora. Fico me perguntando se tenho sangue o bastante para formar um hematoma.

— Mas não matei — ela diz. — Quem é Evander?

Salisbury se ajoelha ao lado do homem. Tenho quase certeza de que é o coroa que fica na entrada das reuniões de Smith-Richards.

— É o padrinho de Smith — Salisbury diz, preocupado. — Você o matou?

— Não. — Penny leva as mãos à cintura. — Não de propósito.

Evander Feverfew é um homem branco, na casa dos sessenta, com cabelo grisalho comprido, um brinco de diamante e um coldre elaborado para a varinha no cinto. Shepard pega a varinha dele do chão e entrega a Penelope, que a enfia na cintura da saia.

Deixo que cuidem dele — preciso chegar a Philippa. A mala me puxa mais para dentro da sala, para onde o padrinho de Smith empurrou a menina. Ela está deitada de lado no chão, pernas e braços amarrados. Ainda parece tão pequena. Ainda me lembra um rato...

Quando me vê, tenta fugir.

— Pippa...

Devo desamarrá-la primeiro ou... não. Só preciso...

Eu me ajoelho diante dela e abro o zíper da mala. O gravador tenta sair, mas eu o seguro, tendo que fazer força para não ser levado.

Quando vê o gravador, Philippa arregala os olhos. Começa a chorar. Chuta o chão, tentando se afastar de mim.

— Não vou te machucar — digo. — Prometo!

Ela vira o rosto para o outro lado.

— Estou com sua voz, Pippa. Eu...

Por Circe, o que estou esperando? Não tenho nada a dizer ou explicar. Seguro bem o gravador e aperto o play.

Ouço ruído de estática, depois a vozinha estridente de Philippa ressoa pelos alto-falantes: *Oi, Simoooooooooon!*

A última sílaba se desintegra em um longo guincho. Então, há um som de disco tocando ao contrário. De uma menininha falando muito rápido, de trás para a frente.

Deitada no chão, Philippa arfa — e engole sem parar. O barulho fica mais alto e mais caótico, como uma cachoeira muito aguda. Philippa leva as mãos ao pescoço.

Então a fita para. O guincho é interrompido, e a cabeça de Philippa cai no chão. O gravador para de me puxar. E eu o deixo cair.

— Pippa... — digo, me aproximando para soltar suas mãos. Simon já está soltando seus tornozelos.

Pippa senta assim que consegue — e se arrasta para longe de nós. Esfrega o pescoço.

— Você está bem? — pergunto.

Pippa não responde. Seus ombros estão trêmulos.

— Desculpa — digo. — Eu não sabia, naquela época. Achei que fosse temporário. Sinto muito.

— Aqui. — Shepard tira uma garrafa da mochila. — Toma um pouco de água.

Ela aceita e dá um gole.

— Philippa — Simon diz, agachando ao meu lado. — Você está bem?

Ela vira para ele, ainda de olhos arregalados, embora não pareça mais amedrontada.

— S-Simon — Philippa consegue dizer, rouca. — Temos que parar...

parar Smith. O feitiço dele... é uma maldição.

— Isso não é verdade, Pippa!

— É... é, sim, Jamie! Smith mentiu pra... pra você.

Estamos de volta à cozinha. Fiz todos subirem para resolvermos as coisas. (Odeio porões.) Penelope lançou um leve-como-uma-pena para trazer o cara desmaiado até aqui, e agora o amarra ao radiador.

— Você não pode fazer isso — Jamie diz, aflito de verdade. — Ele é *padrinho* do Smith...

— Não temos tempo... tempo pra isso. — A voz de Philippa ainda está rouca, como se sua garganta não estivesse acostumada a falar, e ela se atrapalha quase que a cada palavra. Não se acalmou nem um pouco desde que a soltamos, e fica puxando minha manga. — Temos que... temos que pa-parar Smith!

— E vamos parar — Baz diz, de pé do outro lado dela. Acho que ele faria qualquer coisa que Philippa pedisse agora. — Não vamos, Snow?

Não sei.

Eu *quero* acreditar em Philippa...

Não, isso não é verdade. O que eu quero é saber o que realmente está acontecendo aqui. Philippa quer convencer a gente de que Smith é um vilão que a amarrrou e trancou num porão. Mas *eu* já amarrei e tranquei pessoas antes, e *sempre* tive um bom motivo...

Tipo, estamos amarrando o padrasto de Smith ao radiador neste exato momento. Ele é um vilão? Parece que sim, afinal, estava com a varinha apontada para a cabeça de Baz. Mas Jamie Salisbury pelo visto não concorda. Está discutindo com Philippa desde que ela abriu a boca. (Acho que Baz vai bater em Jamie se ele não parar.)

Quem é do bem e quem é do mal depende de que lado da varinha a gente está. E quem estamos tentando proteger.

Eu me solto de Philippa com toda a delicadeza possível.

— O que acontece, Philippa...

— Ela atende por Pippa — Baz interrompe.

— Claro, desculpa. O que acontece, Pippa, é que vimos Smith lançar o feitiço. Vimos que funciona.

— Funcionou comigo — Jamie concorda.

Pippa tenta retrucar, mas, por alguns segundos, nada sai. Então a voz retorna, e ela grita:

— Não é verdade, J-Jamie!

Penelope olha de um para o outro, com as mãos na cintura.

— Pippa, talvez você pudesse explicar o que aconteceu, do seu ponto de vista.

— Não temos... t-tempo.

— Bom, e estamos perdendo mais ainda com essa discussão.

Baz dá a impressão de que seria capaz de bater em Penny também.

— Dá um tempo, Bunce. Ela estava amarrada num porão.

— Podemos começar por aí — Penelope diz. — Como você foi parar no porão?

Pippa leva as mãos ao pescoço e engole em seco.

— Eu... — Engole em seco de novo. — Eu...

Shepard vai até ela, segurando um pedaço de giz amarelo.

— Por que não tenta escrever?

Pippa olha para a mão dele por um momento, depois pega o giz, assentindo. Vira e começa a escrever freneticamente no papel de parede, tão alto quanto consegue alcançar.

Estou com Smith desde o começo, Pippa escreve.

Todos nos amontoamos em volta dela, tentando ler ao mesmo tempo. Baz nos empurra.

— Dá espaço pra ela — diz, depois começa a ler em voz alta. — *Ela disse que podia devolver minha magia... e eu acreditei... Trabalhei para ele... e para Evander... Eles confiavam em mim.*

Pippa olha para nós, como se quisesse confirmar que estamos ouvindo. Claro que estamos. Ela volta a escrever.

— *Mas hoje...* — Baz continua. — *Beth... veio ver Smith... Ela estava comendo... Não, ela estava com medo... Beth disse que todos os seus feitiços... tinham parado de funcionar.*

— Ah, não — Jamie interrompe. — Ela estava tão feliz.

Philippa olha para ele e assente.

— Beth — ela diz. — Sua magia...

Philippa volta a virar para a parede e encontra um espaço livre.

Baz lê por trás dela.

— *Smith disse a Beth que... ela só estava cansada... Que era temporário... Mas... quando ela virou... ele lançou um feitiço nela.*

Baz olha para mim, como se de alguma forma a culpa fosse minha.

— Que feitiço? — pergunto.

Baz volta para a parede.

— *Deixa-isso-para-lá.*

— Não! — Jamie grita, convicto. — Smith nunca faria isso!

— Eita — Penny diz. — Esse feitiço dá uma chacoalhada e tanto na cabeça.

Philippa continua escrevendo.

— *Smith não sabia... que eu estava vendo... mas ele tinha me pedido chá... Eu estava...*

O espaço está acabando. Ela fica de joelhos.

— *Na porta* — Baz continua lendo. — *Com uma bandeja... e derrubei... Ele lançou um feitiço em mim também... Parada... e chamou Evander... para me levar... Eu não tinha como pedir ajuda.* — A voz de Baz falha. Ele está arrasado. — *Smith disse que não poderia... me ajudar mesmo...*

Philippa continua ajoelhada, inclinada. Já chegou ao canto.

— *Que minha voz tinha ido embora...* — Baz lê. — *Para sempre.*

— Ela está mentindo — alguém diz.

Todos nos viramos. O padrinho de Smith voltou a si. Está tentando sentar, mas suas mãos estão amarradas ao pé do radiador. Baz aponta a varinha para ele.

— *Ela atacou Smith* — Evander Feverfew diz, furioso. (Ele é bem esquisitão para um senhor, com o cabelo grisalho na altura dos ombros, as costeletas compridas, a orelha furada. Já o vi ajudando

Smith nas reuniões. Achei que fosse da equipe técnica.)

Os olhos de Pippa estão desvairados. Sua voz sai estranha.

— Por que... por que eu faria isso?

— Porque ele não tinha como te ajudar, Pippa. Já que você não ia ter magia, queria que ninguém mais tivesse.

— I-isso não é... não é v-verdade!

Evander olha para mim.

— Ela o atacou e depois ameaçou impedir a reunião de hoje. Não podíamos deixar que isso acontecesse. Smith vai curar seis pessoas hoje. Seis feiticeiros.

— Ele vai... vai... amaldiçoar todos!

— Mentira!

Baz continua apontando a varinha para o padrinho de Smith, parecendo ter sua própria maldição na ponta da língua. Penelope parece tão confusa quanto eu. Jamie Salisbury agarra o próprio cabelo com as duas mãos.

— Jamie — digo. — Smith curou você?

— Claro que sim! — Evander grita. — Todo mundo viu.

— Eu... — Jamie está envergonhado. — Eu mal tinha magia que ele pudesse ajudar.

— Mas Smith te curou — digo.

— Sim — Jamie confirma, ávido. — Mas depois...

— Ele te curou! — Evander se agita, preso ao radiador. — Você foi o primeiro dos seguidores. Uma grande honra.

— É verdade. — Jamie assente. — Fui o primeiro.

— E funcionou — digo. — Você consegue fazer magia agora, não?

— Smith ainda estava desenvolvendo o feitiço — Jamie diz, convicto. — Já melhorou bastante desde então.

— O que isso significa?

— S-significa — Pippa diz — que a magia dele foi embora. Como a de Beth.

Jamie fica constrangido. Passa a mão na cabeça.

— *Pippa...*

— Todo mundo que... que Smith... curou parou de v-vir às... às reuniões.

— Smith-Richards roubou sua magia? — Baz pergunta a Jamie.

— Não! — A resposta de Evander é estrondosa. — Graças a Smith, ele pôde ser um feiticeiro pela primeira vez em sua vida desprovida de magia.

— E agora? — pergunto a Jamie. — Você consegue lançar feitiços? Ele puxa o próprio cabelo.

— É complicado. Smith diz...

— Simon... — Baz aperta meu braço. — Temos que parar Smith-Richards. Ele vai lançar esse feitiço em Daphne.

— E Gloria Brooks — Pippa diz, olhando para Jamie. — E Eliza... Eliza Murphy. E Martin B-Bunce. E...

É melhor do que eu esperava... todos os bancos estão cheios.

Nunca estive na Capela Branca, só conheço de ouvir Evander falar. A falta de vitrais é decepcionante, mas a arquitetura é linda. Imagina só como devo ficar de pé no altar. Estou de branco. Meus seguidores estão atrás de mim. Daphne vai ser a primeira. Ela vai chorar, mas sem exageros. É perfeita para o papel.

Tudo está muito melhor do que eu esperava. Há centenas de pessoas aqui. Todas essas varinhas fracas... Talvez algumas sejam poderosas. Mas tudo bem. Me preparei para isso. A limpeza não precisa ser imaculada. Só uma seleção.

Daphne vai ser a primeira. Vai chorar. Vai lançar um feitiço. Outro chocolate gigante.

E todos vão acreditar — porque é verdade. Vão acreditar em mim.

Então vou fazer minha oferta: eu estava planejando ajudar apenas seis pessoas, mas posso ajudar todas.... posso tornar cada uma delas mais poderosa, independente de quão poderosas já sejam. Imagine só...

Quem vai dizer não?

Eu estarei no altar. Daphne estará ao meu lado, de vestido florido. O público vai aplaudir. Vai chorar. Vai rir. Queria que Evander estivesse aqui para ver. Meu grande momento. Meu salto rumo ao destino.

Mas tudo bem.

Posso contar para ele a história.

Que começa agora e não desacelera até que o mundo esteja renovado.

Não há uma boa maneira de chegar rápido a Watford.

Não vou deixar Simon voar, e nenhum de nós tem carro. Eu deveria ter pensado em algo antes que Penelope roubasse a van. Ela botou Shepard para dirigir, e lança feitiços frenéticos no trânsito.

— Vou ser preso — Shepard diz.

— Eu te ajudo a fugir da prisão — ela diz.

— Isso não é tão reconfortante quanto você pensa.

Assim que Bunce ouviu o nome do pai, disparou para Watford, sem ligar se íamos junto ou não.

— Não posso acreditar que você não me contou que meu pai estava envolvido nisso! — ela gritou para Simon.

— Eu não tinha certeza! — ele disse. — Fora que não parecia ser da minha conta!

— Se é da minha conta, é da sua conta, Simon!

— Eu não sabia se era da sua conta também, Penny!

Ela lançou liguem-os-motores na primeira van que encontrou e mal nos deu tempo de entrar atrás.

Estamos sentados no chão — não tem bancos aqui atrás —, Pippa e eu de um lado, Simon e o filho de Lady Salisbury do outro. Ele continua puxando os cabelos e tentando defender Smith Smith-Richards, que pode ou não ter tirado toda a magia do pobre coitado.

Snow continua tentando entender a situação. (Smith-Richards é o vilão; para mim isso basta.) Ele está sentado bem perto de Salisbury, com a mão no ombro dele.

— Conta pra gente o que aconteceu, Jamie.

— É tudo um mal-entendido — Salisbury diz, pela décima vez. Está encostado na lateral da van. É um homem atarracado, de porte largo, rosto grandalhão, pesado com seus quase quarenta anos. Ele passa os dedos pelo cabelo que vai até o colarinho. — Smith nunca machucaria ninguém.

— Então ele não te machucou? — Simon pergunta.

— Claro que não! — Salisbury fica aflito. — Acho que vocês não entendem o que Smith fez por mim... o que está oferecendo a todo mundo.

— Mundanidade — Pippa consegue dizer. (Me pergunto se um corpo pode rejeitar a própria voz. Talvez eu consiga encontrar um feitiço que a ajude a se fixar...)

— Pippa, você está com Smith há tanto tempo quanto eu. *Sabe* que a cura funciona. — Salisbury se vira para Simon, suplicante. — Smith me transformou numa pessoa diferente. Foi como ser um super-herói. Eu conseguia lançar todos os feitiços que conhecia.

— Parece maravilhoso — Simon diz.

Salisbury bufa.

— Foi mais do que isso. Foi um *milagre*. Você não sabe como eu era antes. Terrível com magia. Só conseguia fazer feitiços básicos. Coisa de criança. Mas Smith... Ele me transformou num feiticeiro de verdade.

— A sensação deve ter sido incrível — Simon diz.

— É. — Salisbury assente. Suas sobrancelhas estão erguidas no meio da testa. — Foi incrível mesmo.

— E o que aconteceu depois?

Salisbury baixa os olhos, desanimado.

— Bom, eu deveria saber que não era um bom candidato para o feitiço. Era praticamente um normal.

— Mas você disse que funcionou...

— Funcionou mesmo. No começo. Mas depois...

— Depois...?

Salisbury vira o rosto para Simon, como se estivesse procurando alguma coisa nele.

— Talvez meu destino fosse ser normal.

— Jamie — Pippa sussurra —, *não*.

— Feiticeiros não têm filhos normais — digo.

— Talvez meu pai ou minha mãe fossem normais — Salisbury retruca. — Nunca se sabe, não é?

(Espero que ele nunca diga isso à *mãe* dele.)

— Jamie, o que aconteceu? — Simon insiste.

Salisbury olha para o chão, a mão ainda emaranhada no cabelo loiro ensebado.

— Minha magia foi ficando mais fraca. Depois que o processo começou... foi questão de horas. Sumiu por completo. Não sinto mais nada na ponta dos dedos quando seguro a varinha.

— O que Smith disse? — Simon pergunta.

— Ele ficou frustrado, mas disse que vai dar um jeito. Fui a primeira pessoa que Smith curou. Ele disse que *aprendeu* comigo que o feitiço já está mais forte. Vai lançar de novo em mim depois que fizer alguns ajustes.

— E aí você se mudou para o porão...

— Para que ninguém fizesse perguntas, nem perdesse a fé. Só porque o feitiço perdeu o efeito em mim, não quer dizer que vai ser igual com todo mundo.

— Não foi só uma questão de perder o efeito — digo. — Sua magia se foi por completo.

— Não sabemos disso — Salisbury retruca.

— Jamie... — Pippa se inclina para a frente, tentando olhar nos olhos dele. — Ouve... — Sua voz sai baixa e rouca. Ela pigarreja e tenta de novo. — Me ouve. Beth disse que não estava conseguindo lançar feitiço... feitiço nenhum. Nem... nem mesmo só-o-pó.

Salisbury balança a cabeça, como se literalmente não quisesse ouvir.

— Não pode ser, Pippa. Smith disse que o feitiço estava funcionando melhor do que nunca.

— Por que eu... eu mentiria pra você? Você é meu amigo! Estamos... estamos j-juntos nessa, desde sempre!

— Não sei por que você está dizendo isso! Evander estava certo? Você está com inveja porque Smith não pode te ajudar?

— Não! — A resposta sai como um grito agudo e doloroso. Pippa se

recosta na lateral da van, fechando os olhos e levando as mãos ao pescoço. Uma lágrima escorre. — Não — sussurra.

Limpo as mãos na calça.

— Pippa — sussurro. — Você não precisa de Smith-Richards para ter sua magia de volta.

Ela abre os olhos, mas não vira o rosto.

— Não há nenhum motivo pra você não conseguir lançar feitiços agora — digo, torcendo para que seja verdade. Torcendo desesperadamente.

— Eu... — Ela tira as mãos do pescoço e olha para baixo, para as próprias palmas. — Não tenho varinha.

Nunca saquei minha varinha tão rápido do coldre.

— Usa a minha.

Pippa a aceita, com os dedos trêmulos, então me olha pela primeira vez desde que recuperou a voz. Parece assustada. Brava, também. Aponta a varinha de marfim para mim, com o braço trêmulo. Olha nos meus olhos...

Eu os fecho.

— Espera! — Simon grita.

Pippa lança um feitiço ao mesmo tempo:

— *Lá vem água!*

Abro os olhos quando o jorro atinge meu peito. Pippa olha para minha varinha. Simon está segurando seu pulso.

— Eu... — ele diz, soltando-a. — Desculpa, Philippa. Pippa. É que...

— Muito bem, Pippa — Salisbury diz, genuinamente feliz por ela, apesar de tudo.

Pippa se agarra à varinha enquanto observa a água escorrendo pelo chão da van.

— Baz! — Penelope vira para trás para gritar para mim. — Preciso de você!

Vou engatinhando entre os dois bancos da frente.

— Me ajuda a fazer a van ir mais rápido — ela pede.

Olho pela janela — talvez a van esteja literalmente voando.

— Não podemos ir mais rápido sem os normais notarem — digo.

— Podemos lançar um feitiço pra eles não notarem.

Passamos com tudo por um Golf. O motorista quase sai da pista, olhando feio para a gente.

— Não podemos, Bunce.

Shepard mantém as duas mãos no volante.

— Penelope... é você que está guiando ou sou eu?

— É você, Shepard! — ela diz. — Óbvio!

— O freio ainda funciona?

— Óbvio que não. Por que o freio funcionaria em um carro voando?

— Você não deveria ter permissão pra usar a palavra “óbvio” — ele fala baixinho. — Ela não deveria fazer parte do seu vocabulário.

Penelope volta a virar para mim.

— Tem certeza absoluta de que meu pai está metido nesse rolo?

— Pippa disse que sim, e Simon o viu numa reunião.

Ela balança a cabeça.

— Não consigo entender. Meu pai não tem problemas com magia. É um feiticeiro perfeitamente capaz.

— Não em comparação com sua mãe.

— Baz! — Ela olha para mim, ultrajada. — Não acredito que disse isso!

— Não estou insultando seu pai, Bunce. Só estou falando que é fácil dizer que ele deveria estar feliz. Que Daphne deveria estar feliz. Temos todo o poder que queremos. Não sabemos como é...

— Aqui, Shepard! — Ela aponta pela janela. — Sai!

— Onde?

— Nessa saída! A que diz “Watford”! Sai agora!

— Não dá, tem um carro!

Bunce estende o punho.

— *Dá um perdido!*

Shepard vira e pega a saída para Watford no último minuto. Ainda voamos na estrada.

— Me diz que você não fez o carro desaparecer — Shepard fala.

— Só mudei a localização dele...

— Qual é o problema? — pergunta Snow, que veio se agachar ao meu lado.

— Nada de novo — digo, aproveitando a oportunidade para tocá-lo.

Snow está agitado. Tirou o casaco e fica abrindo e fechando as asas, como alguém poderia fazer com os punhos. Não digo nada quando elas me acertam.

Bunce guia Shepard pela cidade de Watford, rumo ao campo. Estamos indo um pouco mais devagar... As rodas parecem ter voltado ao chão. (Bunce tem mesmo um feitiço para voar?)

— Estamos qua-quase lá — Pippa diz. Ela e Salisbury chegam atrás de nós.

— É ali? — Shepard pergunta. — No alto da colina?

— Você não vai conseguir ver Watford até atravessarmos os portões — Penny diz, automaticamente.

— O que é aquilo ali? Parecendo uma cidade murada?

Olho pelo para-brisa. Para a muralha da fortaleza e o topo da Torre em Prantos. Normais não podem ver Watford. Só olhar na direção da escola já deveria deixar os olhos de Shepard ardendo.

Simon olha por trás de mim.

— Também estou vendo.

— Isso é... isso é coisa de Smith — Pippa diz.

Viro para Snow.

— Ou é por causa das cabras?

— Que cabras? — Penelope pergunta.

— Das cabras de Watford? — Salisbury pergunta também.

— Estaciona — Simon diz. — Temos que entrar.

Tem mais de cem carros estacionados na alameda. Smith-Richards parece ter atraído uma multidão.

— Foda-se — Penelope diz. — Entra pelos portões!

Shepard faz exatamente isso, subindo o gramado com a van.

— Atravessa a ponte levadiça! — Penelope manda.

— Sua mãe vai te matar — digo.

A van passa por cima do fosso.

— Estaciona aqui — ela diz quando chegamos ao pátio. — Onde é a reunião?

— Na Torre em Prantos — Simon diz. — No salão superior. Jamie e eu vamos ficar aqui. Não temos como ajudar vocês.

— Snow...

Aperto o braço dele. Sempre quero a ajuda de Simon. Mesmo sem magia, ele é inestimável na luta. Mas... agora que meus feitiços não têm efeito nele, eu não conseguiria curá-lo caso se machucasse.

— Vão — ele insiste.

Bunce já saiu do carro.

— Vamos, Baz! Você também, Shepard!

— Vou ficar com Simon — Pippa diz, com a voz baixa e rouca. — Por favor... parem Smith!

— Vou parar — digo.

Vou mesmo.

Encontramos as cabras nas colinas atrás de Watford, bem dispersas e de mau humor. Elas se recusam a ser pastoreadas, mesmo com feitiços. Fogem de mim e atacam Niamh — um dos bodes mais velhos chega a derrubá-la.

Niamh senta, mas não levanta.

— Não sei se a gente deveria se dar ao trabalho de juntar todas ou se é melhor procurar só a grávida.

— Vamos procurar por ela — digo, limpando o pescoço com um lenço e indo até Niamh. — Acho que é por causa dela que estão todas assim.

— É outra “sensação” sua?

Cruzo os braços.

— Você quer saber o que meus instintos me dizem ou não?

— Quero — ela resmunga. — Não tenho instintos.

— Todo mundo tem instintos, Niamh.

— Eu, não. Só tenho... educação universitária.

— Ah, cala a boca. — Estou de pé diante dela, olhando para baixo. Seu cabelo curto fica ainda melhor castanho que platinado. — Já te vi jogar lacrosse.

— Você nem lembra de mim jogando lacrosse...

— Já disse que lembrei. Quer ajuda pra levantar?

Ela fica de pé e bate nas pernas e na bunda para tirar a grama. Niamh é bastante corpulenta, ainda mais com a barra do jeans dobrada e a camiseta mais justa que de costume.

Dou as costas para ela — e para a escola e as colinas — e olho para

a Floresta Inconstante. Começo a andar. Ouço Niamh me seguindo.

— As cabras não gostam da floresta — ela diz. — Nunca encontrei nenhuma lá.

— Tenho um...

— Não estou discordando — ela diz.

— Que bom.

Quando chego ao limiar, hesito. Também não gosto da floresta. Da última vez que estive aqui, vi Baz chupando sangue de um cervo. Não fiquei com medo — bom, fiquei com um pouco de medo. Mas estava principalmente animada. De compartilhar um segredo com ele. Da proximidade de algo emocionante e proibido. Baz pegou minha mão naquele dia. Eu quis que ele me beijasse.

É ridículo pensar nisso agora, em como eu me sentia dividida entre Baz e Simon...

Eu só estava *entre* os dois. E nem de uma maneira romântica ou dramática. Era mais como um animal morto no meio da estrada, algo que precisavam contornar para chegar a seu destino.

Não gosto da floresta. É escura e cheia de magia. Faz com que eu sinta como se estivesse prestes a ser beijada, e como se fosse uma tola por querer isso.

Eu me embrenho nas árvores. Não há um caminho a seguir.

— Nunca vim aqui — Niamh disse. — É mais escuro do que eu esperava.

— Achei que você tinha dito que veio procurar cabras.

— Eu disse que nunca encontrei nenhuma.

Reviro os olhos. Niamh deve ter que se esforçar para ser assim tão difícil.

— Durante todo o tempo que estudou aqui nunca veio à floresta?

— Não — ela diz. — O Mago sempre falou que havia magia perigosa aqui.

— Bom, acho que é verdade.

Pego minha varinha. Não sei que feitiço lançaria, mas me sinto mais em sintonia com... *algo* quando a seguro.

— Por que você veio pra cá? — Niamh pergunta. — Quando estava na escola, digo.

— Ah, você sabe... aventuras, aquela baboseira de Escolhido.

— Você não gostava mesmo?

— Do quê? Da floresta?

— Não. Você sabe... de ser a futura sra. Simon Snow.

Meus ombros ficam tensos. Fecho as mãos. Acho que Niamh também deve se esforçar para ser assim tão *ofensiva*.

— Bom... eu gostava de Simon. Você também gostaria, se desse uma chance a ele.

— Eu nunca disse que não gostava dele...

— Mas eu não gostava de ser o centro das atenções o tempo inteiro. Não gostava de todo mundo me olhando.

Niamh dá uma tossidinha depreciativa.

— Não era por causa dele que todo mundo ficava te olhando.

Eu me viro, e ela quase tromba comigo.

— O que você quer dizer com isso? — pergunto, embora saiba bem o que ela quer dizer.

Sei por que as pessoas ficam me olhando. É claro que Niamh encontraria a maneira mais desagradável possível de dizer “Você é linda”. É outra coisa que ela tem contra mim, e não posso fazer nada quanto a isso.

Pelo menos ela teve a decência de ficar sem graça.

— Quer dizer... — Niamh olha para o chão. — Não sei o que quero dizer...

Dou um passo para mais perto dela.

— Não mesmo?

— Irmã de cabelos dourados — algo diz. Algo que lembra mais folhas amassadas que uma voz.

Niamh e eu congelamos.

— É você? — a coisa pergunta, arrastando cada consoante.

Devagar, eu me viro para o coração da floresta. Uma ninfa flutua ali, na penumbra.

— É mesmo você — ela diz. — O ser dourado.

Ela se aproxima de nós. Entra na luz.

Conheço essa dríade. Já me seguiu pela floresta. Só observando, sem dizer nada. Costumava andar muito arrumada, com um paletó

amarelo de veludo e saia verde, o cabelo musgoso preso com fitas amarelas.

Agora sua saia está toda esfarrapada, e não tem mais fitas no cabelo, que cai no rosto e desce pelo peito e pelos braços. A dríade parece ter sido coberta pela vegetação. Parece ter sido esquecida. Agora é mais uma árvore que uma pessoa.

— Ser dourado, ser dourado — ela meio que sussurra, meio que cantarola. — O que busca?

Eu me aproximo.

Niamh tenta me segurar pelo braço, mas eu me solto.

— Estou procurando uma cabra — digo.

— As cabras de Watford — a dríade diz.

— Isso.

Dou outro passo.

A dríade paira no ar. Trêmula. A sombra de mil folhas dança sobre ela. Antigamente seus olhos brilhavam, acho. Agora não mais. Seu rosto está coberto de casca.

— As cabras de Watford estão perdidas.

— Ainda não — digo.

— Ainda e ainda — a dríade cantarola. — Elas vagam e perambulam... e voam.

— Estamos procurando por elas. Estamos procurando por uma fêmea.

A dríade carrega uma sombrinha. Gira-a no ombro e a abre. A seda está apodrecendo nas varetas.

— Irmã de cabelos dourados... — ela diz. — Seus amigos estiveram aqui. Não gosto deles.

— Meus amigos?

Ela franze a testa. Pedras e gravetos rodopiam no ar abaixo dela.

— Agora me diga... O que busca?

— Já disse: uma cabra. Uma fêmea grávida. Está na floresta.

— Como sabe quem adentra minha floresta?

— Tenho a sensação...

A dríade se inclina para gritar comigo, a mão agarrada à saia rasgada.

— As cabras de Watford estão perdidas! Não tem ninguém que as guarde! Ninguém que as guie para casa!

— A gente quer levar as cabras para casa!

— Vocês? — Ela aponta a sombrinha para mim. — Vocês falharam com elas.

Ponho as mãos na cintura.

— Olha, eu nem sabia delas até semana passada.

— Magos... — ela sibila. — Traíçoeiros. Traidores. Aproveitadores! Quando foi que protegeram algo de bom?

Estou bem diante dela, um pouco abaixo.

— Não vim aqui defender os feiticeiros — digo. — Não conseguiria. Somos péssimos. Mesmo os melhores de nós. Só vim ajudar a cabra. Ela está com medo e sozinha, é a primeira gravidez dela. Podemos ajudar. Nos leve até ela, *por favor*.

A dríade me encara. Fecha a sombrinha detonada... Então dá meia-volta e adentra ainda mais as profundezas da floresta.

Agarro a mão de Niamh e corro atrás da ninfa. Entro cada vez mais no coração da floresta. Na escuridão. Tiro galhos do caminho, e Niamh os pega. Deveria ser verde e viçoso aqui. A luz do sol deveria alcançar esta área. Isto é magia das trevas, magia indômita.

Fico de olho na dríade voando à nossa frente. Acho que está tentando nos deixar para trás, perdidas. Corremos atrás dela. Niamh me carrega por cima de uma árvore que bloqueia o caminho — ficamos peito a peito, nossos corações acelerados.

A dríade consegue nos despistar. Desaparece. Olhamos em volta, procurando por ela.

— Ali! — Niamh sussurra.

Uma clareira. Onde a luz recai em feixes dourados e sólidos.

Nos aproximamos. Pode ser uma armadilha; há histórias sobre meninas que entraram na floresta e nunca saíram. Seguro a mão de Niamh.

— Está ouvindo?

À nossa frente, algo berra, bale.

Entramos no círculo gramado de luz. Tem uma cabra deitada no chão, diante de um marco de pedra, arfando.

A dríade reaparece, pairando sobre a pedra, nos observando.

— Boa menina — digo para a cabra, me ajoelhando na grama ao lado dela.

— Há quanto tempo ela está em trabalho de parto? — Niamh pergunta.

A dríade a ignora. Senta na pedra, de costas para nós.

Percebo que é um túmulo. Uma lápide de mármore, quase da altura de Niamh, com uma inscrição numa fonte que chamo de *Watford Gothic*. EBENEZA PETTY. VIVEU POR WATFORD E MORREU A DEFENDENDO. QUE DESCANSE NA MAGIA E DURMA EM PAZ.

A cabra geme. Balanço a cabeça e me obrigo a me concentrar. Seus olhos estão fechados. Seu corpo está mole. Suas pernas estão cobertas de uma gosma amarela.

— Ela está em trabalho de parto há bastante tempo — digo.

Niamh toca a barriga da cabra, que arregala os olhos na hora. Asas se abrem às suas costas, como mágica. Ela tenta morder Niamh e sair voando, tudo ao mesmo tempo. Eu me posiciono entre as duas, abraçando o pescoço da cabra e aninhando-a no meu peito.

— Shhhh, está tudo bem, está tudo bem...

A cabra se tranquiliza, arfando.

Niamh se afasta um pouco para abrir a bolsa que trouxe.

— Me deixa ver sua mão direita, Agatha.

Franzo a testa para ela, mas estendo a mão, ainda segurando a cabra com o outro braço. Niamh esfrega um lencinho na minha mão, depois espalha um gel nos meus dedos. Ela nem precisa dizer nada: já vi vídeos no YouTube.

Eu me ajeito em volta da cabra — que não reluta — e enfio os dedos no canal vaginal. Ela berra. Está cansada, depois de ter passado o dia inteiro aqui. Não deveríamos tê-la deixado sozinha.

O filhote está lá dentro. Posso sentir.

— Está ao contrário — digo. — Preso.

— Você tem que pegar as pernas — Niamh diz.

— Eu sei.

— Tudo bem, estou aqui.

Eu me inclino sobre a cabra, segurando-a. Suas asas batem contra meu rosto. Enfio o braço até o cotovelo dentro dela. Niamh fica ao

meu lado.

Sinto o filhote. Sinto as pernas.

— Peguei — digo.

— Uma por vez — Niamh diz. — Você está indo bem.

Niamh mantém a mão nas minhas costas e lança feitiços na cabra, que berra. Estou segurando as perninhas, bem firme. Puxo uma por vez.

— Empurra, meu bem — digo. — Sei que está cansada.

Niamh sussurra feitiços. A cabra faz força. O filhote sai nas minhas mãos, ainda na bolsa. Niamh me passa uma toalha, e eu limpo o bichinho.

— Não está se mexendo — digo.

Niamh encosta a varinha no peito do filhote.

— *A batida perfeita!*

Ele não se mexe.

A mãe berra.

A dríade continua sentada na lápide de Ebb, ignorando a gente.

— Sinto muito — Niamh diz. — Chegamos tarde demais.



Esperamos que Baz, Penny e Shepard entrem na Torre em Prantos.

Então Pippa olha para mim.

— Você mentiu pra eles.

— É.

— Vai im-impedir Smith?

— Vou.

— Pra Capela Branca — ela sussurra. — Depressa!

— Está tudo bem — Niamh diz.

Não está tudo bem. Nada está bem. O filhote morreu. A mãe não para de berrar. E a maldita dríade age como se estivesse sozinha aqui.

— Por que você não fez nada? — grito com ela. Me levanto e dou a volta na lápide de Ebb. A dríade gira a sombrinha em frangalhos sobre os joelhos. — Por que não ajudou?

— Não sou a guardiã das cabras — ela diz, olhando a sombrinha.

— Ela veio atrás de ajuda!

A dríade volta os olhos brilhantes para mim.

— Não. Ela veio aqui morrer. É para isso que este lugar serve.

— As cabras protegem Watford, você não sabe disso? Se forem embora, vai ser a ruína da escola!

— E você se importa com Watford? Porque Watford não se importa com você! Não sente sua falta. Não vai te proteger. — A dríade passa a mão na lápide. Acaricia. — *Ela* amava Watford, e tudo o que recebeu em troca foi esta lápide.

— Você conhecia Ebb?

A dríade ri. É um som de folhas de uma árvore balançando ao vento.

— Sim.

— Vocês eram amigas?

Ela volta a acariciar a lápide.

— Não.

— Eu mal a conhecia — digo —, mas de uma coisa sei: Ebb amava essas cabras. Se deixar que uma cabra sofra sobre seu túmulo, ela nunca vai te perdoar. Vai te assombrar para sempre.

A dríade volta a rir.

— Agora é tarde. Tarde demais, ser dourado. Você chegou atrasada.

Vou impedir Smith.

Não sei se ele é o Escolhido. Não sei se seu feitiço funciona.

Mas Smith não pode lançar seu feitiço hoje — não no pai de Penny e nem na madrastra de Baz. Não depois que Jamie ficou escondido no porão e apontaram uma varinha para a cabeça de Pippa. Tem alarmes demais soando nessa história.

Sei que isso pode parecer engraçado, vindo de mim. Sou uma cacofonia de alarmes, metaforicamente falando, soando vinte e quatro horas por dia. Mas isso...

(Odeio porões.) (Não se esconde ninguém em porões. Nem pessoas malvadas. Muito menos amigos.)

Vou deter Smith.

Vou exigir que espere. Para impedir que cometa mais erros.

Chego à Capela Branca primeiro. (Pippa e Jamie estão em algum lugar atrás de mim — correndo, enquanto eu voo.) Não queria voltar, mas aqui estou. Aterrisso diante das portas douradas e as abro.

A capela está cheia de magos, mais do que nas outras reuniões de Smith. Sua fama deve estar se espalhando.

Ele está no abside, perto do altar, junto de Daphne. Segura a mão dela. Está usando um terno branco, com um microfone preso ao colarinho.

Tenho que impedi-lo.

Não preciso entender tudo, não preciso de respostas. Só tenho que impedir isso, agora. Por hoje.

Smith me vê. Diz meu nome, mas não alto o bastante para que o microfone pegue.

Balanço a cabeça e ergo a mão para ele. Talvez seja tudo um mal-entendido. Continuo avançando pelo corredor central. Vou pedir que ele venha comigo por um momento, para conversarmos.

— Simon Snow — ele repete, e o público ouve.

Todos se viram para me olhar. Boquiabertos.

— É *ele*?

— *Ele tem mesmo asas de dragão?*

— *Como passou pelos portões?*

— Smith. — Já atravessei mais da metade da capela. — Preciso falar com você.

Minhas asas batem, e avanço mais um pouco voando. (Acontece às vezes, quando não me concentro em me manter aterrado.) A multidão arfa. Fico ansioso e, em vez de aterrissar, voo mais alto.

— Smith — digo. — Não lance o feitiço. Precisamos conversar.

— Simon Snow — ele repete, ainda mais alto, com a voz que usa no palco. — Sei que está bravo por ter sido substituído. Mas não vai impedir o bom trabalho que estamos fazendo aqui.

— Quê? — Pairo diante dele. — Smith, não é...

— Tantos anos de mentiras chegaram ao fim! — ele grita. — Você já prejudicou demais o Mundo dos Magos!

Já não tenho o bastante para resolver?

Sei que esse não deveria ser meu primeiro pensamento — e certamente não teria coragem de dizer isso em voz alta —, mas, pelo amor das cobras, será que não há *um dia* em que as coisas piorem?

Tentar manter as paredes de Watford de pé com recursos escassos e ainda menos apoio já é um desafio. O Mago quase destruiu este lugar... A biblioteca estava vazia. O currículo escolar era uma confusão. Tenho alunos do oitavo ano que não conseguem lançar uma frase completa e alunos do quarto que só lançam memes de internet. E pensar que meus professores achavam que *músicas pop* eram instáveis... Meu próprio filho destruiu a parede da sala de aula com um “eita”.

Foi o Pacey. Ele tem dezessete anos. Sinceramente, é o menor dos meus problemas.

Posso afirmar isso com segurança, porque na maior parte das noites fico deitada na cama ranqueando meus filhos problemáticos. Tenho cinco, e é uma lista dinâmica.

Premal, meu mais velho, em geral fica em primeiro. Fechado em seu quarto em Hounslow, há quase dois anos de luto pelo Mago — depois que ele e eu encontramos o corpo. Tenho medo de que ele nunca supere. Tenho medo pelo rumo que ele pode acabar tomando. Tenho medo de que ninguém lhe prepare o jantar enquanto estou aqui em Watford...

Também tenho medo de que sua irmã de doze anos, Priya, lhe prepare o jantar, cuide dele e faça papel de mãe no meu lugar. Sei que ela já cuida de Pip, o mais novo. Também me preocupo com Pip, porque ainda não consegui identificar como estou falhando com ele.

E é claro que me preocupo com Penelope — sempre Penelope. Que parece ter nascido grudada a uma das pessoas mais perigosas da

Inglaterra. E ainda traz para casa normais perdidos. Por Morgana, não dá para suportar isso! Não sei nem por onde começar!

Preciso de uma folga... Preciso de ajuda...

O que não preciso é que Martin ainda me apronte essa agora.

Ele acredita no *Escolhido*?

Quando foi que isso aconteceu? Martin é um estudioso, um acadêmico. É pragmático. Crê em fatos. Foi por isso que me apaixonei por ele. Pelo menos em parte.

Sempre rimos dos magos que se deixavam levar por profecias. Pessoas como Davy, que acreditavam mais em superstições do que em seus próprios olhos e ouvidos.

Foi porque deixei Martin sozinho?

Vim para Watford e o deixei com as crianças. Concordamos que não seria um problema, que ele daria conta, porque não precisava mais ficar atrás do Oco. As crianças passariam a maior parte do tempo comigo em Watford mesmo. Martin e eu ainda nos vemos no fim de semana...

Já faz muito tempo que estamos casados.

Temos uma base sólida.

Será uma crise de meia-idade? Se juntar a uma seita? Outras pessoas da nossa idade se revelaram bissexuais, ou começaram a fazer pão, como os normais. (Eu preferiria qualquer uma dessas coisas. Ou ambas.)

— É claro que eu gostaria de ser mais poderoso — ele me disse ao telefone hoje de manhã.

Eu estava reclamando para ele da reunião do Smith Smith-Richards, porque tenho que ficar em Watford sempre que um evento é realizado aqui. Martin disse que já sabia da reunião, que estava planejando ir.

— Por quê? — perguntei. — Vai escrever um artigo a respeito?

— Não — ele disse, baixo, cuidadoso. Seu tom sempre foi baixo e cuidadoso. — Já faz um tempo que sigo Smith-Richards.

— “Segue” tipo detetive ou tipo seguidor?

— Ele é um bom homem, Mitali. Tem poderes extraordinários.

— Todos nós temos poderes extraordinários, Martin. Somos feiticeiros.

— Nem todos, querida.

Então ele me disse que participava das reuniões fazia um mês. Que tinha ficado amigo de outros frequentadores — e do próprio Smith-Richards, o homem que alega ser o Grande Mago. (Martin e eu não temos *amigos*. Temos colegas. Temos filhos. Temos *um ao outro*.)

— Você leva as crianças? — perguntei.

— Não, elas não iam se interessar. Puxaram a você. Não precisam da ajuda de Smith.

— E você por acaso precisa, Martin?

— Mitali... — Pareceu magoado por ter sido obrigado a dizer aquilo em voz alta. — É claro que eu gostaria de ser mais poderoso. Acha que não me pergunto como é ser que nem você?

Nós discutimos.

Eu desliguei.

Agora aqui está ele, no meu escritório, usando seu terno de casamentos e funerais. Espero que não esteja querendo minha bênção.

— A reunião já começou — digo.

— Eu sei. Pensei que...

— Espero que não peça que eu o acompanhe.

— Não.

Martin é um homem pequeno. Quando éramos novos, seu cabelo era um tom bege de loiro. Agora, é um tom bege de grisalho. Seu rosto é comum, e a pele, flácida. Sua voz é doce.

Foi por seus olhos que me apaixonei. Não porque eram bonitos, mas porque viam tudo. Sentiam tudo. Martin absorve o mundo todo. Isso é incrível, ser capaz de conter o mundo todo dentro de si e ainda sentir compaixão.

— Já aconteceu? — Tento soar gentil, mas não consigo. — Ele já te enfeitiçou?

— Mitali, eu...

Ele não termina a frase. A porta da minha sala se abre com tudo, e Penelope, Baz e *aquele normal* entram.

agatha

— Agatha! — Niamh grita do outro lado da lápide. — A cabra! Ainda não acabou!

Dou as costas para a dríade e corro até Niamh. O animal volta a se mexer. Bate as asas e arqueia as costas. Seus berros parecem mais urgentes.

— Aqui — Niamh diz, abrindo espaço ao seu lado para mim.

Eu me agacho atrás da cabra.

— Deixa ela trabalhar — Niamh diz. — Talvez não precise de nós. Acaricio seu flanco.

— Você está bem. Estamos aqui.

Eu deveria saber que ia acabar assim.

Duzentas varinhas apontadas para mim. Crianças chorando. Pais correndo para a saída.

Essas pessoas nem me conhecem...

O Mago não me levava a festas, não desfilava comigo por aí, não fazia de mim um espetáculo. De mim, elas só sabem que eu era uma fraude.

Fui um truque do Mago. Um cão treinado que acabou se voltando contra o dono. Todos sabem o que aconteceu da última vez que estive nesta capela...

Smith aponta a varinha para mim, como se fosse Gandalf, e eu, um balrog.

— Não vou deixar que fique entre estes feiticeiros e seu destino! — ele grita.

— Smith! — Voo para o altar. — Por favor, me ouve!

Alguém na multidão lança um feitiço, que atinge a janela acima de mim — uma claraboia que já teve um vitral lindo. Abaixo a cabeça e abro bem as asas, mas mesmo assim o vidro cai sobre Daphne e os outros. Um caco se crava na minha asa.

— Este é um lugar sagrado para os magos — Smith grita —, e não vou deixar que você o macule ainda mais! Vá embora agora!

— Smith, não posso deixar que...

— *Abandonai toda a esperança, vós que entraís!*

O feitiço dele provavelmente me atinge, mas não sinto nada.

— *Atire a primeira pedra!*

Nem desvio.

— Meus feitiços não têm efeito nele... — Smith diz. — O que você é, Simon Snow? O Oco Insidioso?

— Quê? Não!

Pessoas na plateia começam a lançar feitiços em mim. Ainda não sinto. Voo mais alto.

— Você não vai nos impedir! — Smith grita. Ele me dá as costas e aponta a varinha para os magos que estão ali com ele. — *Botem tudo...*

— *Que intrincada teia nos pomos a confeccionar, quando a mentira decidimos praticar!*

A cabra está extenuada. Lanço um feitiço para lhe dar forças.

Ouço um barulho alto ao longe. Uma explosão? Niamh e eu olhamos para cima. Não conseguimos ver além da copa das árvores.

Outro ruído forte. *Na escola?*

Niamh não diz nada. Só volta a olhar para a cabra.

Faço o mesmo.

Smith está tomado por uma teia pegajosa. É como se saísse de seus poros. Seu corpo parece uma casa mal-assombrada.

Todo mundo vira para ver quem lançou o feitiço.

Philippa Stainton está parada no corredor, apontando a varinha de Baz. Jamie Salisbury está ao lado dela, horrorizado.

— Pippa... — Smith diz, com a varinha ainda empunhada. — Jamie?

Nenhum dos seguidores de Smith sabe como reagir. Pippa acabou de lançar um feitiço nojento em Smith. Aliás, Pippa acabou de *lançar um feitiço*. Ponto-final.

— É mesmo a Pippa?

— Smith a curou?

— Ela nem tinha língua!

— Tinha, sim. Só vendeu a voz pra uma bruxa do mar.

— Como Smith conseguiu isso?

— Sendo muito foda, foi assim que ele conseguiu.

— Não! — Pippa grita, a voz grave, olhando em volta. — Me ouçam!

Todo mundo para e ouve. Inclusive Smith.

Ela olha nos olhos dele.

— Smith Smith-Richards é uma... é uma fraude! Seu feitiço acaba com a magia das pessoas! É só perguntar para Jamie e... e Beth!

— Beth? Cadê a Beth?

— Jamie está bem ali. A gente viu ele ser curado.

— Foi o primeiro milagre de Smith.

— Beth não atende meus telefonemas...

— Pippa — Smith diz, com toda a calma, como se não estivesse envolto em teias de aranha que provam que é um mentiroso. — Por que está tão brava? Depois de tudo o que fiz por você.

— Você? V-você...

— A profecia diz que falsas testemunhas serão enviadas para tentar macular meu nome — Smith diz. — Mas nunca achei que seria você.

Ele aponta a varinha para ela.

Pippa já está lançando outro feitiço com a varinha de Baz.

— *A mentira tem pe-perna curta!*

As barras da calça branca de Smith começam a fumar. Rapidamente, Daphne produz com a varinha um jato de água que apaga o fogo.

Continuo pairando sobre eles. Minha asa esquerda está cortada, por isso tenho que forçar a direita. Quando Smith aponta a varinha para Pippa, mergulho na frente dele.

— *O gato comeu sua língua!* — ele sibila.

Tenho certeza de que o feitiço me atinge, mas continuo não sentindo.

— Chega — digo, segurando Smith e o erguendo sobre a multidão.

— Me coloca no chão, seu monstro! — ele grita. Seu microfone se soltou. — Me coloca no chão, Simon!

O público começa a lançar feitiços contra mim. Pelo visto, sou o único consenso. Lançando feitiços ou não, todo mundo grita.

— Põe Smith no chão!

— Temos que proteger o Escolhido!

— Prendam o infiel!

— Acho que Smith estava enganando a gente...

— *Onde há fumaça há fogo!*

Uma torrente de fogo passa acima do meu ombro. (Preocupante. Não quero testar se sou imune a fogo mágico.)

— Parem! — alguém grita. Olho para baixo. É Jamie. Ele está no altar, segurando o microfone de Smith. — Parem todos. Por favor. Pippa está dizendo a verdade. Minha magia se foi. O feitiço de Smith passa, e deixa a pessoa... Me deixou... — Ele olha para o salão, decepcionado. — Sem nada.

— Ele está mentindo! — Smith grita. Tenta se soltar, o que não deve ser muito difícil, porque não estou conseguindo segurá-lo direito.

— Calma — digo. — Não quero que você caia.

Smith aponta a varinha para Jamie, e não sei como impedir que lance um feitiço. Então voo mais para cima, atravessando o vidro quebrado — e quebrando-o um pouco mais.

Foi ideia de Bunce aproveitar para pedir ajuda à mãe dela, quando descobrimos que Smith-Richards não estava onde Snow disse.

Subimos correndo e invadimos a sala da diretora, interrompendo o que claramente vinha sendo uma discussão acalorada entre ela e o marido.

Os dois pararam de falar, com o rosto vermelho, quando viram Penelope.

— Penny? — o pai dela disse.

A mãe olhou para Shepard e levou a mão à testa.

— Penelope Bunce, por favor, me diga que não trouxe um normal a Watford.

— Papai! — Penelope correu até ele. — Você não fez, não é?

— Smith-Richards! — exclamei. — Cadê ele?

— Estão todos na Capela Branca... — o sr. Bunce disse, abraçando Penelope, ainda confuso.

Virei para a sra. Bunce.

— Temos que impedir o cara! O feitiço acaba com a magia das pessoas.

Ninguém vai acreditar em mim depois, quando eu contar que a diretora simplesmente pulou da janela do alto da Torre em Prantos, mas vi com meus próprios olhos. Ela usou o mesmo feitiço que usei uma vez nas muralhas, voe-como-uma-borboleta.

O resto de nós provavelmente não se safaria com aquele feitiço daquela altura. Pegamos o elevador (insuportavelmente lento).

Quando finalmente chegamos à capela, a diretora já estava à porta, ameaçando derrubar quem quer que lançasse um feitiço ou tentasse sair. Daphne estava no altar, com Pippa e Jamie.

Não havia sinal de Simon e Smith-Richards.

Não era para ser assim.

Eu sabia que haveria desafios — antagonistas, distrações, *resistência significativa* —, mas nada desse tipo. Com caos e desonra. Eles me fizeram de bobo. Como vou me redimir?

E agora ele.

Me levando de um lado para o outro, como se eu fosse uma boneca de pano.

O capítulo Simon Snow tinha acabado.

Estou agarrado a ele, que joga minha varinha no chão. (Mais desonra.) (Sou o Escolhido. Como me recupero disso? O que o destino está fazendo?)

Ele me solta no telhado plano de um prédio próximo. Odeio pensar na bela imagem que ele causa. Contra as colinas verdejantes, os muros do castelo. As malditas asas vermelhas.

— Você está machucado? — ele pergunta.

Eu me recuso a responder.

Ele toca meu ombro, e eu reviro o corpo para longe. Não estou machucado. Só perdido. Escondo a cabeça nos braços.

— Isso foi um desastre.

— Não sei o que você esperava — Simon Snow diz. — Uma hora iam descobrir que seu feitiço não funciona.

Eu me sento para encará-lo. Ele paira acima de mim, com o sol às costas. Uma das asas está recolhida; e a outra, ferida, está caída. Até assimetria fica bem nele, droga.

— O feitiço funciona, sim — rosno. — Você viu com seus próprios

olhos, Simon!

— Tá, mas você não contou pra mim ou pra qualquer outra pessoa que o efeito passa.

— Isso não importa!

(Não importa mesmo! É praticamente irrelevante!)

— Importa pras pessoas que perdem a magia!

— Ah, pelo amor de Merlim — grito para ele —, elas mal têm magia a perder!

Simon põe as mãos na cintura. Está de calça jeans e com uma camiseta glamorosamente rasgada.

— Você rouba a magia delas? — ele pergunta. — É isso?

— *Se eu roubo?* — Dou risada. Pareço histérico, e talvez esteja mesmo. Simon Snow está me interrogando. Com aquele aspecto de quem acabou de sair da cama. *Eu* sou o Escolhido. *Eu*. — Não. Eu *dou* magia a elas.

Dou às pessoas toda a magia que elas têm, de uma vez só. É isso que o feitiço faz. Eleva a magia de cada um, para que consigam acessá-la. E então... a magia acaba. Às vezes em um mês, às vezes em uma semana. Depende da quantidade.

(Eu nunca havia lançado o feitiço num normal. E nunca farei isso de novo, se os torna imunes a mim.)

— Ninguém mais pode fazer o que faço — digo. — *Ninguém*. Minha magia gera magia. Nunca se ouviu falar nisso. É um milagre!

— Tá, mas é mentira!

— Não é mentira!

— Todo mundo ia acabar descobrindo, Smith!

— Não agora!

Não até que fosse tarde demais para voltar atrás!

Eu ia dar às pessoas na Capela Branca o melhor dia da vida delas.

Amanhã, seus amigos iam fazer fila na minha porta. Todas as varinhas fracas, todas as vontades fracas.

E, no dia seguinte, mais.

Eu os esvaziaria com o máximo de bondade possível. Faria um corte estratégico.

— Todos iam saber a verdade no fim — o garoto diz. — E aí?

E aí, Simon Snow, um novo tempo chegaria para o Mundo dos Magos...

Um novo *estágio*, com apenas os mais poderosos e astutos ainda de pé. Uma nova *era*. De aventura, alto risco e glória — como nas histórias que Evander me contou.

As histórias antigas são as melhores... E por quê? Quando foi que os magos pararam de fazer coisas dignas de serem registradas e repetidas?

Escreveram sobre mim.

Fui tema de profecias.

E ainda sou.

Um dia por vez, Evander sempre diz. Um capítulo.

Ouçou um barulho no telhado. Um alçapão se abre. A diretora de Watford — esposa de Martin Bunce — sai, com a varinha empunhada.

(Ela nunca vai se sujeitar ao meu feitiço. Vai permanecer na narrativa.)

— Você está preso — ela me diz. — Quanto a você... — Olha para Simon. — Espere por mim na minha sala.

Eu me levanto e ergo as mãos. Estou de branco. A barra da minha calça está queimada e estou coberto de fuligem. Não era para ser assim — mas não temo o destino.

O segundo filhote sai com facilidade, como era para ser. Eu o pego, e consigo senti-lo se contorcendo dentro da bolsa.

— Está vivo! — grito. — Niamh! Olha!

— Você está indo muito bem — ela diz, me passando outra toalha limpa.

O filhote sai da membrana e eu o limpo. A mãe vira a cabeça para trás, mas está exausta, e não consegue alcançá-lo. Levo-o até seu rosto, e ela lambe a gosma.

— Pronto, mamãe — digo. — Bom trabalho, minha linda.

Estou chorando.

Estou rindo.

Niamh toca minhas costas.

— Você salvou os dois, Agatha.

— Não salvei...

Eu me viro para Niamh. Pela primeira vez, não parece brava. Olha para mim como muita gente às vezes olha, mas nunca ela. Como se eu... bom, como se eu...

— Você é incrível — Niamh diz.

Ela não tirou a mão das minhas costas. Seus olhos são de um tom vívido de azul. Seus cílios são curtos e escuros. Sua pele é corada. Aqui, na clareira, sob a luz dourada do sol.

— Agatha — Niamh diz.

Minhas mãos estão melecadas. Ergo o queixo, para que fique acessível, caso ela queira...

Ela quer. Ela me beija.

Niamh.

Sinto seu nariz comprido na minha bochecha. Seu queixo pronunciado. Seus lábios, a parte mais macia dela, com toda a certeza.

Niamh.

Eu gostaria...

Niamh.

De mais disso...

Niamh.

Por favor.

Niamh me beija.

— Agatha — ela diz —, você salvou Watford.

Smith-Richards foi preso. Vai ser mantido numa torre até o julgamento.

Há uma reunião de emergência do conciliábulo. Três membros já estavam aqui, para o evento de Smith-Richards. (O que me parece preocupante.)

A diretora Bunce faz todo mundo na Capela prestar depoimento. Inclusive Penelope e eu.

— Não vou contar nada até saber onde Snow está — digo, quando chega minha vez.

— Calma, Baz. Ele está na minha sala.

— Ele foi preso?

— Ainda não. — A diretora estreita os olhos. — Deveria ser?

— Não. Ele deveria receber uma medalha. E uma pensão.

— Vamos levar isso em consideração.

Quando o conciliábulo acaba de me interrogar, vou atrás da minha madrastra.

Eu a encontro em um banco do pátio, parecendo não ter mais lágrimas para chorar, e me sento ao lado dela.

— Está tudo bem?

— Tanto quanto possível — Daphne diz, com os olhos baixos.

Eu a olho mais de perto. Está usando um vestido florido bem bonito e sandálias de salto grosso. Suas bochechas estão vermelhas, a pele irritada.

— Você... — Não sei bem como perguntar. — Chegamos tarde demais?

Ela olha para mim.

— Ah. Não. Simon o impediu. Smith não enfeitiçou ninguém hoje. Mas... eu teria deixado. — Ela volta a chorar. — Ah, Basilton, fui tão idiota.

Eu a abraço e pego um lenço do bolso.

— Está tudo bem.

— Eu acreditei nele.

— Eu sei.

— E agora... ah, agora... — Ela funga. — Basil, você pode me levar pra casa?

Put a que o pariu, graças a Crowley!

— Claro. Só vou falar com Simon.

Daphne assente, enxugando os olhos.

Uma sombra recai sobre nós. Olhamos para cima. É o pai de Penelope, segurando três copos vazios.

— Oi, Daphne. Quer uma gim-tônica?

Ela sorri para ele e faz que sim, rindo em meio às lágrimas.

— Obrigada, Martin.

O professor Bunce toca um copo com a varinha.

— *Coragem líquida!*

Ele lança o feitiço de novo, em seu próprio copo. (Na minha opinião, qualquer pessoa que pode fazer esse feitiço duas vezes seguidas não precisa de mais magia.) Então me oferece o copo vazio.

— Basil?

— Não, obrigado. Estou dirigindo.

— Pode trocar de lugar comigo por um momento?

— Claro.

Eu me levanto, e o professor Bunce senta no banco.

— Shepard tem limonada — ele diz.

Assinto e olho para Daphne.

— Vou ficar por aqui.

Shepard está mesmo com limonada. Penelope, com chá e biscoitos. Os dois circulam pelo que resta da multidão, oferecendo. (Shepard talvez seja o primeiro normal aqui em Watford. É uma transgressão inacreditável.) (Em quantos livros de história será que Penelope vai

acabar? E por quantos motivos diferentes?)

Aceito biscoitos de Bunce e faço o que posso para ajudar. Agora que o perigo passou, as pessoas parecem felizes em fofocar. E, agora que Smith-Richards caiu em desgraça, não hesitam em dizer que só vieram por curiosidade e se decepcionaram. Já mencionam outros possíveis Escolhidos.

O meu Escolhido está na sala da diretora há um tempão. Quando o chá e os biscoitos acabam, vamos esperar por ele na porta da Torre em Prantos.

Fico andando de um lado para o outro do caminho pavimentado. Penelope espera no banco, sentada de pernas cruzadas, sem se importar com a saia curta, arrancando as folhas de uma roseira por pura ansiedade. Shepard só fica olhando para a Torre, provavelmente se perguntando por que ela não cai.

— Ela não vai machucar Simon — Penny diz, tanto para si mesma quanto para mim.

— Mas ela não gosta dele — retruco. — Ele disse que ela nunca gostou.

— Ah, ela gosta dele, sim. Só acha que é má influência para mim. Shepard e eu damos risada.

Bunce olha feio para a gente.

— Talvez a gente devesse ir embora antes da sua mãe voltar — Shepard diz. — Não quero estar aqui quando ela começar a trancar as pessoas em torres.

— Eu te ajudo a escapar — Penny diz, despreocupada.

— Quase nada que você diz me conforta — ele fala, ainda sorrindo para ela.

— Confortar pessoas não é um dos meus maiores talentos — ela diz. — Mas tirar pessoas de torres é.

Talvez eu devesse ir conferir se Simon está bem. Posso esperar na frente da sala. De mim, a diretora gosta, acho.

Fiquei aterrorizado quando me dei conta de que Simon tinha ido sozinho para a capela... Depois fiquei muito bravo que tivesse mentido para a gente... Agora não sei como estou me sentindo. Vou descobrir depois de vê-lo. Depois que confirmar se não está

machucado.

Alguém cutuca minhas costas e eu me viro, já me preparando para pegar a varinha...

Então a vejo apontada para mim.

Pippa está à minha frente, estendendo a varinha de marfim.

— Toma.

Sua voz continua rouca, mas parece ter se firmado no peito.

— Pippa...

Ela franze a testa.

— Eu não tinha a intenção de ficar com ela. Pelo menos não de início.

— É sua.

— E-eu não preciso dela.

Endireito a coluna e ajusto os punhos da camisa.

— Pippa, estou pronto para sofrer as devidas consequências. Podemos falar com o conciliábulo em seguida.

— Por Crowley, Pitch. Só... *cala a boca*.

Ela empurra a varinha contra meu peito e a solta.

Eu a pego.

— Não espero que me perdoe...

— Ótimo! — ela rosna. — Porque não perdoo mesmo. Eu... — Ela balança a cabeça e pressiona os lábios um contra o outro, como se não tivesse palavras para tanto ódio. — Nunca mais quero ver você.

Assinto.

Pippa me olha por um segundo, com os braços cruzados, ainda parecendo me odiar.

— Diz obrigada pro Simon — ela fala, depois vai embora.

Penelope toca meu braço. Está de pé atrás de mim, com o punho direito sutilmente apontado para as costas de Pippa.

— Tudo bem, Baz?

Abaixo o punho dela.

— Tudo bem, Bunce.

Fico esperando a mãe de Penny em sua sala. Ela manda a enfermeira da escola, a srta. Christy, cuidar do ferimento na minha asa.

— É bom rever um rosto tão familiar.

— Oi, srta. Christy.

— A diretora disse para não lançar nenhum feitiço em você. Vamos ver essa asa.

Eu a abro e tento não recuar quando ela me toca. Confio na srta. Christy. Perdi a conta de quantas vezes ela cuidou de mim, e nunca pareceu me culpar por meus ferimentos.

— Não tinha mais ossos pra quebrar, então resolveu se dar asas, é?

— Acho que sim...

— Não vai precisar de ponto, mas vai arder.

Ela limpa o corte e me deixa com uma garrafa de refrigerante e dois biscoitos.

— Só que são de ontem...

— Não tem problema — digo. — Obrigado.

— A diretora pediu para você esperar por ela aqui.

Assinto.

A srta. Christy olha em volta.

— É estranho pensar que ele se foi, não é?

Está falando do Mago, mas tenho medo de reconhecer isso. Está brava comigo? Os dois eram próximos? Ela já estava em Watford quando cheguei, e é no mínimo da mesma idade que ele. Por quanto tempo será que trabalharam juntos?

Assinto, cauteloso.

Ela dá algumas batidinhas na minha mão.

— Sinto muito por sua perda, filho.

Ah...

Continuo com medo de falar. Só assinto de novo e a espero ir embora.

O sol se move, e a sala fica na sombra.

A mãe de Penny não chegou a mudar *tudo* aqui... Ainda tem um quadro com o brasão de Watford perto da porta. (Acho que talvez sejam cabras mesmo.) Além do cabideiro de ferro no qual o Mago costumava pendurar seu manto de lã verde. Um senhor manto.

Fico pensando o que aconteceu com os mantos dele... E as botas de couro com cano na altura dos joelhos e as bordas dobradas para fora. Provavelmente foram para os primos dele no País de Gales. O Mago tinha um cinto que eu sempre cobicei. De couro marrom, com uma fivela prateada que lembrava um teixo.

Por Siegfried e Roy, estou ficando louco!

Como os biscoitos — de cereja, e não se encontra igual em nenhum outro lugar —, depois recolho as migalhas do chão. O que será que fizeram com Smith? Vou ser preso também? Normais podem ser condenados por crimes mágicos?

Pego na estante um livro sobre dragões e o folheio, procurando alguma espécie que tenha asas como as minhas. Queria ligar para Baz — ou Penny —, mas meu celular morreu. (Preciso de uma bateria nova.)

A porta finalmente se abre, e vejo a diretora Bunce com Jamie Salisbury.

— Pode esperar aqui um minuto, Jamie? — Ela põe uma cadeira lá fora para ele, depois fecha a porta. — Desculpe ter demorado tanto, Simon.

Ela se apoia na mesa, me avaliando pelas lentes grossas dos óculos.

— O conciliábulo pode chamar você como testemunha no julgamento contra Smith e o padrinho, mas acho que Penelope e Baz já me atualizaram de tudo.

Assinto.

— Então posso ir?

— Ainda não. Quero conversar um momento sobre a questão da sua magia...

— Não tem nenhuma questão, diretora. Não tenho magia.

Ela vai para trás da mesa, tira uma varinha da gaveta e a oferece a mim. É de osso, com punho de madeira.

Eu a pego.

— É a minha varinha.

— Ficou na Casa da Pantomima.

— Não preciso mais dela.

Ela tira a própria varinha da cintura e se aproxima de mim.

— Simon, não ser capaz de lançar feitiços é uma coisa. É ser normal. Mas ser resistente à magia é outra muito diferente. Só quero me certificar de que não tem nada entre você e a atmosfera mágica.

— Tipo o quê? — pergunto.

Ela dá de ombros.

— Uma maldição, um ponto morto...

— Acha que sou um ponto morto ambulante?

— Quero fazer alguns testes.

Faço como ela pede. Aponto e repito. Deixo que lance feitiços em mim de que nunca ouvi falar. Nada acontece. Fico inerte.

Mas não sugo a magia dela, o que é um bom sinal.

Depois de um tempo, a diretora cruza os braços. Fica diante de mim, me olhando com o rosto franzido. Seu cabelo está particularmente volumoso hoje.

— Martin tem uma teoria de que Smith-Richards fazia uma sangria no potencial mágico das pessoas — ela diz. — Como se faz com seringueiras. O que ele extraiu de você, Simon...

— Não sei, professora Bunce. Digo, diretora.

Ela suspira.

— Parece que todo mundo se interessa por você, não é?

— Não me sinto muito interessante no momento.

— Penelope disse que você se mudou.

— É.

— Quero que você vá pro seu novo apartamento e descanse um pouco. — Ela me dá as costas antes que eu possa responder, então

abre a porta. — Pode entrar, Jamie.

Levanto para ir embora.

— Simon — a mãe de Penny diz —, não vá embora, por favor. Gostaria que levasse o sr. Salisbury de volta a Londres.

— Claro. Vou ficar esperando lá fora.

— Pode ficar, se quiser — Jamie diz. — Mitali só vai testar minha magia. Não acho que vá demorar muito.

A diretora e Jamie Salisbury parecem se conhecer. Ela é delicada e paciente com ele, enquanto repete a maioria dos testes que executou em mim. Como será que se conheceram? Não pode ter sido em Watford. Ele não estudou aqui.

Não sei como é a cara de Jamie normalmente, mas ele parece exausto agora. Seu rosto está suado, os olhos, inchados. Ele precisa se barbear. No momento, tem dificuldades para seguir as instruções da diretora.

— Desculpe, Mitali. Estou tão destruído que mesmo que tivesse magia acho que não conseguiria lançar um feitiço.

A diretora abaixa a varinha. Está pesarosa. (Não sei se já vi a mãe de Penny pesarosa em algum outro momento.)

— Vá para casa — ela diz. — Entro em contato em alguns dias. Com vocês dois. O dr. Wellbelove também quer ver você. Talvez seja apenas temporário.

— Vou estar na casa da minha mãe — Jamie diz.

É uma ótima notícia.

— Eu te levo pra lá — digo. — Mas vamos arranjar alguma coisa pra você comer antes.

Ele assente. A diretora nos acompanha até o elevador.

Enquanto esperamos que chegue, Jamie diz:

— Você não tem notícias dela, tem, Mitali?

— Não — ela diz, baixo. — E você?

— Nunca tive. Quando ele morreu, minha mãe achou que...

Ela assente.

— Eu também. — O elevador chega. A diretora olha para mim. — Simon, por favor, diga à minha filha para não ir embora sem mim.

Baz está esperando no pátio, com Penelope, o pai dela e Shepard. Penny vem correndo assim que saio da Torre e me dá um abraço apertado. Quando vou retribuir o abraço, ela me empurra.

— No que é que você estava pensando, Simon?!

— Penny... — começo a dizer. Baz está logo atrás dela. Me dirijo a ele. — Baz...

Ele está de braços cruzados e lábios franzidos.

Minhas asas se abrem sem permissão, o que faz o corte arder.

— Vocês não podem estar bravos comigo por causa disso.

— Claro que podemos — Baz diz. — Você mentiu pra gente!

— Eu não queria que Smith lançasse o feitiço em vocês!

— Então correu perigo sozinho? — Penelope retruca.

— Ele não tinha como me machucar! — digo. — Eu sabia que seus feitiços não iam me atingir.

— Você não tinha como saber, Simon.

— Bom, mas foi o que aconteceu...

Baz continua atrás dela, muito pálido e aparentemente furioso.

— Baz...

— Está machucado? — ele pergunta.

— Só superficialmente. A mãe de Penny lançou mil feitiços em mim para garantir. Estou bem.

Ele balança a cabeça.

— Você mentiu pra gente, Snow.

— Eu... — Menti mesmo, mas era a coisa certa a fazer na hora. Não queria que os dois acabassem machucados. — Fiz o que tinha que fazer.

— Ah, *merda* — Penelope diz, olhando para trás de mim. A mãe dela está vindo da Torre em Prantos. Penny tenta entrar na frente dela. — Pai — grita —, não deixa a mamãe enfeitiçar o Shepard!

Baz chega mais perto de mim. A testa franzida. Ele descruzou os braços, mas levou as mãos à cintura. Não diz nada.

— Conseguiu sua varinha de volta? — pergunto.

Seus ombros relaxam um pouco. Ele olha para baixo.

— Consegui. — Passa a mão no cabelo e suspira. Não sei dizer o que o suspiro significa, ou o que ele quer de mim. — Daphne está me

esperando. Fiquei de dar uma carona pra ela até em casa.

— Ah — digo. — Que bom.

— É, é um alívio. — Ele olha para mim, sem levantar a cabeça. —

Você...

— Tenho que levar Jamie pra casa. Ele está morto de cansaço.

— Pra casa de Lady Salisbury?

— É.

— Ela vai ficar feliz.

— Vai mesmo. Baz... — começo a dizer, sem ter certeza de como terminar.

Ele balança a cabeça de novo.

— Você não pode mentir pra mim, Simon.

— Eu...

— Daphne está me esperando — ele diz, e se vira para ir embora.

Niamh limpa minha mão, dedo a dedo.

A mãe já amamentou o filhote. Niamh diz que ambos estão bem, embora a mãe esteja claramente exausta.

— Queria poder levar os dois para o capril — digo.

Niamh franze a sobrancelha, pensativa.

— Vamos tentar. Posso carregar a mãe, com magia, se você der conta dos filhotes.

Viro para o primeiro filhote, que continua deitado na grama, onde o deixei. A dríade paira sobre ele. Parece mais dócil do que antes, com a cabeça baixa, o cabelo musgoso caindo nos olhos.

— Eu cuido dele — ela diz, com suavidade. — Vou encontrar um lugar onde possa repousar.

— Tá bom — digo.

— Pronta? — Niamh me pergunta. Simplesmente ignora a dríade, porque só tem tempo para coisas úteis.

Assinto e pego a bolsa dela, depois o filhote vivo. Niamh pega a mãe nos braços e caminha de volta pela floresta.

Sinto que deveria dizer alguma coisa à dríade...

Não, sinto que deveria dizer alguma coisa a Ebb.

Olho para a lápide de pedra. Flores crescem em volta, trepadeiras envolvem o mármore — eu ainda não tinha notado.

A dríade me observa, a alguns passos de distância.

Sussurro para a pedra:

— Fiz o que você mandou. Corri.

A dríade se aproxima.

Falo ainda mais baixo:

— Obrigada.

Então vou embora, antes que Niamh se afaste demais.

— Você sabe aonde está indo? — grito para ela.

— Não! — ela grita. — Anda logo, pra eu poder te seguir.

A luz do dia retorna nos limites da floresta. Depois que passamos pelas últimas árvores, encontramos o resto do rebanho esperando por nós. Os animais pulam e berram quando veem a cabra nos braços de Niamh. Algumas abrem as asas — que têm penas, como as de um pégaso.

Eu me ajoelho e estendo o filhote — que é uma fêmea — para que possam ver.

— Cuidado — Niamh diz.

— Não tem perigo — digo. Não mesmo. As cabras roçam o focinho no filhote e rodeiam Niamh, para conferir como a mãe está. — Vocês são muito especiais, não são?

Um macho bate as asas e voa à nossa volta. Outras cabras se juntam a ele. Dou risada e olho para Niamh, que já está sorrindo para mim.

— Niamh — digo. — Será que...

Eu me levanto e começo a caminhar para Watford. Ela me acompanha. As cabras saltam e voam ao nosso redor. Do outro lado do gramado, além da ponte levadiça e do pátio, do lado de fora da Capela Branca, há algumas pessoas reunidas. Elas olham para nós. Continuo andando, voltando ao capril onde Ebb morava com os animais. As portas se abrem para nós, e as cabras nos seguem, sentindo-se em casa. Niamh lança um feitiço a um canto, para trocar a palha, e deixamos a mãe ali, com seu filhote.

Niamh sorri. Para as cabras. Para mim. Quando suas mãos ficam livres, ela me abraça. Enlaço seu pescoço. Seu cabelo está caindo nos olhos, o que me deixa de pernas bambas. Graças à magia ela está me segurando, me mantendo de pé. Niamh volta a me beijar, e é diferente de tudo o que considereii beijo antes. Eu nunca soube que um beijo poderia pedir tanto de mim.

Jamie e eu acabamos com a van roubada. Ele não sabe dirigir, mas acho que consigo me virar. (Embora só tenha treinado nas estradas americanas.) Jamie está o dia inteiro sem comer, por isso passamos no KFC e devoramos o frango no estacionamento. Nenhum de nós diz nada até terminar.

— O que vamos fazer se nos pegarem com a van? — Jamie pergunta, enfiando o lixo em um saco de papel. — Nenhum de nós é capaz de lançar um feitiço.

— Acho que vamos ter que esperar Baz e sua mãe darem um jeito.

— Bom, estou acostumado — ele diz, taciturno.

— A ser preso?

— Não, a minha mãe tendo que dar um jeito... — Ele olha para mim. — Você deve achar que sou um completo idiota. Por ter caído no papo de Smith. Por ter ficado escondido no porão só porque ele mandou.

Balanço a cabeça.

— Não acho, não. Eu também acreditei nele.

— Parte de mim *ainda* acredita. — Jamie suspira. — Sou um idiota mesmo.

— Sinto muito. Pela sua magia.

— Ah, tudo bem. — Ele joga um guardanapo no saco de papel. — Não perdi muita coisa. Ao contrário de você. Deve fazer muita falta.

— E faz. Mas... sendo sincero, nunca fui muito bom com magia. Não é só uma questão de poder, sabe? Exige habilidade.

Jamie põe o cinto de segurança.

— Minha irmã era uma feiticeira brilhante. Tão boa que a mandaram para Watford um ano antes.

— Minha amiga Penelope também entrou mais cedo na escola.

Penny teve que esperar quase um ano para ir ao pub com o restante de nós.

— A filha de Mitali.

— Isso. — Penny lançou um feitiço para que a van funcionasse sem chave. Dou a partida e olho para Jamie. — Você tinha inveja dela? Da sua irmã?

— De Lucy? — Ele fica surpreso. — Não. Mas fiquei com saudade quando ela foi pra escola. A gente achava que eu ia me juntar a ela um dia. Lucy dizia que ia me mostrar tudo quando eu chegasse, me ensinar todos os truques... — Uma onda de exaustão parece percorrer seu corpo. Ele joga o lixo no chão. — Não, eu não tinha inveja dela. Lucy era tão boa comigo... Impossível me ressentir dela.

Tenho uma pergunta a fazer, mas não sei se deveria. Espero até já estar dirigindo, de olho na estrada.

— O que aconteceu com sua irmã? Espero não estar sendo grosseiro. Sua mãe mostrou uma foto pra gente... e a vela.

— Lucy fugiu — Jamie diz. — Quando tinha mais ou menos sua idade.

Olho de relance para ele.

— Fugiu do quê?

— *De quem* — ele diz, passando a mão no cabelo. — Lucy se envolveu com o cara errado. Meus pais chegaram à conclusão de que ela saiu do país para se esconder dele.

— Nossa. Ele deveria ser terrível, se ela teve que se esconder de todo o Mundo dos Magos.

Jamie fica olhando pela janela.

— Minha mãe não gosta que a gente fale disso...

— Claro — digo. — Eu entendo.

— ... porque o cara era o Mago.

Olho para ele, depois me lembro da estrada.

— *O Mago?*

— É.

— Sua irmã namorou o *Mago*?

— Eles se conheceram na escola.

— Eu não sabia que o Mago *namorava*...

— Meus pais odiavam ele — Jamie diz, sem emoção na voz. Aquilo não é nenhuma novidade para ele. — Achavam que era maluco. Minha mãe queria mandar Lucy para a Suíça, para separar os dois.

— O que tem na Suíça?

— Ainda não sei. Bom, Lucy não quis saber. Ela e Davy fugiram depois de Watford. Vai ver se casaram. O que quer que tenha acontecido, não correu bem. Ela sempre escrevia para minha mãe...

Jamie para de falar. Fico esperando, mas ele não continua.

— E aí?

Ele dá de ombros.

— Aí ela parou de escrever. Desapareceu.

Não consigo entender. Nada.

— E o que o Mago disse?

— Pouca coisa. Culpou meus pais por ter sido abandonado por Lucy. Meu pai quis desafiar Davy para um duelo. Minha mãe ficou fora de si.

— Você não acha que... — Ajeito as mãos no volante. — Sabe, você não acha que ele...

Jamie olha para as próprias pernas.

— Minha mãe acha que Lucy está viva. Você viu a vela.

— Verdade — digo. — Nossa. Não é à toa que Lady Ruth odeia o Mago.

— Ela quase deu uma festa quando você matou o cara. Acho que teria te mandado flores se soubesse onde você morava.

Ficamos ambos em silêncio.

— Acho que vou ter que contar à minha mãe que perdi minha magia — Jamie diz depois de um tempo.

— Acho que ela vai ficar muito aliviada de ver você.

— Ainda não consigo acreditar que minha mãe mandou *Simon Snow* atrás de mim...

— É meio que uma longa história... O conciliábulo achava que vampiros tinham te matado.

— Vampiros? — Ele ri. — Imagina só...

Quando chegamos à casa de Lady Ruth, Jamie quer que eu entre com ele — mas não parece certo. Fico na van. (Vou largá-la a alguns quarteirões daqui.) Eu o vejo seguir até a porta da frente. Reparo nas velas queimando na janela do andar de cima.

Jamie bate. Depois de alguns minutos, Lady Ruth atende. Fica chocada ao vê-lo. Ele a abraça. Acho que ela está chorando.

Os dois entram e fecham a porta.

É uma hora de viagem até Oxford. Minha madraستا chora a intervalos na primeira meia hora, e na segunda fica pálida e retorce as mãos. Acho que já teria dado meia-volta se estivesse no volante.

Quando chegamos, estaciono e desligo o motor. Ela não dá nenhum sinal de que vai sair, nem eu. Dou algumas batidinhas no volante e olho para a porta.

Daphne e eu não temos o costume de conversar. Não de verdade.

Normalmente, ela só me pergunta como vão os estudos, eu conto, e ela diz: *Muito bem, Basilton. Seu pai tem tanto orgulho de você.* Ela às vezes me pede ajuda com as meninas — mas nunca insiste. E me leva para comprar roupas e material esportivo nas férias.

Nunca me rebelei contra o segundo casamento do meu pai. Fui para Watford e superei. Me acostumei com Daphne. As coisas melhoraram depois que ela passou a morar com ele. (Embora tenha sido também o que fez minha tia se mudar.)

Meu pai ficou muito rígido depois que minha mãe morreu — ou talvez sempre tenha sido rígido, não sei —, mas Daphne o amolece. Foi por causa dela que ganhei um celular quando fiz quinze anos e que pude participar das excursões escolares. Provavelmente também foi graças a ela que meu pai não matou Simon depois que ele extinguiu a magia do nosso lar ancestral.

Daphne é uma boa pessoa. Uma boa madraستا.

— Eles vão ficar felizes em ver você — digo, baixo.

Ela ri, mas sem alegria. Lágrimas voltam a cair.

— Como é que eu vou explicar...

— Talvez você nem precise. Meu pai fica aliviado quando eu não explico as coisas.

Daphne ri de novo, com um pouco mais de ânimo, e chora mais um pouco também.

— Sua mãe nunca teria sido assim tão idiota — ela murmura.

Minha mãe talvez tivesse me matado, penso.

E depois: *Minha mãe não está aqui.*

E depois: *O que será que minha mãe achava dos gays, será que meu pai alguma vez tocou no assunto, talvez quando o George Michael saiu do armário?*

Saio do carro e vou abrir a porta do passageiro para Daphne. Ela olha para mim, ainda hesitante. Estendo a mão.

— Vamos, mãe.

Mordelia está passando pela sala quando entramos. Ela nem tira os olhos do celular.

— Delia — Daphne diz.

Só então Mordelia olha para a gente.

— Mãe! — Ela corre para abraçar Daphne. Saio do caminho. — Pai! — Mordelia grita. — A mamãe voltou! — Ela se afasta um pouco para olhar Daphne. — Você voltou mesmo, né? Conseguiu o que precisava?

— Voltei — Daphne diz, sorrindo e com os olhos brilhando.

— Mordelia, já pedi para você não gritar...

Meu pai entra na sala com Swithin no colo. Para quando vê Daphne.

— A mamãe voltou! — Mordelia volta a gritar. (Eu nunca teria gritado nessa situação, nem mesmo aos oito anos.)

— Oi, Malcolm — Daphne diz.

— As gêmeas... — meu pai diz.

— Elas estão bem? — pergunta Daphne, preocupada

— Estão no quintal... Eu ia dar uma olhada nelas.

— Eu vou — digo. — Mordelia me ajuda.

Mordelia faz bico.

— Ah, não, Baz...

— Vem, a mamãe não vai a lugar nenhum. — Pego Swithin do colo do meu pai e puxo Mordelia para a porta dos fundos. — Deixa os dois

se abraçarem. Você sabe que eles não fazem isso na nossa frente.

— A mamãe terminou a escola de magia?

— Terminou — digo. — Tudo certo.

— E voltou de vez?

— Voltou — respondo, torcendo para estar certo.

Encontramos Sophie e Petra no quintal, brincando com o mastim tibetano que meu pai comprou quando se mudaram para Oxford.

— Mamãe voltou! — Mordelia conta para as gêmeas.

— Esse é o Baz — uma delas diz, subindo na minha perna.

Eu me sento no chão para que ela suba no meu colo. O cachorro se afasta de mim, rosnando. Tem bons instintos.

Quando Daphne aparece, quinze minutos depois, as três correm para ela. Swithin começa a chorar. Daphne o pega no colo.

Meu pai fica olhando da porta.

— Você me ajuda com o jantar, Basilton?

— Claro, pai.

A julgar pelo jantar, ninguém imaginaria que Daphne passou semanas fora. O que é um bom sinal, suponho. Meu pai a trata com o mesmo carinho educado de sempre. É louco por ela, à sua maneira. Atende a todos os seus caprichos, sem drama.

Eu poderia voltar para Londres de trem, mas Daphne quer que eu durma aqui. Depois do jantar, vou para o sótão, dar uma olhada nas caixas com minhas coisas que trouxeram de Hampshire. Depois vou caçar nos campos atrás de casa. (Dois coelhos e uma toupeira.)

Daphne arruma o sofá para eu dormir.

— Você deveria ter um quarto aqui — ela diz.

— Não precisa. As gêmeas já têm que dormir juntas.

Acabei de tomar banho e estou usando um pijama velho que encontrei lá em cima — está só um pouco curto. Daphne me entrega uma manta, e eu a estendo sobre as almofadas.

— Podemos acrescentar um cômodo — ela diz. — Seu pai pode lançar uns feitiços. Ou podemos contratar um empreiteiro.

— Não tem necessidade...

— Ou podemos reformar um estábulo! Aí você poderia vir no fim de

ano. E trazer um amigo.

— Eu... — Olho para Daphne. Ela está brincando? Meu pai botaria fogo em mim se eu trouxesse Simon para casa. (Ou qualquer outro cara. No caso de Simon, botaria fogo em mim *duas vezes*.) — Acho que não vai rolar.

Daphne acabou de botar a fronha no travesseiro. Parece estar falando sério e com cautela. Como alguém que pisa no gelo fino, tomando muito, muito cuidado.

— Acho que poderia acontecer, Basilton.

Assinto e pego o travesseiro dela.

Daphne toca meu ombro, por apenas um segundo.

— Boa noite, querido.

— Boa noite, mãe.

Espero que ela saia, então me deito sob a manta. Meu celular está no chão. Eu o pego e abro as mensagens. Clico em SNOW.

Minhas mensagens não respondidas da semana passada continuam aqui. Eu não deveria reler, só vai me deixar mais melancólico — mas é claro que releio. E definitivamente não deveria escrever para Simon agora. Ele odeia mensagens, mesmo quando não quer me ignorar.

Vou dormir em Oxford. Chegou inteiro em casa?, escrevo, então deixo o celular no peito, revirando os olhos para mim mesmo.

Dou um pulo quando o celular vibra e o derrubo no chão.

mais ou menos. você sabe costurar?

Sorrio, depois volto a revirar os olhos para mim mesmo. Eu me contento com muito pouco. *Você deixou o Jamie Salisbury em casa?*

deixei. você não vai acreditar no que ele me contou. a irmã dele namorou o mago

Por Aleister Crowley. O Mago?

O Mago Mago?, escrevo.

O MAGO, Simon responde.

Não foi à toa que ela saiu do país.

é. não é à toa que lady ruth odeia ele.

ela já ligou pra agradecer, por jamie e td mais.

vai fazer um almoço pra gente comemorar amanhã.

vc já vai ter voltado?

Já, escrevo.

Ele me manda um joinha.

Fico olhando para a tela por um segundo, incerto quanto ao que escrever a seguir. Simon e eu não costumamos conversar por mensagem. Não de verdade.

Sei que Simon começa a digitar algo, porque aparece “...” na tela, mas depois desiste. Então o símbolo volta a aparecer.

ainda está bravo comigo?, finalmente envia.

Penso por um segundo.

Estou.

não pode esperar até voltar?

Como assim?

fica bravo comigo amanhã, qd estiver comigo, não agora.

Quer que eu deixe isso de lado um pouco?

é.

Penso de novo.

Tá.

vc está bravo?

Não, escrevo. É verdade. É fácil deixar a raiva de lado. Não quero ficar bravo com Simon. Na verdade, quero até pedir desculpa por estar bravo com ele. Mas não é justo. Foi Simon quem mentiu.

Ele não responde de imediato. Depois escreve: *vc estava certo qto ao smith.*

Claro que estava.

É.

fico com medo de continuar acreditando nessas merdas.

Como assim?

primeiro o mago, agora smith.

Franzo a testa.

Você era uma criança quando caiu na do Mago.

na do smith não.

Você só acreditou nele por um minuto. Depois obrigou o cara a prestar contas. É isso que importa nos dois casos, acho. Que você não deixa barato.

pode ser.

Simon começa a digitar e para. Então volta a digitar. E para.

Fico esperando.

Ele finalmente manda: *queria que smith fosse o escolhido de verdade.*

Putá merda...

Por quê?

porque aí eu não precisaria me sentir mal por decepcionar todo mundo.

ia ter um grande mago pra fazer todas essas coisas de grande mago.

Franzo a testa e clico no nome dele para ligar.

Simon atende em alguns segundos.

— Baz?

— Você nunca decepciona ninguém.

Simon não diz nada a princípio. (Posso ouvir os três pontinhos.)

— Não é verdade — ele diz. — Decepciono você o tempo todo.

— Estar deprimido não é causar decepção em ninguém.

— Você ainda está bravo comigo por causa do que aconteceu hoje.

— Porque você mentiu pra mim, Snow!

— Isso não conta?

— Tá bom — digo baixo, mas com dureza. — Você me decepciona o tempo todo, mas acho que faz parte de um relacionamento. Só que você nunca decepcionou o Mundo dos Magos. Você não deve nada à comunidade mágica. Nunca deveu. Você a serviu com uma determinação inabalável.

— Eu gostava! — ele diz. Estou falando baixo, mas Simon não. Ele está praticamente gritando. — Gostava de tudo! Sei que você acha que foi errado o Mago me usar e me botar pra lutar, mas eu gostava. E sinto saudade. Eu gostava de ter um trabalho, e gostava do trabalho em si, gostava de saber quem eu era. De um modo geral. Não sei quem meus pais são, mas sabia quem *eu* era. Quem deveria ser. Quem eu sou agora, Baz?

— A mesma pessoa!

— Antes eu era o Escolhido.

— Você era você. Continua sendo.

— Você não entende... — ele resmunga.

— Entendo, sim. — Cubro a cabeça para abafar o som da minha voz. — Entendo que você perdeu algo, muita coisa, na verdade, mas

que continua sendo a mesma pessoa. Sei disso porque te amava na época e te amo agora, e sei que não é o bastante pra te fazer feliz, pra fazer qualquer um feliz, mas você é a mesma pessoa, Simon. Ainda é você.

Ele não responde. Pelo barulho, acho que está andando de um lado para o outro. Ouço suas asas abrindo e fechando.

— É o bastante — ele finalmente resmunga.

— O quê? — sussurro.

— Você me amar. Isso me faz feliz.

— É?

— É. — Ele suspira. — Não resolve as coisas. Ainda não sei quem sou quando me olho no espelho. Mas... me faz feliz.

— Você parece mesmo radiante, Snow.

Ele ri.

Ouço um rangido, como se ele estivesse sentando no colchão ou no sofá novo.

— Quero te dizer que sinto muito por ter mentido pra você. Mas aí penso em você entrando na capela e sendo alvo daquele feitiço. Daquela maldição.

— Por que Smith-Richards lançaria um feitiço que me deixaria mais poderoso na hora?

— Não sei. Pra te ferir. Ele não é normal!

— Não vou discordar disso — digo. — Mas você não pode mentir pra mim toda vez que há algum risco. Não pode me excluir de todas as batalhas.

— Você espera muitas batalhas no futuro?

— Talvez você tenha esquecido quem é, Snow, mas eu não esqueci. Simon suspira. Soa cansado.

— Você disse que podíamos deixar isso de lado até você voltar.

— Foi você quem tocou no assunto.

— Eu sei. Desculpa. Por ter tocado no assunto, digo. Você... você vai mesmo voltar?

— *Simon...* — Sei que ele é traumatizado e inseguro, mas continua duvidando da única coisa de que tenho certeza. É ofensivo. — Eu sempre vou voltar.

Ele fica quieto. Eu o ouço respirar. Ouço os três pontinhos pairando sobre sua cabeça.

— Eu também — Simon diz.

Caço antes de ir embora de Oxford (mais dois coelhos e uma raposa). Depois meu pai me leva até a estação.

Ele não diz nada no carro, e não estou esperando que diga.

A viagem de trem até Londres leva uma hora. Quando chego lá, vou para o apartamento da minha tia. Abro a porta e entro.

— Fiona?

Ninguém responde. Penso em deixar um bilhete.

— Ela foi comprar café — alguém diz.

Nico está à porta do quarto da minha tia, parecendo que acabou de vestir uma calça jeans e uma camiseta — e parecendo odiar ter que falar comigo.

— Você pode esperar ela voltar, se quiser — ele diz.

— Eu moro aqui.

— Eu sei, só quis dizer... — Ele passa a mão no cabelo loiro e suspira. — Quer chá?

Franzo a testa, faço que sim e sento no sofá.

Nico volta da cozinha com duas canecas e o leite. Senta na poltrona.

Cruzo as pernas e tiro um fiapo do joelho.

— Então você e minha tia vão se casar.

— Isso mesmo.

Ele ergue o queixo, como se estivesse preparado para qualquer bobagem que eu tenha a dizer. Não consigo nem expressar o quanto a cara dele é desagradável. Azeda, maliciosa. Bonita, de um jeito raivoso. É como se ele fosse o cantor de uma banda que odeia o sucesso que faz entre as adolescentes.

Nico deve ter quase quarenta anos — é irmão gêmeo de Ebb —, mas parece um cara nada saudável de vinte e poucos. Sua pele é cinza e seus olhos são cansados. Sou assim também? Sempre vou ser? Um cara de vinte e um anos que nunca dorme direito?

Nico limpa a boca com as costas da mão. Está sem os caninos. Pelo menos meu sorriso continua intacto.

— Parabéns — digo. — Isso significa que vão virar a página?

— Como assim?

— Não sei se você notou, mas minha tia é uma caçadora de vampiros.

Ele sorri.

— Notei, sim. E você, notou?

Acho outro fiapo na calça. Talvez devesse ir embora. Fiona não precisa da minha bênção.

— Não vou transformar sua tia — Nico diz. — É com isso que está preocupado? Se fosse o caso, já teria feito. Mas eu não causaria nem um arranhão nela.

— Isso não serve de conforto para todas as pessoas que você matou.

— Eu não... — Ele deixa o chá de lado e tira um cigarro eletrônico do bolso. Dá um trago. — Parei com isso. Fi me fez virar vegano.

— Vegano? — pergunto, genuinamente surpreso.

Ele faz um gesto no ar.

— Sabe... Ratos, gatos, morcegos. Nada que seja capaz de responder. Me sinto um lixo, e imagino que meu cabelo vá cair, mas acho que não importa. Não quero viver pra sempre sem Fiona mesmo.

Eu me sento. *O que ele...*

Isso quer dizer que...

Eu me recuso a fazer perguntas sobre vampiros a Nicodemus Petty.

Mas...

— Quer dizer... que isso te afeta? Não chupar... pessoas?

— Você está de brincadeira comigo? — Ele ri, com desdém. — Acha que a imortalidade está na porra de um esquilo?

— Eu...

A porta da frente se abre e Fiona entra com um saco de padaria e café.

— Basil. — Ela olha para mim, depois para Nico, depois para mim de novo. — Está tudo bem?

— Tudo bem — Nico diz. — Fiz chá.

— Eu... — Eu me levanto. — Fiona, posso falar com você um minuto?

— Eu saio — Nico diz. — Estou precisando dar uma beliscadinha mesmo.

Ele vai para o quarto, tocando o ombro da minha tia antes de sair. A mão dela cobre a dele por um segundo.

Então ela põe o café na mesa de centro e estreita os olhos.

— Esqueceu alguma coisa? Veio assaltar o armário da cozinha?

Enfio a mão no bolso do paletó e tiro a aliança da minha avó. É de ouro, com uma safira e três diamantes. Ofereço a Fiona, na palma da mão.

— A aliança da minha mãe — minha tia diz, de olhos arregalados. Ela olha da minha mão para o meu rosto. — Basil, você revirou o túmulo da sua mãe?

Balanço a cabeça.

— Meu pai me deu. De lembrança, faz anos. Ele disse que minha mãe a usava todo dia...

— Usava mesmo — Fiona diz, e sua voz falha.

Estendo a mão para ela.

— Pega.

Fiona desvia os olhos.

— Não. Seu pai está certo. Você deve ficar com ela, como lembrança da sua mãe.

— Vou ver com mais frequência se ficar na sua mão, em vez de guardada.

Ela olha para mim, mordendo a bochecha por dentro, mas ainda não a pega.

Olho para a aliança.

— Acho que meu pai esperava que eu pudesse dar a uma mulher um dia...

Fiona pega a aliança na hora.

— Simon Snow não vai ficar com a safira da minha mãe.

Dou risada.

— Homofóbica.

— O problema não é ele ser homem. É ser um pé no saco. — Então ela faz uma careta, como se culpada, por minha causa. — Ah, merda. Você quer dar o anel pra ele?

— Não — digo, ainda rindo. — Pode ficar.

Ela sorri para mim.

— Obrigada.

— De nada.

Minha tia me abraça forte, balançando nossos corpos para a frente e para trás.

— Obrigada, obrigada!

— De nada, Fiona.

Ela se afasta e abre o punho, admirando a aliança.

— Sei que você acha que sou louca...

— Totalmente. Vai contar a alguém do casamento?

— Você consegue imaginar? Os Pitch de um lado da capela e vampiros do outro?

— Eu ficaria dividido.

Ela dá uma ombrada no meu braço, sorrindo para mim.

— Eu não estava planejando uma cerimônia. Mas Nicky vai se mudar pra cá.

— Imaginei.

— Vamos formalizar a união à maneira dos normais. Nos livros *deles* Nicky ainda consta. — Ela ergue a sobrancelha para mim. — Mas estamos precisando de uma testemunha...

Penso em bater na porta de Snow, mas ainda é cedo, e tenho a chave.

O apartamento está silencioso. Não faço barulho, caso esteja dormindo. Trouxe biscoitos para ele. Deixo na bancada da cozinha.

— Achei que fosse um goblin — Simon diz.

Está de pé à porta do quarto, segurando uma faca de cozinha como se fosse uma adaga. Dormiu de samba-canção, e ainda parece estar acordando.

— Vou aceitar isso como um elogio — digo. — Goblins são bem gatos.

Simon esfrega o rosto e volta para o quarto. Quando entro, já voltou para debaixo do edredom.

Sento na beirada do colchão.

— Você está dormindo com todo o jogo de talheres ou só aquela faca?

— Não tenho espada — ele murmura, como se servisse de explicação. — Volta pra cama.

— Eu não estava na cama.

— Não seja babaca.

Tiro o paletó e o colete — estou com a mesma roupa de ontem, talvez devesse deixar algumas coisas em Oxford. Olho para Simon atrás de mim. Ele está todo enrolado no edredom, com a cara enterrada no travesseiro. Seu cabelo forma cachos em todas as direções. Cachos enormes. Deve ter dormido com ele molhado.

Olho para meus sapatos e desamarro os cadarços rapidamente. Tiro as meias e a calça, a camisa e, depois de pensar por um segundo, a camiseta por baixo. Parece estranho tirar a roupa sem ninguém pedir ou dar permissão. Imagino que seja um pedido meu. Sou eu quem quero tirar.

Entro debaixo do edredom. Snow estica os braços e me puxa. Ainda está quente da cama. Sinto seu rabo se enrolando na minha coxa. Ficamos cara a cara, mas ele não olha nos meus olhos.

— Não fica bravo comigo ainda — Simon sussurra. Está com mau hálito. Se fosse outra pessoa, talvez eu me importasse.

— Quando vou poder ficar bravo? — pergunto.

Ele encosta a testa na minha, ainda olhando para baixo.

— Depois.

— Tá bom — sussurro.

Ele ergue as mãos e leva um dedão ao meu lábio inferior.

— Você está meio rosa.

— Tomei café — digo.

Simon esfrega meu lábio de leve contra os dentes. Deixo a mandíbula frouxa.

Ele me encara, depois esfrega meu lábio de novo, com mais delicadeza. Estremeço.

Toco as costelas dele, sua pele. Simon acha que está gordo, mas não está. Só não é mais um adolescente passando fome. Tem um corpo firme e robusto. E tão quentinho... Sua pele fica diferente quando dorme, não entendo por quê. Parece mais grossa, mais viçosa. Ponho a mão na sua lombar, logo acima do rabo, e o puxo pra mais perto. Ele faz uma careta.

Tiro a mão.

— Você está machucado?

Snow dá de ombros.

— Um pouquinho. Tenho um corte na asa, do vidro da capela. Vai ter que curar do jeito tradicional.

Dou um beijo rápido em sua bochecha.

— O que posso fazer?

— Você pode... — Ele me deita de costas (e eu deixo) e meio que rola para cima de mim. Suas asas ficam livres e ele as relaxa, semiabertas acima de nós. — Valeu.

Estendo o braço e acaricio a ponta de uma asa, que se recolhe.

— Isso dói? — pergunto.

— Não, só... — Ele franze o nariz, como se não tivesse certeza. — Não. Só está sensível, não dói. O machucado é mais pra trás.

Continuo acariciando a ponta da asa. É macia como uma luva de pelica e quente tal qual o resto dele.

Simon relaxa sobre mim, aninhando o rosto na minha bochecha.

Vou sentir falta de suas asas. De seu rabo. Não vou dizer isso a ele, não vou culpá-lo por querer se livrar disso. Mas amo essas partes como amo cada outra partezinha de Simon. Eu o envolvo com o outro braço e acaricio a outra asa também. Ele geme no meu pescoço.

— Está bom assim? — pergunto.

Ele assente. Depois de um minuto, murmura:

— Você sente que está na cama com um dragão?

— Não no sentido ruim — sussurro, sentindo as saliências grossas que sobem por suas asas. (Simon Snow tem músculos como ninguém mais.) — Você sente que está na cama com um vampiro?

— Sinto — ele diz, e depois ri.

Levo as mãos às laterais do corpo dele, onde é mais seguro beliscar.

— Ai! — Simon ri. — Estou machucado.

Eu o belisco de novo, logo acima da cintura.

Ele continua rindo. Tenta afastar meus braços.

— Ai. Para. Eu quis dizer “não no sentido ruim” também.

— Não tem um sentido *bom* em estar na cama com um vampiro.

— Discordo — Simon diz, mordendo meu pescoço. — Até agora foi ótimo.

Fecho os olhos e enfio o rosto no pescoço de Simon. Quero que seja verdade. Quero que seja sempre verdade.

— Desculpa por ter mentido pra você — Simon sussurra.

Abraço sua cintura.

— Me promete que não vai fazer de novo.

— Não.

— *Snowww* — solto um gemido. — Achei que você não queria que eu ficasse bravo agora.

Simon levanta e deita de lado, apoiado no cotovelo. Pega meu rosto com as duas mãos.

— Acho que tomei a decisão certa. Pra proteger você e Penny.

— Não precisamos da sua proteção.

— Precisam, sim — ele diz, teimoso. — Às vezes.

— O que eu preciso é poder confiar em você.

— E você pode, Baz. Pode confiar que vou tomar a decisão certa. No momento. Confiar que vou pensar rápido.

Os olhos azuis de Simon são diretos, francos. Ele não está me manipulando. Suas sobrancelhas estão tensas. Seus lábios estão entreabertos. Seus dentes são muito brancos.

— Você pode confiar em mim — Simon repete. — Já confia.

Ele está certo...

Mas também está *errado*.

— Você é tão irritante — digo.

Ele beija minha bochecha. Rápido.

— Fica irritado depois.

— Não. Você já gastou todos os seus direitos de adiar.

Simon afasta o cabelo dos meus olhos e passa os dedos pelo meu couro cabeludo.

— Acho que é isso que as pessoas fazem...

— Do que está falando, Snow?

— Ontem à noite, você disse que sempre te decepçiono.

Balanço a cabeça.

— Eu não quis...

Ele segura meu queixo.

— Quis, sim. E é verdade. Eu te decepçiono. Só que você não para...

— Eu não paro?

Simon engole em seco; é meu espetáculo preferido.

— De me amar.

— Simon...

Eu o beijo. Ele me beija de volta. Aperto sua cintura. Ele continua segurando minha cabeça.

Quero isso...

Com Simon...

Desde que soube como querer.

Mas não é como achei que fosse. É como se eu tivesse sonhado em beijá-lo em preto e branco, e agora o beijasse em cores. Sua boca é azeda. Seu rosto brilha, com o suor da manhã de verão. Ele tem pelos nas axilas e abaixo da barriga, e a pele de seus antebraços é três tons mais escura que a do peito.

Ele ainda me decepçiona às vezes. Mas não...

Afasto a boca.

— Não estou decepçionado.

— Eu sei — Simon diz, me beijando.

— Você não me decepçiona.

— Tudo bem, Baz.

Ele me beija. Depois me beija um pouco mais.

— Desde que você...

Simon me beija com a boca relaxada, enfiando a língua grossa na minha boca. Deixo o queixo cair e agarro os quadris dele.

— Desde que a gente... — digo, quando ele faz uma pausa para respirar.

Simon volta a enfiar a língua na minha boca, de um jeito obsceno. Sua boca fica cada vez mais úmida e doce. Com um gemido, desisto de concluir a frase. *Desde que a gente continue tentando*, era o que eu queria dizer, mas agora só estou tentando impedir minhas presas de saltarem. Simon está metendo na minha boca de novo, e eu desço a ponta dos dedos pelos lados da cueca dele, porque quero, e é isso que está acontecendo, acho.

Simon grunhe e sai de cima de mim.

— Desculpa... — digo imediatamente, me sentando.

Mas Simon baixa a cueca, para tirá-la de vez. Depois puxa o edredom para nos cobrir tanto quanto suas asas permitem.

— Está bom assim? — ele pergunta.

— Claro, eu...

— Te amo — Simon diz, subindo em mim de novo, todo pele, ossos e barriga. — Vou continuar melhorando por você, eu prometo.

O que poderia ser melhor do que isso?

— Não precisa — digo.

— Ah... — Ele volta a pegar meu queixo na mão. — Preciso, sim.

Baz está tão lindo agora, será que ele sabe disso?

Todo esse cabelo preto enrolado sobre a pele branca como papel. Ele parece menos cinza que o normal. Ou talvez eu tenha me acostumado. Gosto dele cinza. Gosto dele.

Gosto de seus ombros estreitos — pelo menos em comparação com os meus. Seu corpo todo é mais alongado e esguio que o meu. Gosto de nos comparar. Quero deitar em cima dele, ombro a ombro, quadril a quadril. Quero que meu cabelo cresça, para eu saber como fica entrelaçado com o dele entre meus dedos.

Baz voltou. Hoje. Claro que ele ia voltar. Acho que sempre vai, se eu fizer valer a pena. Acho que Baz quer isso, me quer. E vou fazer valer a pena. Esta manhã. A nossa vida.

Estou sendo delicado — já ficou mais fácil, agora que sei que ele gosta. Que sei que ele se desmancha quando o toco como se fosse de porcelana. Quando minhas mãos sussurram, em vez de gritar. Vou continuar descobrindo do que ele gosta.

É isso que as pessoas fazem.

Elas se aproximam e tentam ficar próximas.

Elas ficam.

Elas continuam tentando se segurar uma à outra, embora não seja realmente possível, eu acho. Porque as pessoas estão sempre em movimento, não é? Mas é isso que elas fazem. Continuam tentando.

Vou continuar tentando.

Mantê-lo bem.

Mantê-lo feliz.

Por Merlim, estou com tesão demais para pensar. Eu o amo, eu o amo. Mas também quero fazer isso, o que quer que funcione com a gente. Com Agatha, era... não, não importa, isso não importa.

Seguro o queixo de Baz e o beijo. Acaricio sua bochecha como se

pudesse quebrar. Meu pau está na altura do quadril dele. Baz está tirando a cueca, enquanto tenta se manter debaixo do cobertor. Eu o ajudo.

Isso já seria bom o bastante. Só isso. Baz. Finalmente. Ao meu lado.

— Você não me decepçiona — Baz diz, estendendo o braço para mim.

— Tudo bem — digo. — Sei o que você quis dizer.

Ele segura meu rosto com as duas mãos. Eu seguro o dele, como se fosse uma preciosidade.

É isso que as pessoas fazem. É isso que vamos fazer. Baz e eu.

Seus lábios estão entre cinza e rosados. Sua língua está quase vermelha. Seus caninos desceram, vou ser cuidadoso.

— Seu cheiro é tão bom — digo.

Seus olhos estão semicerrados.

— Como o de uma caverna.

— Como água fresca.

— Água fresca não tem cheiro, Snow.

Passo a língua nos lábios dele.

— Tão bom.

— Fica comigo — ele sussurra. — Não se perde.

— Não vou me perder — eu juro. — Estou aqui.

Ele agarra meu cabelo.

— Fica comigo.

— Vou ficar.

Talvez seja o bastante. Simon. Finalmente. Ao meu lado.

Talvez seja demais.

Talvez seja eu quem esteja me perdendo...

(Era isso que eu queria, mas eu não sabia como era. Sinto seu coração batendo na minha garganta. Suas mãos estão em toda parte. Seu rabo. Ele tem tantas maneiras de me segurar.)

Afasto o rosto dele do meu.

— Preciso...

— Do que você precisa, lindo?

Continuo segurando as bochechas dele.

— Preciso que saiba que não estou decepcionado com você.

— Baz, está tudo bem. Eu sei.

— Acredito em você. — Tapo a boca dele, para que me ouça. — Simon, eu acredito em você.

Ele não tenta discutir. Não de cara. Seu rosto parece tão vermelho contra minhas mãos. Contra meus dedos sem sangue. Contra minhas unhas azuis.

Simon abaixa meu punho.

— Você confia em mim?

Ele sabe que sim. Que sempre confiei, mesmo quando o odiava. (Eu nunca o odiei.)

— Sim.

— Posso te tocar?

Faço que sim.

Não estou chorando. Nem Baz.

Minhas asas doem. Deito de barriga para baixo, para abri-las.

Baz senta ao meu lado. Sei que está verificando o estrago de ontem.

São só cortes, vou sobreviver.

Sinto seus dedos na minha nuca.

— Pode ficar bravo agora — digo.

Ele puxa meu cabelo.



Algumas horas depois, Baz está sentado na minha cama, segurando o violino como se fosse um violão. Não está tocando nada — só produz sons alegres. Eu não sabia que o violino de Baz era capaz disso. Em Watford, sempre parecia estar chorando.

— Dói? — ele pergunta.

Minhas asas estão fechadas tanto quanto possível, enquanto abotoo a camisa por cima.

— Dói, mas não tem outro jeito.

— Você pode deixar as asas de fora — digo —, e eu enfeitiço todo mundo que te olhar.

— Não parece muito prático. Eu aguento. Posso abrir as asas quando a gente chegar.

— Lady Ruth vai gostar.

Baz deixa o violino na cama, levanta e vem até mim. Afasta minhas mãos e termina de abotoar a camisa por mim. É dele, de algodão verde-escuro, com listras complicadas e manga curta. (Nunca vi Baz usar manga curta.)

— Você vai me vestir toda manhã? — pergunto.

— Se você deixar, sim.

Provavelmente vou deixar, porque não ligo.

— Não quero nada florido — digo.

Baz está usando uma camisa florida. Cinza, com flores cor-de-rosa e azuis. Nele, parece varonil, de alguma forma, combinada com calça índigo e sapatênis cinza. Eu ficaria igual um sofá.

— Nada florido. — Ele beija minha bochecha. — Entendido, botão

de rosa.

Olho para ele.

— Foi como o fantasma me chamou... sua mãe. Foi o que ela disse.

Baz está olhando nos meus olhos.

— Eu lembro. — Ele passa um dedão pela minha bochecha, depois pelo meu lábio. — Meu botão de rosa.

Lady Ruth já está com a porta aberta antes de chegarmos a ela.

— Simon! Baz! Entrem, entrem!

Ela nos abraça. Tento não me encolher.

— A senhora se importa se Simon abrir as asas? — Baz pergunta. — Ele se machucou.

— Ah, claro que não! Suas asas são sempre bem-vindas. Bem que eu gostaria de ter asas também.

Tiro o paletó e Baz lança como-uma-luva, fazendo a camisa se adaptar às minhas asas. Provavelmente é a melhor maneira de lidar com elas, mas não posso contar que Baz ou Penny sempre vão estar por perto para lançar o feitiço.

— Espero que estejam com fome — Lady Ruth diz, nos levando para a sala de jantar. — Posso ter exagerado um pouco nos sanduíches, até para os meus padrões. Mas estamos comemorando. *Jamie!* — ela grita. — *Os meninos chegaram!*

— Cobras me piquem... — digo.

A mesa de jantar está lotada de comida. Sanduichinhos, bolos, tortas e suspiros. Em suportes e travessas refinados, cor-de-rosa e verdes. É como o País das Maravilhas. Quase espero que o Arganaz saia de dentro do bule.

Bem no meio, fincada na mesa, há uma espada extraordinária. Uma antiguidade, aparentemente, com punho de ouro.

— Ah, Jamie! — Lady Ruth resmunga. — Ele acha muito engraçado largar a espada por aí. *Jamie! Venha já pegar sua espada!*

— Pode deixar — digo, estendendo a mão e tirando a espada da mesa. Não deixou nenhuma marca. Deve ser mágica. Tem um bom peso. Equilíbrio também. — É uma bela arma.

Olho para eles. Lady Ruth me encara como se tivesse acabado de

ver um fantasma. Jamie está à porta, igualmente chocado.

Viro a espada e ofereço o punho a ele.

— Desculpa. Eu não deveria ter, hã...

Jamie não a pega.

— Desculpa — repito.

Aparentemente, Snow cometeu a maior gafe com a espada. Continua ali, oferecendo-a, mas os Salisbury o olham como se ele tivesse acabado de enfiar a mão na manteiga. Ou pior: como se os estivesse ameaçando.

— É... — Lady Salisbury arfa. — É uma Excalibur!

Simon arregala os olhos para a espada.

— É a *Excalibur*?

— É *uma* Excalibur — ela diz. — Feita pelo próprio Merlim.

— Não estou entendendo... — Simon diz.

Nem eu. Mas, se isso significa que Snow é o único e eterno rei, a essa altura não chegaria a me surpreender.

— É uma espada familiar — Jamie diz, ainda embasbacado. — Feita para a Casa dos Salisbury.

— Não tenho sangue Salisbury. — A voz de Lady Ruth sai trêmula.

— Quando fincada, não consigo puxar a espada.

— Eu...

Simon pelo visto quer deixar a espada de lado, mas provavelmente acabaria cometendo outra gafe.

Lady Salisbury corre para ele, ignorando a espada para abraçá-lo.

— Ah, meu menino, meu menino!

Isso significa...

Simon poderia ser...

Lady Ruth me abraça ainda mais forte que o normal. Levo a espada para trás.

— Desculpa — digo.

— Você é um Salisbury — Jamie diz, ainda me olhando.

— Certeza que não. Deve ter sido sorte. Não sou nem feiticeiro.

— Ah, meu menino — Lady Ruth repete, chorando. — Meu menino.

— Eu não...

Ela se afasta e pega meu rosto nas mãos, como se procurasse algo ali.

— Esperei tanto tempo por você. Cadê sua mãe?

— Como? — sussurro.

— Venha!

Ela me puxa para fora da sala de jantar.

— Lady Ruth... — digo, deixando que me arraste.

Olho para trás, mas Baz só dá de ombros, tão confuso quanto eu. Ele e Jamie nos seguem escada acima, até o quarto de Lady Ruth, até o santuário que ela mantém perto da janela.

A vela de Jamie queima forte.

Mas a vela da filha finalmente acabou. Um fio de fumaça se desenrola a partir dela.

— Desculpa — digo.

O que foi que eu fiz?

Lucy.

A vela.

Ela se foi.

Ou talvez...

Simon Snow está diante de mim, com a espada do meu marido na mão. Vejo Lucy na postura dos ombros. E Davy em seus olhos. Como não percebi antes?

Lucy se foi. Mas talvez... talvez ela tenha se permitido ir.

Pedi a ela que trouxesse a criança para casa. Rezei e supliquei.

Permita que eu ajude a manter seu filho a salvo.

E aqui está ele.

Tem que ser ele.

O filho da minha Lucy, sangue do meu sangue.

Meu Simon.

— *Desculpa!*

O olhar de Simon se alterna freneticamente entre Lady Salisbury e a vela.

— Está tudo bem — digo, tentando chegar até ele.

Mas Lady Ruth o abraça de novo.

— É *você*. Você finalmente veio para casa.

— É um engano... — Simon insiste.

— Minha irmã teve um filho... — Jamie Salisbury diz, ao lado da mãe. — Ela nos disse que teve um filho.

— Não posso ser...

— Tem que ser — Jamie diz, com delicadeza, apontando para a espada. — Por Merlim, Simon, você até se parece com ele.

Ah...

Parece mesmo.

Não parece?

Os olhos estreitos. O inclinar da cabeça.

Eu achei...

Achei que ele tinha pegado o jeito dele. Que o imitasse.

Simon Snow é o herdeiro do Mago.

Sempre foi.

O tempo todo.

Não.

Não.

Porque isso significaria...

Significaria...

Não.

O Mago me encontrou num orfanato. Ele disse que seguiu minha magia.

(Mas era mentira, porque eu não tinha magia.)

O Mago me encontrou num orfanato.

E mentiu para mim.

Ele me usou — com que finalidade, ainda não sei. Fui parte de uma trama, de um plano. Um receptáculo, conforme ele disse.

Ele me *encontrou*. E me *tornou* seu herdeiro.

Mentiu para mim repetidamente.

(O Mago tinha um nome. O Mago se apaixonou. O Mago fugiu com uma menina loira, que depois desapareceu.)

Não pode ser verdade, não posso ser quem eles dizem, porque isso significaria...

Significaria *demais*.

Seria demais.

O Mago mentiu para mim. Mentiu para todo o Mundo dos Magos. Matou Ebb. Tentou ficar com minha magia. Me machucou. Me machucou infinitas vezes.

Eu implorei que ele parasse.

E ele parou.

Não posso ser neto de Lady Salisbury. Porque não posso ser filho de Lucy. Porque não posso ser filho do Mago.

Eu o matei.

Eu o matei.

Matei o Mago.

Não posso ser...

Lady Salisbury não solta Simon. Ele desabou em seus braços. Está soluçando, embora não saiam lágrimas de seus olhos.

— Meu menino, meu menino — ela continua dizendo.

Acho que está certa, acho que é inegável. Eu lançaria sangue-do-meu-sangue neles, mas provavelmente não teria nenhum efeito em Snow, como vem acontecendo com qualquer outro feitiço.

Estou ao lado dele. Suas asas me impedem de chegar mais perto.

— Está tudo bem, amor — digo, tocando suas costas.

Ele não para de se desculpar, no ombro de Lady Ruth. Ela também está chorando. Só Jamie Salisbury sorri, do outro lado de Snow.

— Simon — Jamie diz —, tem ideia de quão felizes estamos de ter encontrado você? É, tipo, a melhor notícia que tivemos nos últimos vinte anos. Somos sua família!

Simon ergue a cabeça. Confuso. Como se ele tivesse falado grego.

— *Somos sua família* — Jamie repete, batendo no ombro de Simon.

— Te procuramos por tanto tempo, e agora você está aqui. Estamos radiantes!

Simon olha nos olhos de Salisbury. Os dois têm mais ou menos a mesma altura. Quanto mais olho para eles — para Lady Ruth, para as fotos de Lucy —, mais semelhanças vejo. Mais Simon parece se encaixar entre eles.

— É verdade — Lady Ruth diz, em meio às lágrimas. — Estamos muito felizes de ter encontrado você.

— Mas e se... — Simon balança a cabeça. — E se não for verdade?

Um frio nos envolve de repente. Eu diria que é uma corrente de ar,

mas a janela está fechada e é verão. A vela de Lucy crepita uma última vez, então apaga.

Ninguém diz nada.

Foi melhor que um feitiço.

Ou mesmo um teste de DNA.

Após um momento, Lady Ruth se afasta de Simon e pega a mão dele.

— Vamos lá para baixo, filho. Tem bolo.

Tem bolo de chocolate com cobertura de chocolate com laranja.

E tortinhas de amêndoa e cereja. E bombas com glacê roxo e violetas de açúcar.

Tem chá. E leite. E limonada.

E suspiros grandes e cor-de-rosa que lembram nuvens.

Além de *mil* sanduichinhos que Lady Salisbury fez...

Nem sei quantos comi — perdi a conta. De queijo com pickles. Presunto com mostarda. Pepino com hortelã e cream cheese.

— Os de frango ao curry são os melhores — digo.

— Que nada, Snow — Baz diz. — São os de camarão com limão.

— Esses eu faço com magia — Lady Ruth diz, sorrindo.

— Só podia ser mesmo — ele diz.

— O de ovo e agrião que a mamãe faz é imbatível — Jamie diz.

— Posso te ensinar — ela diz. — Não tem nenhuma magia envolvida.

Não falamos sobre Lucy. Ou sobre o Mago.

Mas não saímos da mesa até ficar com fome de novo, e toda vez que tento devolver a espada a Jamie ele se recusa a aceitá-la.

— Pra que preciso de uma espada? — Jamie diz.

Pra que *eu* preciso de uma espada?, me pergunto.

Nunca vi Baz comendo assim, à mesa, com outras pessoas. Sempre que ele ri — Lady Ruth o faz rir o tempo todo, e eu também, às vezes —, tento ver seus caninos. Mas não vejo.

Pode mesmo ser verdade?

Ou vai acabar explodindo na minha cara?

Será que tudo em que acredito acaba indo por terra?

Jamie ferve mais água. Baz volta a encher o jarro de leite. Lady Salisbury nos mostra um truque, fazendo rosas florirem na ponta da varinha. Ela tenta ensiná-lo a Baz, mas ele não consegue fazer igual.

Viro a cadeira e sento de frente para o encosto, para dar mais espaço às asas.

— Coma mais — Lady Salisbury diz, cortando outro pedaço do bolo de chocolate.

— Tá bom — eu digo, e como.

Shepard está com uma camiseta nova: GOG & MAGOG: TURNÊ MUNDIAL 1993. Tem a ver com gigantes. Foi meu pai quem deu para ele.

Fomos jantar na casa dos meus pais ontem à noite. Fiquei com medo de que Shepard descobrisse ainda mais segredos mágicos — a casa deles é cheia de magia, minha mãe guarda seu perscrutador na cozinha —, mas acabou sendo o contrário. Meu pai passou a noite toda fazendo perguntas a Shepard. Sobre criaturas mágicas e os Estados Unidos. E até algumas sobre o clima. Meu pai acha Shepard incrível.

(Shepard é mesmo um pouco incrível.)

Minha mãe foi mais cautelosa. Pelo menos não lançou nenhum outro feitiço nele.

— Um normal, Penelope — ela disse, quando estávamos só as duas, pondo a mesa. (Compramos cafta, tabule, coalhada seca e sopa de lentilha.)

— Nem vem, mãe.

— Você só vai poder se casar com ele nas instâncias normais.

— Até onde você sabe — eu disse.

Ela suspirou.

— Micah pelo menos era um feiticeiro habilidoso...

Larguei o último prato na mesa.

— Sinceramente, mãe... Você ouve as coisas que fala? Tem noção do que está dizendo no contexto em que estamos?

Ela franziu a testa para mim.

— É verdade. Mas... — Ela balançou a cabeça. Parecia cansada.

Como se não tivesse dormido direito desde a morte do Mago. — Quero que você tenha uma vida mágica plena e desafiadora, Penelope.

— Eu também quero — falei, depois sorri, como... como alguém de quem eu zombaria, como uma pateta apaixonada. — Dá uma chance pra ele, mãe.

Depois do jantar, Shepard voltou comigo para o apartamento e dormiu no antigo quarto de Simon. No dia seguinte, fomos ao Museu Britânico e à abadia de Westminster, e agora estamos no trem, indo encontrar Simon. (*não come nada antes*, ele escreveu. *tenho tipo mil sanduichinhos*.)

— Vou sentir saudades do trem — Shepard diz. — E do metrô.

Estamos nos segurando no mesmo apoio. Ele assoma sobre mim.

— Em Nebraska não tem metrô? — provoco.

— Mal temos ônibus.

— Parece péssimo.

— Não é tão ruim assim — ele diz, sorrindo.

— Não tem transporte público, não tem torta...

— Tem uns bifés excelentes.

— Não como bife.

— Hum... — Ele fica reflexivo. — Tem tacos bem gostosos.

— Também temos tacos aqui — digo.

Ele ri.

— Que nem têm pizza? Porque eu experimentei a pizza de vocês...

— Você deveria ficar! — solto. Alto demais. Um homem perto de nós olha feio para mim.

Shepard inclina a cabeça e morde o lábio.

— Você deveria ficar — repito. Mais controlada.

— Penelope... — ele murmura. — Não tenho nem visto.

— Você sabe que isso não é problema, Shepard.

— Pra você, nunca parece ser...

Eu me seguro no apoio com ambas as mãos.

— Tem tanta coisa que você ainda não viu. Piccadilly Circus, a Torre de Londres... Tem cisnes mágicos em Oxford, podíamos ir visitar um dia. E a Escócia... Cobras me piquem, você provavelmente conseguiria fazer amizade com o monstro do lago Ness!

Enquanto falo, Shepard parece estar se preparando para dizer não. Até que diz:

— Não posso ficar — fala, com a testa toda franzida, as sobrancelhas próximas uma da outra. — Não tenho dinheiro. Só tenho duas calças.

— Você poderia arranjar um emprego — digo.

— Não legalmente.

— Você poderia estudar.

— Como isso funcionaria?

— Você está implicando com detalhes, Shepard. Se não quer ficar, é só dizer!

Ele franze a testa. Também se segura ao apoio com as duas mãos. Escorrega uma e pega meu dedão com o dedinho.

— Eu *quero* ficar.

Engancho o dedão no dedinho dele.

— Gosto tanto de você — digo, mas pareço ressentida.

Shepard sorri, mas a expressão não relaxa.

— Também gosto de você, Penelope.

— Não quero que você vá embora.

Ele se inclina para mim.

— Vem pra casa comigo.

— *Quê?*

— Vem pra Omaha comigo. Posso fazer um passaporte de verdade, demora só algumas semanas. Você pode conhecer minha mãe, eu posso recuperar minha picape...

— Talvez você não devesse tentar recuperar sua picape.

— *Vem pra casa comigo.* Ou me espera. Quero voltar, mas sendo capaz de me sustentar sozinho.

— Shepard, as coisas não correram muito bem da última vez que fui pros Estados Unidos.

— Está de brincadeira? Da última vez que foi pros Estados Unidos você arrasou.

Posso fazer isso? Ir pra Nebraska com Shepard? Como o quê, sua namorada? Sua temível companhia?

— Bom, você poderia me apresentar pro Ken...

Shepard está sorrindo para mim.

— Vem — ele diz.

— Você vai me dizer que Nebraska é lindo em junho?

— Nebraska é um horror em junho, você já esteve lá. Mas é a temporada de furacões...

Simon finalmente encontrou alguém com quem falar sobre sanduíches.

— É como se seu apartamento fosse um Pret a Manger — Shepard comenta, maravilhado.

Lady Salisbury nos mandou para casa com todas as sobras do almoço. Em duas cestas gigantes. (Ela tem as coisas mais incríveis para um piquenique.) Agora está tudo espalhado pela cozinha e pela sala.

— É bem melhor que o Pret a Manger — Simon diz. — Você experimentou o bolo?

— Ainda não.

— Tem que experimentar o bolo. Tem que experimentar tudo.

— E você? — Bunce pergunta, sentada ao meu lado no sofá.

— Eu? Já experimentei. Nunca comi tanto bolo na vida.

Ela ri. Está atipicamente descontraída hoje. Imagino que teve uma semana bem-sucedida. Derrotou um demônio, ganhou o coração de um normal bonito e ajudou a manter Simon Snow vivo em mais uma aventura angustiante.

Bunce ainda não sabe das últimas notícias. Ele me pediu que não contasse a ela.

— Achei que vocês dois não tinham segredos — comentei com Snow na hora.

— Não é segredo — ele disse. — Só preciso pensar um pouco a respeito.

Penelope lançou um feitiço nele no momento em que entrou pela porta.

— *Uma coisa não tem nada a ver com a outra!*

— Nada ainda — Simon disse.

— Vamos continuar tentando — ela respondeu.

— Prefiro que não façam isso.

Agora, Penny se aproxima de mim para abrir espaço para Shepard. É um sofá de três lugares. Snow senta aos meus pés.

— Peguei bastante, se alguém quiser — ele diz, mostrando o prato. Solto um gemido.

— Continuo cheio... não aguento nem caçar.

— É assim que você vai matar seu namorado vampiro, Simon — Penelope diz. — Com sanduíches.

Snow dá risada.

— Ele vai ficar bem. Sempre tem espaço pra uns quatro ou seis ratos.

Ela empurra o joelho dele com o pé. Está só de meia.

— Como Baz conseguiu fazer a camisa se adequar às suas asas se você continua imune a feitiços?

Ergo a sobancelha para ela.

— Enfeitei a camisa, Bunce, e não ele.

— Ah — Penny faz. Está mesmo bem-humorada. — Ficou bom.

— Mas vou ter que rasgar pra tirar — Snow diz.

— É só o Baz reverter o feitiço.

— Não gosto de depender dele.

Dou um chutinho em Snow.

— A magia te livre de contar com a minha ajuda.

— Não foi isso que eu quis dizer. E parem de me chutar. Estou machucado.

— Você pode mandar fazer — Shepard sugere.

Viramos para ele, os três.

— Camisas mágicas? — Snow pergunta.

— Não. Camisas normais — Shepard diz. — Com saída para as asas, fechadas com botão.

Tento visualizar.

— Botão?

— Ou zíper — ele diz. — Algumas pessoas usam fivelas, mas parece

mais complicado.

— Pessoas? — Bunce pergunta.

— Bom, fadas... — Shepard faz um movimento amplo com o braço.

— Harpias. Gárgulas... Muitas coisas têm asas.

— Não é má ideia — digo. — Por que não pensei nisso?

— Porque você pensa com a varinha — Snow diz.

Chuto a costela dele. (Mas mal chega a ser um chute.) (Não consigo parar de tocá-lo.)

— Não tinha duplo sentido! — ele diz. — Penelope também pensa.

— Onde é que vamos encontrar um alfaiate mágico...? — Bunce se pergunta.

Shepard sorri para ela.

Quando saio do banho à noite, Snow está praticando o manejo da espada, usando apenas minha calça do pijama. Volto para a porta do banheiro, para não atrapalhar.

— Você não deveria fazer isso do meu lado do quarto — digo.

— Você não tem lado do quarto — ele diz, baixando a espada.

— Vamos ter que negociar. — Passo por ele a caminho da cama. Meu violino ainda está ali. Eu o pego e apoio no ombro. Simon volta a manejar a espada, de olho em mim. — Não vai dizer que não posso tocar violino do seu lado do quarto?

— Eu nunca diria isso — ele responde, apontando com a espada. — Você pode tocar violino onde e quando bem entender.

— Os vizinhos talvez discordem.

— Eu corto as orelhas deles.

— Essa espada já está subindo à sua cabeça.

Ele sobe na cama ao meu lado, ainda com a espada na mão. (Será que vai dormir com ela?)

— Eu deveria devolver — Simon diz. — Ao Jamie.

— Snow, ele insistiu que ficasse com você.

— Tá, mas o que vou fazer com uma espada?

— O que *Jamie Salisbury* vai fazer com uma espada? Fico surpreso que ainda tenha todos os dedos. Você pelo menos passou a vida inteira empunhando uma.

— É, mas...

Ele dá de ombros, sem largar a espada. (Acho que vai mesmo dormir com ela.)

— Fica com ela por enquanto — digo. — Essa é, tipo, a coisa menos digna de atenção que está rolando na sua vida.

Ele dá risada.

— Você parece minha terapeuta.

— Muitos dos seus insultos na verdade são elogios.

Snow se recosta na cabeceira da cama.

— Vocês dois sempre me dizem que tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

— Vai ver — apoio o queixo no violino e passo o arco pelas cordas — a gente só quer que você se preocupe menos, de modo geral.

— Não acho que seja o que ela quer dizer.

— Liga e pergunta.

Ele estreita os olhos para mim.

— Espertinho.

Toco outra nota.

— Não sou?

Simon segura a espada à frente, torcendo o pulso e depois soltando o punho com cuidado, para mudar a pegada.

— Você sente que está manejando uma antiguidade incrivelmente rara e preciosa?

— Sinto que é boa pra caralho — ele diz. — Talvez até melhor que a Espada dos Magos.

— Será que tem nome?

— Eles disseram que é Excalibur.

— Eles disseram que é *uma* Excalibur. Como se fosse a marca. Pode ter um nome.

— É...

Ele olha para a espada, franzindo a testa.

Começo a tocar uma música.

Depois de um minuto, Snow leva a mão ao rosto e limpa a bochecha.

Continuo tocando. Ele enxuga os olhos de novo. Afasto o arco das

cordas.

— Não para — Simon diz.

— É por isso que você está chorando?

— Em parte. Não é pra isso que serve?

Dou risada.

— Não.

Ele me dá uma cotovelada, e eu volto a tocar. Acho que a música é melancólica mesmo... (Gosto de músicas melancólicas.) Snow continua mexendo na espada, de vez em quando enxugando a bochecha com o ombro.

Quando a música acaba, deixo o violino no colo. Simon passa a espada para a mão esquerda e se encosta em mim.

— Você acha que é verdade?

— A espada?

— Você acha que eu era um feiticeiro? Que sempre fui?

Sua voz sai rouca, suas bochechas estão coradas. Tem um cacho de cabelo molhado caído na testa dele.

— Acho — digo. — Isso ficou claro.

Ele esconde o rosto na minha camiseta.

— É demais pra mim.

Deixo o violino no chão, ao lado da cama, depois ponho a mão sobre a dele, no punho da espada. Simon a solta. Por um momento, me pergunto se sou capaz de empunhá-la, mas sou. Eu a ponho no chão também.

Simon meio que sobe no meu colo, enterrando o rosto no meu peito.

Apoio o rosto no topo da cabeça dele e o seguro por trás das orelhas.

— Seria demais pra qualquer um — digo.

epílogo

um ano depois



Eu poderia deixar as cabras sozinhas o dia todo. Elas ficariam bem, e tenho um monte de outras coisas a fazer em Watford. Elas sabem voltar sozinhas para casa.

Mesmo assim, acabo nos campos com elas a maior parte dos dias... Tenho minhas pedras e troncos preferidos onde sentar. Troquei a varinha por um cajado.

Gosto de ser quem as traz de volta quando o sol se põe. Através das colinas, do gramado, da ponte levadiça — os lobisreios se foram, graças à magia (e graças a Niamh) —, até um capril limpo.

Durmo acima delas, no sótão. Não é ruim. Tem uma janela redonda enorme e uma banheira.

Acho que vou ficar algum tempo aqui.

Agradecimentos

Escrevi este livro quando o mundo estava com medo e inseguro. Foi uma bênção ter algo em que trabalhar todos os dias — uma maneira de seguir em frente e fazer progresso. Sou muito grata por ter passado esses meses com Simon e Baz, os personagens que mais conheço.

Nunca pensei em escrever uma trilogia situada no Mundo dos Magos, e essa tarefa teria sido imensamente mais difícil sem a ajuda de Ashley Christy, minha amiga e editora de continuidade. Ela é incrivelmente inteligente e bondosa, e tenho muita sorte que responda às minhas mensagens.

Nos últimos cinco anos, bombardeei meus amigos ingleses com perguntas sem fim sobre o uso da língua. (Eles provavelmente prefeririam que eu tivesse avisado desde o início que se tratava de uma trilogia.) (Eu teria avisado, se soubesse.) Agradeço a Melissa Cox, Susie Day e Keris Stainton. Estou em dívida com vocês e disponível se tiverem qualquer curiosidade em relação a Nebraska.

Um agradecimento especial a Melinda Salisbury, que respondeu a literalmente milhares de perguntas com toda a paciência e bom humor. (Melinda, o que vou fazer agora quando quiser uma desculpa para falar com você?)

Agradeço a minha agente no Reino Unido, Nicola Barr, a minha editora no Reino Unido, Rachel Petty — a quem vocês devem agradecer pelas lindas edições especiais em inglês —, e a toda a equipe da Macmillan Children's Books, que recebeu o Mundo dos Magos com entusiasmo.

Deste lado do Atlântico, tive a sorte de contar com a Wednesday Books, a St. Martin's Press e a Macmillan Audio. Desde a produção,

passando pela divulgação e pelo marketing, toda a equipe trabalha com o máximo de cuidado e consideração. A designer Olga Grlic deu tudo de si nessas capas maravilhosas. (Com a ajuda do superilustrador Kevin Wada.) Todo mundo na Wednesday Books é muito íntimo de Baz e Simon.

Quando estou escrevendo, sempre empaco e me enrolo. Nesses momentos, fico muito feliz de ter a quem recorrer. Agradeço a Joy DeLyria, Bethany Gronberg, Flourish Klink, Photine Liakos, Tulika Mehrotra e Christina Tucker por me ajudarem a me desemaranhar. (Ao digitar cada um desses nomes, senti profundo carinho e gratidão.)

Às vezes também caio de cara no chão. Agradeço a Leigh Bardugo, Alicia Brooks, Margaret Willison e Elena Yip por me ajudarem a me reerguer.

Meus filhos de verdade cresceram enquanto eu escrevia estes livros. Obrigada, Laddie e Rosey, por me encorajarem tanto, por aguentarem todos os Baz de papelão e por me ajudarem a inventar feitiços. (Bota-tudo-pra-fora foi ideia de Rosey. Ele me salvou!)

E obrigada ao meu marido, Kai, por me converter pra sempre aos finais felizes.

Ainda não consigo acreditar que escrevi uma trilogia. Nem consigo acreditar que escrevi um livro sobre esses personagens pra começo de conversa! Parecia uma ideia tão estranha...

Tenho a sorte absurda — talvez a bênção mesmo — de trabalhar com pessoas que adoram ideias estranhas. Que me encorajam a correr riscos e me acompanham a cada passo do caminho.

Sou profundamente grata à minha editora, Sara Goodman, e a meu agente, Christopher Chelling. Eles tornam meus livros e minha vida incomensuravelmente melhor.



AUGUSTEN BURROUGHS

RAINBOW ROWELL às vezes escreve para jovens (*Eleanor & Park*, *Fangirl* e a série Simon Snow) e às vezes para adultos (*Anexos e Ligações*), mas sempre cria personagens que

falam demais, que acham que estão estragando tudo e que se apaixonam. Gosta de ler quadrinhos, planejar viagens para a Disney e discutir sobre assuntos banais. Mora em Nebraska com o marido e os dois filhos.

Copyright © 2021 by Rainbow Rowell

Publicado mediante acordo com a autora através de The Lotts Agency, Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Any Way the Wind Blows

CAPA Olga Grlic

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Kevin Wada

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO Jim Tierney

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Valquíria Della Pozza, Renata Lopes Del Nero e Luciane H. Gomide

VERSÃO DIGITAL Marina Pastore

ISBN 978-65-5782-290-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

"*Eleanor & Park* me lembrou não só como
é ser jovem e se apaixonar por uma garota,
mas como é ser jovem e se apaixonar por um livro."

John Green, autor de *A culpa é das estrelas*



rainbow rowell

ALBUQUERQUE

Eleanor & Park

Rowell, Rainbow

9788554517045

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das maiores obras da literatura jovem contemporânea em nova edição.

Eleanor é nova na cidade. Com roupas inusitadas, cachos ruivos indomáveis e uma família problemática, ela sente que nunca vai conseguir se encaixar.

Park sente sozinho no ônibus da escola. Sempre de camiseta preta, fones de ouvido e a cabeça enfiada num livro, acha que consegue passar despercebido.

Mas não para Eleanor.

Aos poucos, entre fitas cassetes gravadas, pilhas de histórias em quadrinhos e conversas até tarde da noite, Eleanor e Park se apaixonam.

Narrada durante o ano letivo de 1986, essa é a história de dois jovens de dezesesseis anos que, mesmo sabendo que o primeiro amor quase nunca é para sempre, têm coragem e esperança suficientes para tentar.

"*Eleanor & Park* me lembrou não só como é ser jovem e se apaixonar por uma garota, mas como é ser jovem e se apaixonar por um livro."

— John Green, autor de *A culpa é das estrelas*

* Best-seller do *New York Times*.

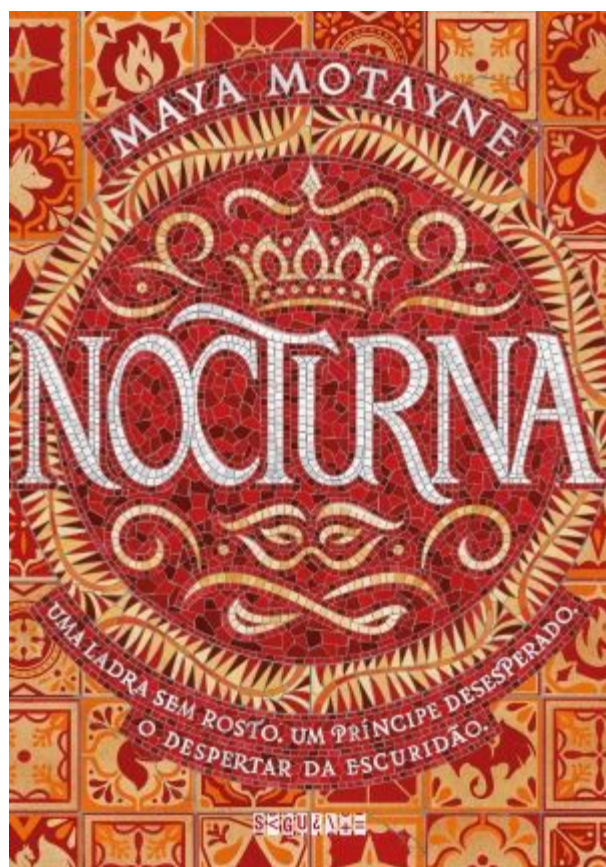
* Livro de honra do Michael L. Printz Award (2014).

* Vencedor do Boston Globe-Horn Book Award de melhor livro de ficção (2013).

* Escolhido como um dos melhores livros juvenis pela *Publishers Weekly* (2013).

* Escolhido como um dos melhores livros juvenis pelo *New York Times Book Review* (2013).

Compre agora e leia



Nocturna

Motayne, Maya

9788554514839

480 páginas

[Compre agora e leia](#)

No primeiro volume de uma trilogia de fantasia inspirada na cultura latina, uma ladra capaz de mudar de aparência e um príncipe herdeiro se unem para proteger o reino de uma magia perversa.

Depois de se libertar da dominação dos inglêsios, o reino de Castallan não esperava passar por mais nenhuma crise. Mas Dez, o herdeiro, foi assassinado, e agora nobres e plebeus precisam aceitar que o destino do reino está nas mãos do príncipe Alfie, que passou meses fugindo de suas obrigações enquanto bebia tequila em alto-mar.

De volta a Castallan, Alfie não consegue acreditar que seu irmão morreu e, tentando provar o contrário, se depara com Finn Voy. Graças a sua habilidade de assumir a aparência de qualquer pessoa, Finn está sempre usando um disfarce para se proteger dos traumas de seu passado e de qualquer um que se meter em seu caminho.

Quando os destinos de Alfie e Finn se cruzam, eles acidentalmente libertam uma magia poderosa e antiga que, se não for detida, vai mergulhar o mundo em escuridão. Com o futuro de Castallan em suas mãos, o príncipe e a ladra terão de aprisionar essa magia obscura a qualquer custo, mesmo que, no caminho, precisem confrontar seus segredos mais sombrios.

[Compre agora e leia](#)

BRUNA VIEIRA

*meu
corpo
viveu
poesia*

*and all around
there is to love
of your body*

SEGUNDA



Meu corpo virou poesia

Vieira, Bruna

9786557822654

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu primeiro livro de poesia, Bruna Vieira percorre uma viagem para se reencontrar.

Em 2017, Bruna Vieira fez as malas, deixou a vida no Brasil de lado e foi escrever uma nova história em outro país, vestida de coragem e guiada por um sentimento que sempre foi sua maior prioridade: o amor.

Com o tempo, porém, os dias foram ficando cada vez mais longos e solitários. Era como se naquele lugar o amor tivesse perdido o equilíbrio e se tornado uma obrigação. Foi bem perto do fim e de jeito mais frio que ela finalmente se deu conta: é impossível ser "nós" sozinha.

Formado por quatro partes — cabeça, garganta, pulmão e ventre —, este livro é um mapa. Um mapa que leva Bruna de volta à escrita e a si mesma. São relatos reais, repletos de lembranças, aprendizados e cicatrizes, que agora deixam o corpo da autora para encontrar o seu, em forma de poesia.

Ao tocar em temas como autoestima, amizade feminina e relacionamentos (com o outro e sobretudo consigo mesma), Bruna olha para dentro e nos convida a percorrer nestes versos nossa própria viagem de autodescoberta.

[Compre agora e leia](#)

SE NÃO FOSSE
POR VOCÊ,
EU NÃO
ESTARIA
AQUI

CARTAS PARA QUANDO EU ERA ADOLESCENTE

SEGUINTE

Se não fosse por você, eu não estaria aqui

Vários autores
9788554517861
75 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se você pudesse mandar uma carta para si mesmo quando adolescente, o que diria? Convidamos os participantes da quarta edição da Flipop a fazer exatamente isso, e o resultado você encontra nesta coletânea gratuita.

A adolescência é um período cheio de descobertas, mudanças e escolhas — algumas sem grandes consequências, outras absolutamente determinantes na nossa vida. Imagine poder reencontrar quem você foi na adolescência e poder dar conselhos (ou spoilers!) que só alguém que sabe como a história termina pode dar.

A Editora Seguinte convidou os participantes da quarta edição do Festival de Literatura Pop (Flipop) a escreverem uma carta com tudo o que diriam para eles mesmos quando adolescentes. O resultado é uma reunião de testemunhos honestos, ora repletos de humor, ora de angústia, ora de alívio — mas sempre carregados de sentimentos. Algumas mensagens trazem conselhos aparentemente banais, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, outras pedem que nada seja feito de forma diferente. Seja como for, essas vinte e seis cartas mostram que a adolescência é muito mais do que só uma fase — é por ter passado por ela que chegamos aqui hoje.

Com cartas de Adriel Bispo, Alba Milena, Alec Silva, Aryane Cararo, Beatriz D'Oliveira, Bruna Vieira, Carol Christo, Clara Alves, Felipe Castilho, Gabriel Mar, Giulia Paim, Iris Figueiredo, Jana Bianchi, Jim Anotsu, Koda Gabriel, Leo Hwan, Lorena Pimenta, Luiza de Souza, Mia Roman, Nanni Rios, Natalia Borges Polesso, Rebeca Kim, Samuel

Gomes, Thalita Rebouças, Tiago Valente e Vitor Martins.

[Compre agora e leia](#)

Continuação de A prole da



KIERA CASS

Autora da série A SELEÇÃO

SEGUNTE

A traição

Cass, Kiera

9786557822975

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

No desfecho da duologia que começou com *A prometida*, Kiera Cass nos presenteia com mais uma leitura viciante, repleta de reviravoltas e romances de arrancar suspiros.

Hollis Brite perdeu tudo. Depois de fugir de Coroa, a jovem tenta superar o que aconteceu com seu amado Silas e se adaptar à vida em Isolte, seu novo país — o que não está sendo nada fácil. Por mais que receba o carinho da família Eastoffe, todos os demais a enxergam como uma forasteira — sobretudo Etan, filho mais velho dos Northcott, que parece empenhado em dificultar sua vida.

Conforme as tensões políticas aumentam, os Eastoffe seguem determinados a destronar o rei Quinten, tirano responsável pela desgraça da família. E ajudá-los seria a oportunidade perfeita para Hollis provar sua lealdade. Mas, com o coração ainda em pedaços, será que ela vai conseguir reunir forças para lutar pelo futuro de seu novo lar?

[Compre agora e leia](#)